



**CLEMENS BRENTAN, BERNARD E, OVERBERG Y. WILLIAM WESENER**

**VISÕES E REVELAÇÕES DA VENERÁVEL**

**ANA CATARINA EMMERICK**

**TOMO V**

**A VIDA DE JESUS CRISTO E DE SUA SANTA MÃE**

**De acordo com as visões da Ven. Ana Catalina Emmerick**

**Desde o fim da primeira Páscoa até a prisão de São João  
Batista**

Versão online:

[www.valde.com.br](http://www.valde.com.br)

## Índice

A carta do Rei Abgarus.....	4
Jesus nas fronteiras de Sidom e Tiro.....	5
Jesus em Sichor-Libnath.....	7
Jesus com vários discípulos no caminho para Tiro.....	8
Jesus em Adama, no Jardim da Graça.....	10
Conversão milagrosa de um judeu teimoso.....	12
A parábola do mordomo infiel.....	14
Jesus e seus discípulos em Selêucia.....	16
Jesus retorna a Adama e ensina em Berotha.....	18
Os mensageiros enviados por Lázaro.....	20
Jesus vai para Cafarnaum por Gatepher.....	21
João Batista na prisão de Macherus.....	22
Jesus novamente em Betânia.....	25
As santas mulheres providenciam alojamento para Jesus e seus discípulos.....	27
A parábola da pérola perdida e achada.....	27
Jesus em Bethoron. Fadiga dos discípulos.....	29
Jesus no poço de Jacó.....	30
Os discípulos reúnem-se com Jesus.....	35
Dina e a gente de Sichar vão ver a Jesus.....	36
Jesus na cidade de Ginnim.....	37
Jesus e o cadáver do fariseu de Atharot.....	38
Jesus em Engannim.....	39
Jesus entra na cidade de Naim.....	41
O mensageiro do capitão de Cafarnaum.....	41
Jesus em Cafarnaum.....	43
Jesus em casa de sua Mãe em Betsaida.....	45
Conselho dos fariseus e Serobabel.....	46
Conversas dos discípulos com Jesus.....	47
Jesus em casa de Pedro.....	48
Jesus em Betsaida.....	49
Jesus na pequena Séforis.....	50
Modo de curar de Jesus.....	51
Os fariseus disputam com Jesus.....	52
Jesus em Nazaré.....	52
Os fariseus irritam-se contra Jesus e tentam precipitá-lo.....	54
Jesus cura os leprosos de Tarichea.....	56
Conversas com os discípulos.....	57
Gileaditis, Gileade, Gamala, Gerasa.....	58
Jesus em casa de Pedro. Medidas dos fariseus.....	61
Cura de muitos doentes em Betsaida.....	62
Jesus Ensina e faz curas em Cafarnaum.....	63
Jesus cura a sogra de Pedro. Humildade do apóstolo.....	67
Jesus nos banhos de Betulia. Entretenimento.....	68
Jesus em Bethulia.....	70
Jesus em Jotapata.....	72
Jesus no campo da colheita de Dothain e em Gennabris.....	73
Herodes e João em Macherus.....	75
Jesus em Gennebris.....	76
Jesus convidado para um almoço. Outras viagens.....	80
Jesus em Abelmahula.....	81
Notícias sobre a escola de Rebeca e o povo de Canaã.....	83
Jesus visita a Escola de Rebeca.....	85
Jesus Vai de Abelmehola a Bezech.....	86
Jesus ensina na sinagoga. Declara-se Messias.....	88
Jesus Deixa Bezech e vai para Ainon.....	90
Maria de Suplian.....	91
Jesus em Ramoth Gileade.....	94
A festa da filha de Jefté.....	95

Jesus entre os pagãos de Ramoth.....	97
Jovens celebram comemoração de Jeftías.....	98
Jesus em Arga.....	99
Jesus na pequena cidade de Azo.....	101
Jesus em Ephron.....	103
Abigail, a mulher repudiada pelo tetrarca Felipe.....	104
Jesus com os pagãos e com Abigail.....	105
Jesus em Abila.....	107
Descrição de Elias.....	109
Jesus dirige-se a Gadara.....	110
Jesus com uma sacerdotisa dos ídolos.....	111
Jesus em Dion.....	113
Visão de Elias e Eliseu. A idolatria moderna.....	115
Jesus entra na cidade de Jogbeha.....	117

## A carta do Rei Abgarus

De Betânia, onde Jesus esteve escondido por algum tempo, dirigiu-se ao batistério, perto de Ono. Os preparativos ali feitos eram guardados por um gerente. Ao saberem que Jesus estava indo para lá, os discípulos e muitas pessoas das redondezas se reuniram. Enquanto Jesus falava à multidão, que ouvia em círculos, alguns em pé e outros sentados em bancos de madeira, aproximou-se um estrangeiro com seis companheiros, montados em mulas, e vindo a certa distância do local onde Jesus falava, parou e armou uma tenda. Ele era um enviado do rei de Edessa, Abgarus, que estava doente. O mensageiro trouxe-lhe presentes e uma carta, implorando-lhe que fosse até lá para lhe dar saúde. O rei Abgarus tinha um tumor nos pés e mancava. Alguns viajantes lhe contaram sobre Jesus, seus milagres, o testemunho de João e a ira dos fariseus na última Páscoa, e tudo isso o encheu do desejo de vê-lo em seu próprio país e obter dele a cura. O jovem mensageiro do rei sabia pintar e tinha a ordem, caso Jesus não pudesse ou não quisesse vir, que lhe trouxesse pelo menos o seu rosto numa pintura. Vi que este homem se esforçou para se aproximar de Jesus e não conseguiu: procurou de um lado a outro entrar na multidão para ouvir o ensinamento de Jesus e ao mesmo tempo pintar a sua fisionomia. Então Jesus ordenou a um dos discípulos que trouxesse aquele homem e lhe desse um lugar numa plataforma próxima.

O discípulo levou o mensageiro ao local designado, bem como seus companheiros, para que pudessem ouvir e ver. Os presentes que trouxeram consistiam em telas, lindas placas de ouro e alguns cordeirinhos engraçados.

O mensageiro, muito feliz por poder ver Jesus, desdobrou a sua prancha e colocando-a sobre os joelhos começou a contemplar Jesus com admiração, enquanto tentava pintar o seu rosto. Ele tinha diante de sua visão um quadro branco como buxo. Começou por gravar com ponta o contorno da cabeça e da barba de Jesus, sem o pescoço; Então pareceu que ele estava colocando algo parecido com cera macia na tábua, dando-lhe forma com os dedos. Novamente gravou no quadro, dando-lhe forma, e embora tenha trabalhado muito tempo, não conseguiu terminar o trabalho. Cada vez que olhava para o rosto de Jesus parecia que, cheio de admiração, refazia a obra uma e outra vez. Quando vi que o Lucas pintava, ele não fazia assim, mas sim com pincéis. A obra deste homem estava em alto relevo, para que os contornos do desenho pudessem ser tocados.

Jesus continuou ensinando por mais algum tempo e finalmente enviou um discípulo para dizer ao homem que se aproximasse para que ele pudesse cumprir sua mensagem.

Então o homem se aproximou de Jesus, seguido pelos companheiros, que trouxeram os presentes e os cordeiros, atrás do seu líder. Este homem usava uma veste curta, sem capa, semelhante a um dos Três Reis Magos. No braço esquerdo trazia seu desenho em forma de escudo, preso por uma alça. Na mão direita ele carregava a carta de seu rei. Ele caiu de joelhos diante de Jesus, curvou-se profundamente e disse: “Seu servo é o servo do rei Abgarus de Edessa, que está doente e lhe envia esta carta pedindo que receba seus presentes”. Quando ele disse isso, os servos se aproximaram com os presentes.

Jesus respondeu que estava satisfeito com a boa vontade do rei, e instruiu alguns discípulos a receberem os presentes para depois distribuí-los entre os pobres daquelas redondezas. Jesus então pegou a carta, que estendeu diante de si, e leu. Só me lembro que, entre outras coisas, a carta dizia: Desde que Ele existiu.

Poderoso para ressuscitar os mortos, implorou-lhe que fosse onde estava e o curasse de sua doença. A carta era, no meio, onde estava escrita, mais consistente,

e as bordas, mais suaves, como se fossem de pele macia, ou seda, fechavam a própria carta. Eu vi que havia uma fita pendurada. Quando Jesus leu a carta, virou o envelope ou superfície da carta e escreveu com um estilete, que tirou da roupa e de onde extraiu algo, traçando alguns caracteres do outro lado do pergaminho. As palavras escritas eram bem grandes; então ele fechou a carta. Depois mandou trazer água, lavou o rosto e passou a parte mais macia do envoltório da mensagem no rosto e devolveu-a ao mensageiro, que a pressionou contra a prancheta. Um desenho perfeito e acabado foi então visto. O pintor ficou tão feliz que pegou o quadro que estava pendurado ao seu lado, virou-o para os espectadores que assistiam à cena, deitou-se diante de Jesus e saiu imediatamente.

Alguns de seus companheiros ficaram e depois seguiram Jesus, que, depois disso, saiu dali e foi para o segundo batistério que João havia abandonado do outro lado do Jordão. Esses estrangeiros se deixaram batizar ali mesmo. Vi que o mensageiro chegou a um lugar em frente a uma cidade onde havia prédios de pedra e olarias e passou a noite ali. Na manhã seguinte alguns trabalhadores viram uma luz, como um fogo, e chegaram bem cedo, e viram que essa maravilha vinha da lona que o mensageiro carregava. Surgiu um tumulto por causa disso: muita gente foi até lá. O pintor mostrou-lhes o quadro e então vi que a tela que Jesus tinha usado também tinha a mesma impressão. O rei Abgarus o encontrou em algum lugar de seu jardim, e vendo a pintura e lendo a carta de Jesus, ele ficou muito emocionado. Ele imediatamente mudou sua vida e despediu muitas mulheres com quem pecou. Mais tarde vi que após a morte daquele rei e de seu filho, por causa de um mau sucessor, o quadro, que sempre foi de veneração do público, foi roubado por um piedoso bispo junto com uma lâmpada que ardia diante dele. , e murado, e que depois de muito tempo foi reencontrado, e que a figura também estava gravada no tijolo que a ocultava!

## Jesus nas fronteiras de Sidom e Tiro

De Ono Jesus foi com seus discípulos para o local intermediário dos batismos, acima de Betabara, em frente a Gilgal, e lá ele fez com que pessoas fossem batizadas por meio de André, Saturnino, Pedro e Tiago. Uma grande multidão se reuniu. Essa afluência de gente despertou a admiração dos fariseus. Eles enviaram cartas a todos os chefes das sinagogas com ordens de enviarem Jesus a eles onde quer que o encontrassem, e também de prenderem seus discípulos e interrogá-los sobre sua doutrina. Jesus, acompanhado por alguns discípulos, percorreu o caminho de Samaria, até aos confins de Tiro; Os outros discípulos foram cada um para sua cidade. Nessa época, Herodes ordenou que João fosse levado a Kallirrohe e o aprisionou em uma espécie de cofre no palácio por um período de seis semanas: então ele o libertou. Enquanto Jesus se dirigia para Samaria, passando pelos campos de Esdrelon, Bartolomeu voltava do batistério de João e se dirigia para sua cidade de Dabbeseth, quando encontrou alguns discípulos. André falou-lhe com grande entusiasmo sobre Jesus. Bartolomeu ouvia com prazer o que lhe contavam e com certo temor reverencial. André, que de bom grado instruía outros homens a torná-los discípulos, aproximou-se de Jesus e disse-lhe que Bartolomeu o seguiria de bom grado se ele permitisse. Naquele momento, quando Bartolomeu passava perto de Jesus, André apontou para Bartolomeu, e Jesus, olhando para ele, disse: "Eu o conheço; ele me seguirá. Vejo nele muitas coisas boas e no devido tempo o chamarei". Este Bartolomeu morava em Dabbeseth, não muito longe de Ptolemaida, e era escriba de profissão. Vi que mais tarde ele se uniu a Tomé e, ao falar-lhe sobre Jesus, conquistou-o para a causa, tornando-se apaixonado pelo Salvador.

Nessas viagens apressadas, Jesus sofreu necessidades. Vi muitas vezes que Saturnino ou algum outro discípulo tirou um pedaço de pão do cesto e que Jesus primeiro o mergulhou em água para poder comer sua crosta já seca. Chegando a Tiro, Jesus e seu povo entraram numa estalagem perto da porta do campo.

Ele havia se retirado para uma rocha alta, porque Tiro era uma cidade grande, construída tão alto que olhando de lá parecia que estava escorregando.

Jesus não entrou na cidade. Ele ficou naquela parte, junto às muralhas, onde havia pouca gente. O albergue estava enfiado naquelas paredes grossas, ao lado das quais havia uma estrada local. Jesus usava uma veste acastanhada e um manto de lã branca. Ele só entrava nas casas dos mais pobres para visitá-los. Saturnino e outros discípulos chegaram com ele.

Os outros apóstolos, Pedro, André, Tiago Menor, Tadeu, Natanæl Perseguido e todos os discípulos que estiveram nas bodas de Caná, chegaram um a um a uma pousada que ficava em outra parte da cidade de Tiro, onde havia um ponto de encontro para os judeus. Um amplo dique conduzia a essa parte da cidade e estava coberto de árvores. A esta casa, à qual também estava anexa a escola, pertencia um grande parque ou zona balnear, que chegava ao mar e separava parte da cidade do continente. O parque era cercado por um muro e dentro dele havia uma cerca de plantas vivas, recortadas em forma de figuras. No meio do parque ficava a cisterna de águas vivas cercada por colunas formando um pórtico, com pequenas salas ao seu redor. Podia-se entrar na cisterna, no fundo da qual havia uma coluna com degraus e alças para que se pudesse entrar na água até a profundidade desejada. Alguns velhos judeus viviam neste lugar; Eles vieram de um descendente desprezado e formaram uma seita entre si; Eles eram boas pessoas. A forma como Jesus cumprimentou os discípulos que chegavam me causou alegria e emoção: apertou a mão de cada um. Eles foram reverentes e o trataram com confiança, mas como um homem extraordinário e sobrenatural. Eles pareciam muito felizes por tê-lo encontrado novamente. Jesus ensinou durante muito tempo diante deles e eles contaram o que havia acontecido com cada um deles. Todos juntos prepararam uma refeição composta por pães, frutas, mel e peixes trazidos pelos discípulos. Estes foram molestados e chamados a julgamento pelos fariseus, alguns em Jerusalém, outros em Genebris, perguntando-lhes em grandes assembleias sobre a doutrina de Jesus, seus desígnios e por que o seguiam. Nestas provações vi Pedro, André e João com as mãos atadas; mas conseguiram libertar-se das amarras com uma facilidade que lhes pareceu milagrosa. Eles foram então libertados secretamente e retiraram-se para suas respectivas casas. Jesus os encorajou a perseverar, dizendo-lhes que aos poucos se libertassem de seus empregos e espalhassem seus ensinamentos entre o povo. Ele lhes disse que em breve estaria novamente entre eles e continuaria sua vida pública assim que chegasse com eles à Galileia.

Depois de se despedir destes discípulos, Jesus realizou um ensinamento e uma exortação muito grande na escola e no local dos banhos, diante dos numerosos homens, mulheres e crianças que estavam reunidos. Ele lhes contou sobre Moisés e os profetas e a proximidade do reino de Deus e do Messias. A este respeito recordou que a seca da terra, a oração de Elias pela chuva e a nuvem que apareceu e a própria chuva que se seguiu foram sinais e figuras desta proximidade. Ele falou da purificação pelas águas e disse-lhes para irem ao batismo de João. Ele curou vários enfermos que lhe foram trazidos em macas. Vi que ele imergiu as crianças, segurando-as nos braços, na água, onde Saturnino já havia derramado um pouco da água que trouxe num recipiente e que Jesus abençoou. Os discípulos estavam batizando e como havia outros mais velhos, eles entraram na água, segurando nos apoios ali colocados, e assim foram batizados. Vi que aqui eles fizeram algo

diferente no batismo do que em outros lugares. Muitos dos que já cresceram tiveram que ficar longe. Essas obras continuaram até tarde da noite.

## Jesus em Sichor-Libnath

Quando Jesus saiu de Tiro, foi desacompanhado porque havia enviado os dois discípulos com mensagens a Cafarnaum e João Batista. Jesus dirigiu-se à cidade de Sichor-Libnath, a dez ou onze horas de viagem de Tiro em direção ao sudeste: era o mesmo caminho que ele havia feito quando foi para Tiro. O lago Merom com as cidades de Adama e Selêucia ficava ao leste, à sua esquerda. A cidade de Sichor-Libnath, ou Amichores, chamada de "cidade das águas pluviais", fica a poucas horas de Ptolemaida, próxima a um pequeno e triste lago, ao qual não se chegava de um lado por causa das altas montanhas que cercavam-no. Deste lado, o riacho arenoso de Belus desaguava no mar, perto de Ptolemaida. A cidade me pareceu tão grande que me admirei que se falasse tão pouco dela. A cidade judaica de Misael não estava longe. Esta era a terra que o rei Salomão deu como presente a Hiram, rei de Tiro. Sichor era um lugar livre, sob o protetorado de Tiro. Havia muito comércio de animais: vi grandes ovelhas de lã fina nadando nas águas. Ali se faziam trabalhos finos de lã, que eram tingidos em Tiro. Não vi agricultura fora das árvores de frutas. Na água, se criava uma espécie de cereal de grão grosso, do qual se fazia pão. Acho que não era plantado. A partir daí, se ia para a Síria e a Arábia, mas não para a Galileia. Jesus tinha andado por estradas e caminhos vizinhos até Tiro. Diante de Sichor haviam duas pontes bastante grandes: uma muito alta, para passar quando tudo se enchia; outra ponte, para percorrer os arcos que tinha.

As casas estavam localizadas no alto, contra enchentes. Os habitantes eram em sua maioria pagãos. Vi vários edifícios com pontas e bandeirinhas ou estandartes que me pareceram indicar templos de ídolos.

Fiquei surpresa ao ver como alguns judeus também viviam ali em casas grandes, apesar de serem minoria e serem oprimidos. Acho que eram judeus que fugiram da sua terra natal. A casa onde Jesus entrou ficava em frente da cidade; mas eu o vi atravessar o rio. Perto da casa havia uma sinagoga: Jesus já havia falado com essas pessoas antes quando passou para ir a Tiro, porque parecia que estavam esperando sua chegada e saíram ao seu encontro, recebendo-o respeitosamente. Eram judeus, entre eles um homem idoso, de família numerosa, que morava numa casa muito bonita, semelhante a um palácio, com muitas outras construções menores anexas. Este homem, por respeito, não levou Jesus para sua casa, mas para um quarto ao lado, onde lavou os pés e lhe serviu comida. Vi ali uma grande fila de pessoas que vinham em busca de alimentos: eram trabalhadores de todos os tipos, homens, mulheres e jovens, uma mistura de cidades pagãs, onde havia mestiços e negros, talvez escravos daquele homem, que voltavam do trabalho e se reuniam em um lugar amplo. Esses homens traziam pás e instrumentos de trabalho, carroças e pequenos barcos com assento no meio, remos e todo tipo de instrumentos de pesca. Eles haviam trabalhado em pontes e trabalhos ribeirinhos. Esses homens recebiam seus alimentos em vasilhames, pássaros e ervas; entre eles havia alguns que comiam carne crua.

Jesus foi levado à sua presença. Ele falou com eles afetuosamente e eles ficaram muito felizes em conhecer tal Homem. Dois judeus idosos aproximaram-se então de Jesus com pergaminhos e, enquanto comiam, fizeram muitas perguntas com curiosidade, porque eram professores dos jovens. O judeu rico, dono da casa, chamava-se Simeão e era samaritano. Ele ou seus ancestrais se interessaram pelo templo de Garizim e se juntaram aos samaritanos: por isso foram banidos e ali se

estabeleceram. Jesus ensinava o dia todo num local público rodeado de colunas nas quais poderia ser estendida uma tenda ao lado da casa daquele homem. O proprietário estava indo de um lugar para outro. Muitos judeus de todas as classes e condições reuniram-se. Não o vi curar, porque ali não havia aleijados nem doentes. Os homens tinham aparência esguia, eram magros, mas de grande estatura. Jesus, ensinando sobre o batismo, disse-lhes que os discípulos viriam e batizariam. Então Jesus foi com aquele homem até a estrada por onde os escravos voltavam do trabalho; Ele falou com eles, confortou-os e contou-lhes uma parábola. Entre eles estavam alguns bons que ficaram comovidos. Eles recebiam seu salário e sua comida. Pensei na parábola em que o dono da vinha paga aos seus trabalhadores. Esses trabalhadores viviam em pequenas casas a cerca de um quarto de hora de distância. Eles trabalharam para Simeão prestando uma espécie de homenagem.

No dia seguinte, depois de Jesus ter ensinado o dia todo, quando todos os judeus já haviam partido, aproximaram-se cerca de vinte pagãos que há vários dias queriam ser recebidos. A casa de Simeão ficava a cerca de meia hora de caminhada da cidade e os pagãos não podiam aproximar-se além de uma coluna, como uma torre. Agora o próprio Simeão trouxe os pagãos, que o saudaram com muita reverência e pediram para serem ensinados.

Jesus falou com eles numa sala, tão extensivamente, que as luzes tiveram que ser acesas. Ele os consolou, falou-lhes numa parábola dos Três Reis Magos e anunciou-lhes que a luz da verdade passaria para os gentios.

## **Jesus com vários discípulos no caminho para Tiro**

Quando os dois discípulos enviados por Jesus a Cafarnaum regressaram a Sicor, anunciaram a chegada dos quatro discípulos enviados para procurá-los.

Jesus encontrou-os numa viagem de três ou quatro horas através de uma montanha e eles encontraram-se num abrigo no território da Galileia. Além dos chamados, havia outros sete, entre eles João e algumas mulheres, entre as quais reconheci Maria Marcos, de Jerusalém, e a mãe de uma irmã do noivo Natanæl, de Caná. Os discípulos chamados foram Pedro, André, Tiago, o menor, e Natanæl perseguido. Quando já estava escuro, Jesus caminhou com estes quatro e os outros discípulos de volta para Sichor; Os outros sete que não foram chamados voltaram para a Galiléia.

Foi uma esplêndida noite de verão. O ar estava perfumado e o céu sereno, cravejado de estrelas. Às vezes eles caminhavam juntos, outras vezes sozinhos na frente e os outros atrás, e Jesus no meio deles. Antigamente descansavam debaixo de árvores carregadas de frutos, numa região muito fértil e com ricos prados. Quando voltaram a andar, surgiu um bando de pássaros que havia sobrevoado até aquele ponto. Eram grandes como galinhas, tinham bicos vermelhos e grandes asas pretas, como as que costumam ser pintadas nos anjos, e faziam um clamor como uma conversa. Esses pássaros voaram para a cidade, onde pousaram nos juncos da água. Eu os vi correndo na superfície. Foi lindo ver, naquela noite tranquila, quando Jesus estava em silêncio, orando ou ensinando, como aqueles pássaros também estavam calados e pousados tranquilamente. Assim seguiram a caravana de Jesus pela montanha. Simeão saiu ao encontro deles, lavou os pés de todos.

Ele lhes deu uma bebida e um lanche e os levou para casa. Os pássaros pertenciam ao dono da casa e voavam ali como pombas. Durante o dia Jesus ensinava ali e à tarde celebravam o sábado na casa de Simeão. Além de Jesus e dos discípulos, estavam reunidos cerca de vinte judeus. A sinagoga localizava-se num pórtico subterrâneo: tinha escadas e estava muito bem organizada. A casa de Simeão ficava numa colina. Um caçador presidiu a reunião, que leu e cantou. Então Jesus ensinou.

Jesus e os discípulos descansaram naquela mesma casa.

Dormiram apenas algumas horas, porque bem cedo pela manhã os vi caminhando por caminhos sinuosos, em direção a uma pequena cidade na terra judaica de Chabul. Judeus exilados viviam lá e costumavam se reunir em oração comum. Os fariseus não queriam admiti-los nas suas reuniões. Havia muito que desejavam ver Jesus entre eles, mas não se consideravam dignos e por isso não lhe enviaram mensageiros. Dadas as muitas vias da estrada, foram cinco ou seis horas de caminhada.

Ao se aproximarem da cidade judaica, alguns discípulos avançaram para anunciar a chegada de Jesus ao líder da sinagoga. Embora fosse sábado, Jesus fez esta viagem porque nestas regiões Jesus não observava rigorosamente este preceito quando havia necessidade. Dirigiu-se aos dirigentes da sinagoga, que o receberam com muita humildade; Eles lavaram os pés dele e de seus discípulos e lhes deram comida.

Então lhe trouxeram todos os enfermos e Ele curou cerca de vinte deles.

Entre eles estavam alguns completamente curvados, aleijados, mulheres com hemorragias, cegas, hidropisia, muitas crianças doentes e alguns leprosos. Enquanto estavam na estrada, alguns endemoninhados gritaram e Jesus os libertou. Tudo transcorreu em ordem e silêncio, sem tumulto. Os discípulos ajudavam a reanimar os enfermos, instruíam as pessoas que os seguiam e se reuniam às portas. Jesus exortou os enfermos a acreditarem, antes de curá-los, e a melhorarem de vida; Ele curou outros que eram crentes sem mais delongas.

Ele ergueu os olhos ao alto e orou por eles. Ele tocou em alguns e passou as mãos sobre outros. Eu o vi abençoar a água e borrifá-la sobre as pessoas e fazer com que as casas fossem borrifadas com água. Numa dessas casas, Jesus e seus discípulos comeram. Alguns dos curados levantaram-se e curvaram-se aos pés de Jesus, depois seguiram-no como numa procissão e à distância, com temor reverente. Ele disse aos outros para ficarem em seus lugares. Mandou que alguns se banhassem na água que Ele havia abençoado: eram crianças e leprosos. Depois foi a um poço na sinagoga e abençoou-o; Para isso desceu alguns degraus e acrescentou também sal, que havia abençoado. Ele ensinou ali sobre Eliseu, que perto de Jericó colocou sal nas águas para curá-las, e deu o significado do sal. Ele disse que os enfermos deveriam lavar-se com as águas daquele poço quando necessitassem. Quando abençoava, fazia-o em forma de cruz: os discípulos por vezes levantavam-lhe o manto, que ele tirava, e entregavam-lhe o sal, que ele atirava às águas.

Ele fez tudo isso com muita seriedade e santidade. Nesta ocasião recebi a advertência de que os sacerdotes recebiam a mesma faculdade e poder de curar. Alguns doentes foram trazidos em macas e Ele os curou.

Jesus deu mais um ensinamento na sinagoga e não comeu nada.

Ele passou o dia inteiro ensinando e curando os enfermos. À tarde, depois do sábado, deixou o local com os seus discípulos e, despedindo-se dos entristecidos habitantes, disse-lhes que ficassem, o que eles humildemente fizeram.

Ele os abençoou e curou as águas porque tinham água não saudável. Havia cobras e outros animais com cabeças e caudas grossas nas águas.

Ele foi com seus discípulos para uma grande cabana a algumas horas de distância, em uma montanha, e lá comeram e descansaram durante a noite. Eles deixaram esta pousada de lado quando chegaram. Dias depois, muitas pessoas chegaram à pousada com seus enfermos, pois sabiam que Jesus deveria chegar.

Eram eles que viviam nas encostas das montanhas, em cabanas e cavernas. No Ocidente, em direção a Tiro, viviam os pagãos que também se aproximavam e no Oriente viviam os judeus muito pobres. Jesus ensinou sobre purificação, lavagem e

penitência, e curou cerca de trinta pessoas. Os pagãos estavam separados, e Jesus os ensinou quando os demais se retiraram: ele os consolou, e a conversa durou até a noite. Essas pessoas tinham pequenas hortas e plantações ao redor de suas cavernas, e se alimentavam de leite de ovelha com o qual faziam queijos que comiam como pão e das frutas de suas hortas e outras frutas silvestres que vendiam no mercado. Eles levavam água boa em recipientes para lugares e cidades onde Jesus parou no dia anterior. Havia muitos leprosos e Jesus abençoou as águas, ordenando-lhes que se banhassem nelas.

À tarde Jesus voltou a Sichor-Libnath, onde voltou a ensinar e disse que no dia seguinte iriam batizar ali. Na grande casa de Simeão havia uma fonte redonda e bastante plana, cercada por uma borda afundada, para onde fluía o excesso de água. A água ali também não era boa: tinha um sabor desagradável e Jesus a abençoou. Ele colocou sal dentro, como pedrinhas, pois havia uma montanha salgada muito perto. Naquela fonte, que foi enchida com água e esvaziada repetidamente para purificá-la, foi realizado o batismo de cerca de trinta pessoas. O dono da casa, os homens de sua família, outros judeus locais, vários pagãos que já haviam estado com Jesus antes e alguns dos escravos das cabanas com quem ele conversava frequentemente quando voltavam do trabalho foram batizados. Os pagãos tiveram que esperar a última vez e primeiro fazer outras abluções. Jesus já havia derramado na água da fonte um pouco daquela água do Jordão que sempre traziam nas suas viagens, e abençoado as águas. Também foi deixada água nos canais transversais, para que os batizados pudessem ficar na água até os joelhos. Jesus os ensinou e preparou durante esse tempo. Os batizados apareciam com mantos longos e escuros, com capuz sobre a cabeça, uma espécie de vestimenta de penitência. Ao chegarem à escavação onde ficava a fonte, tiravam o manto, ficando cobertos até a metade do corpo com uma espécie de escapulário que cobria o peito e as costas, deixando os braços livres. Um dos discípulos colocava as mãos na cabeça e outros nas costas. O batizador derramava água várias vezes sobre a cabeça com um pequeno recipiente, tirando água da fonte, em nome do Altíssimo. Primeiro ele batizou André; depois, Pedro, e mais tarde, Saturnino. Os pagãos foram batizados depois dos judeus. Tudo isso durou até a tarde. Quando o povo partiu, Jesus afastou-se dos seus discípulos, abandonando o local e reencontrando-se no caminho. Eles seguiram para o leste, para Adama, perto do Lago Merom. Eles descansaram durante a noite em um prado gramado, sob as árvores.

## Jesus em Adama, no Jardim da Graça

Embora a cidade de Adama parecesse estar perto, Jesus e seus discípulos tiveram que percorrer um caminho algumas horas mais longe para poderem atravessar as águas do lago Merom, o que fizeram em uma balsa preparada para os viajantes. Ao meio-dia, chegaram à cidade de Adama, cercada por água por todos os lados. A leste da cidade estava o lago Merom; o. A água rodeava a cidade e se reunia no local dos banheiros, para voltar a entrar no lago. Havia cinco pontes a várias distâncias. As margens escarpadas do lago, em um nível baixo, estavam cobertas de camadas e plantas: as águas apareciam turvas até o centro do lago, onde corria mais claro o rio Jordão. Ao redor do lago vi muitos animais carnívoros, que vagueavam. Quando Jesus se aproximou do local dos banheiros, alguns homens importantes da cidade vieram à sua espera. Eles o acompanharam até a cidade e apresentaram ao chefe do castelo, onde havia um pátio e outros quartos situados em um lugar amplo. O vestibulo era adornado com chapas e tijolos brilhantes de várias cores. Lá lavaram os pés de Jesus e de seus discípulos, tiraram os seus

mantos e lavaram as suas vestes. Foram levados abundantes frutas e ervas para comer. O povo de Adama tinha este costume, herdado de seus ancestrais, de receber e levar ao castelo todo estrangeiro, e lá perguntarem-lhe o porquê de sua vinda. Se o estranho gostasse, serviam-no e atendiam-no, pensando que, cedo ou tarde, isso lhes traria algum benefício. Os viajantes que não gostassem da viagem até eram encarcerados. Adama e outras vinte populações pertenciam a uma comarca sob um dos Herodes.

Os habitantes da cidade eram judeus samaritanos, que por terem-se distanciado dos outros, admitiram outras aberrações. A idolatria não era praticada, porém, nem mesmo pelos pagãos que viviam ali.. Eles tinham seus ídolos em segredo. Os homens da cidade levaram Jesus para a sinagoga, que tinha três pisos. E uma grande multidão de homens e mulheres se reuniu lá atrás. Primeiro, oraram, pedindo a Deus que fosse para sua maior glória o que eles entenderam do ensino de Jesus. Ele primeiro falou das promessas, dizendo que todas se cumpriram, uma após a outra. Ele ensinou sobre a graça, que não se perde, mas passa para outro que em mérito é mais próximo, quando por causa dos méritos dos pais não pôde passar para o primeiro, por ter se tornado indigno. Disse-lhes que pelas obras de seus antepassados, que tinham feito um bem, que eles nem sequer sabiam agora, ainda gozavam dos benefícios daquele bom trabalho. Em tempos distantes, seus antepassados recebiam na cidade pessoas expulsas de outra região. Jesus e seus discípulos estavam hospedados num grande hotel, perto da porta por onde tinham entrado. Nas proximidades dos banheiros, mais ao sul, havia um lugar onde se ensinava. Em torno de uma colina coberta de verduras havia erguido um banco para ensinar: era um assento de pedra. Ao redor havia um grande espaço com cinco fileiras de árvores que dava sombra espessa contra as chamas do sol. Era um lugar agradável e chamavam-lhe o Jardim da Graça, porque, diziam as pessoas, ali uma vez receberam uma graça muito grande; como havia outro lugar no norte da cidade, de onde, diziam, ter chegado uma grande calamidade em outros tempos. Os discípulos entravam em casas e anunciaram a multidão. Jardim da Graça, porque Jesus queria ter lá uma grande reunião. Na tarde anterior, havia sido realizado um banquete em um pórtico aberto da casa do chefe da cidade, onde se reuniram cerca de cinquenta pessoas principais em cinco mesas. Jesus se sentou com o principal, e os outros se sentaram a distribuir. Acho que Jesus e seus discípulos contribuíram com alguma coisa nesta refeição. Sobre as mesas, viam montes de vasilhas com carnes. Jesus estava ensinando durante o jantar, e às vezes ele se levantava e ia de mesa em mesa conversando com os outros. Sobre as mesas tinham sido colocados plantas em vasos. Quando se levantaram, deram graças e colocaram as plantas sobre as mesas, todos os comensais se reuniram em torno de Jesus, em meio círculo. Ele teve uma conversa com eles e os convidou para uma grande sermão na manhã seguinte no lugar chamado da Graça. No dia seguinte, às nove da manhã, Jesus foi com os discípulos para o local onde haviam reunido mais de cem pessoas importantes da cidade, sob a sombra das árvores e em círculos mais distantes, um número de mulheres. Passaram pelo castelo do chefe da cidade, que com grande aparato e vestido de etiqueta se dirigia ao local da conferência. Jesus disse-lhe para não fazer isso com aquela pompa, mas para ir lá, como os outros homens, vestidos de longas roupas e vestidos de oração e penitência. Estes homens estavam vestidos de mantos de lã coloridos e uma espécie de escapulários, cruzados sobre o peito, ligados pelos ombros com uma faixa estreita, que caíam nas costas em longas e largas tiras. Essas tiras eram pretas e sobre elas estavam escritas, em cores diferentes, os sete pecados capitais. As mulheres estavam de cabeça coberta. Quando Jesus chegou ao trono, as pessoas fizeram uma inclinação profunda e

reverente; o chefe e os principais se colocaram perto do trono. Havia também um grande número de discípulos, entre eles mulheres, que estavam ouvindo o que Jesus dizia. Jesus levantou os olhos para o céu e orou em voz alta ao Pai, do qual tudo é bom, para que entrasse o ensino nos corações contritos e dispostos. Seu grande sermão durou sem interrupção das nove da manhã até as quatro da tarde. A pausa foi feita apenas quando trouxeram a Jesus uma bebida em um copo e um pouco de comida. Os ouvintes iam e vinham enquanto tinham suas ocupações em casa. Jesus falou de penitência e batismo, que ele disse ser uma purificação espiritual e uma lavagem. Eu vi que até Pentecostes as mulheres não eram batizadas. Os meninos e meninas, de cinco a oito anos, também foram batizados, mas não os mais velhos. Não sei explicar agora o mistério que encerrava tudo isto. Jesus também falou de Moisés, quando quebrou as tábuas de pedra, o bezerro de ouro, o trovão e o relâmpago do Sinai.

## Conversão milagrosa de um judeu teimoso

Quando Jesus terminou seu grande sermão e muitos dos líderes da cidade voltaram para suas casas com o chefe, um velho judeu com uma longa barba avançou corajosamente e aproximou-se da cadeira de Jesus. Ele era um homem alto e de aparência nobre e disse: "Agora também quero falar com você. Você declarou 23 verdades e na realidade são 24." Dizendo isso, ele começou a enumerar um certo número de verdades, uma após a outra, e a discutir com Jesus sobre elas.

Jesus lhe respondeu: "Eu permiti que você estivesse aqui para sua própria conversão, podendo fazer com que você sáísse diante de todo o povo, já que veio sem convite. Você disse que há 24 verdades e que listei 23; por outro lado, você aumenta três ao número, pois na verdade são 20, como ensinei. Jesus então listou 20 verdades, correspondendo às 20 letras do alfabeto hebraico, com as quais o judeu também contava. A seguir Jesus falou do castigo que merece o pecado de acrescentar algo às verdades conhecidas. Mas o judeu teimoso não estava de forma alguma disposto a desistir e confessar que havia cometido um erro. Houve alguns que concordaram com ele e que ficaram felizes com o que acreditavam ser a pressa de Jesus em responder. Jesus finalmente lhe disse: "Tu tens um lindo jardim; traze-me os frutos mais belos e mais saudáveis, e eles apodrecerão aqui, diante dos teus olhos, para que vejas que estás errado. e você se verá curvado, porque não está certo; para que vocês possam ver que até as coisas melhores e mais saudáveis se estragam quando algo que não pertence é acrescentado à verdade. Se você, por outro lado, puder realizar um único milagre, suas 24 palavras serão verdadeiras."

Ao ouvir isso, o velho foi com um assistente para o jardim próximo. Colheu lá tudo o que havia de precioso e raro em frutas, ervas e flores; Nas gaiolas vi pássaros raros e lindos, e no meio do jardim uma fonte de água com peixinhos engraçados. Ele rapidamente reuniu com seu assistente as melhores frutas, peras amarelas, maçãs e uvas precoces, e as colocou em alguns cestos pequenos, e colocou outras frutas menores em uma travessa tecida de um material transparente e colorido. Ele também levou consigo, em uma cesta fechada, vários passarinhos e alguns animais parecidos com coelhos e um gatinho.

Jesus, entretanto, ensinou sobre a teimosia e o castigo que merece acrescentar algo às verdades conhecidas. Quando o velho judeu trouxe todas as suas raridades nos cestos e gaiolas e as colocou ao lado da cadeira de Jesus, surgiram grandes expectativas entre os presentes. Como o velho, cheio de orgulho, insistiu nas suas afirmações anteriores, cumpriu-se a palavra de Jesus em relação aos objetos que o velho trouxera e sobre o próprio velho. As frutas começaram a se mover e vermes

nojentos saíram de dentro e comeram uma maçã inteira, de modo que não sobrou nada além de um pedaço de casca na cabeça de um enxame de vermes. Os animais que ele trouxera adôeceram repentinamente e deles saiu matéria purulenta e depois vermes que devoraram a carne dos pássaros e dos animais. Tudo ficou nojento, e a multidão que se aproximava começou a clamar e a gritar, ainda mais quando viram o velho inclinado para o lado, ficando amarelo e com o corpo contorcido.

O povo, ao ver aquilo, começou a gritar cheio de admiração, e o velho ergueu a voz, reclamando, reconhecendo sua falta de razão e implorando ao Senhor que tivesse pena de sua miséria. Se fez um tumulto tão grande, que o chefe da cidade, que se havia retirado, foi chamado de novo para restabelecer a ordem, enquanto o velho clamava e dizia publicamente que havia sido injusto, que reconhecia seu erro e que havia adicionado algo à verdade. Quando Jesus viu que o velho se arrependeu e pediu aos presentes que orassem para que ele voltasse ao seu primeiro estado, abençoou os objetos trazidos pelo velho judeu, e tudo voltou à sua primeira forma, tanto as frutas quanto os pássaros e animais, e o mesmo velho, chorando, cheio de gratidão, prostrou-se aos pés de Jesus com muita humildade. A conversão deste velho foi tão sincera que desde então ele foi o mais fiel dos discípulos, e converteu muitos outros com a sua palavra. Por penitência, distribuiu aos pobres grande parte dos belos frutos de sua horta. Esse prodígio causou uma impressão salutar em todos os que iam e vinham em busca de comida ou negócios. Este milagre foi necessário ali, onde o povo, embora ansioso por ouvir, era um tanto obstinado no seu erro, como acontece em lugares onde há casamentos mistos e onde coexistem religiões diferentes: eram samaritanos unidos aos pagãos que haviam sido expulsos de Samaria. Vi que eles estavam jejuando naquele dia, não por causa da destruição do templo em Jerusalém, mas porque foram expulsos de Samaria. Eles reconheceram que estavam errados, mas não estavam dispostos a se corrigir. Eles receberam Jesus com todas as honras, porque segundo uma antiga revelação recebida dos próprios pagãos, muitos sinais aconteceriam num momento em que obtivessem grande graça de Deus. Essa revelação foi recebida no lugar que eles chamavam de “Lugar da Graça”. Só me lembro que enquanto esses pagãos estavam em grandes apuros, levantaram as mãos ao céu pedindo ajuda a Deus e foi-lhes anunciado que receberiam uma grande graça quando surgissem novos riachos de água que iam para o mar e outro novo num lugar dos banhos de mar, e quando a cidade se estendesse até a fonte dos banhos. Ali todos esses sinais foram cumpridos. Então cinco riachos desaguavam no mar e no Jordão.

Um sinal também se cumpriu com um braço do Jordão e novos riachos de águas saudáveis correram para o poço banhar. Lá ele seria batizado, e as profecias referiam-se a aquele lugar. Eles tinham águas insalubres ali. A cidade estendia-se precisamente para o lado da fonte.

No norte da cidade existia uma região baixa e nebulosa, repleta de pântanos, onde pagãos de condição miserável viviam em cabanas e tapas.

Na parte sudeste, porém, haviam muitos pomares e novas casas quase até o lugar chamado Graça. O local era um pouco baixo e plano. Devido a alterações nas margens do rio Jordão e de uma montanha, um braço do rio havia sido desviado para aquele local, que então se juntou a um pequeno rio e reentrou em seu canal. Isto abrangeu uma extensão considerável. Quando as águas do Jordão começaram a fluir para lá, o sinal combinado foi cumprido.

Quando Jesus, no dia seguinte, voltou para ensinar na sinagoga, no meio da qual havia um esplêndido armário com rolos das escrituras, os judeus vieram descalços. Nesse dia não lhes foi permitido lavar-se, algo que já tinham feito no dia anterior, tomar banho, porque era um dia de jejum. Sobre as vestes dos últimos dias usavam

uma longa capa preta com capuz: aberta na lateral e presa com fitas. No braço direito tinham dois manípulos pretos e ásperos, no esquerdo outro, e atrás deles uma aba.

Eles oraram e cantaram em tom de lamentação, entraram por alguns instantes em alguns sacos abertos no meio e deitaram-se com aquele rosto no chão da sinagoga. As mulheres fizeram o mesmo em casa. Todo o fogo foi coberto desde o dia anterior. Só à tarde vi que faziam uma refeição, sem pôr a mesa, na hospedaria de Jesus, que comia com os seus discípulos. Os outros comeram num grande salão, no pátio. Refeições frias eram trazidas da casa do chefe da cidade e Jesus ensinava sobre refeições e alimentos. Muitos vieram para a mesa, revezando-se; finalmente chegaram os doentes e aleijados. Muitos recipientes com cinzas foram colocados sobre a mesa. O ancião judeu convertido distribuiu naquele dia muitos dos seus melhores frutos aos pobres.

No sábado Jesus ensinou na sinagoga, depois caminhou com os discípulos e outros dez judeus em direção ao norte da cidade, até a montanha. Esta região era mais áspera e selvagem. Em frente a uma casa descansaram debaixo de algumas árvores e comeram a comida que trouxeram. Jesus deu todos os tipos de regras e advertências, e disse-lhes que logo iria embora e só voltaria mais uma vez. Entre outras coisas, disse-lhes que não fizessem tantos movimentos durante a oração; também que eles não deveriam ser tão duros com os pecadores e pagãos, mas deveriam ter compaixão por eles. Ali ele lhes contou a parábola do mordomo infiel e a propôs como um enigma que eles deveriam resolver. Eles ficaram maravilhados e Jesus contou-lhes por que o mordomo infiel foi elogiado. Pareceu-me que Jesus comparava, sob o mordomo infiel, a sinagoga, e sob os devedores, as seitas e os pagãos. A sinagoga deveria reduzir a dívida das outras seitas e pagãos, pois tinha o poder e a graça a seu favor; isto é, que sem mérito ou merecimento possuía riqueza, de modo que se um dia ela própria fosse descartada, poderia refugiar-se entre os devedores tratados humanamente.

Durante este tempo vi frequentemente a Santíssima Virgem. Ela morava sozinha na casa próxima a Cafarnaum. Eu a via trabalhando ou orando. Ela recebeu visitas das santas mulheres, e os discípulos lhe trouxeram notícias de Jesus. Vi que às vezes ela não recebia pessoas que vinham de Nazaré ou de Jerusalém só para vê-la. Em Jerusalém tudo estava calmo em relação a Jesus. Lázaro estava aposentado em seu castelo, e recebia frequentemente notícias de Jesus, através dos discípulos, e enviava suas notícias pelo mesmo meio.

## A parábola do mordomo infiel

Desde criança via esta e outras parábolas como se fossem figuras vivas que passavam diante dos meus olhos e então parecia-me que estava realmente vendo um personagem ou outro, reconhecendo-os na vida real.

O mesmo aconteceu comigo com esse mordomo, que sempre vi como um homem um tanto corcunda, com cargo de administrador, de barba ruiva, muito ágil no andar e como ele fazia seus inquilinos escreverem com uma espécie de cana. Vi este mordomo viver num lugar deserto da Arábia, não muito longe de onde os filhos de Israel murmuravam contra Moisés: ele vivia numa tenda. O seu senhor tinha, muito longe dali, perto do Monte Líbano, um campo de cereais e frutas, que chegava aos limites da Terra Santa: em ambos os extremos do campo viviam dois feitores, aos quais ele havia subarrendado. Este mordomo era um homem pequeno e muito inteligente, que pensava consigo mesmo: “O senhor não virá”. Por isso deixou as coisas passarem e negligenciou sua obrigação: o mesmo fizeram seus dois

capatazes, que desperdiçavam dinheiro em bebidas e festas. De repente vi que o senhor do campo se pôs a caminho. Muito longe avistei uma linda cidade e um palácio onde morava o dono e havia uma estrada que partia dali em direção ao campo.

Vi o rei da cidade sair daquele lugar com um grande acompanhamento de camelos, numa carroça baixa e pequena, puxada por uma parelha de burros, e com ele veio toda a sua corte. Eu vi isso de tal maneira que me parecia que no céu começava aquele lindo caminho, saindo da Jerusalém celestial, e me pareceu um rei do céu que tinha um campo de cereais e árvores frutíferas aqui na terra. Este rei veio à maneira dos reis antigos. Eu o vi descer do alto para a terra.

O mordomo, o homenzinho, tinha sido, na verdade, acusado de dissipar os bens do seu senhor. Os devedores do mordomo eram dois homens que usavam jaquetas compridas com muitos botões na barra, e ele o mordomo estava usando algum tipo de boné. A tenda do mordomo ficava voltada para o deserto, e o campo de colheita, árvores frutíferas e olivais, em cujos extremos viviam os dois superintendentes, ficava ao lado de Canaã.

Esses campos foram unidos como se tivessem a forma de triângulos. O proprietário caiu no campo de grãos. Os dois capatazes desperdiçaram tudo com o mordomo, e como tinham outros trabalhadores sob seus comandos, tiveram que repor tudo o que seus mandantes desperdiçavam. Parecia-me entendê-los como se fossem dois maus párocos e o mordomo um bispo igual: mas também me pareceu que eram mundanos, pois tinham que ordenhar tudo.

O mordomo viu o rei chegando de longe; ele ficou confuso e preparou um grande banquete e foi muito prestativo e lisonjeiro. O rei disse ao mordomo: "Ah! O que eu tenho que ouvir? Que você desperdiça os bens que eu lhe confiei? Diga-me, porque você não pode mais ser meu mordomo. então vi que o mordomo chamou rapidamente aos dois capatazes e disse que eles tinham rolos, que eles tinham dívidas. Ele perguntou quanto deviam, pois o mordomo nem sabia disso, e eles mostraram-lhes as dívidas. e rapidamente os fez escrever menos do que esperavam, pensando: "Quando eu for afastado do meu cargo, pelo menos me refugiarei entre eles e poderei viver, já que não posso mais trabalhar." Depois disso vi que os capatazes e o mordomo ordenaram aos subordinados que fossem trazer ao rei os frutos e a percentagem dos campos, e eles chegaram com camelos e burros carregados, trazendo grãos em sacos e oliveiras em cestos. Quem trouxe as oliveiras também veio com dinheiro: eram pequenas placas de metal reunidas em rosários, uns maiores que outros, presos com argolas. O homem percebeu, comparando com o que haviam pago em anos anteriores, que era muito menos do que deviam e percebeu, nos escritos forjados, a intenção do mordomo. Com um sorriso dirigiu-se aos membros da sua comitiva, dizendo: "Vejam, este homem foi inteligente e prudente; quiz fazer amigos entre os seus devedores: os filhos do século são mais prudentes nos seus negócios do que os filhos da luz, que eles raramente agem no bem como estes no mal. Assim, seriam compensados, pois estes seriam punidos.

Depois disso, vi que o mordomo infiel foi removido e enviado para o deserto. Naquele local havia regiões de areia dura e estéril, de cor ocre. O homem ficou muito triste e muito confuso.

Vi que, finalmente, ele também começou a trabalhar e a cultivar o campo e a cortar lenha de algumas árvores duras que haviam ali. Os dois capatazes também foram despejados e encaminhados para outros campos de areia, embora não tão estéreis. Em vez disso, os pobres trabalhadores subordinados foram recompensados, porque o administrador infiel lhes confiou o cuidado do campo.

## Jesus e seus discípulos em Selêucia

Jesus e seus discípulos se espalharam pela cidade de Adama. Antes, Jesus permaneceu na cidade, enquanto os discípulos iam até os seus limites, até as casas dos pagãos, e entrando de casa em casa chamavam e convidavam ao batismo e o ensino de Jesus para dois dias de antecedência, do outro lado do lago. , num local verde e vedado, perto de Selêucia. Enquanto convidavam, eles ensinavam. Isso durou até tarde da noite. Os discípulos saíram então da cidade, para a parte ocidental, onde os pescadores estavam com os seus barcos, ocupados em pescar à luz das suas tochas, onde o Jordão desaguava no lago. O brilho das tochas atraía os peixes, que pescavam com anzóis e espetos. Os discípulos ajudaram no trabalho e ensinaram e convidaram os pescadores. Disseram-lhes também que levassem os peixes para o lugar verde, próximo a Selêucia, onde aconteceria o grande sermão de Jesus, e que ali seriam bem remunerados.

Aquele lugar era uma espécie de parque de animais, cercado por estacas. Os animais selvagens que caçavam ficavam ali trancados: por isso havia todo tipo de cavernas para eles. O local pertencia a Adama e ficava a uma hora e meia de Selêucia. De madrugada Jesus foi com seus discípulos e eles foram para alguns cantos onde havia cabanas pobres atrás da cidade.

Depois, já na cidade, Jesus foi com o seu povo até a casa do chefe e comeu em um lugar aberto. A comida consistia em pequenos pães unidos aos pares. Havia também peixes de cabeça erguida, num prato que parecia de vidro multicolorido. Jesus colocou um peixe inteiro no pão de cada um dos seus discípulos. A mesa tinha fundos escavados, onde eram colocadas as porções, como se fossem pratos. Depois da refeição, Jesus deu uma instrução no salão aberto, diante do chefe e dos parentes que iriam receber o batismo; Depois foi ao local de ensino, fora da cidade, onde muitas pessoas o esperavam, e preparou-as para o batismo.

As pessoas iam e vinham em grupos, revezando-se, e iam à sinagoga; Rezaram, colocaram cinzas na cabeça e fizeram penitência; Depois foram ao Jardim dos Banhos, próximo ao Lugar da Graça, e purificaram-se em banhos, separados por cortinas. Quando o último deles saiu do local de ensino, Jesus também foi para lá. O local do batismo era aquele onde um braço do Jordão desaguava na fonte, que era tão espaçosa e tinha uma borda com escavações tão largas que podiam passar dois ao mesmo tempo. Por ela passavam cinco canais, que podiam ser fechados à vontade e havia cinco passagens próximas para se aproximar. No meio da fonte havia uma vara com um braço tão comprido que podia fechar ou abrir a fonte. Esta fonte de cinco entradas ainda não tinha sido preparada para o batismo: era uma forma comum na Palestina que tinha relação com os cinco canais do tanque de Betesda, com o poço de João no deserto, com a fonte do batismo de Jesus, e com as cinco chagas do Senhor. Jesus referiu-se ao próximo batismo. Os batizados usavam longos mantos, que tiravam e entravam, cobertos até a metade do peito com uma espécie de escapulário, nas escavações que circundavam a fonte cheia de água. Nas bordas da entrada estavam o batizador e os padrinhos. A água era derramada três vezes sobre a cabeça em nome de Yahweh e de seu Mensageiro. Quatro discípulos foram batizados ao mesmo tempo e dois impuseram as mãos sobre os que estavam sendo batizados. Esta cerimônia e os ensinamentos de Jesus duraram até a tarde. Muitos foram rejeitados e adiados. De madrugada os discípulos embarcaram para Selêucia, para o local coberto de verde que ficava do outro lado. A alguma distância de Adama, o lago tinha a forma de um violino, um pouco mais estreito, a cerca de um quarto de hora de distância.

Selêucia era uma fortaleza com muros e cercas. No lado norte era quase inacessível porque era muito íngreme e estava cheio de soldados pagãos. As mulheres viviam em casas e em aposentos privados. Os judeus que ali viviam eram bastante desprezados e viviam em cavernas, eles próprios abriam as paredes, e trabalhavam em trabalhos forçados, em cavernas e em terrenos pantanosos. Não vi nenhuma sinagoga: mas havia um templo redondo, situado sobre um círculo de colunas apresentando figuras segurando pesos. No centro havia uma coluna grossa onde ficava a escada que levava ao topo do templo.

No andar de baixo, nos porões, colocavam recipientes com as cinzas dos seus mortos.

Perto dali pude ver um lugar enegrecido onde costumavam queimar cadáveres.

Neste templo havia figuras de cobras com rostos de homens e figuras de homens com cabeças de cães, e um ídolo com a lua e um peixe. A terra era bastante árida; mas o povo era trabalhador, preparava todo tipo de implementos para cavalos e havia muitos ferreiros. Quase todos os empregos eram para soldados.

Os discípulos caminharam pelas ruas de Selêucia convidando as pessoas para um sermão e uma refeição. Enquanto isso, Jesus fez a mesma coisa entre os pagãos em Adama. Depois os discípulos foram ao parque animal, que estava coberto de lindas plantas e flores, e prepararam a refeição com os peixes que os pescadores haviam guardado numa cisterna. As mesas eram tábuas largas, retiradas do lago: tinham cerca de sessenta centímetros de largura. Atrás do parque havia casas onde se cozinhava peixe. Parece que esta comida era muitas vezes feita ali porque existiam escavações planas na rocha como se fossem feitas pela natureza e no interior das grutas, onde a comida podia ser colocada. Preparavam pão, peixe, ervas e frutas. Quando tudo estava pronto e havia cerca de cem pagãos reunidos, Jesus chegou do outro lado do lago. Onze judeus o seguiram com o líder e alguns pagãos de Adama. Jesus pregou de uma colina. O chefe e os demais judeus tinham direito sobre aquela comida preparada e, junto com Jesus e os discípulos, serviam os comensais. Jesus explicou que o homem é composto de corpo e alma, e do alimento que o corpo e a alma necessitam; Ele disse que eles poderiam continuar comendo ou ouvir seus ensinamentos. Ele disse isso para testá-los. Na verdade, alguns foram imediatamente para as mesas e um terceiro permaneceu ouvindo-o. Jesus ensinou sobre a vocação dos incrédulos e contou-lhes sobre a vinda dos três Reis Magos, algo que não lhes era desconhecido. Terminado o sermão e a refeição, Jesus dirigiu-se com os seus discípulos para Selêucia, cerca de uma hora e meia para sul, e não junto ao lago. A maioria das pessoas voltou para suas casas. Jesus foi recebido pelos líderes da cidade e presenteado com comida e bebida, bem como pelos discípulos e pelos judeus que tinham vindo com eles.

Eles foram levados para a cidade e Jesus ensinou as mulheres num lugar não muito longe da porta, onde elas se reuniram em local adequado para ver Jesus. Vestiam-se como mulheres judias, mas não usavam véu; Em geral eram pessoas de baixa estatura, mas fortes e bem plantadas. Jesus entrou então numa grande estalagem onde lhe tinham preparado uma refeição. Havia muito trânsito nesta região.

Jesus, seus discípulos e os judeus comeram em uma mesa separada. No início os judeus não queriam comer ali. Jesus então lhes disse que o que entrava pela boca não era o que contaminava o homem: portanto, se não quisessem comer com Ele, não eram seguidores de Sua doutrina. Enquanto durou a refeição, ele continuou ensinando os comensais. Os pagãos tinham mesas mais altas que os judeus, às vezes mesas privadas, e sentavam-se em almofadas, com as pernas cruzadas, como vi entre o povo do país dos Magos. A comida era peixe, legumes, mel, frutas e carne assada.

Jesus comoveu-os de tal maneira com os seus ensinamentos que, quando se despediu deles, ficaram tristes e pesarosos. Eles imploraram muito para que ele ficasse com eles e Jesus deixou André e Natanael com eles. Os pagãos também demonstraram grande interesse em ouvir coisas novas. Já era noite quando ele os deixou. As casas das mulheres foram construídas com as costas voltadas para as muralhas da fortaleza e só na frente davam para uma rua muito larga. Havia muitas casas bonitas, algumas com jardins e pátios, onde trabalhavam ou lavavam. Jesus falou-lhes do batismo, como purificação; e como ainda queriam saber mais, ele lhes disse que ainda não conseguiriam entender mais do que ele lhes havia dito.

## **Jesus retorna a Adama e ensina em Berotha**

De Selêucia Jesus voltou para Adama. Ali se celebrava agora uma festa para os recém-batizados na sinagoga. Eles estavam na frente dos outros cantando canções de agradecimento. Jesus ensinou. Eles foram batizados ainda mais quando André e Natanael retornaram de Selêucia. O ancião judeu convertido atuava como servo em todos os lugares e parecia humilde e prestativo a todos. Um grande número de doentes não pôde assistir aos ensinamentos de Jesus ou ao batismo; Foi por isso que Jesus foi com Saturnino e o parente discípulo visitá-los em suas casas. Os outros foram para as cidades de Azor, Kades, Berotha e Thisbe, a duas ou três horas de distância ao norte de Adama, para convidá-los para um sermão que Jesus iria proferir em uma colina suavemente inclinada que ficava na direção de Cades, em direção a Berotha.

No alto desta montanha havia uma antiga sede de ensino em um local cercado; A montanha estava coberta de vegetação. Os discípulos pediram ao líder do lugar que convidasse o povo para o sermão que o profeta da Galiléia iria dar na montanha no dia seguinte ao sábado. Outros entraram nas casas e os convidaram a comparecer. Enquanto isso, Jesus continuou em Adama entre judeus ricos e pobres e pagãos; e ele curou pacientes hidróticos, aleijados, cegos e com sangramentos. Fiquei surpresa ao ver dez homens e mulheres possuídos por demônios entre os judeus. Entre os pagãos eu nunca vi tantos como entre os judeus. Havia algumas das melhores famílias trancadas em câmaras com grades. Quando Jesus se aproximou daquelas casas, eles começaram a gritar furiosamente. Quando ele se aproximou, eles se acalmaram e olharam para ele, confusos. Vi como, com um único olhar, ele afastou deles o demônio, que visivelmente fugiu como um vapor negro na forma de uma figura humana e escapou dali.

As pessoas ficaram assustadas e maravilhadas, enquanto os endemoninhados empalideciam e desmaiavam. Jesus falou com eles, pegou-os pela mão e disse-lhes que se levantassem. Então eles acordaram como se estivessem de um sonho e caíram de joelhos, agradecendo. Eles se tornaram outros homens novamente. Jesus os exortou e apontou os pecados dos quais eles deveriam se proteger.

Quando os discípulos voltaram para Adama, comeram com Jesus na casa do chefe da cidade. Naquele local haviam comprado peixe e pão que levaram para a montanha onde era realizado o sermão para alimentar os ouvintes. Jesus recebeu presentes de algumas pessoas, inclusive pequenas placas de ouro. Esses presentes foram então usados para pagar as refeições das turbas. Jesus não comia desde que partiu de Selêucia. No sábado voltou a ensinar na sinagoga Adama. Estava ali um grupo de homens, inimigos de Jesus, que dois fariseus haviam enviado ao local do batismo de João com a tarefa de espionar o que João dizia sobre ele, e também a Betabara e Cafarnaum, onde informaram a outros fariseus que Jesus estava agora no meio deles e batizou e fez seguidores. Quando essas pessoas voltaram da

espionagem, falaram mal de Jesus e murmuraram, embora tivessem poucos apoiadores. Certa vez, alguns líderes perguntaram a Jesus o que ele pensava dos essênios. Queriam tentá-lo, porque lhes parecia que Jesus tinha alguma semelhança com aquela gente, e porque Tiago, o Menor, seu parente, pertencia àquela seita. Culpavam esses homens por se separarem dos outros, por se tornarem singulares e, principalmente, por não quererem se casar. Jesus respondeu que estas pessoas não podiam ser culpadas: que se tinham aquela vocação, era para ser elogiada: que cada um tinha a sua vocação, e se não se sentisse chamado para isso, não deveria fazê-lo: caso contrário, seria como se um aleijado quisesse andar direito, sem sucesso. Quando o repreenderam pelo fato de haver tão poucas famílias entre os essênios, Jesus listou muitas famílias de essênios e contou-lhes sobre a boa educação que davam aos seus filhos. Ele também falou sobre o bom e o mau estado conjugal. Jesus não se declarou a favor dos essênios nem os repreendeu pela sua vida: desta forma o povo não o compreendeu. Pensaram, com estas perguntas, censurá-lo por ter alguns essênios entre seus discípulos e por lidar com eles.

Na noite de sábado para domingo Jesus partiu antes do dia de Adama, sem dizer que não voltaria, e foi com seus discípulos e vários judeus ao monte para o sermão para o qual havia convidado. Ele saiu do portão de Adama, atravessando a ponte por onde havia entrado. Se tivessem saído para o outro lado, teriam de atravessar o rio que ia de Açor em direção a Adama e Cades para se atravessarem ao Jordão. Eles deixaram Kades à direita e caminharam para oeste ao longo das encostas suaves da montanha. Esta região tinha rochas altas que formavam grandes esplanadas acima e não havia tantas cavernas e ravinas ali como nas montanhas da Palestina. Eles deixaram a cidade de Tisbe à sua esquerda, que podia ser vista de grande altitude.

Aqui viveu algum tempo Tobias: tinha casado um cunhado ou irmão e também esteve na cidade de Amichoris (cidade das águas). Ele poderia ter ficado lá, mas preferiu viver com seus conterrâneos no cativeiro, para poder ajudar seu povo. Elias também esteve em Tisbe, e Jesus já havia passado por ela. A multidão já estava reunida no topo da montanha. Na tarde anterior, alguns homens haviam subido depois do sábado para arrumar o local.

Havia um lugar sem cerca no andar de cima e uma cadeira de ensino. As pessoas que moravam nas casinhas dos dois lados da montanha estavam ocupadas montando barracas e já estavam com os postes e as cordas esticadas. Este lugar era histórico. Josué celebrou uma festa ali após a vitória contra os cananeus. Trouxeram água em odres de vinho e pão e peixe em cestos de vime que podiam ser colocados uns em cima dos outros em alguns escaninhos. Quando Jesus chegou ao cume, surgiu um grito geral: “Tu és o verdadeiro Profeta, o Salvador”. Quando ele passou, as pessoas se curvaram diante dele. Eram cerca de nove da manhã quando ele chegou. Foram cerca de seis ou sete horas de caminhada de Adama até lá. Eles haviam levado muitas pessoas possuídas por demônios que gritavam com raiva. Jesus olhou para eles e eles imediatamente ficaram em silêncio quando ele lhes ordenou que ficassem quietos, e eles se viram libertos dos demônios pela força de seu comando. Quando Jesus chegou à plataforma, ele colocou ordem na multidão por meio dos discípulos, acalmando-os. Então ele orou ao seu Pai, de quem toda ajuda deveria ser esperada, e o povo orou com Ele. Ele falou do lugar e do que havia acontecido ali aos filhos de Israel; como Josué apareceu neste local para libertá-los dos cananeus e do paganismo, e como Açor foi devastado. Ele declarou isso em figuras de outros eventos que estavam acontecendo agora: que a verdade e a luz estavam voltando a aquele lugar com graça e mansidão para libertá-los do poder do mal e do pecado. Disse que não deveriam resistir como os cananeus, para que o

castigo de Deus não viesse como veio sobre Açor. Contou uma parábola, que está no Evangelho e que usou muitas vezes; Acho que foi a sementeira do trigo e do campo. Ele também falou de penitência e do reino, e falou de Si mesmo e de Seu Pai com mais clareza do que até então havia feito neste país.

## Os mensageiros enviados por Lázaro

Mensageiros enviados por Lázaro chegaram para avisar Jesus sobre os espiões que os fariseus de Jerusalém haviam enviado a Adama. Esses mensageiros eram os filhos de Juana Chusa e Serafia (Verônica). Os discípulos, aproveitando uma pausa, levaram esses mensageiros até Jesus, que respondeu que não deveriam se preocupar com Ele, que Ele deveria cumprir Sua missão e que Ele apreciava a atenção. Os espiões enviados pelos fariseus de Jerusalém e pelos oponentes de Adama estavam no alto da montanha. Jesus não falou com eles; Mas enquanto ensinava, disse em voz alta que o estavam espionando e perseguindo. Acrescentou que não poderiam impedi-lo de cumprir o que seu Pai celestial lhe havia confiado. Ele lhes disse que logo retornaria para anunciar a verdade e o reino.

Muitas mulheres se reuniram com seus filhos e pediram uma bênção para eles. Os discípulos estavam preocupados: pensavam que Jesus não deveria fazer isso por causa dos espiões presentes. Jesus rejeitou os seus medos: disse que a intenção das mulheres era boa e que os filhos seriam melhores e passou pela sua linhagem, abençoando-as. O sermão durou até a tarde, a partir das dez horas, e então o povo foi organizado para a refeição.

De um lado da montanha havia várias churrasqueiras, onde se podia assar peixe. Reinava uma ordem admirável. Os habitantes de cada cidade sentavam-se juntos, mesmo os da mesma rua e entre eles os da mesma família ou vizinhos. Cada grupo na rua tinha um responsável por procurar a comida e distribuí-la. Os comensais tinham, cada um, ou um para vários do grupo, uma espécie de couro enrolado, que quando aberto servia de travessa, e traziam também instrumentos de mesa, como facas e colheres de osso, que carregavam consigo unidos por o fim. Alguns carregavam recipientes feitos de cabaças, outros de casca de árvore, e bebiam água em odres de vinho. Outros fizeram esses objetos ali mesmo ou na estrada com muita facilidade. Os responsáveis recebiam a comida das mãos dos discípulos, que distribuíam uma porção para quatro ou cinco comensais, aos quais colocavam pão e peixe sobre as peles à sua frente. Jesus abençoou a comida antes de ser distribuída. Ali também houve uma multiplicação de alimentos, pois não chegaria ao que foi preparado para os milhares que assistiram ao sermão de Jesus. Tenho visto que cada grupo recebeu apenas uma pequena porção; Apesar disso, quando terminou, todos ficaram satisfeitos e ainda sobrou muito, que foi recolhido pelos pobres em cestos e levado para suas casas. Pela cidade passavam alguns soldados romanos e aqueles que Lântulo tinha sob suas ordens ou que o conheciam; Talvez tivessem sido enviados por ele para lhe trazer notícias de Jesus: foram ter com os discípulos e pediram um pouco do pão abençoado por Jesus para enviar a Lântulo. Receberam aqueles pães que guardaram em sacos que carregavam nas costas.

Quando a comida acabou, já havia escurecido e foram necessárias tochas para andar. Jesus abençoou o povo e abandonou com seus discípulos a montanha. Ele então se separou deles: os discípulos tomaram um atalho para chegar a Betsaida e Cafarnaum, E Jesus com Saturnino e outros foram para o Sudœste, Bertha, que se chamava Zedad, e passaram a noite em um albergue fora da cidade.

## **Jesus vai para Cafarnaum por Gatepher**

Jesus viajou a noite de segunda para terça caminhando pela montanha com Saturnino e outros discípulos. Jesus caminhou sozinho e orou, e os discípulos lhe perguntaram o motivo; Ele então falou com eles sobre a oração em comum e a oração somente. Ele lhes trouxe uma comparação entre cobras e escorpiões. Se um filho pedir um peixe, o pai não lhe dará um escorpião.

Neste mesmo dia o vi curar os enfermos e exortar na casa dos pobres pastores. Ele fez o mesmo na cidade de Gatepher, terra natal de Jonas, onde moravam alguns parentes de Jesus. Curou os enfermos daquela cidade e à tarde foi para Cafarnaum. Quão incansável foi Jesus e como também obrigou os discípulos a trabalharem continuamente! No início eles estavam completamente exaustos. Que diferença vi no que acontece atualmente!... Esses discípulos tinham que acompanhar as pessoas quando elas iam pelas estradas, catequizá-las ou convidá-las para os sermões de Jesus.

Na casa de Maria, em Cafarnaum, já estavam presentes Lázaro, Obede, os sobrinhos de José de Arimatéia, o noivo de Caná e outros discípulos: também haviam chegado sete das santas mulheres parentes ou amigas de Maria. Todos estavam esperando por Jesus. Eles saíam e entravam e olhavam ao longo das estradas para ver se Ele estava chegando. Também compareceram os discípulos de João, trazendo a notícia de que ele havia sido feito prisioneiro, o que causou grande tristeza em todos.

Os discípulos foram ao encontro de Jesus, não muito longe de Cafarnaum, e contaram-lhe a notícia de João. Jesus os acalmou e foi até onde estava sua Mãe, sozinho. Ele ordenou que seus discípulos o precedessem.

Lázaro saiu ao seu encontro e lavou-lhe os pés no vestíbulo da casa. Quando Jesus entrou, os homens curvaram-se profundamente. Ele os cumprimentou e, indo em direção à sua mãe, apertou-lhe a mão. Ela se curvou com muito amor e humildade. Não havia ali nada de afetividades: reinava uma simples renúncia a esses extremos; era tudo amor, carinho e bondade interior, que enchiam os corações. Então Jesus foi até onde estavam as outras mulheres, que, veladas, se ajoelharam diante de Jesus. Nessas ocasiões, quando chegava e quando saía, abençoava a todos. Então vi uma refeição sendo preparada; os homens estavam separados nas mesas e do outro lado estavam as mulheres com as pernas cruzadas. A conversa foi especialmente sobre a prisão de João, expressando dor e sentimento por isso. Jesus advertiu-os que não deveriam julgar mal nem ficar irritados: que tudo isto tinha que acontecer assim; que se João não fosse removido, Ele não seria capaz de cumprir sua missão nem chegar a Betânia agora. Então ele falou das pessoas entre as quais ele esteve. Ninguém sabia nada sobre a chegada de Jesus, exceto os presentes e os discípulos mais fiéis. Jesus passou a noite num prédio adjacente, onde os outros estranhos se reuniram. Ele convocou os discípulos para o sábado seguinte nas proximidades de Bethoron, numa casa solitária nas alturas. Mais tarde eu o vi conversando sozinho com Maria, sua Mãe. Ela ficou triste e chorou pensando que Ele queria ir para Jerusalém, onde havia tanto perigo. Jesus consolou-a e disse-lhe que não se preocupasse, que devia cumprir a sua missão, que os dias mais tristes ainda não tinham chegado. Ele ilustrou-lhe como ela deveria se comportar em oração e depois recomendou a todos os outros que se guardassem contra todo julgamento, de falar da prisão de João e das maquinções dos fariseus contra sua pessoa; que isso apenas prejudicaria a sua missão e aumentaria o perigo. As maquinções dos fariseus também entraram nos planos de Deus: trabalharam para a sua própria destruição. Falaram também de Madalena, e Jesus pediu novamente que rezassem e pensassem bem dela: que ela também viria e seria tão boa que daria exemplo para muitos.

Depois disso vi Jesus caminhando com Lázaro e cinco discípulos de Jerusalém em direção a Betânia. Comemorava-se o início da lua nova, e voltei a ver nas sinagogas de Cafarnaum e outros lugares os longos panos com nós pendurados do lado de fora e as habituais frutas com cordas nas casas principais.

## João Batista na prisão de Macherus

Certa vez, Herodes havia aprisionado João Batista por algumas semanas, pensando em intimidá-lo e fazê-lo mudar de ideia em relação à sua conduta para com Herodíades. Mas o rei, assustado com a grande multidão que compareceu ao batismo, o soltou. João voltou ao seu antigo lugar próximo a Ainon, em frente a Salém, a uma hora e meia do Jordão, ao sul de Sucote, onde sua pia batismal estava localizada a um quarto de hora do grande mar de onde saíam dois riachos cercando uma colina e caíam no rio Jordão. Junto a esta colina encontravam-se os restos de um antigo castelo com torres, rodeado de galerias e salas. Entre o mar e a colina ficava o poço de João e no topo da colina, num grande caldeirão afundado, os seus discípulos montaram uma tenda nos restos do muro com degraus. João ensinou lá.

Esta região pertencia a Felipe, mas destacou-se como um ponto no território de Herodes, razão pela qual se absteve de levar a cabo a sua intenção de capturar o Batista. Houve novamente uma grande reunião de pessoas em direção a João, para ouvir a sua palavra: caravanas da Arábia, com camelos e burros, e muitas centenas de pessoas de Jerusalém e de toda a Judéia, homens e mulheres, afluíram para lá. A multidão se revezava enchendo a plataforma do monte, as encostas e estacionando no morro. Os discípulos de João mantinham uma ordem perfeita. Alguns estavam deitados, outros de joelhos, outros em pé, e assim todos podiam ser vistos. Os pagãos estavam separados dos judeus, assim como os homens estavam das mulheres, sempre atrás deles. Os que estavam na frente, nas encostas, ficavam agachados, apoiando a cabeça nos joelhos, com os braços, ou deitados ou sentados de lado. João parecia agora, desde que voltou da prisão, como se o ardor tivesse reacendido. A sua voz ressoava docemente, de uma forma particular, mas poderosa, e ia longe, para que cada uma das suas palavras fosse compreendida. Ele gritava e milhares de pessoas ouviam constantemente sua voz. Ele estava vestido de pele novamente, e mais austero do que em On, onde costumava usar uma veste longa. Ele falava de Jesus, de como era perseguido em Jerusalém e apontava para a Galiléia, onde curava, ensinava e caminhava: acrescentava que em breve retornaria a essas regiões e que seus adversários nada poderiam fazer contra Ele até que ele tivesse completado sua missão.

Herodes também veio com uma tropa de soldados. Ele estava viajando de seu castelo em Lívias, a onze horas de Dibon, e devia passar por dois braços do rio.

Para Dibon era o caminho muito bom; Depois tornava-se pesado e irregular, apenas transitável por caminhantes e animais de carga. Herodes viajava em uma carruagem comprida e estreita, onde estava sentado ou deitado de lado, e havia alguns com ele. As rodas comuns eram discos grossos e pesados, sem raios; Atrás deles havia outras rodas penduradas. A estrada era irregular, de um lado colocaram rodas mais altas e do outro mais baixas e assim seguiram andando com muito trabalho. A esposa de Herodes também estava andando em uma dessas carruagens, na companhia de outras senhoras de sua comitiva. As carruagens foram trazidas antes e atrás de Herodes. Herodes ia até a casa de João, porque agora ele pregava com mais força do que antes, porque costumava ouvi-lo com boa vontade e porque queria saber se ele dizia alguma coisa contra ele. A mulher, por outro lado, espiava a oportunidade de incitá-lo ainda mais contra ele: ela está disposta a acompanhar

Herodes, mas estava cheia de ressentimentos contra João.

Havia outra razão: Herodes tinha ouvido falar que o rei Aretas, da Arábia, e pai da esposa repudiada de Herodes, costumava ir ouvir João, permanecendo incógnito entre os ouvintes. Ele queria ver se ele estava lá e secretamente tramando algo contra ele. A primeira esposa de Herodes, que era boa e bonita, retirou-se novamente para a casa de seu pai, que ouvira que João se declarara contra Herodes, e assim, para seu próprio conforto, veio ouvir a voz de João. Mas este rei não apareceu de forma ostensiva, mas simplesmente vestido e escondeu-se entre os discípulos de João, passando por um deles. Herodes entrou em seu antigo castelo e instalou-se perto de onde João falava, num terraço de degraus, e sua esposa sentou-se em travesseiros, cercada por seu povo e soldados sob uma tenda. Com voz poderosa João clamou ao povo para não se escandalizar com o casamento de Herodes: deviam honrá-lo, mas não imitá-lo. Isso agradou e irritou Herodes. A força com que João gritou foi indescritível. Sua voz era como um trovão e ainda assim doce e acessível a todos. Parecia que ele estava dando tudo o que lhe restava. Ele já havia anunciado aos seus discípulos que o seu tempo estava terminando; que não deveriam abandoná-lo por causa disso; visitá-lo quando ele estava na prisão. Durante três dias ele não comeu nem bebeu: apenas ensinou e clamou por Jesus, e repudiou o adultério de Herodes. Os discípulos imploraram-lhe que parasse e comesse alguma coisa, mas ele não desistiu e ficou como que fora de si de entusiasmo.

Do lugar onde João ensinava e chorava, podia-se desfrutar de uma vista maravilhosa: avistava-se o Jordão em grande extensão, as cidades distantes, os campos plantados e os pomares de frutas. Devem ter existido ali grandes edifícios, porque ainda vi restos de paredes grossas e arcos de pedra, cobertos de relva, que parecem pontes. No castelo onde se encontrava Herodes existiam várias torres restauradas. A região era muito abundante em água e a zona balnear encontra-se em boas condições; era uma obra-prima, pois a água vinham de um canal coberto do morro onde João ensinava. O local do batismo, de forma oval, tinha três terraços cobertos de vegetação que o rodeavam e estava aberto a cinco passagens. Era mais bonito, embora menor, do que o Tanque de Betesda, em Jerusalém, que costumava estar sujo com plantas e folhas das árvores ao seu redor. A fonte do batismo ficava atrás do morro e atrás dela, talvez a 150 passos de distância, havia uma grande lagoa, com muitos peixes, que vi flutuando, voltados para João, como se quisessem ouvir sua pregação. Vi ali pequenos barcos feitos de árvores escavadas para apenas dois homens, com assento no meio para poderem pescar.

João comia mal e mesmo quando estava na companhia de seus discípulos comia muito pouco. Rezava sozinho e à noite com o olhar fixo no céu.

Ele sabia que a sua prisão era iminente: por isso falava com este ardor e despedia-se dos seus discípulos. Ele gritou e apontou para Jesus com uma voz mais poderosa do que nunca. Dizia: "Ele está vindo agora e devo ir até Ele e todos devem comparecer. Serei levado embora muito em breve." Ele os repreendeu por serem um povo rude e de coração duro. Pensem no que ele fez para preparar os caminhos do Senhor: ele fez pontes e estradas, removeu pedras, fez fontes e dirigiu as águas até lá. Tinha sido um trabalho árduo, com terras inférteis e duras, com pedras ásperas e troncos retorcidos. Ele tinha muito a ver com as pessoas, que eram obstinadas, rudes e protetoras do que aquelas. em suma, a quem ele conseguiu suavizar e comover, iria agora para Jesus, que era o Filho amado do Pai. Aquele a quem Ele que admitir será levado, e aquele a quem Ele rejeitar será rejeitado.

Ele virá agora e ensinará e batizará e aperfeiçoará o que ele (João) começou. Ele repudiou o adultério de Herodes diante do povo repetidas vezes, com toda força.

Este, que por outro lado o reverenciava e temia, parecia tê-lo escondido, embora internamente estivesse furioso com João. O ensino acabou; As multidões desciam em todas as direções e o povo vindo da Arábia e com eles Aretas, o rei, misturou-se com o seu povo. Herodes não conseguiu reconhecê-lo nem vê-lo. A esposa de Herodes já havia partido e agora Herodes também foi embora, escondendo sua irritação e despedindo-se de João amigavelmente. João enviou vários mensageiros para diferentes partes, dispensou os outros e retirou-se para sua tenda para se reunir em oração.

Já estava escuro e os discípulos haviam se retirado. De repente, cerca de vinte soldados cercaram a tenda de João, enquanto outros mantinham guarda por todos os lados. Um após o outro eles entraram no recinto. João declarou que os seguiria sem resistência, porque sabia que sua hora havia chegado e que deveria dar lugar a Jesus. Eles não precisavam colocar amarras nele, porque ele iria segui-los voluntariamente; para carregá-lo sem fazer barulho. Desta forma os vinte homens partiram de lá com João. João carregava apenas sua pele de camelo e sua bengala. No entanto, alguns discípulos se aproximaram enquanto o carregavam. João, com um olhar, despediu-se deles e disse-lhes que o visitassem em sua prisão. As pessoas começaram a se reunir: os discípulos e muitos outros, e disseram: “Eles estão levando João”. Então ouviu-se um clamor de choro e reclamações. Eles queriam segui-lo e não sabiam para onde haviam seguido. Os soldados afastaram-se deles e seguiram um caminho completamente novo, rumo ao sul. Surgiu um grande clamor, gritos e gemidos. Os discípulos espalharam-se em todas as direções e fugiram como na prisão de Jesus.

Desta forma a notícia se espalhou por todo o país da Palestina. João foi primeiro levado para uma torre em Hesebon: os soldados caminharam com ele a noite toda. Pela manhã, outros soldados vieram ao seu encontro, pois já havia sido divulgado que João estava preso e as pessoas se aglomeravam aqui e ali. Os soldados que o carregavam eram uma espécie de guardas de sua pessoa real: possuíam armaduras escamadas, peitos e costas protegidos e longas lanças. Em Hesebon muitas pessoas se reuniram em frente à prisão de João, de modo que os guardas tiveram muito trabalho para mantê-las afastadas. Havia aberturas acima do recinto, e João, estando em sua prisão, gritou, para que quem estava de fora pudesse ouvi-lo, dizendo que ele havia consertado as estradas, quebrado pedras, derrubado árvores, direcionado riachos de água, cavado poços, tendo que fazer tudo com mil dificuldades e contratempos: o povo também era assim e por isso ele agora estava preso. Disse-lhes que fossem até Aquele que os havia indicado, que já estava chegando pelos caminhos preparados. Quando o Senhor vier, os preparadores deverão afastar-se do caminho; todos devem agora voltar-se para o Senhor Jesus, cujos cadarços Dele não foi digno de desamarrar. Jesus era a luz e a verdade e o Filho de Deus. Estas e outras coisas semelhantes ele lhes contou. Pediu aos discípulos que o visitassem na sua prisão, pois ainda não ousavam impor-lhe as mãos e a sua hora ainda não tinha chegado.

Ele disse todas essas coisas tão claramente e tão alto como se ainda estivesse em seu antigo local de ensino diante da multidão. Aos poucos, essa turba da cidade foi despejada.

Essa aglomeração de pessoas em frente à sua prisão e esses discursos de João para quem estava do lado de fora foram repetidos diversas vezes. João foi então levado por soldados de Hesebon para a prisão de Macherus, que ficava no alto. Eu o vi sentado com outros numa carroça baixa, coberta e estreita, semelhante a uma caixa e puxada por burros. Chegando a Macherus levaram-no para a fortaleza: mas não o fizeram passar pela porta comum, mas levaram-no até um portão onde abriram uma

entrada coberta de erva, e desceram alguns degraus até uma porta de bronze que dava para uma adega espaçosa, que tinha aberturas na parte superior para a entrada de luz e foram limpas mas deixadas sem qualquer conforto.

Herodes havia se retirado do batistério de João para seu castelo de Herodium, que o velho Herodes havia construído, e onde certa vez, por diversão, fez com que algumas pessoas se afogassem em um lago. Lá ele ficou afastado devido ao seu mau humor e não deixou ninguém vê-lo. Alguns pediram uma audiência para reclamar da prisão de João; Por isso ficou com um pouco de medo e manteve-se trancado em seus aposentos. Depois de algum tempo os discípulos, embora poucos, conseguiram aproximar-se da prisão, falar com ele e dar-lhe algumas coisas através das grades. Se houvessem muitos deles, os soldados os expulsavam. João ordenou que seus discípulos de Aion batizassem até que Jesus viesse e batizasse seu povo. A prisão de João era espaçosa e clara, mas só havia um banco de pedra para descansar.

João permaneceu sério e calmo. Ele sempre tinha algo triste e impressionante em seu rosto, como quem tinha que anunciar o Cordeiro de Deus e apontá-lo ao povo, embora sabendo que esse Cordeiro de Deus seria morto pelas mesmas pessoas a quem ele o anunciou e o apontou fora.

## Jesus novamente em Betânia

De Cafarnaum Jesus dirigiu-se para Betânia, com Lázaro e os cinco discípulos de Jerusalém para a região de Betúlia. Na realidade, não entraram nesta cidade situada no alto; a estrada os levou pelo campo em direção a Jezreel, perto de onde Lázaro tinha uma espécie de pousada com jardim. Os discípulos os precederam para preparar a refeição. Um homem de confiança de Lázaro cuidou do cargo. Já era de manhã cedo quando chegaram, lavaram os pés, sacudiram a poeira, comeram um pouco e descansaram. De Jezreel atravessaram um riacho e, deixando Citópolis e Salém à esquerda, atravessaram a encosta de uma montanha em direção ao Jordão. Atravessaram o Jordão ao sul de Samaria e descansaram, porque já era noite, por algumas horas numa altura às margens do Jordão, onde moravam alguns bons pastores. Antes do amanhecer já caminhavam entre Gilgal e Hay, pelo deserto de Jericó. Jesus e Lázaro caminharam juntos. Os discípulos haviam tomado outro caminho, avançando um pouco. Jesus e Lázaro caminharam o dia todo por estradas solitárias e não entraram em nenhuma cidade ou abrigo, embora Lázaro tivesse alguns nesses lugares pouco povoados.

Poucas horas antes de chegarem a Betânia, Lázaro foi na frente e Jesus seguiu caminho sozinho. Os cinco discípulos de Jerusalém, outros quinze seguidores de Jesus e sete das santas mulheres já estavam reunidos em Betânia. Vi lá Saturnino, Nicodemos, José de Arimatéia, seus sobrinhos (Aram e Themeni), os filhos de Simeão (Obede e outros dois), os filhos de Joana Chusa e de Verônica e os de Obede. Entre as mulheres estavam Serafia (Verônica), Juana Chusa, Susanna (filha de um irmão mais velho de São José chamado Cleofas), Maria Marcos, viúva de outro Obede, Marta e sua serva fiel, que também era serva de Jesus e seu discípulos. Todas essas pessoas aguardavam silenciosamente a chegada de Jesus, numa grande sala subterrânea da casa de Lázaro. Ao anoitecer Jesus chegou e entrou por uma porta reservada no jardim. Lázaro encontrou-se com ele num cômodo da casa e lavou-lhe os pés.

Havia uma fonte escavada para onde corria água da casa e Marta misturou água fria e quente para temperá-la. Jesus sentou-se à beira da fonte e colocou os pés dentro dela, enquanto Lázaro os lavava e secava.

Depois sacudiu a poeira da estrada que cobria as roupas de Jesus, calçou sandálias novas e trouxe-lhe comida.

Então Jesus e Lázaro passaram por um longo caramanchão, em direção à sala subterrânea. As mulheres cobriram-se com o véu e ajoelharam-se diante Dele; os homens apenas se curvaram profundamente. Jesus cumprimentou a todos e os abençoou. Então eles se sentaram para comer. As mulheres estavam numa ponta da mesa, sentadas com as pernas cruzadas. Nicodemos sempre parecia muito ansioso pela palavra de Jesus. Como os homens falavam, se queixando, irritados, pela prisão de João, Jesus disse: "Isto deve acontecer assim e entrar na vontade de Deus. Melhor é não falar disto e não excitar a ninguém nem chamar a atenção, para não aumentar o perigo" Se João não tivesse sido removido, ele não teria podido trabalhar nesses lugares. "As flores, acrescentou, devem cair das árvores quando os frutos chegarem". Falaram, também irritados, da espionagem dos fariseus e das suas perseguições. Jesus ordenou-lhes que calassem a boca e permanecessem calmos. Ele lamentou a cegueira dos fariseus e contou a parábola do mordomo infiel. Os fariseus também são mordomos infiéis: mas não tão prudentes como aquele, e consequentemente não terão mais refúgio no dia da sua reprovação. Após a refeição foram para outra sala onde as lâmpadas já estavam acesas e Jesus conduzia as orações, pois era sábado. Ele ainda falou com os homens e então eles se retiraram para descansar. Quando tudo estava quieto e todos dormiam, Jesus levantou-se secretamente, sem que ninguém percebesse, e dirigiu-se à gruta do Jardim das Oliveiras, onde mais tarde, antes da sua paixão, suou sangue. Jesus orou durante várias horas ao seu Pai celestial pedindo forças para a sua missão. Antes do amanhecer, ele voltou para Betânia sem ser notado.

Os filhos de Obede, que eram servos do templo, foram com outros para Jerusalém; Os demais permaneceram calados em casa e ninguém soube da presença de Jesus em Betânia. Neste dia, durante a refeição, Jesus falou das suas viagens às cidades da Alta Galileia, Ameid, Adama e Selêucia; e enquanto os homens falavam veementemente contra as seitas, ele os repreendeu pela dureza em julgar e contou-lhes a parábola de um homem que tinha caído em mãos dos ladrões no caminho de Jericó, e como um samaritano se compadeceu mais deste infeliz que os levitas. Já ouvi esta e outras parábolas diversas vezes, mas sempre com novas aplicações. Ele também falou sobre o destino e o fim de Jerusalém. À noite, enquanto todos dormiam, Jesus foi novamente à gruta do Jardim das Oliveiras para rezar. Ele derramou muitas lágrimas e ficou muito assustado e perturbado. Ele era como um filho que se prepara para realizar uma grande obra do pai e que primeiro se lança nos braços do Pai para receber conforto e força.

Meu guia (o anjo da guarda) me disse que Jesus sempre que estava em Betânia e tinha algumas horas livres, ia ali para orar. Esta foi uma preparação para sua última oração e luta no Horto das Oliveiras. Foi-me mostrado que Jesus orou e se recolheu especialmente naquele lugar, porque Adão e Eva, expulsos do Paraíso terrestre, pisaram pela primeira vez na terra maldita naquele Jardim das Oliveiras. Eu os vi naquela caverna lamentar, chorar e orar. Vi também que Caim, trabalhando ali, começou a pensar e decidiu matar seu irmão Abel. Pensei em Judas. Vi que Caim cometeu a morte de seu irmão no Monte Calvário, e que mais tarde ali, no Jardim das Oliveiras, Deus o chamou para prestar contas. Jesus, ao amanhecer, estava de volta a Betânia.

## **As santas mulheres providenciam alojamento para Jesus e seus discípulos**

Quando as festas do sábado terminaram, foi realizada uma obra para a qual Jesus tinha vindo principalmente a Betânia. As santas mulheres souberam com dor que Jesus e os seus discípulos tinham sofrido muitas dificuldades nas suas viagens, especialmente na última, indo para Tiro, onde lhes faltava o necessário, e o próprio Jesus teve que comer um pedaço de pão amanhecido que Saturnino tinha encontrado ao obter esmola, que Jesus teve primeiro que amolecer na água. As mulheres se ofereceram para escolher abrigos e pousadas em determinados lugares, e fornecer-lhes o que precisassem, e Jesus aceitou a ideia. Foi por isso que Jesus também foi ali. Como Jesus declarou que dali em diante pretendia ensinar publicamente em todos os lugares, Lázaro e as mulheres se ofereceram para construir e consertar abrigos, visto que os judeus ao redor de Jerusalém, por instigação dos fariseus, negaram a Jesus e aos seus discípulos as coisas de que necessitavam.

Pediram então a Jesus que indicasse os principais pontos das viagens que empreenderia e o número de discípulos que levaria, que indicasse os abrigos que deveriam preparar e a quantidade de provisões que deveriam armazenar. Jesus indicou os principais pontos das suas viagens apostólicas e o número de discípulos que levaria, e assim foram determinados quinze abrigos a serem erguidos e zeladores de confiança, parentes ou conhecidos, espalhados por todo o país, com exceção da terra de Chabul, perto Tiro e Sidom. As santas mulheres se reuniram e discutiram quais regiões e que tipo de abrigo cada uma iria tomar, e se distribuíram para procurar os caseiros, os utensílios, cobertores, vestidos, solas e sandálias, quem cuidaria deles, de sua lavagem e conservação, sem esquecer o fornecimento de pão e alimentos. Tudo isso foi feito antes, durante e depois da refeição. Marta parecia realmente interessada em seu ofício. Depois fizeram um sorteio entre eles para cobrir as despesas e quanto corresponderia a cada um deles.

Após a refeição, Jesus, Lázaro, os amigos e as santas mulheres reuniram-se silenciosamente numa grande sala. Jesus estava sentado num lado da sala, num assento elevado, e os homens, uns em pé, outros sentados, à sua volta: as mulheres estavam sentadas do outro lado da sala, em degraus cobertos com almofadas e esteiras.

Jesus ensinou sobre a misericórdia de Deus para com o seu povo; como ele enviou um profeta após outro: como todos estes foram desconhecidos e maltratados, e como este povo também rejeitará a última graça; e o que acontecerá com ele por causa disso. Quando ele falou longamente sobre isso, alguns disseram: “Senhor, ensina-nos exatamente isso em alguma bela parábola”. Jesus contou novamente a parábola do Rei que envia o seu Filho para a vinha, depois de os donos da vinha terem matado os enviados anteriores, e como também mataram o Filho. Então, quando alguns homens saíram da sala, Jesus começou a andar de um lado para o outro com alguns deles. Marta, que ia e vinha entre as mulheres, aproximou-se de Jesus e falou-lhe novamente de sua irmã Madalena, depois de ter ouvido as coisas que Seráfia, a Verônica, lhe contavam.

## **A parábola da pérola perdida e achada**

Enquanto Jesus passeava-se na sala com os homens, as mulheres sentaram-se a jogar a uma espécie de loteria ou sorte para ver a quem tocava-lhe prover o que tinham tratado. Tinha ali uma mesa com rolos que tinha a forma de uma estrela de

cinco raios terminada numa caixa alta como de duas polegadas. Na parte superior da caixa, que estava vazia e dividida em vários compartimentos, saíam de cinco pontas para o meio outros cinco canaletas fundos e cavados, e entre estes vários buracos que conduziam ao interior da caixa. A cada uma das mulheres tinha uma corda longa com sarta de pérolas e outras muitas pedras preciosas consigo, das quais, segundo o jogo, misturavam algumas que apertadas, as metiam numa das canaletas, depois punha uma depois de outra uma pequena caixa ao extremo da canaleta, por trás da última pérola e com um golpe de mão arrojava uma pequena seta da caixa contra a pérola mais próxima: com o qual toda a fileira de pérolas recebia um golpe, de maneira que algumas saltavam e caíam pela abertura ou no interior da caixa ou saltavam sobre as outras canaletas.

Quando todas as pérolas saíram das fileiras, a mesa que estava sobre rolos foi sacudida um pouco, e com esse movimento as pérolas que haviam caído dentro passaram para outras caixinhas que foram retiradas da ponta da mesa e que pertenciam a cada uma das mulheres. Assim, cada uma delas tirou uma caixinha e viu o que havia ganhado com seu trabalho ou o que havia perdido com seu colar de pérolas. A viúva de Obede havia perdido recentemente o marido e ainda estava de luto; O marido dela esteve aqui com Lázaro e Jesus, antes de ir ao batismo de João.

Neste jogo de loteria, as mulheres perderam uma pérola de grande valor que havia caído entre elas. Enquanto retiravam tudo e procuravam cuidadosamente a pérola, depois de a terem encontrado com grande alegria, Jesus entrou e contou-lhes a parábola da dracma perdida e a alegria de a ter encontrado; e com esta parábola da pérola perdida e da alegria de tê-la encontrado começou a referir-se a Madalena. Ele a chamou de pérola mais preciosa que muitas outras, que caiu da mesa do amor no chão e se perdeu. “Com que alegria”, acrescentou, “você vai encontrar novamente aquela pérola perdida!” Então as mulheres ansiosas perguntaram: “Ah, Senhor! E será que aquela pérola será reencontrada?” Jesus disse-lhes: “É necessário procurar com mais diligência do que a mulher procura a dracma e o pastor procura a ovelha perdida. Por causa destas palavras de Jesus, todos prometeram fazer mais diligência para procurar Madalena e assim se alegrar” mais do que pela pérola encontrada.

Algumas mulheres imploraram ao Senhor que recebesse o jovem samaritano entre os seus discípulos, que lhe tinham orado depois da Páscoa no caminho para Samaria. Falavam da grande virtude e ciência daquele jovem, que, creio, era parente de uma daquelas mulheres. Jesus respondeu que seria difícil para ele vir: “Ele é cego de um lado”, explicando que gostava muito de suas riquezas.

À tarde, muitos homens e mulheres decidiram ir para Bethoron, onde Jesus iria no dia seguinte para ensinar. Jesus esteve novamente secretamente na gruta do Jardim das Oliveiras e ali rezou com grande ansiedade; Depois, com Lázaro e Saturnino, dirigiu-se para Bethoron, a cerca de seis horas de distância. Já passava uma hora da meia-noite. Eles cruzaram o deserto e quando estavam a cerca de duas horas da cidade, alguns discípulos que haviam sido enviados no dia anterior a Bethoron e estavam em uma pousada vieram ao seu encontro. Estavam presentes Pedro, André, seu meio-irmão Jônatas, Tiago, o Velho, João, Tiago, o Menor e Judas Tadeu, que acompanhou os demais pela primeira vez; Filipe, Natanael Perseguido, Natanael, o noivo de Caná, e alguns dos filhos das viúvas. Jesus descansou com eles no deserto debaixo de uma árvore por algum tempo enquanto ensinava. Falou novamente da parábola do Senhor da vinha que envia o seu Filho. Depois foram para o albergue e comeram. Saturnino, que havia recebido moedas das mulheres, foi comprar comida.

## Jesus em Bethoron. Fadiga dos discípulos

Por volta das oito da manhã chegaram a Bethoron. Alguns discípulos foram à casa do chefe da sinagoga e pediram as chaves, dizendo que o seu Mestre queria ensinar. Outros andavam pelas ruas chamando as pessoas para o sermão. Jesus entrou com os outros na sinagoga, que logo ficou lotada. Recomeçou a parábola do Senhor da vinha, cujos enviados foram mortos pelos infiéis responsáveis pela vinha, e do próprio Filho que foi morto até que o Senhor entregou a vinha a outros trabalhadores. Ele falou da perseguição dos profetas, da prisão de João Batista e de sua própria perseguição até que lhe pusessem as mãos. Suas palavras suscitaram grande admiração entre os judeus: alguns se alegraram, outros ficaram irritados e disseram: "Onde você quer chegar?" Este está aí de novo? E não sabíamos nada sobre sua vinda. Alguns, sabendo que as mulheres estavam em um abrigo no vale, foram até lá para perguntar-lhes o motivo da vinda de Jesus.

Ele curou alguns pacientes com febre ali e deixou a cidade. Verônica, Juana Chusa e a viúva de Obed chegaram ao abrigo e prepararam a comida. Jesus e seus discípulos comeram alguma coisa, em pé; então eles se cingiram e partiram imediatamente. No mesmo dia lecionou na cidade de Kibzaim e em algumas localidades pastorais. Em Kibzaim nem todos os discípulos estavam juntos; Encontravam-se recentemente num edifício adjacente a uma casa de pastor bastante espaçosa, nos limites de Samaria, no mesmo local onde foram recebidos Maria e José, na viagem a Belém, depois de terem pedido hospitalidade noutros lugares. Ali eles comeram e passaram a noite. Eu vi cerca de quinze deles ali. Lázaro e as santas mulheres voltaram para Betânia.

No dia seguinte, Jesus partiu com os seus discípulos, às vezes juntos, às vezes separados, com muita pressa, por cidades grandes e pequenas. Passaram por Najote e Gibeá, a cerca de quatro horas de Kizbaim. Em todos estes lugares o Senhor não teve tempo de ir à sinagoga, mas sim ensinou num monte ao ar livre, em algum lugar apropriado e às vezes à beira de uma estrada onde as pessoas pudessem se reunir. Os discípulos precederam-no, entrando nas cabanas e nas casas dos pastores, e convidando-os a reunir-se num local onde Jesus pudesse ensinar. Apenas alguns discípulos permaneceram com Ele. Durante todo o dia caminharam com trabalho e cansaço infinitos, de cidade em cidade. Jesus curou muitos doentes que clamavam por saúde. Havia alguns lunáticos entre eles. Muitas pessoas possuídas por demônios gritaram atrás dele, e Jesus ordenou que calassem a boca e saíssem daquelas pessoas.

O que tornou este dia mais difícil foi a má vontade por parte dos judeus e o sarcasmo dos fariseus. Estes lugares perto de Jerusalém estavam cheios de pessoas que se declararam contra Jesus. Aconteceu então como acontece agora nas pequenas cidades, onde tudo se fala e nada se faz. Além disso, o aparecimento de Jesus com tantos discípulos e seu ensino severo azedaram ainda mais as pessoas. Nestes lugares Jesus disse o que havia dito em outros: que era o tempo da última graça e do último chamado: que então viria o julgamento e o castigo. Ele falou do mau tratamento dos profetas, da prisão de João e da perseguição à sua própria Pessoa. Repetiu a parábola do Senhor da vinha, que agora enviou o seu Filho: que o reino de Deus se aproximava e como Filho desse Rei tomaria posse do reino. Ele chorou diversas vezes de aflições contra Jerusalém e contra aqueles que não queriam aceitar o seu reino e não faziam penitência. Esses ensinamentos severos foram misturados com exortações amorosas e com a cura de muitos enfermos. Desta forma, eles prosseguiram de um lugar para outro.

Os discípulos tiveram muito trabalho: tudo isto lhes causou uma extraordinária fadiga. Onde chegavam e anunciavam o sermão de Jesus ouviam replicar expressões sarcásticas contra Ele: "Já vem Esse de novo! Que é o que quer?... De onde vem?... Não se lhe tem proibido?...". Também às vezes se riam deles; gritavam por trás deles e se burlavam. Alguns se alegravam do anúncio de Jesus; mas não eram muitos. A Jesus diretamente ninguém se atrevia a ofender. Mas onde ensinava e os discípulos estavam perto, ou lhe seguiam nos caminhos e ruas, todos os gritos se dirigiam contra eles; detinham-nos às vezes e perguntavam. Tinham ouvido às vezes mau as palavras de Jesus, ou não as tinham entendido, e queriam uma explicação.

Então gritos de alegria ecoaram novamente. Jesus havia curado alguns enfermos e eles ficaram irritados e se distanciaram Dele. Assim foram passando os dias, até a tarde, com problemas e trabalho, sem descanso e sem comer nada. Vi quão fracos e desanimados os discípulos estavam no início. Muitas vezes, quando Jesus ensinava e eles eram questionados, eles ficavam desanimados e não entendiam o que realmente era esperado deles. E então eles não estavam felizes com sua situação. Eles pensavam e falavam: "Deixamos tudo e agora acabamos neste rebuliço e confusão. Que reino é esse do qual vocês falam tantas vezes? Vocês realmente chegarão a ele?" Isto é o que eles pensavam, mas silenciosamente: embora muitas vezes fosse perceptível que eles eram duvidosos e desconfiados. E tudo isso apesar de terem visto tantos milagres a cada momento. Só João estava completamente despreocupado, como uma criança obediente e confiante. Foi admirável ver como Jesus, que conhecia todos os seus pensamentos e ansiedades, continuou a sua missão imperturbável, sem mudar de aparência nem vacilar, sempre igualmente pacífico e seriamente gentil. Jesus caminhou aquele dia até a noite; Depois descansaram, com um pastor, onde nada ou quase nada receberam, do outro lado de um riacho que margeiava Samaria. A água da ribeira não era potável: o leito era muito estreito e tinha, não muito longe da sua nascente, no sopé do Garizim, um curso rápido para Este.

## Jesus no poço de Jacó

No dia seguinte Jesus atravessou o riacho, deixando o monte Garizim à sua direita, em direção à cidade de Sicar. Apenas André, Tiago Maior e Saturnino estavam com ele; os outros seguiram em direções diferentes.

Jesus foi ao poço de Jacó ao norte do monte Garizim e ao sul de Ebal, na herança de José, em uma pequena colina, de onde Sicar ficava a um quarto de hora a oeste em um vale que se estendia ao redor da cidade. A uma hora de Sicar, ao norte, ficava Samaria, numa montanha.

Vários caminhos escavados na rocha e entre pedras subiam de vários pontos até ao topo do monte, onde existia um edifício octogonal rodeado de árvores e assentos verdes que encerrava o chamado poço de Jacó. Esta construção era cercada por um arco aberto, sob o qual podem ficar confortavelmente cerca de vinte homens. Em frente à estrada para Sicar existia um portão, geralmente fechado, que conduzia, por baixo da galeria, ao poço de Jacó, que havia um telhado com uma abertura por vezes fechada por uma cúpula. O interior deste edifício tinha tanto espaço que se podia passear confortavelmente. O poço era fechado com tampa de madeira. Quando este era aberto, via-se um pesado cilindro em frente à entrada, no lado oposto, na borda do poço, em posição transversal, ao qual, por meio de uma manivela, era fixado o balde para tirar a água. Em frente à porta existia uma bomba através da qual a água podia ser levantada do poço, até à parede da casa, que saía

por três canais a Nascente, Poente e Norte, e ia para pequenas fontes feitas lá fora, para os viajantes lavarem os pés, limparem as roupas e darem água aos animais. Era meio-dia quando Jesus chegou com seus três discípulos ao monte. Ele os enviou a Sichar para comprar comida e subiu sozinho a colina para esperá-los. Foi um dia muito quente; Jesus estava exausto e com muita sede. Ele sentou-se à beira da estrada, perto do poço que subia de Sichar; Ele parecia, ao apoiar a cabeça na mão, estar esperando que alguém abrisse o poço e lhe desse de beber. Então vi uma mulher samaritana, de cerca de trinta anos, sair com o odre pendurado no braço, aproximar-se e subir ao poço para tirar água. Sua aparência era linda. Subiu o morro do poço com facilidade e vigor, com passos largos. Suas roupas eram mais distintas que as comuns e um tanto elaboradas. Ela usava um vestido azul e vermelho, com grandes flores amarelas; as mangas, no meio dos braços e antebraços com pulseiras amarelas, pareciam enroladas nos cotovelos. Tinha um peitoral adornado com laços e cordas amarelas: o pescoço era coberto por um pano de lã amarelo adornado com abundantes pérolas e corais. O véu, de trabalho caro e fino, que pendia para baixo, podia ser recolhido e amarrado no meio do corpo.

O véu, franzido nas costas, terminava em capa, formando duas dobras nas laterais do corpo nas quais os braços e cotovelos podiam descansar confortavelmente. Se ela colocasse o véu sobre o peito com as duas mãos, todo o seu corpo ficaria coberto como um manto. A cabeça era coberta de forma que os cabelos não ficavam visíveis: um enfeite projetava-se da testa, reunindo a parte frontal do véu, que podia ser baixado do rosto até o peito. A mulher usava uma espécie de avental de cor mais escura, que parecia pêlo de camelo ou de cabra, com bolsos na parte superior; Ela o carregava no braço, de modo que cobria parcialmente o odre de couro pendurado em seu braço. Parecia proposital esses trabalhos de tirar água para proteger as roupas. A pele era feita de couro como um saco sem costuras; em duas partes era abobadada como se fosse forrada com tábuas de madeira: as outras duas partes estavam dobradas como uma pasta vazia. Duas alças estavam presas às duas partes rígidas e havia uma tira de couro com a qual a mulher segurava o odre no braço. A abertura do odre era estreita; Quando cheio, formava um funil e fechava como as blusas dos trabalhadores. Quando vazia, a pele ficava pendurada no braço e quando cheia ocupava o espaço de um balde cheio.

Esta mulher subiu agilmente a colina para buscar água no poço de Jacó para ela e para os outros. Gostei dela: ela parecia gentil, espirituosa e sincera. O nome dela era Dina”, era filha de um casamento misto e da seita samaritana. Ela morava em Sichar, embora não tivesse nascido lá. Ao longo de sua vida ela passou pelo nome desconhecido de Salomé. Ela e o marido eram tolerados nesta cidade por sua boa índole, sinceros, amigáveis e prestativos. Devido às voltas e curvas do caminho, Dina não conseguiu ver Jesus até que esteve diante dele. Sua presença ali, onde ele estava tão sozinho e com sede no caminho para o poço, tinha algo surpreendente. Jesus estava vestido com uma longa veste branca, feita de lã fina, com uma faixa larga, como uma alva. Eram as roupas usadas pelos profetas. Os discípulos costumavam levá-lo nas viagens. Ele costumava usá-lo quando aparecia em locais públicos e solenidades, para ensinar ou profetizar. Vendo-se diante de Jesus, Dina deixou cair repentina e inesperadamente o véu sobre o rosto e ficou hesitante sem avançar, porque o Senhor estava estreitando o caminho. Pude perceber seu pensamento íntimo: "Um homem! O que ele quer aqui?"... Isso é uma tentação?"

Jesus, que ela reconheceu como judeu, olhou-a amigavelmente, com um olhar luminoso, e ao retirar os pés, porque ali o caminho era muito estreito, disse-lhe: “Vai em frente e dá-me de beber”. Isto surpreendeu a mulher, porque os judeus e os samaritanos não estavam acostumados a nada além de olhares de desprezo uns

para os outros. Ela permaneceu em suspense e disse: "Por que você está aqui, sozinho, a esta hora? Se me virem com você, haverá um escândalo."

Jesus respondeu que seus companheiros foram à cidade comprar comida.

Dina respondeu: "Na verdade, vi três homens na estrada, mas eles conseguirão pouco neste momento. O que os siquemitas prepararam hoje, eles precisam para si mesmos." Ela disse isso porque havia um festival ou dia de jejum em Sichar, e ela mencionou outro lugar onde ainda poderiam conseguir comida.

Jesus disse novamente: "Aproxime-se e dê-me de beber".

Então Dina se adiantou. Jesus levantou-se e seguiu-a até ao poço, que ela abriu. Enquanto ele caminhava, Dina disse: "Como você, que é judeu, pode me pedir uma bebida, um samaritano?" Jesus respondeu: "Se você conhecesse o dom de Deus e quem é que lhe pede de beber, você teria pedido a Ele que lhe desse de beber, e Ele lhe teria dado água viva".

Então Dina descobriu o poço, tirou o balde e falou com Jesus, que estava sentado na beira do poço: "Senhor, você não tem vasilha para tirar água e a fonte do poço é muito funda. Onde você vai conseguir?" desta água viva? ...Você é maior do que nosso pai Jacó, que nos deu este poço e bebeu dele ele mesmo, seus filhos e seus animais? Enquanto dizia estas coisas, vi em imagens como Jacó cavou aquele poço e como a água brotou nele.

A mulher entendeu como se tratasse-se de fonte de água natural. Deixou baixar o balde, que caiu pesadamente e depois o levantou. Arregaçou as mangas, que se incharam na parte de acima, e com os braços descobertos encheu seu odre com o balde, e depois encheu um pequeno recipiente de casca de árvore que tinha e deu-o o água a Jesus, que bebeu e disse: "Quem beber desta água terá sede de novo; mas quem beber da água viva que Eu der-lhe a beber, não terá mais sede para sempre. Porque a água que Eu lhe darei será para ele uma fonte que jorrará para a vida eterna". Dina disse contente a Jesus: "Senhor, dá me dessa água viva para que não tenha mais sede e não tenha que vir até aqui tirar água com tanto trabalho". Já estava comovida com as expressões de água viva: sem entender do todo o que Jesus queria lhe dizer, tinha já uma ideia de que Jesus se referia ao cumprimento da promessa. Quando pediu a água viva já tinha experimentado um movimento profético em seu coração. Sempre tenho sentido e sabido que as pessoas com as quais Jesus teve que fazer algo, não estavam como pessoas particulares, senão que representavam a figura completa de uma totalidade de pessoas ou classe de pessoas com tais sentimentos. E porque eram assim, já isso expressava o cumprimento dos tempos. Em Dina, a Samaritana, estava toda a seita samaritana, separada da verdadeira religião dos hebreus, e uma seita separada da fonte de água viva, o Salvador. Jesus tinha sede, então, da salvação do povo samaritano e desejava dar-lhes a água viva da qual se tinham afastado. Ali estava a parte recuperável da seita samaritana que desejava a água da vida e estendias a mão aberta para recebê-la. Samaria falou, portanto, por meio de Dina: "Dá-me, Senhor, a bênção da promessa, sacia a minha antiga sede, ajuda-me a obter aquela água viva, para que eu tenha conforto, algo mais do que com este poço de Jacó, que é a única coisa que ainda nos une ao povo judeu." Quando Dina disse essas palavras, Jesus respondeu: "Vá para casa, chame seu marido e volte aqui". Eu o ouvi dizer isso para ela duas vezes, porque ele não estava lá para instruí-la sozinha: Samaria, chama, àquele a quem pertences, àquele a quem em união sagrada estás unida.

Dina respondeu: "Eu não tenho marido". Com isto Samaria confessou ao Noivo das almas, que ela (a seita) não tinha ninguém a quem pertencesse. Jesus respondeu: "Você diz bem: você teve seis homens, e aquele com quem você mora agora não é seu marido. Nisto você falou corretamente." Foi como se Jesus dissesse à seita:

Samaria, você fala a verdade; com os ídolos de cinco cidades você estava enredada e sua atual união com Deus não é uma união conjugal. A isso Dina respondeu, baixando os olhos e baixando a cabeça: "Senhor, vejo que és um profeta". Dizendo isso, ela baixou novamente o véu, deixando claro à seita samaritana que entendia a missão divina do Senhor e confessava sua culpa. Como se Dina entendesse as palavras de Jesus: "Aquele homem com quem você mora agora não é seu marido"; isto é, a sua união atual com o Deus verdadeiro não é legal: a adoração de Deus pelos samaritanos foi, através do pecado e do amor próprio, separada da aliança de Deus com Jacó.

Como se percebesse o significado dessas palavras, ele se referiu aos pecados do vizinho Monte Garizim e disse buscando ensino: "Nossos pais adoraram neste monte e vocês dizem que Jerusalém é o lugar onde o culto deveria ser feito". Então Jesus disse: "Mulher, acredite em mim, está chegando a hora em que você não adorará o Pai nem em Garizim nem em Jerusalém". Com isso ele quis dizer: Samaria, está chegando a hora em que nem aqui nem no templo o Sancta sanctorum deverá ser adorado, porque estará entre vocês. E disse ainda: "Vocês não sabem o que adoram, mas nós sabemos o que adoramos, porque a salvação vem dos judeus". Ali ele contou uma parábola dos brotos selvagens e infrutíferos das árvores que se transformam em madeira e folhas e não dão frutos. Com isso ele quis dizer à seita: Samaria, você não tem segurança de adoração, você não tem aliança, nem sacramento, nem penhor da aliança, nem arca da aliança, nem fruto. Os judeus, porém, têm tudo isto: deles nasce o Messias. E Jesus continuou: "Mas vem a hora, e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai quer tais adoradores. Deus é espírito e os que lhe adoram, devem lhe adorá-lo em espírito e em verdade". Com isto quis dizer: Samaria vem a hora e já veio em que o Pai deve ser adorado pelos verdadeiros adoradores no Espírito Santo e no Filho, que é o caminho e a verdade. Dina contestou ao Senhor: "Eu sei que o Messias virá. Quando Ele vier ensinar-nos-á todas as coisas". Com estas palavras falou aquela parte de Samaria e a seita à qual se lhe podia reconhecer uma participação da promessa no poço de Jacó: Eu espero e creio na vinda do Messias, Ele nos tem de ajudar. Jesus contestou: "sou Eu; Eu, que falo contigo". Isto foi o mesmo como dizer a todos os samaritanos que desejavam se converter: Samaria, Eu vim ao poço de Jacó e tenho sede de ti, água deste poço, e já que tu me deste de beber, te prometi água viva para que não tenhas sede: e tu tens manifestado que crês e espera esta água viva. Olha, recompenso tua boa vontade porque tens saciado minha sede de ti, com teu desejo de Mim. Samaria, eu sou a fonte da água viva. Eu sou o Messias, que falo agora contigo.

Quando Jesus disse: "Sou eu; Eu, que falo contigo", Dina olhou para Ele admirada, tremendo de santa alegria. Prontamente resolveu-se: deixou seu odre ali, e o poço aberto, e desceu a colina com rapidez, para Sichar, para anunciar a seu marido e a todos o que lhe tinha sucedido. Era severamente proibido deixar aberto o poço de Jacó: mas, que importava já o poço de Jacó, ou seu odre de água terrena?... Tinha recebido água viva e seu coração, cheio de amor e de alegria, queria encher a todos dessa água. Enquanto saía apressada pela porta aberta da casa do poço, passou junto aos três discípulos que tinham trazido alimentos e que chegaram no momento do diálogo e tinham esperado à distância da porta do poço estranhados de que falasse tanto tempo com a mulher samaritana. Com tudo, não lhe fizeram pergunta alguma por respeito. Dina disse a seu marido e a outras pessoas, na rua, com grande entusiasmo: "Venham acima ao poço de Jacó; ali vereis a um homem que me disse todos os segredos de minha vida. Venham, deve ser o Cristo".

Os discípulos rodearam Jesus e ofereceram-lhe pães e mel de suas cestas, dizendo:

"Mestre, come". Jesus levantou-se, abandonou o lugar do poço e disse: "Eu tenho um alimento que vocês não conheceis". Os discípulos perguntavam-se entre si se talvez alguém tivesse-lhe trazido alimentos e pensaram secretamente: "Não ter-lhe-á trazido de comer a mulher samaritana?" Jesus não quis se demorar em comer. Dirigiu-se monte abaixo a Sichar, e enquanto os discípulos seguiam-lhe detrás, comendo, falou-lhes, dizendo: "Meu alimento é fazer a vontade d'Aquele que me enviou, para cumprir sua obra". Queria dizer: converter as gentes de Sichar, pois tinha em Sua alma sede da salvação deles.

Nas proximidades da cidade já vinha Dina, a samaritana, ao encontro de Jesus. Acercou-se humildemente cheia de contentamento e sinceridade com Ele. Jesus falou ainda com ela, às vezes parado, às vezes andando. Revelou-lhe tudo o que estava fazendo em suas andanças e todos os seus sentimentos. Ela estava toda comovida, e prometeu de sua parte e de seu marido a deixarem tudo e seguir a Jesus, que lhe sugeriu vários modos de expiarem suas culpas pessoais e apagarem seus pecados.

Dina era uma mulher franca, nascida de casal misto, pois sua mãe era judia e seu pai um pagão, e tinha nascido num lugar de Damasco. Perdeu muito cedo a seus pais e foi criada por uma ama-de-leite perversa, da qual aprendeu também as más inclinações. Tinha tido já cinco homens: estes tinham sucumbido em parte pelos desgostos e em parte a trocaram por suas amantes. Tinha três filhas e dois filhos, já crescidos, que tinham ficado entre os parentes de seus pais, quando Dina abandonou a cidade de Damasco. Os filhos foram mais tarde discípulos de Jesus, entre os 72. O homem com o qual vivia agora era parente de outro de seus anteriores, um rico comerciante. Veio com ela para Sichar porque era da seita dos samaritanos; garantia-lhe a ordem da casa e vivia com ela, sem serem casados, ainda que na cidade os tinham por casados. O homem tinha musculatura forte, cerca de 36 anos de idade, rosto iluminado e barba avermelhada.

Dina tinha muito de parecido com Madalena em sua vida, ainda que tinha caído mais profundamente na culpa. Vi também que nos princípios da má vida de Madalena um rival tinha caído morto pela ira de outro. Dina tinha um caráter muito franco, generoso, gentil e muito útil, e embora fosse alegre e muito movida, em sua consciência ela não estava feliz. Vivia agora mais honradamente na companhia de seu suposto marido, mas em apartamento à parte, numa casa rodeada por um canal, perto da porta do poço em Sichar. As pessoas, embora não lidassem muito com eles, também não os desprezavam. Ela tinha costumes um pouco diferentes dos outros e suas vestes eram mais elegantes do que as das outras mulheres do lugar, o que lhe era desculpa por se tratar de uma estrangeira.

Enquanto Jesus falava com a mulher, seguiam-lhe os discípulos a alguma distância pensando: Que tratará agora com essa mulher?... Temos comprado os alimentos com tanto trabalho, e Ele agora por que não come?

Perto de Sichar, a mulher deixou Jesus e entrou apressada ao encontro de seu marido e de muitos outros que tinham saído à porta para ver Jesus. Quando este se aproximou, Dina, que estava à frente de todos, apontou-lhes Jesus. As pessoas, contentes, bendizeram à sua vista e deram-lhe as boas-vindas. Jesus indicou-lhes com a mão que se calassem, falou-lhes alguns minutos com muita bondade e disse-lhes, entre outras coisas, que acreditassem em tudo o que dissesse Dina. Foi também nesta conversa muito amigável e gentil, seu olhar tão escrutinador e impressionante que todos os corações se sentiram tocados e atraídos para Ele. Com muitas instâncias lhe rogaram que entrasse também em sua cidade para ensiná-los. Ele assim o prometeu; mas por aquele momento passou ao largo. Tudo isso aconteceu entre as três e as quatro da tarde.

## Os discípulos reúnem-se com Jesus

Enquanto Jesus falava com os samaritanos muito próximo da cidade, chegaram os demais discípulos, entre eles Pedro. Estes tinham tomado outra direção na manhã, quiçá para arranjar ou encarregar algo. Pedro como os demais estiveram bastante estranhados de que falasse tanto tempo com esses samaritanos. Sentiam-se contrariados porque desde sua infância tinham ouvido que não deviam tratar com aquele povo e se tinham acostumado a pensar assim. Estavam tentados a escandalizar-se por isto. Pensavam no cansaço dos dois dias anteriores, nos escárnios e zombarias, na carência de tudo o mais necessário que tinham sofrido. Tinham visto tudo o que as mulheres de Betânia haviam prometido e esperavam que as coisas melhorassem. Agora eles testemunhavam essa conversa com os samaritanos, e então pensavam que não seria estranho se eles não fossem bem recebidos em outros lugares onde quer que chegassem. Tinham sempre na cabeça estranhas ideias e pretensões humanas sobre o reino que Jesus fundaria na terra, e supunham que por tudo isto na Galileia, eles seriam ridicularizados. Pedro tinha falado muito em Samaria com aquele jovem que devia ser recebido como discípulo: mas este não acabara de se decidir. Pedro falou disso a Jesus.

Jesus caminhou com eles meia hora em torno da cidade, ao Nordeste, e descansaram embaixo das árvores. Falou-lhes Jesus da colheita, e disse: "Há um provérbio que vocês também usais: Ainda quatro meses e virá a colheita". Os haraganes querem diferir sempre o trabalho; disse-lhes que olhassem os campos já branqueando para a colheita. Referia-se aos samaritanos e a todos os outros, que estavam maduros para receber seus ensinamentos. Eles, os discípulos, estavam chamados à colheita, ainda que não tivessem semeado, senão os profetas, João Batista e Ele mesmo. Quem colhe recebe a paga e junta os frutos para a vida eterna; de modo que o semeador e o colhedor alegram-se igualmente. "Aqui entra o refrão: Um é o que semeia e outro o que colhe. Eu vos mandei colher o que não semeastes; outros trabalharam e vocês entraram em seu trabalho".

Estas coisas disse-lhes para dar-lhes ânimo para o trabalho.

Descansaram pouco tempo e depois dispersaram-se. Combinaram com Jesus André, Felipe, Saturnino e João: os outros dirigiram-se para Galileia, entre Thebez e Samaria. Jesus caminhou com seus discípulos, deixando Sichar à sua direita, a uma hora para o Sudeste de um campo onde tinha uns vinte casebres de pastores dispersos. Numa casa maior esperavam-lhe Maria Santíssima, Maria Cleofas, a mulher de Santiago o Maior e duas das viúvas. Tinham estado todo o dia ali, tinham trazido alimento e pequenos frascos de bálsamo. Prepararam uma comida.

Jesus ao ver a sua Mãe estendeu-lhe ambas as mãos. Ela inclinou sua cabeça adiante dele: as mulheres cumprimentaram, inclinando-se e pondo as mãos sobre o peito. Adiante da casa tinha uma árvore e ali tomaram algum alimento. Entre os pastores viviam os pais daquele jovem que Jesus levou consigo, após a ressurreição de Lázaro, em sua viagem à Arabia e ao Egito. Esta gente tinha acompanhado ao cortejo dos três Reis até Belém. Alguns ficaram no país depois da apressada viagem dos Reis e se casaram com filhas de pastores que viviam nos vales de Belém.

As habitações destes pastores estendiam-se pelos vales e desfiladeiros até Belém. A população local também cultivavam o campo de José, que haviam alugado aos siquemitas. Muitos deles estavam reunidos ali; eles não eram samaritanos.

Maria Santíssima rogou a Jesus que curasse a um menino machucado trazido por pastores vizinhos que já tinham pedido sua intercessão. Isto acontecia com frequência e era comovente ver quando Maria rogava a Jesus. Jesus fez que lhe trouxessem o menino e os pais o trouxeram sobre uma maca adiante da casa: era

um menino de uns nove anos. Jesus exortou aos pais, e como se mostrassem algo retraídos, se adiantaram os discípulos a Jesus. Falou ao menino e inclinou-se um tanto para ele; depois tomou-o pela mão e levantou-o. O menino levantou-se de sua maca e correndo jogou-se nos braços de seus pais, os quais depois, com o menino, se jogaram de joelhos adiante de Jesus. Todos estavam cheios de contentamento e Jesus lhes disse que bendizessem a seu Eterno Pai.

Ensinou algum tempo mais aos pastores reunidos e comeu com os discípulos o alimento preparado pelas mulheres, embaixo dos ramos de uma grossa árvore que havia adiante da casa. Maria estava com as outras mulheres sentadas aparte ao extremo da mesa. Acho que este seria uma desses albergues que adquiriam as santas mulheres de Cafarnaum para as viagens de Jesus.

## **Dina e a gente de Sichar vão ver a Jesus**

Aproximaram-se, um pouco inibidas, algumas pessoas de Sichar com Dina, a samaritana. Não se atreveram a se aproximar em seguida porque não costumavam a tratar com aqueles pastores judeus. Dina aproximou-se primeiro e falou com Maria e as outras mulheres. Jesus, após a comida, despediu-se das mulheres, que se dispuseram em seguida a voltar a Galileia, onde iria também Jesus passada a manhã. Jesus, pois, com Dina e os demais, dirigiu-se a Sichar. A dita cidade não era grande, mas tinha largas ruas e grandes palácios. A casa de oração estava mais enfeitada exteriormente que as sinagogas dos judeus. As mulheres de Samaria não eram tão retraídas como as judeias e tratam mais com os homens. Mal chegou Jesus a Sichar, lhe rodearam uma grande multidão de gente. Não entrou em sua sinagoga, senão que foi ensinando de um ponto a outro nas ruas e num lugar onde tinha uma tribuna. Em todos estes lugares a afluência das pessoas era grande; estavam muito contentes de que o Messias tivesse chegado até eles.

Dina, ainda muito comovida e voltando a si, era agora a primeira da fila, mais para perto de Jesus entre as mulheres. Consideravam-na agora com mais atenção por ter se encontrado com o Messias primeiro. Mandou ao homem que vive com ela a Jesus, o qual lhe disse poucas palavras de exortação. O homem esteve muito compungido e envergonhado de seus pecados adiante de Jesus. Jesus não ficou muito tempo em Sichar e saiu pela porta oposta, e ensinou adiante da cidade e em vários pontos, em casas e pomares estendidos por longo trecho fora da cidade. Permaneceu depois mais de meia hora num albergue e prometeu ensinar dentro dele no dia seguinte. Quando voltou a Sichar ensinou todo o dia desde o cadeirão de ensino, e fora, sobre colinas, e, pela noite, outra vez no albergue.

Tinham-se reunido gentes de todas partes que iam de um lado a outro onde falava Jesus. Diziam: "Agora fala ali, agora fala para além". O jovem de Samaria ouviu também o ensino de Jesus, mas não se acercou a falar com Ele em particular. Dina era sempre a primeira e passa entre a multidão para se aproximar de Jesus. Estava muito atenta, muito comovida e muito séria. Tinha falado de novo com Jesus e queria separar-se em seguida do homem. Queria empregar todos seus bens, dali em diante, para a comunidade, segundo a vontade do Senhor. Jesus disse-lhe como devia fazê-lo. Muita gente, comovida, dizia à mulher: "Tu tens dito bem; agora lhe ouvimos nós mesmos: Ele é o Messias". A boa Dina estava agora muito contente e muito séria e era bem vista. Eu a quis bem desde o primeiro momento.

Jesus falou da prisão de João, da perseguição dos profetas, do Precursor, do preparador dos caminhos, do Filho enviado à vinha a quem haveriam de matar. Ali disse mais claramente que o Pai lhe tinha enviado. Falou também das coisas que tinha dito à mulher junto ao poço de Jacó, da água viva, do monte Garizim, de que a

salvação vinha dos judeus, da proximidade do reino e do julgamento, do castigo dos maus trabalhadores que matariam ao Filho do dono da vinha. Muitos perguntaram onde deviam se fazer batizar, já que sabiam que João tinha sido aprisionado. Jesus disse-lhes que os discípulos de João seguiam batizando por trás do Jordão, em Aion, e que assim, até que Ele mesmo fosse, se baptizariam lá. No mesmo dia saíram muitos para fazerem-se batizar. Ao dia seguinte ensinou Jesus no albergue, sobre as colinas e onde tinha povo, trabalhadores e ainda escravos, que eram aqueles que já tinha visto no campo dos pastores em Betharaba e que tinha consolado. Estavam presentes muitos espiões mandados pelos fariseus dos arredores.

Escutavam todos com nojo seus ensinamentos, baixavam a cabeça ou a levantavam junto ao vizinho e murmuravam com sarcasmo. Não se atreviam, no entanto, a lhe interromper, e Jesus nem os olhava sequer. Vários mestres de Samaria e outras pessoas presentes, escutavam carrancudos e mal humorados seu ensino.

## Jesus na cidade de Ginnim

Quando Jesus e cinco discípulos deixaram o albergue de Sicar, marcharam em direção à cidade de Ginnim, deixando Tebes à sua direita e Samaria à sua esquerda, a uma distância de seis horas de caminhada, em um vale sobre a fronteira da Galileia e da Samaria. Ao chegarem à cidade de Ginnim, eles estavam vestidos de vestes de pano, e logo entraram na sinagoga, porque era o sábado. Os outros discípulos já estavam lá. Saindo da sinagoga, todos foram para uma casa de Lázaro, em uma altura, não longe da pequena cidade de Tirza. Lá Jesus já havia ficado hospedado e José e Maria tinham se refugiado no caminho para Belém. O guardião, homem idoso, de antigo templo, tinha muitos filhos. Passaram a noite lá. Esta posse de Lázaro estava a cerca de três quartos de hora de Ginnim. As santas mulheres tinham dormido em Tebes, depois de terem saído de Sicar. No dia anterior ao sábado, houve jejum, por causa dos murmurações dos israelitas contra Moisés. No sábado, Jesus estava ensinando na sinagoga. A leitura tratava da viagem do deserto pelos israelitas, da repartição da terra de Canaã e do profeta Jeremias. Jesus explicou tudo isso aplicando-o à proximidade do reino de Deus. Ele falou sobre a murmuração dos filhos de Israel no deserto e como poderiam ter tomado um caminho muito mais curto através do deserto se tivessem observado os Mandamentos que Deus lhes tinha dado no Sinai: por seus pecados foram rejeitados para sempre e impedidos de chegar, e os murmuradores morreram no deserto. Ele explicou que ainda estão caminhando no deserto e que morrerão lá se murmurarem contra o reino de Deus que está perto, e que também é o último aviso e convite de Deus. Sua vida era como uma viagem no deserto; eles tinham que tomar o caminho mais curto para entrar no reino prometido de Deus, que lhes era mostrado. Ele também relatou como os filhos de Israel, que não se conformaram ao governo de Samuel, clamaram por um rei, e como obtiveram Saul. Agora, que as profecias se cumpriram e que o cetro saiu de Israel, por seus pecados, pedem novamente um rei para a restauração de seu reino. Deus lhes enviará um rei, seu próprio rei, como o dono da vinha enviou seu próprio filho depois que seus criados e seus mensageiros foram mortos pelos viticultores incrédulos. Assim o farão este rei, rejeitando-o e matando-o. Ele ensinou sobre a pedra angular do salmo, que os construtores rejeitaram, e explicou-o referindo-se ao Filho do Senhor da vinha. Ele falava do castigo que ia vir sobre Jerusalém, que o templo já não existiria e que Jerusalém seria desconhecida. Ele também se referiu a Elias e Eliseu. Entre os onze fariseus, que estavam perante Jesus, havia um grupo de fariseus que queria discutir com ele.

Eles tinham em suas mãos um livro de escrituras e perguntavam o que significava que Jonas estivesse no ventre da baleia por três dias. Jesus respondeu: "Assim, no terceiro dia, o vosso rei, o Cristo, repousará no sepulcro e descerá do seio de Abraão e ressuscitará". Os fariseus riram-se dessa explicação. Três fariseus, hipócritas, se aproximaram e disseram: - Rabi, você fala sempre do caminho do Novo Testamento. Jesus lhes respondeu: - Vocês já sabem quais são os Dez Mandamentos? "Eles responderam: "Sim, nós os conhecemos". Observai o primeiro deles e amai o vosso próximo como a vós mesmos; não imponhais aos vossos subordinados pesados encargos e preceitos que não observais; este é o caminho; disseram: Nós sabíamos disso. Jesus respondeu: "O que vocês sabem e não fazem, é o vosso erro". E os fariseus, que estavam muito irritados, disseram entre si: "Este é o profeta de Nazaré, o filho do carpinteiro? "A maioria dos fariseus saiu da sinagoga antes que Jesus terminasse a explicação. Um deles ficou sozinho até o fim, e convidou Jesus e seus discípulos para uma refeição. Era melhor do que os outros; todavia, também era espião. Os fariseus trouxeram alguns doentes à porta da sinagoga e pediram a Jesus que os curasse, para que pudessem fazer-lhe algum sinal. Jesus disse aos fariseus: "Por isso não crês, não vos será dado nenhum sinal". Precisamente eles queriam que ele curasse no sábado para poderem acusá-ço. No dia seguinte, os discípulos voltaram para a Galileia, e a maioria deles regressou para casa. Jesus foi com Saturnino e outros dois discípulos à posse de Lázaro. Foi emocionante ver ali como Jesus fez uma instrução, primeiro aos filhos do cuidador e de outros que se reuniram, e depois outra instrução para as meninas. Ele falou sobre a obediência aos pais e o respeito que devemos aos idosos. "O Pai celestial vos deu honra a vós. Se honrardes o vosso pai, honrai também o Pai celestial". Também falou-lhes sobre os filhos de Jacó e sobre os filhos de Israel, que murmuravam e não podiam entrar na terra prometida; e a terra era muito boa. Mostrou-lhes as árvores lindas e os frutos do jardim, e falou sobre o reino dos céus que nos foi prometido se cumprirmos os mandamentos de Deus. Ele acrescentou que o céu era muito mais bonito; que a terra era melhor, em comparação com ele, como um deserto. Ele ordenou que eles obedecessem e recebessem com gratidão tudo o que Deus lhes ordenasse; que não murmurassem para entrar no céu; que não duvidassem da sua beleza, como os israelitas no deserto, que pensassem que era muito melhor do que aqui e mais belo poderia ser. Ele disse-lhes para nunca esquecerem estas coisas e procurarem merecer esse céu com as obras diárias e o trabalho. Nesse ensino Jesus tinha os pequenos diante de sua pessoa: alguns deles levantava e estreitava em seu peito, ou abraçava dois em seus braços.

## Jesus e o cadáver do fariseu de Atharot

De Lázaro, Jesus foi com seus três discípulos de volta ao Sudeste, cerca de quatro horas mais tarde, para a cidade de Atharot, situada em uma altura, cidade de saduceus. Os saduceus, que eram de Genebra, perseguiram os discípulos depois da Páscoa. Alguns deles foram presos e interrogados. Alguns deles também haviam estado em Sicara espiando o ensino de Jesus, especialmente quando ele censurou a dureza dos fariseus e saduceus contra os samaritanos. Desde então, eles planejaram tentar Jesus e pediram-lhe que observasse o sábado em Atharot. Jesus, que sabia as suas intenções, dirigiu-se a Ginnim. Os saduceus fizeram um acordo com os fariseus de Ginnim e enviaram mensageiros a ele no sábado pela manhã, dizendo: "Ele tinha falado tão bem do amor ao próximo: que se deve amar o próximo como a si mesmo: por isso imploraram-lhe que viesse a Atharot para curar um doente. Se ele fizesse esse milagre queriam eles, assim como os fariseus do

Ginnim, acreditar nele e espalhar seus ensinamentos por toda a região".

Jesus sabia da sua maldade e da armadilha que conspiravam contra ele, servindo-se de um homem que já estava há alguns dias morto e imóvel; mas eles afirmavam, diante dos homens da cidade, que estava apenas fora de si. Sua própria mulher não sabia que ele estava realmente morto. Se Jesus o tivesse ressuscitado, eles teriam dito que ele não estava realmente morto. Eles encontraram Jesus e o levaram à casa de um homem que era um dos principais saduceus e que havia sido um dos principais adversários dos discípulos de Jesus. Levaram-no para fora, em uma cama, até a rua por onde Jesus estava passando. Havia ali cerca de quinze saduceus, e toda a população estava esperando. O corpo tinha uma aparência bonita; tinha sido desembaraçado e embalsamado para enganar Jesus.

Jesus, ao vê-lo, disse: "Este homem está morto, mas vai voltar a viver". Eles disseram que ele estava apenas fora de si, em êxtase, e que se ele estivesse morto agora, é porque teria morrido neste momento. Jesus respondeu: "Ele nega a ressurreição e não deve ressuscitar aqui. Vocês o embalsamaram com espécies, mas vejam com que espécies: descubram o seu peito". Então, vi um deles abrir o peito do morto, como se fosse uma válvula, e saíram uma multidão de vermes repugnantes que se agitavam lá dentro. Os saduceus ficaram extremamente irritados, pois Jesus também declarou seus pecados e crimes publicamente, e que esses vermes eram os vermes de sua má consciência, que ele tinha tentado esconder e que agora devoravam seu coração. Reprovando-os, revelando a sua hipocrisia e a sua fraude, ele falou duramente sobre os saduceus e sobre o julgamento de Jerusalém e sobre todos os que não recebem a sua sanção. Eles levaram o morto para sua casa e houve uma grande confusão e tumulto. Quando passaram pela porta da cidade, o povo estava a jogar-lhes pedras, irritados com a morte e com a maldade dos saduceus.

Jesus caminhou três horas até um monte perto de Enganim, quase na mesma direção de Ginnim, mas algumas horas mais a leste, em um vale. Aquela era a linha reta de Nazaré, através de Endor e Naim. De Naim era cerca de sete horas. Jesus passou a noite naquele monte. Alguns discípulos dele da Galileia foram ao encontro dele, depois de comerem e passar a noite num quarto de hóspedes. Estava lá André, Natanæl, o noivo de Caná, e dois dos servos do governador de Cafarnaum. Eles pediram instantaneamente porque o filho do chefe estava doente, que ele se apressasse a ir lá. Jesus disse-lhes que chegaria a tempo. Este capitão retirado era um governador de Herodes Antipas sobre uma parte da Galileia. Ele era de boa natureza e tinha defendido os discípulos na última perseguição dos fariseus e tinha ajudado com dinheiro e alimentos. Não era um crente total, embora pensasse que Jesus poderia fazer milagres.

Ele desejava muito que Jesus fosse visitá-lo, tanto pela saúde do seu filho como para constranger os fariseus. Ele queria que Jesus fizesse um milagre, e os discípulos também o queriam. Estes tinham feito um acordo com o governador, dizendo: "Os fariseus querem ver... Já vão ter de scandalizar-se... Então verão quem é Aquele a quem seguimos". Por isso André e Natanæl aceitaram a mensagem. Jesus sabia tudo o que era conveniente. Ele ainda ensinou a manhã da viagem. Os dois empregados do capitão, que eram pagãos, se converteram e voltaram a Cafarnaum com André e Natanæl, levando com eles alimentos.

## Jesus em Enganim

Jesus, de um albergue na colina, caminhava com Saturnino e um filho da irmã da noiva de Caná e um filho de uma viúva de Obed, de Jerusalém, jovem de cerca de

dezesseis anos, e iam para a cidade de Engannim, que estava perto. Tinha ali alguns parentes da família de Ana, que eram esênios. Estas pessoas receberam Jesus com muita humildade e bondade. Viviam numa parte separada da cidade e sua vida era casta; havia muitos solteiros e vivendo em comum, como em um convento. Apesar de tudo, não reinava mais lá a rigidez dos tempos antigos: vestiam-se como os outros e iam à escola com os outros. Elas mantinham na cidade uma espécie de hospital onde se reuniram muitos doentes e pobres de todas as seitas, e ali se alimentavam a grandes mesas. Recebiam todos os que se apresentavam e os instruíam e melhoravam. Na sala do hospital, se havia um mau entre dois bons, eles colocavam para que o aconselhassem e melhorassem. Jesus entrou neste hospital e curou alguns doentes. No templo, ele ensinou o dia todo. Havia muita gente lá. Eles se reuniram em grupos e foram para a sinagoga, porque nem todos os participantes estavam lá. Um grupo saía e outro entrava. Ali ensinou sem ameaças, como no caminho, porque as pessoas eram boas. Aconteceu como no presente: cada povo tinha uma maneira diferente, de acordo com as ideias dos sacerdotes e dos chefes do lugar. Jesus disse-lhes que quando terminasse de ensinar, ele iria curar os doentes. Ele falou sobre a proximidade do reino e a chegada do Messias. Por meio das Escrituras de todos os profetas, lhes sinalizava que o tempo estava chegando. Ele falou de Elias e do que ele disse e viu e nomeou a conta dos anos como ele tinha visto, acrescentando que Elias tinha erguido em uma gruta um altar em honra da futura Mãe do Messias. Ele descreveu o tempo presente, que não poderia ser outro, que o bastão de Judá tinha passado para mãos estranhas e também lembrou a chegada dos Reis Magos. Ele falava do Messias, em geral, como se estivesse falando de uma terceira pessoa e não se nomeava nem a si mesmo nem a sua Mãe. Também falou sobre a compaixão e o bom trato dos samaritanos, e contou a parábola do samaritano, mas não mencionou Jericó. Ele acrescentou que Ele próprio tinha experimentado como são compassivos em relação aos judeus, ao contrário do que os judeus são com eles. Ele contou a história da mulher samaritana que lhe deu água, algo que um judeu talvez não teria feito com um samaritano e com que olhares o receberam. Ele falou do castigo e do julgamento contra Jerusalém e sobre a população, de quem alguns estavam ali. Jesus estava ensinando nas sinagogas. Por toda a cidade, os homens levavam-lhe os doentes. Eles haviam estacionado nas ruas onde ele tinha que passar, em camas e de outras formas, ao longo das casas; sobre alguns tinham tendas como telhados e os parentes estavam lá atendendo-os. Eles ordenaram que os doentes fossem juntos, os de uma classe e outra. Parecia um mercado de miséria humana. Jesus saiu, depois do ensinamento, e percorreu as fileiras dos enfermos que humildemente lhe pediram saúde, e entre ensinamentos e exortações curou cerca de quarenta deles, aleijados, cegos, mudos, febris, gotosos, com um fluxo de sangue. Não vi ali nenhum endemoniado. Ele ainda ensinou sobre uma colina da cidade, porque a multidão era muito grande; a multidão tornou-se tão forte que os telhados e as paredes lotaram até que alguns deles caíram.

Quando se produziu esta desordem, se perdeu Jesus entre a multidão, saiu da cidade e tomando um caminho lateral através da montanha, logo se encontrou só. Os três discípulos estiveram a procurá-lo e encontraram-no pela noite quando estava em oração. Como lhe perguntassem que deviam rezar enquanto rezava Ele, Jesus lhes repetiu algumas petições curtas do Pai Nosso: "Santificado seja teu nome. Perdoa-nos nossas dívidas, como nós perdoamos e nos livrai do mal". Acrescentou: "Orem assim, por agora, e o façam também".

Comentou-lhes admiravelmente estas petições. Eles faziam assim sempre que Jesus caminhava só repetindo essas preces. Vi que tinham agora sempre alguns alimentos em suas bolsas, e quando viam a outros viajantes que passavam perto ou longe,

eles, seguiam o mandato de Jesus, os chamavam ou os seguiam e repartiam seu alimento, especialmente se eram pobres e precisassem de algo que eles levavam. Engannim era uma cidade de levitas e estava situada na baixada de um vale que corria para Jezræl através de uma zarpa da longa saia da montanha. No vale corria o rio para o Norte. Os habitantes ocupavam-se de tecer e tingir vestes para os sacerdotes e fazerem borlas e faixas de seda e botões de todas classes que penduravam nessas vestimentas. As mulheres costuravam e arranjavam essas vestes. O povo era bom e bem disposto.

## **Jesus entra na cidade de Naim**

Jesus passou pelas cidades de Jezreel e Endor, e não entrou. Ao meio-dia, chegou a Naim e, sem se dar conta, entrou em um albergue fora da cidade. A viúva de Naim, irmã da mulher de Tiago, o Grande, soube de André e Natanæl que eles estavam chegando e mandou que o esperassem. Então, chegou uma outra viúva ao lar de Jesus, e, ao fim da noite, se prostraram aos seus pés. A viúva de Naim implorou ao Senhor que aceitasse a oferta da outra viúva, que dava tudo o que tinha e o colocava na caixa das santas mulheres para cuidar dos discípulos e dos pobres, e ela mesma estava à disposição da comunidade. Jesus aceitou a oferta da viúva e consolou e exortou as duas. Também trouxeram alimentos de presente que os discípulos receberam. Ela também deu-lhes o dinheiro que tinham, e enviaram-no para a comunidade. Jesus descansou ali com os discípulos, pois, no dia anterior, haviam se cansado muito ensinando e curando os doentes e haviam andado sete horas a pé.

A recém-viva apresentou a outra mulher, chamada Maria, que também queria dar todo o seu. Jesus disse-lhe que o guardasse para mais tarde, que seria mais necessário. Esta mulher era realmente uma adúltera e tinha sido despedida por sua infidelidade por seu marido, um rico comerciante de Damasco. Ela tinha ouvido falar da bondade de Jesus para com os pecadores; ela estava muito comovida, e não tinha outro desejo agora que se arrepender e encontrar graça e perdão. Ela foi buscar Marta, com quem tinha um parente distante, reconheceu sua culpa e pediu que intercedessem por ela com Maria, a mãe de Jesus; e deu a Marta uma parte de seu bem. Marta, Juana e Verônica levaram a oração da mulher para Cafarnaum, onde estava Maria. Maria olhou-a seriamente, a certa distância. Ela gritava e dizia: "Ó mãe do profeta, ore por mim, para que eu possa obter o perdão de Deus". Ela era possuída por um demônio mudo, e quando se lhe agredia, ela juntava-se ao fogo ou à água, e não podia pedir ajuda. Quando ela voltava a si, ela chorava, arrependida, em um canto da casa. Maria enviou um menino para Jesus pedindo por ela, e Jesus respondeu que o dia ia chegar em que ela iria ajudar essa mulher.

## **O mensageiro do capitão de Cafarnaum**

De Naim, Jesus passou pelo Tabor, deixando Nazaré à esquerda e indo para Caná. Ali ficou hospedado em casa de um escriba, perto da sinagoga. O vestíbulo se encheu imediatamente, porque eles tinham conhecido sua chegada de Engannim e estavam esperando por ele. E, ao amanhecer, Jesus estava ensinando. E, de repente, chegou o servo do centurião de Cafarnaum, com vários companheiros montados em mulas. Ele estava muito apressado, com grande ansiedade e medo, procurando uma maneira de se aproximar de Jesus, mas não conseguia. Como tentou entrar inúmeras vezes, pela multidão, ele finalmente gritou: "Senhor, reverendo, mestre, deixa o teu servo ir a ti. Sou um enviado de meu senhor de Cafarnaum. Como

senhor e pai do menino, peço-te que venha logo comigo, porque o filho está muito doente e está prestes a morrer". Jesus não prestou atenção ao clamor do menino e o servo procurou uma maneira de chamar a atenção sobre si e penetrar na multidão, sem conseguir. Disse-lhe novamente: "Vem comigo, meu filho está prestes a morrer". Jesus se virou e disse: "Se não virem prodígios e sinais, jamais crerão. Eu sei que você precisa.

Vocês quereis fazer alarde e fazer irritar aos fariseus, e tendes tanta necessidade como eles. Não é minha missão que Eu faça prodígios para vossos fins. Não preciso de vosso depoimento. Eu farei o que for a vontade de meu Pai e farei prodígios onde o peça minha missão". Nesta forma falou longamente, envergonhando adiante a multidão. Tudo isto escutou o homem sem se calar; sem dar-se por entendido esforçou-se por aproximar-se mais gritando de novo: "Que me aproveita isto, Mestre? Meu filho está para morrer, vem comigo: quiçá ele já esteja morto". Então disse Jesus: "Vai-te, que teu filho vive". O homem perguntou: "Isto é verdade?" Jesus respondeu-lhe: "Está curado desde este momento; dou-te minha palavra".

Então creu o homem e não fez questão de que Jesus marchasse com ele: subiu em sua montaria e marchou em direção de Cafarnaum. Jesus disse ao povo: "Desta vez quero-o fazer; em outro caso semelhante já não fá-lo-ei". Vi a este homem não como um simples servo do capitão real, senão como verdadeiro pai do menino. Este mensageiro era o primeiro servo daquele capitão de Cafarnaum, que não tinha filhos ainda que muito o desejava, e ao fim tinha adotado a um filho deste seu criado que tinha tido com sua mulher. O menino tinha agora catorze anos de idade. O mensageiro vinha como enviado e como verdadeiro pai do menino. Vi-o todo e me foi aclarado tudo; por isso o deixou Jesus clamar assim e lhe disse essas coisas. Pelo demais, ninguém sabia nada da paternidade do menino, que fazia tempo pedia a presença de Jesus. Primeiro era a doença leve e pediram já a Jesus por causa dos fariseus. Desde catorze dias a doença fez-se grave e o doente tinha dito com respeito aos remédios que lhe davam: "As muitas bebidas não me aproveitam; só Jesus, o Profeta de Nazaré, me poderá ajudar".

Como agora o perigo tinha aumentado, tinham mandado mensageiros a Samaria com as santas mulheres, depois por meio de André e Natanael em Engannim; finalmente marchou o mensageiro e pai do menino onde estava Jesus. Jesus tinha diferido a cura para castigar suas torcidas intenções. Tinha desde Caná para Cafarnaum um dia de viagem, mas o mensageiro apressou-se tanto que chegou à mesma noite. À distância de algumas horas já lhe saíram ao encontro alguns criados lhe dizendo que o menino estava são. Saíam-lhe ao encontro para avisar-lhe que não se molestasse mais, se talvez não tivesse encontrado a Jesus: podia-se poupar o trabalho porque o menino tinha sarado de repente às sete horas do dia. Então o mensageiro disse-lhes a palavra de Jesus, e admiraram-se e foram com ele à casa. Vi ao centurião Serobabel sair ao encontro com o menino à porta da casa. O menino abraçou-o e ele contou as palavras de Jesus e os criados que lhe acompanharam atestaram o mesmo. Então foi um contentamento geral. Vi que prepararam um grande banquete. O menino estava sentado entre seu pai adotivo e seu verdadeiro pai. Estava também a mãe ali. O menino amava a seu verdadeiro pai como ao adotivo e aquele tinha também grande autoridade na casa.

Depois que Jesus despachou ao enviado de Cafarnaum curou ainda a muitos doentes que tinham juntado num pátio da casa. Tinha entre eles alguns endemoniados, mas não eram dos piores. Por isto tinham sido levados várias vezes para ouvir os ensinamentos de Jesus. Só adiante dEle se enfureciam e agitavam terrivelmente. Não bem Jesus lhes mandava calar, se aquietavam; após algum tempo parecia que já não podiam aguentar mais e começavam de novo a convulsionar-se. Então Jesus fazia-

lhes sinal com a mão e calavam outra vez. Ao fim mandou Jesus a Satanás sair deles.

Caíam como desfalecidos: depois voltavam em si: davam graças contentes, e não se lembravam do que lhes tinha sucedido. Vi que tinha entre eles alguns que estavam possuídos sem culpa própria e que eram bons. Eu não o posso explicar claramente; mas vi ali e em outras ocasiões a relação que havia nisto: de como ficava às vezes perdoado e livre um homem mau por graça e misericórdia, enquanto o diabo tomava posse de outro inocente e débil, parente do mau. Pareceu como que o bom tomasse parte do castigo do outro sobre si mesmo. Não consigo explicar isto mais claramente". Tal coisa sucede porque todos somos membros de um corpo, e sucede então como se um membro são adoece também por culpa de outro pecador em força de uma interna correlação de um e outro. Destes possuídos tinha ali alguns. Os maus e pecadores eram sempre mais malignos e faziam em cooperação com o demônio mesmo. Em consequência, os possuídos sem culpa, sofriam só a posse e eram, apesar disso, bons e piedosos.

Jesus ensinou na sinagoga à qual lhe tinham convidado alguns escribas e fariseus de Nazaré. Diziam-lhe que tinha chegado até eles a fama dos grandes prodígios feitos na Judeia, Samaria e Engannim. Acrescentaram que Ele sabia o que pensavam em Nazaré: que quem não tivesse estado na escola dos fariseus não podia saber muito; que era seu desejo que fosse a Nazaré e ensinasse ali algo melhor. Pensavam com isto bajular a Jesus. Este lhes respondeu que não pensava por agora ir lá e que quando fosse não iam conseguir dEle o que pensavam. Após a sinagoga assistiu Jesus a um grande jantar em casa do pai do noivo de Caná. Aquele noivo de Caná, chamado Natanæl, foi seguidor de Jesus e ajudou a manter a ordem no ensino de Jesus e enquanto curava aos doentes. Estes esposos viviam sozinhos e recebiam seus alimentos da casa de seus pais. O pai mancava um pouco: eram gente boa. A cidade de Caná era formosa, limpa, sobre uma alta explanada. Passavam por ali vários caminhos carreteiros e um em direção a Cafarnaum. Após o jantar retirou-se Jesus a sua moradia e curou a vários doentes que lhe esperavam. Para curar não procedia sempre da mesma maneira: às vezes só mandava; às vezes punha as mãos sobre o doente; outras se inclinava sobre ele: outras mandava que se purificasse e se banhasse, ou misturava saliva com o pó do solo e o passava sobre os olhos dos cegos. Umas vezes os exortava; outras lhes dizia seus pecados, e em algumas ocasiões os despachava, deixando para outra vez.

## Jesus em Cafarnaum

Quando Jesus se dirigiu desde Caná a Cafarnaum com os discípulos, lhe seguiram também Natanæl, sua mulher, sua tia e outras já tinham partido para Cafarnaum. O caminho, a umas sete horas, ia em linha bastante reta e levava a um pequeno lago como o de Ainon, rodeado de casebres e jardins.

Ali começava o fértil vale de Genesaré. Viam-se torres e guardiães que guardavam os hortos. Quando Jesus se aproximou de Cafarnaum começaram a se enfurecer vários endemoniados adiante da porta: "Vem o Profeta!

Que é o que quer? Que tem que ver Ele conosco?" Quando Jesus chegou à cidade fugiram os endemoniados. Tinham erigido uma loja adiante da cidade.

Saíram-lhe ao encontro o centurião de Cafarnaum e o mensageiro levando um menino no meio deles, seguidos de toda a família, dos parentes, dos servos e dos escravos. Estes eram pagãos, enviados por Herodes. Parecia uma procissão. Todos se jogaram de joelhos adiante de Jesus e lhe agradeceram; depois lavaram-lhe os pés e deram-lhe alimento e bebida. Jesus pôs suas mãos sobre a cabeça do menino,

ajaelhado adiante Dele, e deu-lhe o nome de Jessé, pois antes chamava-se Joël. O centurião chamava-se Serobabel. Este lhe rogou encarecidamente que iria a sua casa a tomar parte de uma refeição. Jesus negou-se, reprovando sua ânsia de ver prodígios para troçar-se de outros, e acrescentou: "Não tivesse Eu curado o menino, se a fé do mensageiro não tivesse sido como seu pedido tão insistente". Depois continuou seu caminho. Serobabel tinha preparado um grande banquete; os servos e trabalhadores de seus campos e hortas tinham sido convidados. A todos se lhes tinha contado o prodígio. Todos criam comovidos em Jesus. Os convidados e muitos pobres entoaram um canto de louvor no vestibulo. Os pobres foram generosamente obsequiados. A fama do prodígio tinha-se difundido desde a manhã. Serobabel enviou aviso à Mãe de Jesus e aos apóstolos, aos quais vi de novo ocupados em seu ofício de pesca. Vi também que a notícia chegou à sogra de Pedro, que estava doente.

Em Cafarnaum, Jesus dirigiu-se para a moradia de sua Mãe, onde estavam reunidos cinco mulheres e Pedro, André, Santiago e João. Estes foram ao encontro de Jesus, e reinou ali muita alegria por sua vinda e pelo prodígio em favor do centurião. Tomou parte ali numa refeição e dirigiu-se quase em seguida a Cafarnaum para a festa do sábado. As mulheres ficaram na casa. Em Cafarnaum tinham-se reunido muitíssima gente e numerosos doentes. Os endemoniados corriam pela cidade gritando, quando Jesus chegara. Ele lhes mandou calar e através deles se dirigiu à sinagoga. Após a oração chamou-se a um empedernido fariseu de nome Manasses, a quem tocava-lhe fazer a leitura.

Jesus pediu os rolos das Escrituras e disse que queria fazer a leitura. Deram-lhe os rolos e Jesus começou a ler desde o princípio do quinto livro de Moisés até a murmuração dos filhos de Israel, e ensinou a respeito da ingratidão de seus antepassados e da misericórdia de Deus para com eles e da proximidade do reino de Deus, e que agora se guardassem de fazer como tinham feito seus antepassados. Explicou aqueles caminhos pelo deserto como figura de seus erros atuais e comparou a terra prometida com o reino de Deus agora prometido a todos. Depois leu o primeiro capítulo de Isaías. Ele o explicou aplicando a estes tempos: falou dos pecados e dos castigos, e como tendo esperado tanto tempo a um profeta, agora que tinham a um, mais tarde maltratá-lo-iam. Falou dos animais que conhecem a seus donos, e eles não conhecerão ao seu que tem vindo. Falou também de como ver-se-ia reduzido Aquele que tinha vindo para os ajudar, por seus maus tratos, e como seria castigada Jerusalém, e ficaria a comunidade dos seus muito reduzida: mas que o Senhor fá-la-ia grande enquanto os outros seriam exterminados. Mandou-lhes que se convertessem; que ainda quando estivessem manchados com sangue, deviam clamar a Deus e se arrepender, e seriam purificados. Falou também do rei Manasses, que tinha blasfemado contra Deus e tinha pecado tanto, e por isto castigado e levado em escravidão a Babilônia; e como ali se converteu, tinha orado a Deus e encontrado misericórdia e perdão. Abriu depois, como ao acaso, uma página e leu o versículo de Isaías 7-14: "Olhem, uma Virgem dará a luz". E explicou este ponto referindo a sua pessoa e à vinda do Messias. Isto mesmo tinha explicado quando esteve em Nazaré, antes de seu batismo, e o tinha comentado, e eles, zombando, diziam entre si: "Manteiga e mel não lhe vimos comer muito na casa de seu pai o pobre carpinteiro".

Os fariseus e outras pessoas não estiveram conformes de que Jesus lhes falasse tão severamente sobre a ingratidão: esperavam algo mais lisonjeiro, pois o tinham recebido bem. O ensino durou bastante tempo e quando terminou e saíram os fariseus, ouvi que algum dizia a outro: "Trouxeram doentes?... Vamos ver se atreve a curar em dia de Sábado".

Tinham iluminado as ruas com tochas e muitas casas com lustres. As pessoas tinham colocado os doentes na frente de suas casas iluminadas por onde devia passar Jesus, e outros tinham sido trazidos com luzes nos braços de seus parentes. Houve um tumulto considerável e gemidos na rua.

Muitos endemoniados clamavam, e Jesus mandou-os calarem e saírem dos possessos. A um deles vi enfurecido e raviado se lançar contra Jesus, e com rosto decomposto e os cabelos levantados, gritar: "Tu, que queres aqui? Que tens Tu que fazer aqui?" Jesus repreendeu-o, dizendo-lhe: "Sai daí, Satanás". Vi o homem cair como se tivesse rompido o pescoço e quebrado-se-lhe os ossos. Contudo, se levantou mudado e manso; se ajoelhou adiante de Jesus, chorando e dando graças. Jesus o exortou a melhorar de conduta. Vi que a muitos curava-os ao passar.

## Jesus em casa de sua Mãe em Betsaida

Jesus dirigiu-se pela noite com seus discípulos à casa de sua Mãe. No caminho falou Pedro de seus interesses familiares; que havia se atrasado no negócio da pesca por ter estado ausente tanto tempo e que devia pensar em sua mulher, em seus filhos e em sua sogra. João replicou-lhe que ele e Santiago deviam pensar em seus pais, que eram mais que uma sogra. Deste modo falavam com naturalidade, às vezes brincando um pouco. Jesus disse-lhes que se aproximava o tempo em que deveriam deixar de toda a ocupação de pescar, que deviam se ocupar de pescar outra classe de pescados. João era mais familiar; tinha uma singeleza de menino no trato com Jesus, mais que os demais apóstolos. Era amável e disposto a tudo, sem preocupações nem contradições. Jesus foi onde estava sua Mãe e os demais a suas casas.

À manhã seguinte, cedo, encaminhou-se Jesus com seus discípulos a Cafarnaum, saindo da casa de sua Mãe, como a três quartos de hora de Betsaida. O caminho subia um trecho e depois baixava para Cafarnaum. Antes de chegar à cidade havia uma casa no caminho que pertencia a Pedro, que destinou para Jesus e os seus, pondo a um piedoso idoso a seu cuidado.

Esta casa estava como a hora e meia de caminho do lago. Em Cafarnaum encontraram-se todos os discípulos de Betsaida e dos arredores, e também Maria e as santas mulheres. Tinham trazido no dia anterior muitos doentes quando Jesus chegou: estavam alinhados nas ruas. Jesus curou a muitos no caminho à sinagoga, na qual ensinou e usou de parábolas.

Enquanto saía da sinagoga e seguia ensinando, jogaram-se alguns a seus pés lhe pedindo que lhes perdoasse seus pecados. Eram duas mulheres adúlteras repudiadas por seus maridos, e quatro homens, entre eles o sedutor das mulheres. Desfaziam-se em lágrimas e queriam confessar seus pecados ante toda a multidão. Jesus disse-lhes que conhecia seus pecados, que viria um tempo em que seria necessário confessar os pecados: que aqui não seria senão ocasião de escândalo para a gente e de perseguição para Ele. Os exortou a vigiar sobre si mesmos para não cair de novo, a não desesperar, senão a confiar em Deus e fazer penitência. Depois perdoou-lhes seus pecados. Como perguntassem a que batismo tinham que ir, se ao batismo dos discípulos de João ou esperar a que batizassem seus próprios discípulos, lhes contestou que fossem ao batismo dos discípulos de João.

Os fariseus que estavam presentes se admiraram de que tivesse perdoado os pecados, e lho repreenderam. Jesus obrigou-os ao silêncio com suas respostas: disse-lhes que lhe era mais fácil perdoar pecados que curar aos doentes. Acrescentou que quem se arrepende de veras a esse já se lhe perdoa, e não é tão fácil que volte a pecar de novo; enquanto os doentes que são curados, às vezes

permanecem doentes de alma e usam da saúde do corpo para o pecado. Eles perguntaram se já que essas mulheres estavam perdoadas os homens deviam agora as receber de novo. Jesus disse-lhes que para lhes responder como devia não tinha tempo naquele momento; que em outra ocasião pensava falar disto e ensinar com mais tempo. Também quiseram lhe pedir explicações sobre o curar em dia de sábado e Jesus lhes contestou que se em dia de Sábado se lhes caísse algum se seus animais numa fossa seguramente apressar-se-iam em resgatá-lo.

Pela tarde retirou-se à casa adiante de Cafarnaum com todos seus discípulos; as santas mulheres já estavam ali. Fez-se uma comida disposta pelo centurião Serobabel. Este chefe e o pai, que se chamava Salatiel, tomaram parte na comida enquanto o menino curado, Jessé, serviam na mesa. As mulheres estavam em outra mesa. Jesus ensinava enquanto isso. Trouxeram alguns doentes à sala, que gritavam pedindo saúde. Jesus curou a muitos deles. Após a comida foi-se de novo à sinagoga: entre outras coisas ouvi-o ler e explicar o que o profeta Isaías dizia ao rei Acáz: "Aqui diz sique uma Virgem dará a luz e terá um Filho".

Quando abandonou a sinagoga, curou a muitos doentes colocados nas ruas e isto durou até entrada a noite. Entre estes tinham muitas mulheres com fluxo de sangue que estavam a certa distância, tristes e veladas, porque não podiam se aproximar de Jesus nem do povo. Jesus que conhecia suas necessidades dirigiu seus olhos para elas e as curou com uma só olhada. Nunca tocou a semelhantes doentes: havia nesta proibição um mistério que eu não sei explicar. A mesma tarde começava um dia de jejum.

Quando Jesus e seus discípulos se dirigiam a casa de sua Mãe, se suscitou a conversa de que à manhã seguinte queria Jesus viajar com eles pelo lago, e ouvi que Pedro se escusava pelo mau estado de sua embarcação.

Vi que as pessoas a quem Jesus tinha perdoado seus pecados trajavam agora vestes de penitência e faziam vigília. No último sábado estavam também os judeus vestidos de negro. Estes últimos tempos eram dias de penitência pela comemoração da destruição de Jerusalém. Por isto Jesus falou tão severamente dos castigos que tinham de sobrevir a Jerusalém. Ao sair Jesus de Cafarnaum seguia pelo caminho ao redor de um edifício rodeado de água, onde tinham sido encerrados os endemoniados mais furiosos durante a noite. Gritavam enfurecidos ao passar Jesus: "Ali anda Ele. Que quer conosco?... Por que nos quer jogar aqui?"

Jesus ordenou-lhes: "Calem-se e permaneçam aí até que Eu volte. Então será vosso tempo de ir-vos". A partir daí calaram e se aquietaram.

## Conselho dos fariseus e Serobabel

Quando Jesus abandonou a cidade se reuniram os fariseus e os príncipes do povo em conselho. O centurião Serobabel estava presente. Haviam-se reunido para tratar de tudo o que tinham visto em Jesus e de como lidariam com Ele. Diziam: "Olhem que tumultos e que desordens promove com sua presença este Homem! Todo lugar tranquilo está agitado com sua presença: os homens deixam seu trabalho e correm atrás dEle, vagando de um lado a outro. Ele inquieta e ameaça a todos com castigos. Fala sempre de seu Pai. Talvez não seja Ele de Nazaré, filho de um pobre carpinteiro"... Como pode ter este atrevimento e esta segurança? Sobre o que se funda sua presunção? Não observa o Sábado e estorva sua observância e chega até a perdoar os pecados... Talvez virá sua força e seu poder do alto?... Terá alguma força oculta e artes de magia? De onde retira todas suas raras explicações da Escritura?... Tem frequentado talvez outras escolas que as de Nazaré?... Deve ter relação com alguma potência estrangeira. .. Fala sempre da proximidade do reino,

da vinda do Messias e da destruição de Jerusalém. Seu pai seja de nobre linhagem: quiçá seja Ele o filho bastardo de algum outro príncipe, seu pai, que procura ganhar espaço nesta comarca, para se apoderar depois da Judeia... Deve ter um lugar oculto onde se refugie, um protetor poderoso ao qual se confie. De outro modo não poderia se mostrar tão ousado e seguro em se colocar contra os costumes e usos recebidos, como se O tivesse todos os direitos. Esteve bastante tempo ausente. Com quem esteve em relação? De onde vem seu poder maravilhoso e sua ciência? Que faremos ao fim de contas com Ele?..."

Deste modo falavam e tratavam de Jesus no meio de seus julgamentos e estranhezas, mostrando-se escandalizados. O centurião Serobabel manteve-se durante este tempo calado e refletivo e terminou por tranquilizar aos demais, dizendo-lhes: "Se seu poder é de Deus então tem-se de consolidar; se não o é, então só se tem de acabar. Enquanto Ele nos sana e nos melhora, devemos lhe amar sem dúvida e agradecer àquele que no-lo tem mandado".

## Conversas dos discípulos com Jesus

Uns dias depois caminhava Jesus com seus discípulos, uns vinte, nas cercanias do lago de Genesaré. Não tinham tomado o caminho direto, senão para Sur, pelas alturas onde estava a casa de Maria para o Ocidente. Aquela montanha era como o final de uma cadeia de montes que seguiam ao Norte, algo separado por um vale. Jesus ensinava enquanto caminhavam. Tinha ali muitos formosos riachos que descendo das montanhas corriam pelos vales para caírem no lago. Corria também aquém o arroio de Cafarnaum, Tinha diversas fontes de água ao redor de Betsaida que enriqueciam aquela comarca. Jesus deteve-se várias vezes em alguns destes amenos lugares. Às vezes calava e às vezes ensinava sobre os dízimos. Os discípulos falavam da grande opressão que se exercia em Jerusalém com o pretexto dos dízimos e expressavam a ideia de se tal preceito não poderia ser tirado. Jesus disse-lhes que: o dar o dízimo dos frutos ao templo e a seus servidores era mandado por Deus, para que os homens se lembrassem de que não eram donos das coisas da terra, senão que só as tinham em uso: que também deviam dar o dízimo das ervas para recordar a mortificação e a penitência.

Os discípulos falaram também dos samaritanos, expressando seu pesar de que tinham sido a causa de que saísse mais cedo do que tinha pensado do país; que se tivessem sabido que estavam tão ávidos da palavra de Deus e os tinham recebido tão bem, não teriam insistido para sair cedo daquele país. Jesus contestou que os dois dias que tinha estado ali eram suficientes; que os siquemitas tinham sangue quente e se comoviam facilmente: que quiçá só vinte dos convertidos permanecessem agora firmes; e que a próxima e maior colheita ficava reservada para eles (os futuros apóstolos). Os discípulos, comovidos pelo último ensino, expressaram sua compaixão e simpatia para os samaritanos, e recordavam em seu louvor a história do homem que tinha caído em mãos dos ladrões junto a Jericó, enquanto os sacerdotes e levitas passaram de longe, e louvavam o samaritano que tinha ajudado ao ferido, o lavando com azeite e vinho. Esta história era conhecida e tinha sucedido nos primeiros tempos junto a Jericó. Jesus tomou ocasião de sua compaixão para com o ferido e de sua alegria pela ação do samaritano, para contar-lhes outra parábola. Contou como Adão e Eva, por causa do pecado, foram expulsos do Paraíso e foram parar em um deserto cheio de ladrões e de salteadores, com seus filhos: e como o homem jazia ali, ferido de pecados e maltratado no deserto. Contou isto singelamente, como está na Bíblia. Então o Rei dos céus da e terra fez todo o possível para ajudar ao homem caído; deu-lhe sua lei e seus sacerdotes

preparados, e enviou-lhe muitos profetas. Todos tinham passado sem salvar ao homem doente, porque em parte o homem também tinha desprezado a ajuda que se lhe oferecia. Finalmente mandou a seu próprio Filho, em figura de um pobre, para ajudar aos pobres. Descreveu sua própria pobreza: sem sapatos, sem chapéu, sem cinto. Este tinha derramado azeite e vinho em suas feridas para lhe curar. Acrescentou que aqueles mesmos que estavam preparados com todos os meios para ajudar não só não se apiedaram do ferido, senão que levaram preso ao Filho do Rei e o mataram porque tinha socorrido com azeite e vinho ao infeliz ferido. Propôs-lhes isto para que pensassem sobre isso, lhes dizendo que mais tarde tornar-se-ia claro o que dizia.

Eles não o entenderam. Não notaram que falava de sua pessoa ao falar do Filho do Rei, aparecido pobre e necessitado, e murmuravam ao ouvido se perguntando quem seria esse Pai de quem sempre falava. Jesus recordou-lhes também sua conversa sobre suas angústias com respeito ao negócio da pesca que tinham tido que abandonar e lhes disse que o Filho do Rei também tinha deixado tudo o que tinha com seu Pai, e que enquanto outros deixavam ao ferido mau cuidado, Ele lhe tinha derramado azeite e vinho em suas feridas. Disse-lhes: "O Pai não deixará aos servidores de seu Filho nem os abandonará, e eles socorrerem todo o abandonado, os recompensará ricamente, quando Ele os reunir em seu reino".

Com estas e outras conversas chegaram ao lado de Genesaré, junto a Betsaida, onde estavam as barcas de Pedro e do Zebedeu. Era esta uma parte fechada da margem do rio e havia ali várias choças de terra para os pescadores. Jesus aproximou-se com seus discípulos. Nas barcas tinha vários pescadores pagãos escravos e nenhum judeu, porque era um dia de jejum. O Zebedeu estava na orla, numa das choças. Jesus disse-lhes que deixassem de pescar e viessem à praia, e eles obedeceram. Jesus ensinou ali.

Depois dirigiu-se ao longo do lago, para Betsaida, a meia hora dali.

Os direitos de pesca de Pedro compreendiam como uma hora de caminho da margem do rio. Entre o lugar das barcas e Betsaida tinha uma enseada, onde desaguavam muitos rios, nascentes do rio, que vinham desde Cafarnaum através do vale, recebendo de passagem as águas de outros afluentes. Adiante de Cafarnaum formavam um extenso lago. Jesus não foi direito a Betsaida, mas rumou para o Ocidente, e se dirigiu ao Norte do vale, até a casa de Pedro, ao Leste da inclinação, em cuja parte ocidental se encontrava a casa de Maria.

## Jesus em casa de Pedro

Jesus entrou na casa de Pedro onde estavam reunidas Maria e outras das santas mulheres. Os demais discípulos não entraram; se entretiveram nos arredores e no jardim ou foram à casa de Maria. Quando Pedro entrou com Jesus em sua casa, disse: "Senhor, temos tido um dia de jejum; mas Tu nos tens saciado com tuas palavras". A casa de Pedro estava bem ordenada, com um salão e jardim: era longa e podia-se andar pelo terraço e desde ali contemplar um esplêndido panorama do lago. Não vi na casa de Pedro nem a enteada nem aos enteados que lhe tinha trazido sua mulher viúva. Pareceu que estavam na escola. Sua mulher estava entre as santas mulheres; dela não teve Pedro filho algum. Sua sogra, uma mulher alta, delgada e doente, caminhava apoiando nas paredes da casa.

Jesus falou ali longamente com as mulheres sobre o modo de atender aos discípulos nos arredores do lago, onde Ele pensava demorar bastante tempo. As exortou a não ser gastadoras nem pródigas, mas a não estarem também com demasiada ansiedade e preocupação; que Ele, para si precisava poucas coisas, e que

pensassem mais nos discípulos e nos pobres. Desde ali foi com seus discípulos à moradia de Maria, onde falou ainda e depois se retirou só para orar. O rio corria adiante da casa de Pedro e este podia numa pequena canoa navegar desde ali até o lago com seus utensílios de pesca.

Quando as santas mulheres souberam que Jesus queria ir no próximo sábado para Nazaré, que fica a dez horas de distância, não o viram bem e preferiram que Ele ficasse ou, pelo menos, voltasse muito em breve. Jesus contestou-lhes que pensava não ficar muito tempo lá: que não estariam contentes com Ele porque não poderia fazer o que elas desejavam. Disse-lhes outras coisas que desagradar-lhes-iam, e lho avisou também a sua santa Mãe.

Queria dizer-lho dantes de que sucedesse.

## Jesus em Betsaida

Jesus foi com seus discípulos desde a casa de sua Mãe, pelo Norte do vale ao longo da descida do morro, para Betsaida, a uma meia hora de caminho. As santas mulheres saíram da casa de Pedro para lá, à casa de André, ao final da cidade; era uma casa planejada, mas não tão grande como a de Pedro. Betsaida era uma pequena população de pescadores, que estava no meio de uma abertura e se estendia em estreitas moradias até perto do lago. Desde o lugar de pesca de Pedro, olhando ao Norte, via-se a população. Era habitada por pescadores e por tecelões de tendas e cobertores. Era um povo de costumes rústicos e singelos, e recorda-me aos trabalhadores da turfeira, entre nós, comparados com outras gentes. As mantas que faziam eram de cabelos de camelo e de cabras. Os cabelos longos que tinham os camelos no pescoço e no peito os punham como faixas e borlas nas orlas destas mantas, que eram brilhantes e formosas.

O velho chefe de Senobabel não estava ali: era um homem doente e não conseguia andar muito. Eu poderia ter cavalgado, mas não teria ouvido os ensinamentos de Jesus ao longo do caminho; Além disso, ele ainda não era batizado. Tinha-se congregado muita gente dos arredores; também estrangeiros do outro lado do lago das comarcas de Corozáim e de Betsaida-Julias. Jesus ensinou na sinagoga, que não era grande, da proximidade do reino de Deus; e disse bastante claramente que Ele era o rei deste reino. Despertou a admiração de seus discípulos e ouvintes. Ensinou, em general, como nos dias anteriores, e curou a muitos doentes trazidos à porta da sinagoga. Alguns endemoniados gritavam: "Jesus de Nazaré, Profeta, Rei dos Judeus". Jesus mandou-lhes calar: ainda não era o tempo de dizer quem era Ele.

Quando terminou de ensinar e de curar os doentes foram à casa de André para a refeição; mas Jesus não entrou, e disse que Ele tinha outra fome. Caminhou com Saturnino e outro discípulo um quarto de hora para acima, desde a casa de André, até um hospital afastado junto à margem do lago onde haviam pobres, doentes, leprosos, loucos e outros miseráveis que desfaleciam na miséria e no abandono. Alguns estavam quase inteiramente nus. Ninguém da cidade lhe acompanhou, para não se contaminar. As celas daquelas pobres criaturas ficavam em torno de um pátio: não podiam sair para fora e se lhes passava o alimento através dos buracos das portas. Jesus os fez sair pelo cuidador e trouxe-lhes cobertores e roupas com os discípulos para agasalhá-los. Ensinou-lhes e consolou-os. Foi de um a outro grupo e curou a muitos deles com a imposição das mãos. A alguns os passava, a outros lhes mandava se banhar, a outros lhes ordenava outras coisas. Os curados ajoelhavam-se e davam graças, cheios de lágrimas. Era um quadro comovente. Alguns destes eram homens completamente destruídos. Jesus tomou o cuidador consigo o levando a casa de André, para a refeição. Foram alguns parentes dos curados desde Betsaida,

trazendo vestes e levavam-lhos contentes a suas casas, passando pela sinagoga para dar graças a Deus.

A comida em casa de André foi muito boa, de grandes e formosos pescados. Comeram numa sala aberta e as mulheres em mesa à parte.

André servia. Sua mulher era muito dedicada e diligente: não saía quase de sua casa. Tinha em casa uma espécie de oficina de tecido e fabricação de redes de pesca e ocupava neste trabalho a muitas moças pobres do lugar. Tudo se fazia com muita ordem. Tinha também entre elas a algumas mulheres solteiras sem lar, das quais se compadecia: dava-lhes trabalho, sustento, e ensinava-lhes e as exortava à oração. Pela tarde ensinou Jesus de novo na sinagoga; depois retirou-se com seus discípulos. Passou junto a muitos doentes e não os curou ainda porque seu tempo não tinha chegado.

Após despedir de sua Mãe, dirigiu-se com seus discípulos à casa-albergue nas cercanias de Cafarnaum. Ali falou longamente com seus discípulos; depois apartou-se deles e passou a noite em oração sobre uma colina pontiaguda cheia de ciprestes. Cafarnaum estava situada numa montanha, em semicírculo; tinha muitos terraços a modo de jardins e vinhedos, e nas alturas nascia um trigo grosso como o junco. Era um lugar amplo e agradável: ao que pareceu foi em outro tempo uma cidade maior, ou tinha outra cidade ali, pois viam-se cercas das existentes ruínas de torres e paredes como restos de uma destruição.

## Jesus na pequena Séforis

Jesus dirigiu-se desde Cafarnaum para Nazaré. Os discípulos de Galileia acompanharam-lhe umas cinco horas. Ensinou, durante o caminho, a respeito de sua futura missão, e pediu a Pedro que saísse de sua habitação, perto do lago, e fosse a sua casa de Cafarnaum, pois lhe falando de seu ofício lhe disse que convinha o deixar.

Passaram por pequenas populações e junto às choças a orla do lago. Num campo de pastores saíram a seu encontro alguns endemoniados pedindo para serem libertados. Eram donos de campos, e só a intervalos eram afligidos pelo demônio; nesse momento estavam em bom estado. Jesus não os livrou ainda: disse-lhes que primeiro tinham que melhorar de conduta, lhes fez a comparação de como um tendo dor de estômago e desejando se curar, voltasse a se encher de comida. Estes homens retiraram-se confundidos de sua presença. Os discípulos deixaram a Jesus a umas horas de Séforis, e Satumino voltou com eles à casa de Pedro. Com Jesus ficaram só dois discípulos de Jerusalém, que queriam se voltar. Jesus dirigiu-se primeiro para a baixa Séforis, uma pequena cidade, e hospedou-se em casa de parentes de Ana. Esta casa não é a paterna que está entre Séforis e a alta Séforis, um lugar separado como de uma hora de caminho. Pertenciam a Séforis muitas casas esparramadas como a cinco horas de caminho. Não esteve nesta ocasião na grande Séforis. Ali havia grandes escolas de todas as seitas e tribunais. Na baixa Séforis não havia muita gente rica. Trabalhavam ali em fabricar telas. As mulheres ricas faziam faixas e borlas para o templo. Toda esta comarca era como um bairro, com muitas aldeias e casas esparramadas com seus pomares e avenidas. A grande Séforis era importante e estava edificada em lugar espaçoso com castelos e grandes moradias. A comarca era rica em poços e boa pecuária. Estes parentes de Jesus tinham três filhos, um dos quais, de nome Colaya, era discípulo de Jesus". A mãe dele desejava que Jesus tomasse também aos demais, e falou de Maria Cleofas. Jesus deu-lhe boa esperança. Vi que estes filhos, após a morte de Jesus, foram não só discípulos senão consagrados sacerdotes por José Barsabas, em Eleuterópolis, onde ele era bispo.

Jesus ensinou na sinagoga onde se tinha reunido muita gente dos arredores. Andou com estes parentes por essas comarcas e ensinou em diversos lugares, em pequenas reuniões, que às vezes lhe seguiam e às vezes lhe esperavam em determinado lugar. Quando voltou, curou a muitos doentes diante da sinagoga e ensinou nela sobre o casamento e o divórcio.

Jesus repreendeu aos mestres e escribas que acrescentavam coisas aos escritos e a um ancião mestre ou escriba apontou-lhe num rolo algo que ele tinha adicionado e o convenceu da falsidade e mandou que apagasse o acréscimo. O escriba humilhou-se diante dele, ajoelhou-se diante de todos, confessou sua culpa e agradeceu pela advertência de Jesus.

Jesus passou a noite em oração. Desde a casa de seus parentes na pequena Séforis foi andando entre a pequena e a grande Séforis naquela que foi em outro tempo posse de Ana. Levava um só discípulo consigo. Os moradores eram parentes, muito distantes, por diversos casamentos; só havia uma idosa, doente de hidropisia, que era parente bastante perto; tinha consigo um pequenino cego. Jesus orou com a velha, que repetia as preces. Ele então colocou a mão por um minuto na cabeça e na região do estômago. E ela voltou ao seu estado normal, depois de ter estado como desfalecida; não estava completamente sã; mas pouco a pouco pôde caminhar; com algumas transpirações ficou muito boa. A mulher pediu pelo menino que tinha cerca de oito anos de idade e nunca tinha visto nem falado: só ouvia o que lhe era dito: louvou a piedade e a obediência da criança. Jesus pôs o dedo indicador na boca e soprou sobre os polegares de suas mãos, molhou-os em sua saliva e os pôs sobre os olhos fechados, orando e olhando para o alto. O menino então abriu os olhos. O primeiro que viu foi a Jesus, seu Salvador. Fora de si de contente se jogou aos pés de Jesus, agradecendo e chorando. Jesus o exortou a obediência e ao amor a seus pais: já que sendo cego tinha sido obediente, o fosse agora que via a seus pais e não usasse nunca seus olhos para o pecado. Chegaram depois os pais, e a gente da casa, e teve ali uma grande alegria e cantos de louvores.

## Modo de curar de Jesus

Jesus não curava da mesma maneira a todos os doentes que lhe apresentavam. Não curava de outro modo que os apóstolos e os santos depois e os sacerdotes até nossos dias. Ele punha suas mãos sobre o doente e rezava com eles. Ele o fazia mais cedo que os apóstolos. Suas curas deviam ser também modelo para os apóstolos e sucessores. Fazia-o sempre numa forma em relação com a necessidade ou gravidade ou causa do mau. Aos aleijados movia-os e seus músculos eram desatados e eles se levantavam sobre seus pés. Se tratava-se de membros avariados tomava entre seus dedos a fratura e os membros se regeneravam. Se tocava nos leprosos via eu que as crostas caíam e ficavam manchas coloridas, as quais desapareciam pouco a pouco segundo o mérito do doente. Nunca vi um corcunda ficar em pé de repente ou um osso quebrado sarar de repente. Não é que Jesus não pudesse fazer assim: Ele não o fazia assim porque queria que as suas curas não fossem como espetáculos teatrais, mas antes como obras de misericórdia; eram como símbolos da sua missão: libertar, reconciliar, ensinar, desenvolver, redimir. E assim como Jesus pediu a cooperação do homem para ser participante da redenção, também a fé, a esperança, o amor, o arrependimento e a melhoria do comportamento deviam intervir nessas curas como cooperação para a saúde corporal.. Cada estado do paciente correspondia de maneira diferente, na medida em que cada doença era símbolo de uma doença espiritual, de um pecado e de um castigo, assim como cada cura era símbolo de perdão e aperfeiçoamento espiritual.

Somente quando se tratava de pagãos é que percebi que suas curas eram mais espetaculares e raras. As maravilhas dos últimos apóstolos e santos eram mais visíveis e mais contrárias ao curso normal da natureza: os pagãos precisavam de choque e admiração; os judeus, apenas para serem libertados de suas doenças. Muitas vezes ele curava com orações à distância; às vezes com o seu olhar, de longe, com as mulheres que sofriam de hemorragias, que não ousavam aproximar-se e que não podiam fazê-lo segundo a prescrição judaica. Aqueles preceitos que tinham um significado misterioso foram observados por Jesus: os outros não.

## Os fariseus disputam com Jesus

Depois dirigiu-se Jesus a uma escola que estava a igual distância de Nazaré como da pequena Séforis, onde se lhe uniu o discípulo Parmenas de Nazaré. Este homem tinha sido parceiro de infância de Jesus e teria seguido em seguida a Jesus, como os outros discípulos, se não tivesse tido que manter a seus pais de Nazaré com o serviço de mensageiro. Nesta escola achavam-se reunidos muitos escribas e fariseus da grande e da pequena Séforis e alguns do povo. Os fariseus queriam disputar com Jesus sobre o divórcio, que Jesus tinha declarado ao mestre na sinagoga que era adição feita no rolo de escrituras. Tinham-no tomado muito a mau na grande Séforis, porque esta adição procedia precisamente do ensino destes. Os divórcios faziam-se ali com suma facilidade e tinham estes uma casa a propósito para as mulheres divorciadas. O mestre preso de sua culpa tinha copiado de um rolo e tinha acrescentado falsas explicações por sua conta. Disputaram longo tempo com Jesus e não queriam entender que deviam apagar as adições introduzidas nos rolos.

Jesus os fez calar, mas não reconheceram que estavam em erro como confessou o doutor primeiro. Ele lhes provou a proibição das adições e portanto a obrigação de as apagar, lhes provou a falsidade de sua explicação fundada na adição e lhes repreendeu severamente a facilidade dos divórcios na cidade. Disse-lhes também em que casos não é permitido ao homem repudiar à mulher, e acrescentou que se uma parte não pode de jeito nenhum concordar com a outra, podem se separar um de outro por consentimento mútuo, mas não pode a parte mais forte repudiar à outra sem consentimento e sem culpa. Não conseguiu nada com eles, apesar de que não puderam contradizer sua doutrina: estavam irritados e eram convencidos de sua ciência. O escriba da baixa Séforis, convencido por Jesus da falsidade por suas adições, converteu-se e apartou-se completamente dos fariseus e declarou a sua comunidade que ele ensinaria dali em diante a lei sem adições, e se não o quisessem assim, retirar-se-ia deles.

Essa adição na lei do divórcio era a seguinte: "Se uma parte dos dois casados teve relação dantes com algum outro, então não subsiste o casal, e aquele que teve relação com essa parte pode reclamar essa parte como sua, ainda no caso de que ambos vivam perfeitamente de acordo". Esta adição e sua explicação recusou-as Jesus declarando que a lei da separação e do divórcio é lei dada só para um povo grosseiro. Dois dos principais fariseus estavam a ponto de declarar uma separação semelhante para sua própria conveniência e por isto tinham introduzido esta adição à lei geral. Ninguém sabia isto; mas sabia-o bem Jesus; por isto lhes disse: "Não estais vocês defendendo com esta adição quicá vossos próprios interesses?" Estes fariseus irritaram-se sobremaneira ao ver-se descobertos.

## Jesus em Nazaré

Jesus dirigiu-se a Nazaré por um caminho de duas horas. Entrou na casa que tinha

estado, fora da cidade, do essênio já falecido, Eliud, seu amigo. Ali lavaram-lhe os pés, deram-lhe alimento e disseram-lhe quanto alegravam-se os nazarenos de sua vinda. Jesus respondeu-lhes: "Essa alegria não durará muito; pois não quererão me ouvir o que lhes quero dizer". Subiu à cidade. Na porta tinha apostado um que devia dar o aviso de sua chegada. Mal apareceu Ele lhe saíram ao encontro vários fariseus e gente do povo. Receberam-no solenemente e quiseram levá-lo a um albergue público onde lhe prepararam uma comida de recepção dantes do sábado.

Ele não aceitou e disse que tinha outras coisas que fazer, e entrou na sinagoga, onde lhe seguiram e onde se reuniu muita gente. Era antes do começo do sábado.

Jesus ensinou sobre a vinda do reino, o cumprimento das profecias: pediu o rolo de Isaías, abriu-o e leu (61-1): "O Espírito do Senhor sobre mim, porque o Senhor me ungiu e me enviou para evangelizar aos mansos, para curar aos de coração contrito e pregar a redenção dos escravos e a liberdade aos que estão encarcerados". Estas frases explicou-as como se tratasse-se dEle mesmo: de que o Espírito do Senhor tinha vindo sobre Ele para pregar a salvação aos pobres, aos miseráveis, e como devia vir corrigindo toda a injustiça, consolando às viúvas, curando aos doentes e perdoadando aos pecadores. Falou tão formosamente e tão amavelmente que todos estavam cheios de admiração e de alegria, se dizendo entre si: "Fala como se realmente fosse Ele mesmo o Messias".

A admiração os excitara tanto que já se consideravam uma grande coisa porque Ele estava fora de sua cidade. Jesus continuou a ensinar quando chegou o sábado, e falou da voz de quem prepara o caminho no deserto e como os injustos devem ser reparados e os tortuosos suavizados. Depois disso, Jesus estava com eles em uma refeição. Eles foram muito amigáveis e disseram que havia muitos doentes e que ele deveria se dignar a curá-los. Jesus não aceitou e eles o acolheram bem, pensando que pela manhã ele poderia fazê-lo. Depois do almoço, ele saiu da cidade, com os essênios. Como estavam felizes com a boa recepção que lhe tinham dado na cidade, Jesus disse-lhes que esperassem até ao dia seguinte, quando veriam algo muito diferente.

Quando na manhã seguinte Jesus entrou de novo na sinagoga, quis um judeu, ao qual correspondia o turno habitual, tomar os rolos de as Escrituras: mas Jesus os pediu e leu o quinto livro de Moisés, capítulo 4, da obediência aos mandamentos, e como nada deveria ser feito contra eles, e como Moisés explicou aos filhos de Israel o que Deus ordenava e como eles os observavam muito mal. Entraram também na lição os Dez Mandamentos e a explicação do primeiro sobre o amor de Deus. Jesus ensinou com severas palavras e os repreendeu que acrescentassem muitas coisas à lei para oprimir o povo, enquanto eles não observavam nem mesmo a lei. Ele os repreendeu tão severamente que eles se irritaram, pois não podiam negar que ele dissesse a verdade. Murmuravam entre eles, dizendo: "Como é que de repente se tornou tão ousado?... Faltou algum tempo daqui e agora se apresenta como se fosse uma maravilha!... Fala como se fosse o Messias. Mas nós conhecemos bem aquele que foi seu pai, o carpinteiro, e a ele também o conhecemos. Onde aprendeu? Como se atreve a dizer-nos isto?"

Deste modo começaram silenciosamente a irritar-se cada vez mais contra ele, porque se envergonhavam diante do povo, ao verem-se repreendidos. Jesus continuou a ensinar: a seu tempo saiu da cidade e retirou-se com os essênios.

Os filhos de um homem rico vieram vê-lo os mesmos que lhe haviam pedido anteriormente que os recebesse entre os discípulos, mas cujos pais só buscavam fama e proveito de ciência para seus filhos. Pediam que Jesus comesse com eles. Jesus não aceitou o convite. Pediram de novo que os recebesse dizendo que eles tinham cumprido o que lhes havia dito. Então ele lhes respondeu: "Se vocês

cumpriram tudo isso, então vocês não precisam ser meus discípulos; vocês também podem ser mestres". Com isso, ele os despachou.

Jesus comeu com os essênios e ensinou em roda de família. Eles lhe contaram que eram oprimidos ali. Ele os aconselhou a ir morar em Cafarnaum, para onde ele também se retiraria para viver em diante.

## Os fariseus irritam-se contra Jesus e tentam precipitá-lo

Entretanto, os fariseus tinham feito consulta e tinham decidido que, se voltasse a falar tão ousadamente como na tarde anterior, lhe mostrariam que não tinha direito algum e fariam com ele o que os fariseus de Jerusalém desejavam há muito tempo. Eles esperavam, no entanto, que ele se mostrasse bajulado e fizesse prodígios por respeito a eles. Quando Jesus chegou à sinagoga para a conclusão do sábado, trouxeram alguns enfermos. Jesus passou entre eles sem curar ninguém. Na sinagoga continuou falando do cumprimento dos tempos, de sua missão, do último tempo da Graça e de sua corrupção e do castigo caso não se corrigissem; e de como ele tinha vindo para ajudá-los, curá-los e ensiná-los. Então ficaram especialmente irritados quando ele disse: "Vós dizeis: Médico, cura-te a ti mesmo. Como fizeste prodígios em Cafarnaum, faze-os também aqui, na tua pátria. Mas não há profeta aceito em sua própria pátria".

Acrescentou que os tempos presentes eram como tempos de grande fome, e comparou as populações a pobres viúvas. "No tempo de Elias, continuou ele, havia muitas viúvas pobres na terra, mas o profeta não foi enviado a nenhuma delas, mas à viúva de Sarepta: e nos tempos de Eliseu havia muitos leprosos, e no entanto não curou senão a Naamã, que era um sírio".

Ele comparou sua cidade a um leproso, que não seria curado.

Os fariseus ficaram muito irritados com o fato de que ele os igualasse aos leprosos; levantaram-se de seus assentos, enfureceram-se e quiseram pôr as mãos nele; Mas Jesus lhes disse: "Cumprí o que vós ensinais sobre o Sábado, e não o quebranteis; mais tarde podereis fazer o que vocês pensam em fazer".

Então o deixaram ensinando e foram murmurando, com expressões de escárnio. Eles deixaram seus assentos e foram para a porta. Jesus explicou suas últimas palavras e saiu da sinagoga. Cerca de vinte fariseus o cercaram na saída e, segurando-o junto à porta, disseram-lhe: "Vamos, agora vem conosco a um lugar alto; ali você pode repetir seu ensinamento e nós responderemos como você merece". Ele lhes disse que o deixassem livre porque os seguiria, e eles marchavam em torno dele como guardas e muito povo ia atrás dele. Um grito se levantou e uma série de provocações não terminou bem no Sábado. Eles se enfureceram cada vez mais e cada um queria rivalizar em dizer alguma zombaria mais dolorosa. "Queremos responder! Queremos que vás à viúva de Sarepta! Convém que vás curar o sírio Naaman! Se és Elias, convém que marches para o céu! Queremos mostrar-lhe um bom lugar. Quem é você? Por que não trouxeste os teus capangas? Não tiveste coragem de os trazer. Não tinhas o pão seguro na companhia dos teus pobres pais?... E agora que estás saciado, queres tirar sarro de nós?"

Queremos ouvir-te. Deves falar agora diante de todo o povo, a céu descoberto, e nós te responderemos".

Com estes gritos sarcásticos e zombarias foram subindo a encosta da cidade. Jesus continuava ensinando tranquilo, respondendo seus sarcasmos com palavras da Escritura e profundas reflexões que os envergonhava em parte e aumentava sua irritação.

A sinagoga estava localizada na parte ocidental da cidade. Já estava escuro e

carregavam algumas tochas consigo. Levaram Jesus para a parte oriental da sinagoga, e atrás dela voltaram para uma larga rua para o Ocidente. Eles chegaram a uma encosta alta em cujo lado Norte havia um pântano e na parte do Meio-dia formava uma proeminência rochosa sobre um precipício íngreme. Havia ali um lugar onde costumavam precipitar os malfeitores. Uma vez no lugar, pretendiam primeiro perguntar e fazer Jesus falar, para depois jogá-lo no precipício, que terminava numa estreita garganta rochosa. Quando se aproximavam do lugar, Jesus, que estava entre os fariseus, parou como um prisioneiro, enquanto eles continuavam o seu caminho, injuriando e repreendendo o Senhor. Naquele momento vi duas figuras luminosas ao lado de Jesus: este voltou sobre seus passos e passou por no meio do povo que vociferava (sem ser visto): depois o vi caminhando tranquilamente junto ao muro da cidade até a porta por onde tinha entrado ontem. Entrou novamente na casa dos essênios. Eles não tinham medo dele; eles acreditavam nele e esperavam sua chegada. Jesus falou com eles do seu caso; disse-lhes de novo que se retirassem a Cafarnaum; lembrou-lhes que lhes havia predito este acontecimento de Nazaré, e depois de meia hora deixou o local e partiu em direção a Caná.

Nada pode ser imaginado mais ridículo do que a loucura e a confusão que se originou entre os fariseus e outros, quando não viram mais Jesus entre eles, a quem julgavam ter seguro em suas mãos. Era um grito: "Alto pare! Onde está ele?" O povo que vinha atrás, avançava irresistivelmente. Eles queriam recuar para ver onde se escondia e no caminho estreito formou-se uma confusão e uma desordem de gritos, de ordens e contra-ordens, de acusações recíprocas, enquanto corriam para todos os buracos e cavernas pensando encontrá-lo escondido em algum lugar secreto.

Com as tochas iluminavam todos os cantos e corriam perigo de quebrar o pescoço descendo e subindo pelos penhascos em busca de Jesus. Eles acabaram insultando um ao outro, culpando-se por tê-lo deixado escapar. Finalmente desistiram e voltaram calados para a cidade. Jesus já estava há muito tempo fora da cidade, de modo que tiveram um novo desengano ao guardar as encostas da montanha e as saídas da cidade.

Ao voltarem, quiseram justificar seu fracasso, dizendo: "vedes que homem é este; um homem entregue à magia: um endemoninhado; o diabo o ajudou; agora ele aparecerá em outro canto do país para perturbar a ordem e causar desordem".

Aos seus discípulos já havia dito Jesus que deixassem a cidade de Nazaré e o esperassem num determinado lugar a caminho de Tarichea.

Saturnino e outros discípulos foram citados também neste local. À alvorada encontraram-se todos juntos com Jesus e descansaram num vale solitário. Saturnino trouxe pães e mel. Jesus falou dos acontecimentos de Nazaré, mandando-lhes manter-se serenos e calados para não atrapalhar sua futura missão. Depois caminharam por caminhos solitários, junto a algumas cidades, através de vales, até a foz do Jordão, no mar da Galileia. Havia uma grande cidade no sopé de uma montanha no extremo sul do mar da Galileia, não muito longe da Foz do Jordão, em uma espécie de península. Havia uma grande ponte e um dique para entrar na cidade. Entre a cidade e o mar estendia-se uma faixa de terra com suave inclinação coberta de vegetação. A cidade era chamada Tarichea.

## Jesus cura os leprosos de Tarichea

Jesus não entrou na cidade, mas por um caminho lateral aproximou-se de uma muralha do Sul, não longe da entrada onde havia uma série de cabanas habitadas por leprosos. Quando Jesus se aproximou destas cabanas, disse aos discípulos: "Chamai à distância estes leprosos para que me sigam, que os curarei. Quando saírem, afastai-vos para que não vos espanteis e não contraiais impureza legal e não faleis depois do que vedes aqui.

Vocês conhecem a ira dos nazarenos, e não deveis irritar ninguém". Jesus continuou seu caminho para o Jordão, enquanto os discípulos clamavam aos leprosos: "saíam e sigam o profeta de Nazaré. Ele vos há de curar".

Quando viram que as pessoas saíam, eles rapidamente se afastaram dali.

Jesus caminhava lentamente afastado do caminho. Cinco homens de várias idades saíram das celas feitas nas muralhas, e seguiram Jesus em fila até um lugar isolado, onde se deteve. Os leprosos vestiam túnica longa e branca, sem trela, usavam um capuz sobre a cabeça que cobria também o rosto e na frente tinha duas tiras de tecido preto com duas aberturas para os olhos. O líder deles se curvou ao chão e beijou a orla de sua veste. Jesus, voltando-se para ele, colocou a mão na cabeça, orou, abençoou-o e mandou-o pôr-se de lado. Então ele fez o mesmo com todos os cinco.

Depois descobriram os rostos e as mãos. As crostas da lepra se desprendiam deles. Jesus fez-lhes uma admoestação sobre o pecado pelo qual haviam contraído a enfermidade, ensinou-lhes como deviam comportar-se doravante e ordenou-lhes em não dizer que ele os havia curado. Eles diziam: "Senhor, tu apareceste tão inesperado entre nós!... Esperávamos tanto tempo por sua presença e ansiávamos por você. Não tínhamos ninguém que representasse nossa miséria e o levasse até nós. Senhor, tu apareces agora de repente, como queres que calemos a nossa alegria e o portento que operaste conosco?"

Jesus mandou-os novamente que não falassem do caso até que tivessem cumprido as prescrições da lei; que se apresentassem aos sacerdotes para que vissem que estavam limpos e cumprissem com o sacrifício e as purificações legais. Só então eles poderiam dizer quem os havia curado. Prostraram-se de novo a seus pés e voltaram para suas celas. Jesus se aproximou de seus discípulos em direção ao Jordão. Estes leprosos não estavam encerrados: tinham marcado o lugar até onde poderiam andar; ninguém se aproximava deles: falava-se-lhes desde a distância: colocavam-lhes a comida em fontes em determinados lugares: estas fontes não voltavam aos são, mas eram enterradas ou desfeitas por eles próprios. Traziam-lhes sempre novos vasos de pouco valor.

Jesus andou um trecho com seus discípulos, entre amenos lugares cheios de plantas e fileiras de árvores para o Jordão, onde descansaram e tomaram comida em um lugar solitário. Eles passaram o rio sobre um navio. Em diversos lugares do rio se viam estes esquives para que se pudesse passar e eram depois levados ao seu lugar por homens que trabalhavam na praia e viviam em cabanas à beira-mar. Jesus marchou com seus quatro discípulos não muito perto do mar, mas na direção leste, em direção à cidade de Gileade. Os quatro discípulos eram: Parmenas de Nazaré, Saturnino e Thar-zissus e seu irmão Aristóbulo. Este Tharzissus foi mais tarde bispo de Atenas e Aristóbulo ajudante de Barsabas. Eu ouvi isso ser feito chamando-o de "irmão", mas eu entendi que ele era apenas um irmão espiritual. Esteve muito com Paulo e Barnabas e creio que foi bispo da Britânia. Eles foram levados a Jesus por meio de Lázaro. Eram estrangeiros, gregos, pareceu-me, e seu pai havia imigrado há pouco tempo para Jerusalém. Eram comerciantes ultramarinos e vi que os servos e

escravos de seu pai tinham vindo em transportes com seus animais de carga ao batismo de João, depois de ter ouvido seus ensinamentos. Por meio destes servos foram notificados os pais destes jovens, que compareceram com seus filhos aonde estava João; os pais fizeram eles batizarem e circuncidarem e se estabeleceram em Jerusalém com toda a família.

Tinham riquezas e deixaram mais tarde tudo para proveito da comunidade cristã. Ambos os irmãos eram de alta estatura, um pouco morenos, destros e possuíam uma cultura esmerada. Eram dois jovens ousados, resolutos e hábeis em preparar o necessário nos caminhos.

## Conversas com os discípulos

Jesus atravessou o riacho que descia para a região. O profeta Elias também esteve neste lugar. Jesus falou sobre isso e durante todo o caminho ensinou com comparações e parábolas tiradas das coisas que se apresentavam à vista: arbustos, pedras, plantas, lugares e dos estados e ocupações da vida. Os discípulos perguntavam sobre as coisas que haviam acontecido em Séforis e em Nazaré. Jesus falou do matrimônio por ocasião da disputa com os fariseus de Séforis, contra o divórcio, e da indissolubilidade da palavra dada. Ele acrescentou que o divórcio só foi permitido por Moisés por se tratar de um povo rude e pecador.

Os discípulos interrogaram Jesus sobre o que diziam os nazarenos, de que ele não tinha tido amor fraterno, pois não quis curar os enfermos na cidade paterna, que por isso devia ser-lhe mais próxima: se não devia, por acaso, amar-se aos cidadãos como aos nossos próximos mais próximos. Jesus ensinou-lhes intensamente sobre o amor ao próximo com todo tipo de comparações e perguntas. Tomava as comparações de vários estados da vida sobre os quais falava, apontando lugares distantes que se podiam ver de lá e onde se exerciam diversos ofícios. Disse-lhes que os que pretendiam segui-lo deviam deixar pai e mãe, ainda cumprindo o quarto mandamento. Deviam tratar a sua cidade natal, como ele havia tratado a Nazaré, e, no entanto, ter amor ao próximo. Deus, o Pai celestial, é o próximo mais próximo, e foi ele que o Enviou a ele. Passou a falar do amor ao próximo segundo o povo do mundo, e a propósito de Gileade, para onde iam encaminhados, disse que os publicanos dali amavam mais para aqueles que mais dinheiro lhes proporcionavam, pagando mais impostos. Apontando depois para Dalmanutha", que estava à sua esquerda, disse: "esses fabricantes de tendas e de tapetes amam os próximos que mais lojas e mais tapetes comprem deles e deixam seus pobres sem teto e abandonados".

Em seguida, fez uma comparação dos fabricantes de sandálias e solas para os sapatos e aplicou-a aos nazarenos que o convidaram por pura curiosidade.

Disse-lhes: "não necessito das vossas demonstrações de honra, que são como as solas pintadas nas oficinas dos sapateiros e que depois são pisadas e carregadas na lama". E acrescentou: "Eles são como os sapateiros daquela cidade (e assinalou uma): desprezam a seus próprios filhos e os despacham e quando voltam do estrangeiros e aprenderam algo novo sobre solas pintadas, uma nova moda, então eles os fazem voltar por curiosidade e vaidade, para pavonear-se com as novas solas, que depois serão pisadas e arrastadas pela lama como essa mesma honra". Também lhes fez uma pergunta: "se alguém quebra uma sola na viagem e vai ao sapateiro para comprar outra nova, acaso lhe dão a outra?" Deste modo falou também sobre a pesca, a edificação e outros ofícios manuais e afins.

Os discípulos perguntaram-lhe onde pensava habitar, se queria construir uma casa em Cafarnaum. Respondeu-lhes que não edificava sobre areia e falou de outro tipo

de cidade que desejava edificar. Eu não entendia bem quando Jesus falava andando. Quando ele falava com eles enquanto estava sentado, eu entendia melhor. Lembro-me de que ele disse que queria ter um barco próprio para ir e vir pelo lago, pois desejava ensinar do mar e da terra.

## **Gileaditis, Gileade, Gamala, Gerasa**

Eles chegaram à região de Gelaaditis. Ali haviam parado Abraão e Ló, e houve ali uma repartição de terras entre eles.

Jesus lembrou-se disto, e disse-lhes que não falassem da cura dos leprosos para não irritar a ninguém e que deviam agir agora prudentemente para não despertar a suspeita dos outros, visto que os nazarenos tinham feito muito barulho e despertado a ira nos outros. Disse que no Sábado seguinte queria ensinar de novo em Cafarnaum: ali veriam o que é o amor ao próximo e a gratidão dos homens. Anunciou-lhes que o receberiam de maneira muito diferente do que quando curou o filho do centurião.

Eles andaram algumas horas para o Nordeste em uma curva do mar quando chegaram defronte de Gileade, ao sul de Gamala. Havia ali pagãos e judeus como na maioria daquelas cidades. Os discípulos teriam desejado entrar, Mas Jesus lhes disse que se ele fosse com os judeus dali não lhe dariam nada e o receberiam mal, e se entravam na casa dos pagãos murmurariam os judeus e o caluniariam. Ele disse que esta cidade seria destruída e que era muito ruim. Os discípulos falaram também de um certo Agabus, um profeta que vivia agora de Argob, nestas regiões, que de tempos atrás tinha visões da missão de Jesus e que tinha profetizado dele não muito tempo atrás; mais tarde ele foi um discípulo. Jesus disse-lhes que seus pais eram herodianos e que ele havia sido educado na mesma seita, mas que ele havia se convertido.

Jesus acrescentou que estas seitas eram sepulcros branqueados, que por dentro estavam cheios de podridão. Estes herodianos estavam da parte oriental do Jordão, em Perea, Traconítidis, e Yturea especialmente. Eles se escondiam, levavam uma vida sombria e secretamente ajudavam uns aos outros.

Muitas pobres pessoas iam a eles, e eles, aparentemente, as ajudavam, porque no exterior eram muito farisaicos; trabalhavam secretamente pela liberdade dos judeus do jugo dos romanos e eram partidários de Herodes.

Faziam obra tenebrosa, como entre nós os maçons.

Eu tive o convicção, pelas palavras de Jesus, de que eles se mostravam muito observantes e santos, mas que eram hipócritas e fingidos.

Jesus permaneceu com os discípulos em um albergue de publicanos. Havia ali muitos publicanos reunidos a quem os pagãos pagavam impostos pelas mercadorias que introduziam no país. Parecia que não o conheciam.

Jesus não lhes falou. Ensinou ali da proximidade do reino e do Pai que enviava seu filho à vinha e deu-lhes a entender muito claramente que ele era o Filho, acrescentando que todos aqueles que faziam a vontade de seu pai eram filhos de Deus. Com isso ficou algo oculto o que lhes havia manifestado antes claramente.

Ele os exortou ao batismo: alguns se converteram e perguntaram se deveriam ser batizados pelos discípulos de João. Ele lhes respondeu que esperassem até que fossem lá batizar seus próprios discípulos. Os discípulos perguntaram se naquele momento seu batismo era diferente do de João, porque eles haviam recebido o de João. Jesus explicou a diferença e chamou o de João de uma purificação de penitência. Neste ensinamento com os publicanos houve uma referência à Trindade, falando do Pai, do Filho e do Espírito Santo numa unidade: mas o disse de outra

maneira. Os discípulos dali não se espantavam de lidar com os publicanos. Como Jesus tinha estado com os essênios em Nazaré, e os fariseus o censuravam por isso mesmo, perguntaram-lhes algo sobre os essênios, e ouvi dizer que Jesus, perguntando várias coisas indiretamente, os elogiava. Assim, mencionando as faltas que se cometiam contra o amor ao próximo e a justiça, perguntava: "Fazem os essênios isto?... Fazem os essênios aquilo outro?"

Chegando perto de Gileade saíram alguns endemoninhados gritando, enquanto corriam para uma região deserta. Estavam abandonados e roubavam e assaltavam as pessoas dos arredores, matando e cometendo todo tipo de maldade. Jesus olhou para eles, abençoou-os de longe, e de repente se calaram, viram-se livres e vieram prostrar-se a seus pés. Jesus exortou-os à penitência e ao batismo e disse-lhes que esperassem até que seus discípulos batizassem em Ainon.

Em torno de Gileade era um terreno pedregoso sobre um solo esbranquiçado e quebradiço. Jesus dirigiu-se com os seus para a montanha em cujo extremo sul está a cidade de Gamala em direção Noroeste em relação ao mar da Galileia. Passou por Gerasa, que se via ao partir, caminho de uma hora, numa vala, e que tinha em torno uns pântanos formados pelas águas represadas por um dique, que corriam entre penhascos para o mar da Galileia. Jesus falou com os discípulos deste lugar. Um certo profeta tinha sido escarnecido por causa de seu rosto deformado e lhes tinha dito: "Ouvi vós, que zombais de mim: vossos filhos ficarão obstinados quando vier alguém maior do que eu, que ensinará e curará aqui, e eles não se alegrarão com sua salvação, por causa da tristeza que terão por causa da perda de animais impuros." Era uma profecia sobre Jesus, referente à entrada dos demônios nos porcos dos gerasenos.

Jesus falou também do que o esperava em Cafarnaum. Os fariseus de Séforis, irritados com o seu ensinamento sobre o matrimônio, haviam enviado mensageiros a Jerusalém, e os nazarenos e agora havia em Cafarnaum uma quadrilha de fariseus de Jerusalém, de Nazaré e de Séforis para espionar Jesus, contradizê-lo e disputar com Ele. Naquele caminho encontravam grandes caravanas de gente pagã com mulas e bois, de bocas grossas, que caminhavam com a cabeça inclinada pelos pesados e largos chifres. Eram mercadores que vinham da Síria e iam para o Egito e que em parte passavam o rio em Gerasa e em parte mais acima, pelas pontes do Jordão. Havia muita gente que se tinha juntado à caravana para ouvir o profeta e assim uma parte foi a Jesus e perguntaram se o profeta ensinaria em Cafarnaum. Ele lhes disse que não fossem agora a Cafarnaum, mas que se concentrassem na encosta da montanha, junto a Gerasa, que o Profeta passaria por ali. Ele falou de tal maneira com eles, que perguntaram: "Senhor, és também um profeta?" E pela sua aparência puseram-se a pensar se não seria ele mesmo o Profeta.

Quando Jesus entrou com os discípulos num albergue, perto de Gerasa, havia um tumulto tal de pagãos e viajantes, que se retirou dali. Os discípulos falaram com os pagãos do Profeta e os instruíram. Gerasa estava situada na descida de um vale, a cerca de uma hora e meia do mar da Galileia. Era maior e mais importante que Cafarnaum, com mistura de pagãos, como quase todas as cidades vizinhas. Vi templos. Os judeus eram a minoria e eram oprimidos; contudo, tinham a sua escola e os seus professores. Havia muito comércio e manufatura, porque passavam por ali as caravanas da Síria e do Egito. Diante da porta vi um longo edifício, cerca de um quarto de hora de caminho, onde fabricavam longas barras e canos de ferro. Eu vi que eles faziam as barras planas e depois as juntavam soldando-as e arredondando-as. Eles também faziam canos de chumbo.

Eles não trabalhavam queimando troncos de lenha, mas uma espécie de tijolos pretos que tiravam da terra. O ferro lhes chegava de Argob. Os viajantes pagãos

havam estacionado ao Norte de Gerasa, na parte sul da montanha, em uma encosta. Haviam pagãos e judeus que se mantinham afastados dos outros. Os pagãos vestiam-se diferente dos judeus: tinham roupas até a metade das pernas. Deviam haver ricos entre eles, porque vi mulheres que tinham os cabelos recolhidos com uma touca de pérolas e pedras preciosas. Outras tinham o véu e os cabelos do lado de fora, reunidos, como formando uma cesta, adornada com pérolas.

Jesus dirigiu-se a esta encosta e ensinou às pessoas, caminhando, enquanto ia de um grupo a outro, ou parando um pouco em um pouco em outro. Caminhava e ensinava como em conversas com viajantes. Ele usava perguntas e ensinava com as respostas. Perguntava: "de onde sois? O que os leva a viajar? O que vocês esperam do Profeta?" E lhes dizia como tinham que fazer para se tornarem participantes da salvação. Dizia: "Felizes os que de tão longe vêm buscar a salvação! Ai daqueles entre os quais está a salvação e não a recebem!" Explicou-lhes as profecias do Messias, a vocação dos infiéis, e contou o chamado dos Três Reis Magos, do qual eles tinham conhecimento. Entre os da caravana haviam alguns da região de Edessa, onde o servo do rei Abgaro tinha levado a carta e o retrato de Jesus, e pernoitado no forno de tijolos. Jesus não curou nenhum enfermo ali. As pessoas em geral eram boas. Contudo, havia uma parte à qual pesava ter tomado parte na viagem: imaginara uma coisa muito diferente do profeta, segundo os seus sentidos e gostos.

Depois deste ensinamento foi Jesus com os quatro discípulos para comer com um mestre judeu fariseu, que vivia diante da cidade e o convidara, e que por soberba não aparecera em seu ensinamento aos pagãos.

Estavam presentes outros fariseus da cidade. Receberam Jesus educadamente, mas com hipocrisia, e à mesa se apresentou a ocasião para lhes dizer de uma vez toda a verdade. Um escravo pagão trouxe uma bela fonte heterogênea com um bolo de confeitaria artisticamente feito, formando figuras de pássaros e flores, para depositá-la sobre a mesa. Um dos fariseus promoveu um tumulto dizendo que na fonte havia algo de impuro, rejeitou o pobre escravo, Injurou-o e mandou-o para fora. Jesus disse então: "não é a fonte, mas o que está dentro que está cheio de impureza". O dono da casa respondeu: "Você está errado: a confeitaria é absolutamente pura e muito cara". Jesus queria dizer tanto quanto isto: "é muito impuro, pois isto não é senão um composto de sensualidade amassado com o suor, o sangue, os ossos e as lágrimas das viúvas, dos órfãos e dos pobres". Em seguida, dirigiu-lhes uma severa repreensão à sua conduta de esbanjamento, ganância e hipocrisia. Eles se irritaram muito e, como não puderam replicá-lo, deixaram a casa todos, menos o dono dela, que continuou a lisonjear a Jesus, porque tinha a palavra de ordem de espioná-lo para levá-lo à reunião que os fariseus pensavam celebrar em Cafarnaum.

À tarde, ensinou novamente aos pagãos, junto à montanha. Ao perguntar se deveriam ser batizados pelos discípulos de João e ao manifestar o desejo de se estabelecerem nesta região, Jesus aconselhou-os a quanto ao batismo, esperassem um pouco até que estivessem melhor instruídos e, quanto ao resto, fossem para o outro lado do Jordão, na alta Galileia, na região de Adama, onde haviam pagãos bem instruídos e gente boa, onde pensava em ir dali a pouco ensinar. Ele continuou sua instrução à luz das tochas. Depois os deixou e caminhou pela beira do mar até um lugar onde os criados de Pedro o esperavam com um barco.

Já era tarde demais, e os três servos de Pedro usavam tochas acesas quando embarcaram a uma meia hora de Betsaida-Júlio. O barco onde Jesus subiu foi preparado por Pedro e André com seus servos para Jesus. Estes não eram apenas pescadores e marinheiros, mas sabiam fazer seus barcos.

Pedro tinha três desses barcos, um deles tão grande quanto uma casa. O barco que ele fez para Jesus podia conter cerca de dez homens e, pelo comprimento e largura, tinha a forma de um ovo. A frente e a traseira estavam fechadas, e o necessário podia ser guardado lá e havia conforto para lavar os pés. No meio erguia-se o mastro e das bordas saíam varas que iam para o mastro. Sobre as varas se endireitavam as velas. Ao redor do mastro estavam os assentos. Desde este barco ensinou Jesus muitas vezes e muitas navegou de uma a outra margem entre os outros navios. As grandes naves tinham em torno do mastro pavilhões redondos em forma de terraços, como galerias, umas sobre as outras, de onde se podia ver, e lá em cima, podia-se retirar sozinho. Nas varas que iam para o mastro havia saliências para poder subir e em ambos os lados da nave havia gavetas como lastro ou jangadas para que a nave não tombasse nas tempestades e com as quais a nave se aliviava ou afundava à vontade do condutor. Às vezes, essas gavetas estavam cheias de água, às vezes flutuavam vazias. Eles também costumavam colocar os peixes lá. As tábuas podiam ser acomodadas na frente e atrás desses navios para melhor chegar às jangadas ou passar de um navio para outro ou pegar as redes. Quando não pescavam, usavam estes navios para passar caravanas de mercadores. Os servos desses pescadores e marinheiros eram em sua maioria escravos pagãos. Pedro tinha um certo número deles a seu serviço.

## **Jesus em casa de Pedro. Medidas dos fariseus**

Jesus desembarcou acima de Betsaida, não longe da casa dos leprosos, onde lhe esperavam Pedro, André, João, Santiago o Menor e Felipe.

Jesus não entrou em Betsaida, passou com eles pelo caminho mais curto, sobre uma altura, até a casa de Pedro, no vale entre Betsaida e Cafarnaum. Ali estavam Maria e as santas mulheres. A sogra de Pedro estava doente, de cama. Jesus visitou-a, mas não a curou ainda. Lavaram-lhe os pés e preparou-se uma comida, durante a qual a principal conversa foi que os fariseus de diversas escolas da Judeia e de Jerusalém tinham mandado quinze fariseus a Cafarnaum para espiar os ensinamentos de Jesus.

Dos centros maiores vieram dois, de Séforis um, e de Nazaré aquele homem jovem que várias vezes tinha pedido a Jesus que o admitisse entre seus discípulos e tinha sido recusado. Tinha sido nomeado um escriba por essa comissão que fazia pouco tempo tinha contraído matrimônio. Jesus disse aos discípulos: "Veis por quem me implorastes? Vem para espionar-me e pede ser meu discípulo". Este jovem tinha querido ser discípulo por vaidade e adquirir fama, e como não foi recebido se tinha unido aos inimigos de Jesus. Estes fariseus deviam permanecer longo tempo em Cafarnaum.

Dos que chegaram a Cafarnaum, um devia voltar para referir-se e o outro permanecer para espionar Jesus. Tinham realizado uma reunião e tinham diante de si o centurião Serobabel, o pai e o filho, perguntando-lhes sobre sua cura e o ensinamento que tinham ouvido. Não podiam negar a cura nem rejeitar o seu ensinamento; mas não se mostraram satisfeitos do modo como tinha acontecido. Irritava-lhes que Jesus não tivesse estudado com eles; que andasse com gente desprezada, como eram os essênios, pescadores, publicanos e pecadores: que não tivesse mandato de Jerusalém; que ele não lhes perguntasse, que eram sábios e doutores; que não fosse nem fariseu nem saduceu: que ensinasse entre os samaritanos, e que curasse no dia de Sábado.

Em uma palavra, não gostavam, porque deviam humilhar-se e envergonhar-se se lhe reconhecessem como Messias. O jovem de Nazaré era inimigo declarado dos samaritanos, a quem perseguia de todas as formas. Os amigos e parentes de Jesus

desejavam que não fosse Jesus ensinar o sábado em Cafarnaum. Maria estava muito preocupada e expressou o desejo de que passasse para a outra parte do mar. Em tais ocasiões Jesus costumava responder brevemente, sem maiores explicações.

Havia em Betsaida e Cafarnaum grandes multidões de enfermos, de pagãos e judeus. Vários grupos de viajantes que haviam encontrado Jesus do outro lado do mar, o aguardavam ali. Em Betsaida havia grandes abrigos abertos cobertos de juncos, separados, para pagãos e judeus; no topo estavam os banhos para os pagãos e na parte inferior para os judeus.

Pedro tinha recebido muitos doentes judeus no circuito de suas posses e ao redor da sua casa. Jesus curou muitos deles no dia seguinte, bem de madrugada. Jesus lhe havia dito na tarde do dia anterior que deixasse seu ofício de pescar naquele dia e o ajudasse na pesca de homens: que logo o chamaria para esse ofício. Pedro obedeceu, mas estava em angustiado.

A ele sempre pareceu que a vida com Jesus era para ele muito elevada, que não poderia compreendê-lo. Pedro acreditava, via os milagres, dava tudo o que podia de boa vontade, fazia tudo com vontade; mas sempre pensava que ele não era para tanto, que não servia para isso, que era demasiado simples, que não era digno, e a tudo isto se misturava um segredo temor por seu próprio ofício e seu negócio. Também lhe era muito duro, quando zombavam dele, que sendo um simples pescador alternava com um profeta, andava atrás dele e permitia que em sua casa houvesse aquela multidão de gente que ia e vinha, descuidando seus interesses. Tudo isto batalhava dentro de Pedro: ele não era tão ardente como André e os outros, embora cheio de fé e de amor a Jesus; mas era curto, humilde e habituado ao seu trabalho, e mantinha-se simples na sua humilde ocupação.

Jesus caminhou com Pedro desde a casa, através da encosta do monte, até o extremo Norte de Betsaida. Todo este caminho estava cheio de doentes, pagãos e judeus, embora separados, e os leprosos postos à distância. Havia ali cegos, aleijados, mudos, surdos, inválidos e judeus hidróticos.

As curas eram feitas com grande ordem e com certa solenidade. Este povo estava ali há dois dias, e os discípulos André, Pedro e os demais a quem Jesus anunciou sua vinda, os haviam ordenado confortavelmente, pois havia no caminho alguns recantos isolados com sombra entre as rochas e nos jardins. Jesus ensinava e curava os enfermos, que eram trazidos em grupos à sua presença. Muitos queriam confessar com ele seus pecados, E Jesus se afastava com eles a sós. Eles se curvavam, chorando e confessando suas culpas. Entre os pagãos havia alguns que haviam cometido assassinatos e roubos durante suas vidas. A alguns Jesus os deixava prostrados ali e passava para outros, e depois voltava para aqueles e lhes dizia: "Levanta-te, teus pecados te são perdoados". Entre os judeus havia adúlteros e usurários.

Quando ele via o seu arrependimento e lhes impunha a reparação, orava com eles, colocava as suas mãos sobre eles, e então eles se sentiam saudáveis. A muitos os mandavam tomar banho. Alguns pagãos eram enviados ao batismo ou aos pagãos convertidos da alta Galileia. Um grupo vinha atrás de outro, e os discípulos mantinham a ordem.

## **Cura de muitos doentes em Betsaida**

Jesus passou por Betsaida, que estava cheia de pessoas, como em uma grande peregrinação, e curou muitos enfermos nos albergues e nas mesmas ruas. Na casa de André prepararam-lhe uma refeição.

Ali também haviam crianças: a enteada de Pedro, de cerca de dez anos, com outras meninas de sua idade e outras duas meninas de dez e oito anos, respectivamente, e um filhinho de André vestido com túnica amarela e cinto. Com eles havia algumas mulheres de idade. Estavam debaixo do telhado da casa e falavam do Profeta: corriam, iam e voltavam, vendo se o Profeta estava por perto. Elas estavam lá para vê-lo, porque normalmente as crianças eram afastadas nessas ocasiões. Jesus olhou para elas e os abençoou.

Depois vi Jesus voltar para a casa de Pedro e curar muitos doentes. Creio que eram mais de cem as pessoas que ele curou naquele dia, perdoando-lhes seus pecados e dizendo-lhes o que deveriam fazer no futuro.

Eu vi ali que curava os doentes de várias maneiras. Ele fazia isso para ensinar aos apóstolos como eles deveriam fazer depois, e para a Igreja de todos os tempos. Em seu modo de agir e andar era como um homem na forma e na figura: nada havia nestas curas de teatral ou de espetacular. Em todas as curas havia sempre uma passagem gradual da doença e do pecado à saúde e ao perdão. Vi que aqueles a quem colocava as mãos sobre a cabeça ou sobre os que orava, sentiam uma comoção interna de alguns momentos, e se viam saudáveis após uma espécie de desvanecimento momentâneo. Os aleijados levantavam-se lentamente, punham as muletas de lado e ajoelhavam-se para agradecer; mas as forças completas e o vigor entravam neles pouco a pouco; em alguns poucas horas, em outros depois de alguns dias. Vi hidrópicos que mal podiam chegar a ele e a outros que eram carregados: colocava a mão sobre a cabeça e na região do estômago: podiam andar sãos depois de sua palavra, mas a água se lhes saía logo pouco a pouco pelo suor ou de outra forma. Os leprosos perdiam, perante a sua palavra, as crostas doentes; mas restavam manchas encarnadas que desapareciam depois de algum tempo. Os que curavam da cegueira, mudez ou dos ouvidos sentiam a princípio uma sensação desacostumada por não terem usado esses sentidos. Vi hidrópicos que se sentiam saudáveis, mas que conservavam algum tempo o inchaço, que se lhes desaparecia logo lentamente. Os que tinham convulsões curavam imediatamente; os que tinham febre também a perdiam de repente; mas em geral não se sentiam subitamente sãos, sem febre e fortes, mas melhoravam como uma planta seca com a água da chuva. Os endemoninhados caíam frequentemente em desmaio breve e depois levantavam-se livres, mas com o olhar cansado e inquieto. Tudo procedia com ordem e quietude, e só os incrédulos e os inimigos de Jesus podiam encontrar em seus milagres algo que os atemorizava.

Os pagãos que tinham vindo até ali eram geralmente pessoas que tinham estado no batismo ou pregação de João: eles vinham da alta Galileia, onde os pagãos já tinham ouvido a Jesus e visto seus milagres, e desejavam ser eles instruídos e converter-se. Alguns tiveram o batismo de João, outros não. Jesus não mandava a ninguém fazer a circuncisão.

Ensinava, quando lhe perguntavam, da circuncisão dos afetos do coração e dos sentidos e como deveriam se comportar a partir daí. Exortava-os ao amor ao próximo, à temperança, à mortificação, a cumprir os Dez Mandamentos de Deus: ensinava-lhes partes de uma oração, como alguns pedidos do Pai Nosso, e prometia enviar-lhes os apóstolos.

## Jesus Ensina e faz curas em Cafarnaum

Na tarde anterior viam-se bandeiras com os nós de costume e retalhos de frutas sobre a sinagoga e nos edifícios públicos, porque entrava o último dia do mês Ab e com o sábado começava o primeiro dia do mês EliuK. Depois de Jesus ter curado

muitos doentes judeus em Betsaida, dirigiu-se com os discípulos à casa de Pedro, junto a Cafarnaum, onde as mulheres já tinham ido e onde muitos doentes o esperavam de novo. Havia ali dois surdos a quem Jesus pôs os dedos nos ouvidos. Eles trouxeram outros dois que mal podiam andar, que tinham os braços imóveis e os dedos inchados. Jesus pôs-lhes as mãos, orou com eles, e tomando-os de ambas as mãos, moveu os dedos, e ficaram sãos. O inchaço permaneceu e desapareceu após algumas horas.

Exortou-os a usar as suas mãos para a glória de Deus, pois por causa dos pecados estavam naquele estado. Curou a muitos ainda e depois marchou para o sábado à cidade. Havia ali uma grande multidão.

Tinham deixado livres os endemoninhados, que corriam pelas ruas ao encontro de Jesus e clamavam por ele. Jesus mandou-os calar-se e sair deles. Então ficaram calados, e em silêncio acompanharam Jesus à sinagoga, com admiração de todos os presentes, e ouviram o seu ensinamento ali dentro.

Os fariseus, especialmente os quinze que tinham vindo para espionar, estavam sentados ao redor de seu assento e o tratavam com fingida reverência.

Deram-lhe os rolos da escrita. Jesus ensinou sobre Isaías, capítulo 49, que Deus não esqueceu seu povo. Leu: "Ainda que uma mulher esqueça seu filho, Deus não esquecerá seu povo", e explicou com o que segue: Deus não pode, pela perversidade dos homens, ser impedido de compadecer-se dos desamparados. É chegado o tempo do qual o profeta fala, que vê sempre os muros de Sião. Agora é o tempo em que os destruidores têm que fugir e os mestres de obra vêm. Ele reunirá muitos para enfeitar o seu santuário. Muitos se tornarão piedosos e bons, muitos serão benfeitores e guias do pobre povo, de modo que a sinagoga infrutífera terá que dizer: quem me criou todos esses filhos? Os pagãos se converterão à Igreja e os reis a servirão. O Deus de Jacó tirará o inimigo, a sinagoga perversa do seu povo, e deixará aqueles que se tornarão culpados, como assassinos do Salvador, que se irritem-se e destruam-se uns aos outros. Tudo isto o referiu à destruição de Jerusalém, se não recebesse agora o reino da Graça. Deus pergunta: se se afastou da sinagoga, se tem uma carta de repúdio, se vendeu o seu povo. Sim, por causa dos pecados foi vendido. As sinagogas são rejeitadas por causa de seus crimes. Ele chamou e avisou, e ninguém se deu por entendido. Deus é poderoso: pode remover céus e terra (Isaías 50-1). Todas estas coisas Jesus referiu ao seu tempo. Mostrou que tudo se tinha cumprido, que seu pai lhe enviara, para anunciar a salvação e trazê-la, e para ajuntar os deixados pela sinagoga e os pervertidos por ela.

Quando Jesus disse as palavras da Escritura, aplicando-as a si mesmo, que Deus, o Senhor, lhe deu língua sábia para levar os abandonados e os desviados ao caminho, que desde cedo lhe abriu os ouvidos para ouvir os seus mandamentos, e que ele não havia contradito; quando Jesus disse estas coisas, os fariseus as tomaram como soavam naturalmente e disseram que se louvava a si mesmo. Embora estivessem imbuídos de seus ensinamentos e depois de ouvirem dissessem: "Nenhum profeta jamais falou assim", eles ainda murmuravam nos ouvidos um do outro. Jesus explicou ainda as palavras do profeta: que Ele havia sofrido por eles, que Ele se deixou bater no rosto e deixou Seu corpo ser espancado, e sofreu perseguições, e sofrerá ainda mais. Ele falou sobre os maus tratos em Nazaré, dizendo que qualquer pessoa que pudesse condená-lo deveria se manifestar. Todos os seus inimigos envelhecerão e murcharão em seus ensinamentos e o juiz virá sobre eles. "Os que temem a Deus, que ouçam suas palavras; os ignorantes sem luz, roguem a Deus por luz e esperança. O julgamento virá e os que acenderam o fogo perecerão " (Isaías 50-11). Tudo isso se referia à destruição do povo judeu e de Jerusalém. Os fariseus não puderam contradizer nem uma de suas palavras. Escutavam calados; só falavam

ao ouvido, e escarneciam, embora se sentissem feridos e comovidos. Então Jesus explicou algo mais sobre Moisés, e isto sempre por último, acrescentou uma parábola, falando nela mais para seus discípulos, e especialmente para o jovem escriba nazareno e traidor. Era a parábola dos talentos que Deus dá; porque este jovem era muito orgulhoso de sua ciência. Interiormente vi que ficou ferido e envergonhado, mas não melhorou. Jesus não disse as parábolas como estão no evangelho, mas muito parecidas.

Diante da sinagoga curou alguns enfermos e foi com seus discípulos fora da porta, em direção à casa de Pedro. Vieram Natanæl Chased, Natanæl de Caná e Tadeu de Caná para a festa do sábado. Tadeu viajava frequentemente, porque negociava no país com redes de pescadores, velas de navios e cordas. A casa ficou novamente cheia de doentes durante a noite. Além disso, haviam várias mulheres com fluxo de sangue. Outros trouxeram mulheres doentes embrulhadas em panos, em macas. Aparecem pálidas e míseras, e desde tempos antigos esperavam por Jesus. Desta vez pôs as mãos sobre elas e abençoou-as; às que estavam em macas mandou-as levantar-se e desatar-lhes as ataduras. Umas ajudavam as outras. Exortou-as e despachou-as sãs. À noite, Jesus retirou-se para orar sozinho. Os fariseus espiões de Cafarnaum não haviam manifestado publicamente sua intenção. O centurião Serobabel foi interrogado privadamente. Eram mantidos ali sob outros pretextos, como outros fariseus, pela festividade do sábado, por ser um lugar onde havia um mestre de fama, e também porque muitos costumam vir à região de Genesaré por motivo de comércio, ou pela beleza do lugar para descansar naquela região de fertilidade privilegiada.

Na manhã seguinte, muito cedo, Jesus voltou a Cafarnaum.

Havia muita gente e doentes reunidos em torno da sinagoga, dos quais curou muitos. Quando entrou na sinagoga, onde já estavam reunidos os fariseus, começaram a gritar os endemoninhados, e um especialmente, que era furioso, se ele avançou em direção a Jesus, gritando: "O Que nós temos contigo, Jesus de Nazaré? Você vem para nos perder. Eu sei que você é o Santo de Deus". Ordenou-lhe o Senhor que se calasse e saísse dali.

O homem caiu no chão e agitou-se com fúria, mas o diabo teve que sair gritando. O homem achou-se saudável e curvou-se diante de Jesus. Disseram então muitos, especialmente os discípulos, para que o ouvissem os fariseus, que se irritaram por isso: "Que novo ensinamento é este? Quem será este que até tem força e poder sobre os espíritos imundos?"

Havia tanta gente reunida e tantos doentes dentro e ao redor da sinagoga, que Jesus foi ensinar a um lugar onde ele poderia voltar para aqueles que estavam dentro e fora no vestibulo. Ao redor dele estavam os fariseus no interior, e Jesus, olhando para fora, ensinava ao povo: já se dirigia aos de dentro, já aos de lá fora. Os pórticos da sinagoga estavam abertos e os ouvintes enchiam não só o vestibulo, mas os telhados dos edifícios, em torno da sinagoga, para os quais tinham acomodado escadas para subir. Embaixo havia tendas e celas para os que oravam e faziam penitência. Para os doentes tinham preparado lugares separados.

Jesus ensinou de novo muito vivamente de Isaías e aplicou tudo ao seu tempo e à sua pessoa. "Os tempos se cumpriram e o reino se aproxima". Sempre tinham sentido anseios pelo cumprimento das profecias e tinham pedido profetas e suspirado pelo Messias, para que viesse tirar-lhes a carga: mas quando estiverem com eles não o quererão, porque ele não será como imaginaram em suas equivocadas ideias. Indicou os sinais dos profetas, conforme desejavam que se cumprissem: coisas que tinham lido nas escolas, nas Escrituras, e pelas quais oraram e pediram; mostrou-lhes que os sinais haviam sido cumpridos. Disse-lhes:

"os aleijados caminharão, os cegos verão e os surdos ouvirão. Acaso não aconteceu? O que querem esses pagãos que vieram para o ensino? O que gritam os endemoninhados?

Por que louvam a Deus os curados de seus males? Não me perseguem os maus? Não me espiam os que me rodeiam? Eles expulsarão o Filho do Dono da vinha e o matarão, e então o que acontecerá com eles? Vocês não querem receber a salvação? Pois não a perderão? Vós não podereis impedir que vá aos pobres, aos doentes, aos pecadores, aos publicanos, aos arrependidos, aos pagãos, o que vós não quereis receber", deste teor foi o conjunto da sua pregação. Disse Também: "vós tivestes como um profeta João, a quem prendestes. Ide a ele, à sua prisão; perguntai-lhe que caminho Ele preparou, de quem ele deu testemunho".

Enquanto ele falava assim, a ira dos fariseus cresceu excessivamente e eles cochichavam e murmuravam entre si. Eles trouxeram oito homens meio doentes e quatro nobres que sofriam de doenças impuras. Eles eram de Cafarnaum e os colocaram num lugar do vestíbulo onde Jesus pudesse vê-los e eles pudessem ouvir a sua voz. Eles só poderiam ser afastados por causa de sua doença. Como agora tudo estava ocupado com a multidão de ouvintes, não puderam aproximar-se, e então levantaram estes enfermos sobre um muro alto e depois abriram caminho entre a multidão, que se afastava por tratar-se de doentes impuros. Quando viram isto, os fariseus se irritaram muito e murmuravam contra a ousadia deste povo, a quem tachavam de pecadores públicos, que padeciam de enfermidades impuras, e levantaram a voz dizendo que era uma desordem que semelhante gente se aproximasse deles. Como estas palavras chegaram aos ouvidos dos enfermos, estes ficaram tristes, pensando que se Jesus conhecia sua enfermidade não ia querer curá-los. Estavam cheios de arrependimento e há muito desejavam ser socorridos.

Quando Jesus ouviu as murmurações dos fariseus, voltou-se para fora com o olhar, para onde estavam estes doentes tristes e havendo-lhes dito: "os vossos pecados vos são perdoados". Então esses homens se soltaram em lágrimas, enquanto os fariseus começaram a murmurar com raiva: "Como ele pode dizer isso? Como você pode dizer que perdoa os pecados?" Jesus disse-lhes: "Sigam-me e vocês verão o que farei com eles.

Por que vocês estão irritados porque eu cumpro a vontade de meu Pai? Vocês não querem receber a graça; então não impeçam o arrependido de recebê-la. Vocês estão irritados porque eu curo no sábado. A mão do Todo-poderoso repousa em fazer o bem no sábado e em punir o mal? E no sábado, Deus não alimenta, cura, abençoa?

Deus não permite que você fique doente no sábado ou morra naquele dia?

Não se irrite porque o Filho faz a vontade de seu Pai no sábado."

Quando chegou perto dos enfermos, disse aos fariseus: "fikai ali, porque eles são para vós impuros; para mim não o são, pois seus pecados foram perdoados. E agora respondi: é mais fácil dizer a um pecador arrependido: teus pecados te são perdoados, do que dizer a um enfermo: Levanta-te, toma tua maca e vai?" Eles não sabiam o que responder, E Jesus, aproximando-se dos doentes, colocou as mãos sobre eles, um após o outro; ele disse uma breve oração sobre cada um, levantou-os pelas mãos, e mandou-lhes agradecer a Deus, não pecar mais e que levassem suas macas. Os quatro levantaram-se de suas macas, e os oito que os haviam trazido, que haviam estado meio doentes, viram-se completamente sãos e eles ajudaram os outros a sair de seus invólucros. Estes quatro só se sentiram um pouco cansados e não acostumados; no entanto, ajuntaram as madeiras de suas macas, tomaram-nas sobre seus ombros, e os doze passaram cheios de alegria entre a multidão, cantando: "Louvado seja o Senhor Deus de Israel.

Ele operou grandezas em nós. Ele se compadeceu de seu povo e nos curou por meio de Seu Profeta". Com estas palavras, afastaram-se da multidão, que ficou cheia de admiração.

Os fariseus, zangados e envergonhados, saíram sem cumprimentar. Tudo lhes desagradava, o que Jesus fazia e como o fazia: que ele não compartilhasse as ideias deles: que eles, que se julgavam os sábios, os justos, os eleitos, não o fossem, e que Jesus estimasse as pessoas das quais eles fugiam e as que desprezavam. Tinham sempre mil escrúpulos para lhe fazer: que não observava os jejuns como se devia; que ia com os pecadores, pagãos, publicanos, samaritanos e toda a multidão: que era de baixa estirpe e condição; que deixava os seus discípulos em demasiada liberdade e não os tinha à distância. Em uma palavra, nada lhes agradava, e, no entanto, em nada podiam censurá-lo: não podiam negar sua sabedoria e seu poder extraordinário, e, apesar de isso, envolviam-se cada vez mais em críticas e irritantes murmurações. Quando se considera assim a vida real de Jesus Cristo, vê-se que o povo e os sacerdotes de então eram como o são hoje em dia. Se Jesus viesse agora, aconteceria muito pior ainda com muitos escribas, sábios e doutores e com a polícia. A doença dos quatro era um fluxo impuro. Eles pareciam ressecados como se tivessem sido feridos por um ataque de apoplexia. Os outros oito foram parcialmente aleijados. As macas eram duas tábuas com pernas e madeiras transversais e uma lona estendida no meio. Poderia enrolar tudo para ser carregado sobre os ombros como um par de troncos. FAoi algo comovente ver esses homens cantando louvores ao Senhor enquanto atravessavam a multidão admirada.

## **Jesus cura a sogra de Pedro. Humildade do apóstolo**

Jesus saiu sem demora com os discípulos e dirigiu-se ao longo da montanha em direção à casa de Pedro, junto a Betsaida: ele foi chamado com urgência, pois parecia que a sogra de Pedro estava prestes a morrer.

Sua doença havia aumentado e ele estava com febre muito alta. Jesus entrou em sua câmara. Estava lá eu acho a enteada de Pedro. Jesus aproximou-se da cama e inclinou-se, meio de pé e meio sentado. Falou algumas palavras com ela e pôs a mão sobre a cabeça e o peito, e ela ficou sossegada completamente. Então, de pé diante dela, levantou-a pela mão até que a sentasse, e disse: "Dai-lhe de beber", e a enteada de Pedro deu-lhe de beber num copo em forma de navio. Jesus abençoou a bebida, e mandou-a levantar-se, e ela levantou-se de sua maca baixa. Estava toda embrulhada e tinha também um amplo vestido de dormir. Deixou as telas, levantou-se e deu graças ao Senhor, e com ela toda a casa. Durante a refeição, esta mulher serviu à mesa com as outras mulheres e estava completamente saudável.

Depois disso foi Jesus com Pedro, André, Tiago, João e outros discípulos mais ao lugar de pesca de Pedro, junto ao mar, e falou ali especialmente de que logo deveriam deixar esta ocupação para segui-lo sozinho. Pedro assustou-se inteiramente, lançou-se aos pés do Senhor e pediu-lhe que olhasse para a sua ignorância e a sua fraqueza, e não pedisse que ele tomasse parte em coisas tão importantes, que não era digno desses assuntos tão grandes nem era capaz de instruir outros. Jesus respondeu-lhe que não tivesse preocupação mundana alguma, e que aquele que dava saúde aos enfermos daria também força, alimento e o necessário para cumprir sua missão. Os outros estavam totalmente satisfeitos. Só Pedro, na sua humildade, não podia compreender como ele, pobre pescador, poderia ser outra coisa que pescador e não Mestre.

Ainda não era o apelo que está no Evangelho: este apelo ainda não tinha ocorrido. Contudo, desde então Pedro dava ao Zebedeu seu ofício mais do que antes, depois

deste caminho junto ao mar Foi Jesus para Cafarnaum e encontrou muitos doentes na casa de Pedro, perto da cidade. Ele curou vários deles e ensinou na sinagoga. Quando à tarde a multidão aumentou ainda mais, Jesus retirou-se quase sem ser notado e foi sozinho para um barranco natural agradável que se estendia-se ao sul de Cafarnaum, desde a posse de Serobabel até a de seu servo e de seus trabalhadores. Nesta garganta havia cavernas, arbustos, fontes de água e eram guardados ali muitos pássaros e animais raros. Era como uma selva conservada pela mão do homem, pertencente a Serobabel. Por um lado, estava aberta a todos, como parte desse país de recreio que era o de Genesaré. Jesus passou ali a noite em oração, sem que seus discípulos soubessem. Vi que levantavam ali a segunda colheita do país. De manhã cedo, Jesus deixou o local. Não voltou a Cafarnaum, mas mandou a Pedro, que com outros discípulos o procurassem, que lhe enviasse os discípulos Parmenas, Saturnino, Aristóbulo e Tharzissus a um determinado ponto onde se juntaria a eles, e marchou depois para os banhos de Betulia. Percorreu as alturas onde Magdalum estava situada, algumas horas a leste, à sua esquerda. Ao Meio-dia estava a cidade de Jotapata.

## Jesus nos banhos de Betulia. Entretenimento

A princípio, acreditei que Jesus estava indo para Gennebris, cerca de três horas a Este de Tiberíades. Mas não era para lá, mas ao norte do vale, para o poço de Betulia. Muitos nobres e ricos da Galileia e da Judeia tinham ali suas casas de campo e seus jardins, onde passavam temporadas na bela estação do ano. Ao meio-dia do mar, na encosta Norte da altura de Betulia, havia uma fileira de casinhas com banhos quentes. Os banhos do leste eram mais quentes: os do Este eram apenas mornos. Estes banhos tinham um grande lago comum e em torno de celas e entradas individuais, onde se podia deitar-se em gamelas altas e baixas, e podia ir para a lagoa comum. Havia muitas pousadas e casas que podiam ser alugadas para a temporada com seus jardins e tudo que você precisasse. Os ingressos eram para o bem-estar de Betulia e os da cidade administravam o negócio e alugavam casas. O lago era ali muito claro e você via os fundos de pedras brancas muito bonitas. As águas da Lagoa vinham do Este e depois saíam para o Vale de Magdalum. O lago estava cheio de pequenos esquivos que à distância pareciam patos nadando. Na parte Norte estavam as habitações das mulheres olhando ao Meio-dia. Os caminhos e os recreios uniam-se no rio que ali fluía para o lugar de jogo dos homens. O Vale era inclinado em ambos os lados suavemente em direção ao mar. Dos quartos e banheiros se estendiam por caminhos de comunicação, avenidas e caminhos sombreados por árvores: o chão era coberto de grama alta, verde, com jardins de frutas, picadeiros e lizas. O panorama era esplêndido, cheio de colinas, transbordando de vegetação, com muitas frutas, especialmente uvas. Agora era feita a segunda colheita do ano.

Jesus permaneceu perto da parte do lago onde havia um albergue de viajantes. As pessoas se reuniram ao lado dele. e Jesus ensinou diante do albergue com muita mansidão. Havia muitas mulheres ouvindo a pregação. Na manhã seguinte, vi muitos pequenos barcos do Meio-dia se aproximarem do lago onde estavam os banhos: um grupo dos principais homens vieram convidar Jesus a passar para o outro lado para ensinar. Jesus concordou e se hospedou em um albergue onde lhe foi dado alimento. Ensinou de manhã ao fresco e à tarde num morro, em frente ao albergue, sob a sombra das árvores. A maior parte dos ouvintes estava de pé em torno dele, e do outro lado as mulheres com véus. Uma ordem agradável reinava ali. A maior parte eram pessoas bem inclinadas, que se mostravam alegremente educadas e boas.

Como não havia ali partidos, ninguém se guardava do outro para manifestar a Jesus sua reverência e seu respeito, e todos o trataram com suma consideração. Quando o ouviram, manifestaram-se muito contentes e satisfeitos. Ensinou por ocasião da purificação por meio das águas, da amizade que reinava ali entre a sociedade, da igualdade e do sentimento de confiança que se notava entre eles. Passou a falar do mistério das águas, da purificação dos pecados, da água do batismo, de João, da Irmandade dos batizados e dos convertidos. Usou várias comparações do belo tempo do ano, da paisagem, das montanhas, das árvores, dos frutos e do gado que pastava pelos campos, enfim, de tudo o que estava à vista. Vi que os ouvintes iam mudando ordenadamente, revezando-se, e Jesus repetia suas comparações e ensinamentos aos novos grupos. Eu vi doentes de gota rastejando ao redor. A maior parte dessas pessoas eram funcionários e oficiais que se recreavam. Conheci-os em suas vestes quando deixavam o lugar e partiam para seu ofício ou emprego. Quando estavam ali todos vestiam o mesmo: os homens de fina lã amarela, como em sacos de quatro partes distintas que chegavam até o joelho: os pés calçados com sandálias e outros sem elas. A parte superior do corpo era coberta por uma espécie de escapulário aberto nas laterais com uma larga faixa na cintura. Nos ombros, eles usavam um pano até o cotovelo e a cabeça estava descoberta.

Estes homens entretinham-se em vários jogos: lutavam com espadas de paus e couraças de folhas tecidas; apressavam-se em fileiras uns contra os outros, tentando desalojar-se de suas fileiras. Corriam corridas até um ponto fixo ou saltavam-se em cordas estendidas ou com anéis dos quais penduravam todo tipo de objetos brilhantes. Corriam através de arcos onde penduravam objetos que não deviam tocar, pois soavam ao contato e caíam no chão e assim perdiam o jogo segundo o número de objetos caídos. Eles jogavam por frutas. Uns tocavam flautas, e outros tinham uns tubos longos através dos quais olhavam à distância ou a paisagem do mar, e com os mesmos, soprando lá dentro, atiravam flechas contra os peixes. Vi que estes tubos os enrolavam como anéis para tê-los pendurados no braço. Vi que colocavam bolinhas de vidro colorido sobre a ponta destes tubos e depois, movendo-os contra o sol, espelhava-se neles a paisagem, mas ao contrário, e parecia que o mar estava sobre suas cabeças e desaparecia. Com estes e outros entretenimentos, eles se alegraram e se divertiram. Havia frutas muito bonitas, especialmente uvas, e vi que alguns, com toda reverência e agrado, traziam a Jesus e lhe ofereciam as melhores frutas.

As habitações das mulheres estavam do outro lado do lago, embora os banhos estivessem deste lado, mas mais para o Oeste, de modo que da parte dos homens não se via lá. Na margem do lago vi crianças vestidas de lã branca que guiavam e faziam nadar de um lado para o outro com seus galhos de salgueiro coloridos a bandos de aves aquáticas. A água do lago e do mar era bombeada para cima, para os banheiros dos albergues, e ali presa em regas e levantada de novo. Eu vi as mulheres entretidas em vários jogos sobre a pradaria. Estavam vestidas com toda modéstia, com longas vestimentas de lã branca, de muitas dobras e duas faixas que as seguravam. As mangas largas podiam ser levantadas ou abaixadas e em torno das mãos tinham babados com muitas dobras. Eles usavam uma espécie de boné com penas de seda ou penas naturais, que em círculos cada vez mais estreitos cobriam toda a cabeça; atrás era recolhido e pendurado para baixo terminando com uma borla. Não usavam véu, mas sim diante do rosto como duas partes de um leque transparente, que os cobria até o nariz e que tinha duas aberturas para os olhos. Eles podiam abaixá-lo ou retirá-lo conforme desejassem, para proteção contra o sol. Na presença dos homens usavam esta máscara sempre baixa. Eu vi essas mulheres praticarem um jogo alegre. Cada um delas tinha uma corda amarrada no

corpo na faixa e com uma das mãos segurava a corda do vizinha, ficando a outra livre. Na campina haviam escondido um pingente ou uma joia e o círculo ia circulando até que uma das mulheres, via a joia, e se abaixava para pegá-la: as outras rapidamente davam a volta no círculo enquanto outra se abaixava para pegar a joia. Eles tinham que se apoiar uma na outra para não caírem um em cima da outra; às vezes eles caíam apesar do esforço para se segurar, e então eram motivo de risadas e diversão de todas.

## Jesus em Bethulia

Bethulia estava situada num planalto numa região montanhosa, solitária e selvagem. Era uma hora e meia a sul do lago. Acima, havia uma grande torre de aparência áspera e muitas paredes e torres em ruínas. Em algum tempo, a cidade deve ter-se estendido muito mais longe e ter sido fortemente fortificada. Nas paredes cresciam árvores, sobre as quais se podiam conduzir veículos, e vi os visitantes dos banhos passearem por elas. A cidade ficava no alto ao redor da montanha. Foi ali que Judite se tornou ilustre. O acampamento de Holofernes estendia-se do lago através da ravina de Jetebatha em torno de Dothan, algumas horas ao sul de Bethulia. De Jetebatha também havia visitantes nos banhos. Não esperaram ouvir as instruções de Jesus, mas, voltando a Jetebatha, espalharam a notícia da sua presença em Bethulia. Jetebatha estava situada a cerca de uma hora e meia a sudeste, construída no seio das montanhas como numa imensa caverna. Antes de subir uma montanha da qual a descida para a cidade era sobre valas profundas e selvagens. Parecia ter sido construída numa pedreira profunda, a montanha pairando sobre ela. Ao norte desta montanha, a menos de duas horas de distância, ficava Magdalum, à beira de um vale profundo, com seus arredores de avenidas, jardins e torres de todos os tipos que se estendiam para o meio dela. Entre a montanha e Magdalum ainda estavam de pé os restos do canal de um aqueduto através de cujos arcos se podia olhar longe para o país. O canal estava agora coberto de vinhas e folhagens. Para o sul, de Jetebatha, erguia-se outra montanha selvagem perfurada à direita e à esquerda por amplas ravinas. Era uma região cheia de esconderijos maravilhosos. Havia numerosos herodianos em Jetebatha. Em uma parede das fortificações, eles tinham um ponto de encontro secreto. A seita era composta por pessoas astutas e inteligentes sob um superior secreto. Eles tinham sinais em que se reconheciam, e os chefes também podiam dizer (como, não sei agora) se um membro havia traído alguma coisa. Inimigos secretos dos romanos, estavam a planejar uma revolução a favor de Herodes. Embora, na realidade, seguidores dos saduceus, no entanto, no exterior, eles se conformavam com os fariseus, pensando assim em atrair ambas as partes aos seus desígnios. Eles sabiam, de fato, que havia chegado o momento do aparecimento do Messias, o Rei dos judeus, e resolveram fazer uso da crença geral para a promoção dos seus fins. Exteriormente e por motivos de astúcia, eram muito brandos e tolerantes, embora realmente traiçoeiros. Eles não tinham, propriamente falando, nenhuma religião; mas sob o manto da piedade, eles trabalharam na fundação de um reino independente deste mundo, E Herodes apoiou-os nas suas intrigas.

Quando a sinagoga de Jetebatha soube da presença de Jesus na vizinhança, enviaram dois herodianos aos banhos de Betúlia, para descobrir que tipo de pessoa ele era e convidá-lo a Jetebatha. Jesus, no entanto, não lhes deu uma resposta decidida sobre se ele iria ou não. Cerca de sete dos discípulos que haviam viajado com ele algumas semanas antes o encontraram ali novamente. Dois deles eram discípulos de João, alguns parentes seus que também eram discípulos, do País de

Hebron, e um era primo de Lesser Sephoris. Procuravam-no na Galileia, e encontravam-no agora, durante aqueles dias, vi Jesus a falar confidencialmente com vários dos convidados nos banhos. Deve ter havido entre eles alguns dos seus seguidores.

Quando os herodianos voltaram para Jetebatha, um deles começou a preparar o povo caso Jesus viesse à sua cidade. Disse-lhes que Jesus, o Profeta de Nazaré, que agora estava nas Termas de Betúlia, provavelmente visitaria a sua cidade vindo no sábado. Foi ele quem causou grande alvoroço em Cafarnaum, no sábado anterior, e no sábado anterior, em Nazaré. Advertiu-os a não se deixarem seduzir por ele, a não o aplaudirem, nem sequer a deixá-lo falar durante algum tempo, mas a interrompê-lo com murmúrios e contradições sempre que ele dissesse algo singular ou ininteligível; e assim o povo estava preparado para a vinda de Jesus.

Jesus foi entregar nas Termas de Bethulia outro discurso cheio de beleza e simplicidade. Um número de homens formou em torno dele um círculo no qual ele se movia entre eles. À distância, ao fundo, vários homens coxos com a gota estavam timidamente de pé. Eles tinham vindo para fazer uso dos banhos, mas ainda não tinham se aventurado a se aproximar de Jesus. Jesus repetiu o que tinha ensinado ontem e no dia anterior, exortando a sua audiência à purificação do pecado. Todos os corações foram tocados e voltados para ele. Muitos exclamaram: "Senhor, quem poderia ouvir-te e resistir às tuas palavras! Jesus respondeu: "ouvistes muito de mim, e agora ouvis as minhas palavras. Quem pensais que sou?" Alguns disseram: "Senhor, Tu és um profeta! Outros responderam: "tu és mais do que um profeta! Nenhum profeta jamais ensinou coisas como Tu ensinas. Ninguém jamais fez as coisas que fizeste!" Mas outros, novamente, mantiveram silêncio. Jesus, penetrando nos pensamentos destes últimos, apontando para eles, disse: "Os pensamentos destes homens são os corretos." Alguém Então disse: " Senhor, tu podeis fazer todas as coisas! Não é assim? Disseram que até ressuscitaste os mortos, a filha de Jairo. É assim?" O orador aludiu àquele Jairo que habitava numa cidade não muito longe de Gibeia, onde Jesus havia instruído anteriormente os pobres, habitantes depravados. Jesus respondeu à pergunta que lhe foi dirigida com um simples "sim!" e então seu questionador passou a perguntar por que Jairo ainda permanecia em um lugar de má reputação. Em seguida, Jesus começou a falar de fontes no deserto, aplicando a semelhança com a necessidade dos fracos para um líder poderoso. Os ouvintes de Jesus estavam cheios de confiança e interrogavam-no com simplicidade. Perguntou-lhes então: "que sabeis de mim? Que mal dizem os homens de mim?" Alguns responderam: "queixam-se de que não interrompes as tuas obras dia de sábado e que naquele dia cures os enfermos." Então Jesus, apontando para um pequeno campo vizinho perto de um lago, no qual pastorinhos estavam guardando cordeiros tenros e outros bovinos jovens, disse: "Veja aqueles jovens pastorinhos e seus cordeiros tenros! Se um dos pequenos animais cair na lagoa no sábado e balir por ajuda, não iriam todos os outros ficar em torno da margem balindo lamentavelmente também? Agora, os pobres pequenos pastores não poderiam ajudar o cordeiro. Mas supondo que o Filho do Senhor dos rebanhos passasse - supondo que ele tivesse sido encarregado de cuidar dos cordeiros e cuidar de seus pastoreio - ele não seria tocado com pena ao som do balido do pobre coitado? Não se apressaria em tirá-lo da lama?" Aqui todos levantaram as mãos como crianças no catecismo e gritaram: "Sim, Sim! Ele iria!" Jesus continuou: "e se não fosse um cordeiro, se fosse o filho caído do Pai Celeste, se fossem vossos próprios irmãos, sim, se fossem vós mesmos! Não deveria o Filho do Pai Celestial ajudá-lo na sábado?" Todos gritaram novamente: "Sim! É!" Então Jesus apontou para os homens doentes da gota que estavam de longe, e disse: "Eis os teus irmãos doentes! Não os

ajudarei se implorarem a minha ajuda no dia de sábado? Não receberão perdão dos seus pecados, se os lamentarem no sábado? Se os confessarem no sábado e clamarem ao Pai Celestial?" Com as mãos erguidas, todos gritaram: "Sim, Sim!" Então Jesus fez sinal para os pacientes gotosos, e eles se moveram lenta e pesadamente para o círculo. Ele falou-lhes algumas palavras com fé, orou por algum tempo e disse: "estiquem os braços!" Eles estenderam os braços aflitos em direção a ele. Jesus passou-lhes a mão, soprou-lhes por um instante as mãos, e eles foram curados, puderam usar os seus membros. Jesus ordenou-lhes que tomassem banho e advertiu-os a absterem-se de certas bebidas. Lançaram-se aos seus pés dando graças, enquanto toda a Assembleia cantava cânticos de louvor e glória.

## Jesus em Jotapata

Jesus queria partir, mas eles imploraram-lhe para ficar com eles. Estavam cheios de amor e de boas intenções, ficaram muito impressionados. Disse-lhes que tinha de prosseguir e cumprir a sua missão. Acompanharam-no uma parte do caminho com os discípulos. Despediu-os com a sua bênção e seguiu para Jetebatha cerca de uma hora e meia a leste.

Era tarde quando Jesus chegou ao seu destino. Lavou os pés e almoçou numa estalagem fora da cidade. Os discípulos foram adiante dele a Jetebatha, ao chefe da sinagoga, e pediram a chave para o seu mestre, que desejava ensinar. As pessoas se reuniram apressadamente em multidões, e os doutores da lei e os herodianos estavam todos esperando para prendê-lo em sua doutrina. Quando ele tomou seu lugar na sinagoga, eles lhe colocaram perguntas sobre a aproximação do reino, o cálculo do tempo, o cumprimento das semanas de Daniel e a vinda do Messias. Jesus respondeu num longo discurso, mostrando que as profecias estavam agora cumpridas. Falou, também, de João e das suas profecias, pelo que tomaram ocasião de o advertir hipocritamente para ter cuidado com o que dissesse nas suas instruções, para não pôr de lado os costumes judaicos, e para tirar uma lição da prisão de João! O que ele disse sobre o cumprimento das semanas de Daniel, da próxima vinda do Messias, e do Rei dos judeus, foi excelente e completamente de acordo com suas próprias ideias. Mas, como ele lhes disse, Eles poderiam procurar onde quisessem, eles ainda não encontrariam o Messias. Jesus tinha, embora vagamente, aplicado as profecias a si mesmo. Compreenderam-no muito bem, mas fingiram que tais coisas não podiam acontecer a ninguém e que não tinham compreendido o seu significado. Na realidade, eles queriam forçá-lo a falar mais claramente, para que pudessem obter algo de que acusá-lo. Jesus disse-lhes: "como sois hipócritas! O que vos afasta de mim? Por que me desprezais? Lançais armadilhas para mim, e procurais formar novas conspirações com os saduceus, como fizestes em Jerusalém, na Páscoa! Por que me advertis, citando João e Herodes?" Então lançou-lhes no rosto os atos vergonhosos de Herodes, seus assassinatos, seu medo do recém-nascido Rei dos Judeus, seu cruel massacre dos inocentes e sua terrível morte, os crimes de seus sucessores, o adultério de Antipas e a prisão de João. Ele falou da seita hipócrita e secreta dos herodianos que estavam em aliança com os saduceus, e mostrou-lhes que tipo de Messias e o que espécie de Reino de Deus que aguardavam. Ele apontou para diferentes lugares à distância, dizendo: "eles não poderão fazer nada contra mim até que minha missão seja cumprida. Atravessarei duas vezes a Samaria, a Judeia e a Galileia. Tendes testemunhado grandes sinais feitos por mim, E vendo ainda maiores, permanecereis cegos." Então falou do Juízo, da morte dos Profetas, e do castigo que se abateria sobre Jerusalém. Os herodianos, que eram a sociedade secreta, vendo-se

descobertos, branquearam de raiva quando Jesus se referiu aos delitos de Herodes e abriu o segredo da seita perante o povo. Eles ficaram em silêncio e, um a um, deixaram a sinagoga, assim como os saduceus que ali eram responsáveis pelas escolas. Não havia fariseus em Jetebatha.

Jesus encontrava-se agora a sós com os seus sete discípulos e o povo. Ele continuou a ensinar mais algum tempo, e muitos ficaram muito impressionados. Declararam que nunca tinham escutado tais instruções e que Ele ensinava melhor do que os seus próprios professores. Eles reformaram suas vidas e o seguiram mais tarde. Mas uma grande parte do povo, instigada pelos saduceus e herodianos, murmurou contra ele e levantou um tumulto. Jesus, portanto, deixou a cidade com os discípulos e foi para o sul através do vale, e depois subiu por um par de horas em um campo de colheita entre Bethulia e Gennabris. Ali ele ficou em uma grande casa de fazenda, cujos ocupantes eram bem conhecidos por ele. As santas mulheres tinham muitas vezes ficado ali durante a noite em suas viagens para Betânia, e os mensageiros entre eles e o Salvador costumavam hospedar-se no mesmo lugar.

## **Jesus no campo da colheita de Dothain e em Gennabris**

Jesus no campo da colheita de Dothain ensinou a colher, colher e amarrar em feixes. Este foi o campo em que mais tarde ele e os discípulos arrancaram as espigas de trigo. Percorria o campo, aqui e ali, falando de sementes e de solo pedregoso, pois tal era o carácter daquela região. Ele disse que tinha vindo para recolher os bons ouvidos e explicou a parábola de arrancar o joio na colheita. Ele comparou a colheita ao Reino de Deus. Ele contava a parábola nos intervalos do trabalho e ia de um campo para outro. Os talos ficavam ali altos; apenas as espigas eram cortadas e amarradas em forma de cruz.

À noite, após a colheita, Jesus, do alto de uma colina, proferiu um longo discurso perante os trabalhadores. Tomando emprestada uma semelhança de um ribeiro que corria nas suas proximidades, aplicou-a à vida, gentil e benéfica, de alguns homens; falou das águas correntes da Graça, e da condução dessas águas para o nosso próprio campo, etc. Ele enviou os dois discípulos de João a Ennon com uma comissão para dizer aos seus próprios discípulos que deveriam ir a Machærus e acalmar o povo, pois Ele sabia que havia eclodido uma insurreição naquele lugar. Os aspirantes ao batismo aglomeraram-se em Ennon; chegaram imensas caravanas. Mas quando descobriram que o Profeta tinha sido preso, seguiram para Machærus, com o seu número a aumentar no caminho. Eles se enfureceram e gritaram, clamando para que João fosse libertado, para que ele pudesse instruí-los e batizá-los. Eles até atiraram pedras no Palácio de Herodes, todos os acessos aos quais os guardas fecharam às pressas. Herodes fingiu que não estava em casa.

Naquela noite, Jesus colocou-se perto de Gennabris em outra fazenda, e ensinou novamente da semente do grão de mostarda. O dono da casa queixou-se-lhe de um vizinho que durante muito tempo invadiu o seu campo e de muitas maneiras infringiu os seus direitos. Jesus foi ao campo com o dono, para que lhe indicasse o dano causado. Dado que o atual estado de coisas tinha durado algum tempo, os danos foram consideráveis, e o proprietário queixou-se de que não podia fazer nada com o invasor. Jesus perguntou se ele ainda tinha o suficiente para o sustento de si mesmo e de sua família. O homem respondeu, sim, que gozava de competência. Ao ouvir isso, Jesus disse-lhe que ele não tinha perdido nada, uma vez que nada propriamente dito nos pertence, e desde que tenhamos o suficiente para apoiar a vida, temos o suficiente. O proprietário do campo deveria renunciar ainda mais ao seu vizinho importuno, a fim de satisfazer a ganância deste por bens terrenos. Tudo

o que um alegremente desiste aqui em baixo por causa da paz, será restaurado para ele no Reino de seu pai. Aquele vizinho hostil, visto de seu próprio ponto de vista, agiu corretamente, pois seu reino era deste mundo, e ele procurou aumentar os bens terrenos. Mas no Reino de Jesus, ele não deveria ter nada. O proprietário do campo devia tirar uma lição de seu vizinho na arte de enriquecer a si mesmo, e devia se esforçar para adquirir posses no Reino de Deus. Jesus tirou uma semelhança de um rio que desgastou a terra de um lado e depositou os escombros do outro. Todo o discurso foi algo parecido sobre o mordomo injusto, no qual o artifício mundano e a ganância terrena após o enriquecimento deveriam fornecer um exemplo para a maneira de agir em assuntos espirituais. As riquezas terrenas eram contrastadas com os tesouros celestiais. Alguns pontos da instrução pareciam um pouco obscuros para mim, embora para os judeus, por causa de suas noções, sua religião e o ponto de vista a partir do qual eles viam as coisas, tudo era bastante claro e inteligível. Para todos eles era simbólico.

O campo em que jazia o poço de José estava nesta região, e Jesus aproveitou a ocasião da circunstância justa relacionado a referir-se a uma luta um tanto semelhante registrada no Antigo Testamento. Abraão tinha dado muito mais terras a Ló do que este tinha exigido. Depois de relatar o fato, Jesus perguntou o que havia acontecido com a posteridade de Ló e se Abraão não havia recuperado a propriedade total. Não devemos imitar Abraão? Não lhe foi prometido o reino, e não o obteve? Este reino terrestre, no entanto, era apenas um símbolo do Reino de Deus, e a luta de Ló contra Abraão era típica da luta do homem com o homem. Mas, como Abraão, o homem deve procurar adquirir o Reino de Deus. Jesus citou o texto da Sagrada Escritura em que a contenda aludida é registrada, (Gen. 13: 7 et seq.) e continuou a falar dele e do Reino diante de todos os trabalhadores da colheita.

O lavrador injusto também estava presente com os seus seguidores. Ouviu em silêncio e à distância. Ele havia contratado seus amigos para interromper Jesus de vez em quando com todos os tipos de perguntas capciosas. Um deles perguntou-lhe qual seria o fim da sua pregação, o que viria de tudo. Jesus respondeu tão evasivamente que eles não podiam fazer nada com suas palavras. Eram, no entanto, algo nesse sentido: se a sua pregação parecia demasiado longa para alguns, para outros era curta. Falou em Parábolas da colheita, da sementeira, da colheita, da separação do joio do bom grão, do pão e do alimento da vida eterna, etc. O bom lavrador, o anfitrião de Jesus, ouviu o seu ensinamento com um coração dócil. Deixou de acusar o seu inimigo, mais tarde entregou tudo o que possuía ao tesouro da Igreja em ascensão, e os seus filhos juntaram-se aos discípulos.

Falou-se muito ali dos herodianos. O povo queixou-se da sua espionagem em tudo. Recentemente, acusaram e prenderam ali em Dothain e também em Cafarnaum vários adúlteros, e os levaram para Jerusalém, onde deveriam ser julgados. O povo de Dothain ficou muito satisfeito com o fato de essas pessoas serem removidas de entre elas, mas a sensação de serem continuamente vigiadas era muito desagradável para eles. Jesus falou dos herodianos com perfeita liberdade. Ele disse ao povo para terem cuidado com o pecado, também com a hipocrisia e em criticar os outros. Devia-se confessar suas próprias delinquências antes de julgar o próximo. Então Jesus mostrou a maneira comum de agir entre os herodianos, aplicando-lhes a passagem do profeta Isaías lida na sinagoga no sábado precedente, que tratava de cães mudos que não latem, que não se afastam do mal, e que rasgam os homens em segredo. Recordou-lhes que aqueles adúlteros foram entregues à justiça enquanto Herodes, patrono dos seus acusadores, vivia na confissão aberta do mesmo crime, e deu-lhes sinais pelos quais poderiam reconhecer os herodianos.

Havia em várias cabanas próximas alguns homens que tinham recebido lesões durante o trabalho de parto. Jesus visitou-os, curou as pobres criaturas e disse-lhes para irem à instrução e retomarem o seu trabalho. Fizeram-no, cantando hinos de louvor.

## Herodes e João em Machærus

Jesus enviou alguns pastores de Dothain a Machærus com instruções aos discípulos de João para induzirem o povo dispersarem-se, por sua rebelião, disse ele, poderia tornar a prisão de João mais rigorosa, ou mesmo dar ocasião à sua morte.

Herodes e sua esposa estavam em Machærus. Vi que Herodes fez com que o Batista fosse chamado à sua presença num grande salão perto da prisão. Lá, ele estava sentado cercado por sua guarda, muitos oficiais, doutores da lei e numerosos herodianos e saduceus. João foi conduzido através de uma passagem para o corredor e colocado no meio de guardas diante das grandes portas abertas. Vi a mulher de Herodes, insolente e desdenhosamente, passar por João ao entrar no salão e tomar um assento elevado. Sua fisionomia era diferente da da maioria das mulheres judias. Todo o seu rosto era afiado e angular, até a cabeça apontada e o semblante em constante movimento. Ela tinha desenvolvido uma figura muito bonita, e em seu vestido ela era alta e extrema, também muito bem atada. Para toda mente casta, ela deve ter sido objeto de escândalo, pois fez tudo o que estava ao seu alcance para atrair todos os olhos para ela.

Herodes começou a interrogar João, ordenando-lhe que lhe dissesse claramente o que pensava de Jesus, que estava a causar tanta perturbação na Galileia. Quem era ele? Ele veio para privá-lo (Herodes) de sua autoridade? Ele (Herodes) tinha ouvido de fato que ele (João) tinha anunciado anteriormente Jesus, mas ele tinha prestado pouca atenção ao fato. Agora, no entanto, João devia revelar-lhe a sua opinião sincera sobre o assunto, para que o homem (Jesus) realizava linguagem maravilhosa sobre a pontuação de um Reino, e proferiu parábolas em que se autodenominava Filho do rei, etc., embora fosse apenas Filho de um pobre carpinteiro. Então ouvi João em alta voz, e como se se dirigisse à multidão, dando testemunho de Jesus. Ele declarou que ele próprio deveria apenas preparar seus caminhos; que, comparado a ele, ele não era ninguém; que nunca houve um homem, nem mesmo entre os Profetas, como Jesus, e nunca haveria um; que ele era o Filho do Pai; que ele era o Cristo, O Rei dos Reis, O Salvador, o Restaurador do reino; que nenhum poder era superior ao seu; que ele era o Cordeiro de Deus que devia suportar os pecados do mundo, etc. Assim falou João de Jesus, clamando em alta voz, chamando-se seu precursor, o preparador de seus caminhos, seu servo mais insignificante. Era evidente que as suas palavras foram inspiradas. Todo o seu porte foi marcado com o sobrenatural, tanto que Herodes, ficando aterrorizado, parou seus ouvidos. Por fim, ele disse a João: "tu sabes que te desejo bem. Mas tu excitas a sedição contra mim entre o povo, recusando-te a reconhecer o meu casamento. Se moderares o teu zelo perverso e reconheceres a minha união como lícita perante o povo, libertar-te-ei, e poderás andar por aí a ensinar e batizar." Então João novamente levantou a voz veementemente contra Herodes, repreendendo sua conduta diante de todos os assistentes, e dizendo-lhe: "Conheço a tua mente! Sei que reconheces o direito e tremes perante o juízo! Mas tu afundaste a tua alma em prazeres culpados, tu o mais atado nas armadilhas da devassidão!" A raiva da esposa com essas palavras era simplesmente indescritível, e Herodes ficou tão agitado que apressadamente ordenou que João fosse levado embora. Ele deu instruções para que ele fosse colocado em outra cela que, sem comunicação externa, impediria que ele fosse ouvido pelo povo.

Herodes foi induzido a realizar esse exame judicial por causa de sua ansiedade, animado pelo tumulto levantado pelos aspirantes ao batismo e pelas notícias trazidas pelos herodianos das maravilhas operadas por Jesus.

Todo o país discutia a execução em Jerusalém de certos adúlteros da Galileia que tinham sido denunciados pelos herodianos. Insistiam no fato de que os pecadores em vida humilde eram levados à justiça enquanto os grandes se libertavam; e que os próprios acusadores, os herodianos, eram adeptos do adúltero Herodes, que havia aprisionado João por censurá-lo com sua culpa. Herodes ficou desanimado. Vi a execução dos adúlteros acima mencionados. Seus crimes foram lidos para eles, e então eles foram empurrados para uma masmorra na qual havia um pequeno poço. Eles foram colocados em sua borda. Caíram sobre uma faca que lhes cortou a cabeça. Em um cofre abaixo esperava alguns carcereiros para arrastar os troncos sem vida. Foi uma espécie de máquina na qual os condenados foram precipitados. Foi nesse mesmo lugar em que Tiago, O Grande, foi executado em um período posterior.

No dia seguinte, Jesus estava novamente ensinando entre os ceifeiros quando André, Tiago e João chegaram. Natanæl estava em sua casa nos subúrbios de Gennabris. Jesus informou aos seus discípulos que seguiria por Samaria até ao local do batismo no Jordão. O poço de Dothain, no qual José foi vendido, não estava longe do campo em que Jesus estava ensinando.

As pessoas do local perguntaram se ou não, fizeram o bem em apoiar os trabalhadores pobres e aleijados que já não podiam trabalhar. Jesus respondeu que, agindo assim, eles se absolveram de um dever, mas não deveriam se orgulhar dele, caso contrário, perderiam sua recompensa. Então ele entrou nas cabanas dos doentes, curou muitos deles, ordenou-lhes que assistissem à instrução e voltassem ao seu trabalho. Eles obedeceram, louvando a Deus.

## Jesus em Gennebris

Jesus então foi à sinagoga em Gennabris para o sábado. Gennabris era tão grande quanto Munster, e cerca de uma hora de distância da montanha sobre cujas alturas estava o campo de colheita em que Jesus tinha passado ensinando. Situava-se a leste numa encosta coberta de jardins, banhos e estâncias de recreio. Do lado por onde Jesus chegou, foi defendida por valas profundas de água parada. Depois de meia hora, Jesus e os discípulos chegaram às muralhas e às portas da torre do recinto da cidade, onde se reuniram muitos discípulos do país ao redor. Com cerca de doze deles, Jesus entrou na cidade, onde muitos fariseus, saduceus e especialmente herodianos se reuniam para o sábado. Eles se comprometeram, com palavras astutas, a prender Jesus em seu discurso. Disseram entre si que tal projeto seria mais difícil de realizar em lugares pequenos, pois em tais Jesus era mais ousado, mas entre eles a coisa poderia ser facilmente gerida. Felicitaram-se de antemão, com toda a certeza do êxito dos seus planos. A multidão presente, tendo sido intimidada por esses inimigos de Jesus, manteve a paz e não fez nenhuma manifestação na chegada de Jesus. Entrou tranquilamente na cidade e os discípulos lavaram-lhe os pés do lado de fora da sinagoga. Os doutores da lei e o povo já estavam reunidos lá dentro. Eles o receberam friamente, embora com algumas demonstrações hipócritas de respeito, e permitiram que ele lesse em voz alta e interpretasse as escrituras. Ele abriu em Isaías 54, 55, 56, a partir do qual ele leu e explicou algumas frases, tratando de Deus de estabelecer a Sua Igreja, do que lhe custou construí-la, da obrigação de todos de beber das suas águas e, embora sem dinheiro, de ir comer do seu pão. Os homens, disse Jesus, procuravam sinceramente

saciar a fome na sinagoga, mas não havia pão ali. A palavra que sai da boca de Deus — ou seja, o Messias - devia realizar a sua obra. No reino de Deus, isto é, na Igreja, estrangeiros e gentios deveriam, se tivessem fé, trabalhar e dar frutos; Jesus chamou os gentios eunucos porque, ao contrário dos patriarcas, eles não tinham concordado com a linhagem do Messias. Ele aplicou numerosos textos do Profeta ao seu reino, à Igreja e ao céu. Ele comparou os professores judeus de sua época a cães mudos que, em vez de manter a guarda, pensam apenas em engordar, em comer e beber sem moderação. Com estas palavras, ele quis dizer os herodianos e saduceus que, à espreita em segredo, atacavam as pessoas sem latir, sim, até atacavam os pastores do rebanho. As palavras de Jesus foram muito nítidas e incisivas.

Perto do fim de seu discurso, ele leu Deuteronômio 11: 29, da bênção sobre Garizim e o maldição sobre Hebal, e de muitas outras coisas relacionadas com os mandamentos e a terra prometida. Estas diferentes passagens Jesus aplicou ao Reino de Deus.

Um dos herodianos aproximou-se dele e muito respeitosamente implorou-lhe que dissesse uma palavra sobre o número daqueles que entrariam em seu Reino. Eles pensaram em prendê-lo por esta questão, porque, por um lado, todos pela circuncisão tinham uma parte no Reino; e, por outro, enquanto rejeitando muitos dos judeus, ele tinha falado até mesmo de gentios e eunucos como tendo uma parte nele. Jesus não lhes deu uma resposta direta. Ele deu a volta e, finalmente, atingiu um ponto que os fez esquecer a sua pergunta anterior. A outra pergunta que lhe foi feita, a sua resposta consistiu numa série de interrogatórios: quantos dos que tinham vagado pelo deserto entraram na terra de Canaã? No entanto, nem todos tinham atravessado o Jordão? Quantos realmente entraram na posse da terra? Se a tivessem conquistado inteiramente, ou não foram obrigados a partilhá-la com os gentios? Não seriam um dia expulsos? Jesus acrescentou, Além disso, que ninguém deve entrar em seu reino, exceto pelo caminho estreito e pela porta do Esposo. Compreendi que por isso se significavam Maria e a Igreja. Na Igreja somos regenerados pelo Batismo; de Maria nasceu o esposo, para que através dela nos pudesse conduzir à Igreja, e através da Igreja para Deus. Ele contrastou a entrada pela porta do Esposo com a entrada por uma porta lateral. Era uma semelhança à parábola do Bom Pastor e do mercenário (João 10:1 et segs.). Ele acrescentou que a entrada só seria permitida pela porta. As palavras de Jesus na cruz antes de morrer, quando chamou Maria Mãe de João e João Filho de Maria, têm uma ligação misteriosa com esta regeneração do Homem através da sua morte.

Não tendo conseguido naquela noite enredar Jesus, seus inimigos resolveram adiar novas tentativas até o encerramento do sábado. Era realmente maravilhoso! Quando os inimigos de Jesus estavam a inventar os seus esquemas, podiam gabar-se de como o apanhariam e o prenderiam pela doutrina; mas assim que se apresentou diante deles, nada puderam trazer contra ele; ficaram maravilhados e quase persuadidos da verdade de suas palavras, embora ao mesmo tempo cheios de raiva.

Jesus saiu silenciosamente da sinagoga. Conduziram-no a um banquete com um dos fariseus, onde também não puderam atacá-lo nem surpreendê-lo. Ele falou ali uma parábola de uma festa para a qual o mestre da casa tinha convidado os convidados a uma certa hora, após o que as portas foram fechadas e os atrasados não foram admitidos.

Após o banquete, Jesus foi com os discípulos dormir na casa de outro fariseu, um homem reto e um conhecido de André. Ele tinha defendido honestamente aqueles discípulos, entre eles André, que, em consequência do que tinha acontecido na

Páscoa, tinha sido levado perante o Tribunal de Justiça. Recentemente, havia se tornado viúvo. Ele ainda era jovem e logo depois se juntou aos discípulos. Seu nome era Dinocus, ou Dinotus. Seu filho, de doze anos, chamava-se Josafá. Sua casa ficava a oeste e fora da cidade. Jesus tinha vindo do Sul para Gennabris. Ele desceu os morros vizinhos cultivados de Dothain, que ficava mais ao sul do que Gennabris, e então secretamente voltou para a última cidade. A casa do fariseu ficava no lado oeste, como já disse, enquanto a de Natanæl ficava no norte, em direção à Galileia.

Vi hoje que Herodes, depois da audiência judicial de João, enviou oficiais ao povo tumultuado. Eles foram encarregados de lidar muito gentilmente com eles, para dizer-lhes para não se inquietarem por causa de João, mas para voltarem pacificamente para suas casas. Os oficiais asseguraram-lhes que João era muito bem e gentilmente tratado. Disseram, além disso, que Herodes havia mudado de cela de seu prisioneiro, mas era apenas para que ele pudesse tê-lo mais perto de si mesmo. Ao desobedecerem às ordens que lhes foram dadas para se dispersarem tranquilamente, poderiam lançar suspeitas sobre o seu Senhor e tornar a sua prisão mais dolorosa. Deviam, portanto, voltar imediatamente para casa, pois ele retomaria em breve o seu trabalho de batismo. Os mensageiros de Jesus e de João chegaram no momento em que os oficiais de Herodes discutiam com a multidão, e também eles, tendo entregue mensagens semelhantes, as pessoas se dispersaram aos poucos. Mas Herodes foi vítima da maior ansiedade. A execução dos adúlteros em Jerusalém recordara ao público o seu próprio casamento adúltero. Eles murmuraram em voz alta sobre a prisão de João por ter falado a verdade e mantido a lei, segundo a qual aqueles pobres criminosos haviam sido condenado à morte em Jerusalém. Além disso, Herodes tinha ouvido falar dos milagres e discursos de Jesus na Galileia, e também tinha chegado aos seus ouvidos que ele estava agora a descer ao Jordão para ensinar. Ele estava com grande medo de que a população animada pudesse, assim, ser ainda mais agitada. Sob a influência desses sentimentos, vi-o convocar uma reunião dos fariseus e herodianos, para deliberar sobre alguns meios de contenção de Jesus. O resultado da conferência foi que ele enviou oito dos membros para dar a Jesus a entender da maneira mais delicada possível que ele deveria confinar-se, seus milagres e seus ensinamentos à alta Galileia e ao outro lado do lago; para que ele não entrasse nos domínios de Herodes na Galileia, e menos ainda a parte do país em redor da Jordânia sob a sua jurisdição. Eles deveriam intimidá-lo com o exemplo de João, já que Herodes poderia facilmente se sentir constrangido a fazê-lo compartilhar o cativeiro de João. Esta comissão rumou-se para a Galileia nesse mesmo dia.

Na manhã seguinte, Jesus ensinou novamente na sinagoga e sem muita contradição, para os seus inimigos resolverem esperar pela instrução da tarde, quando poderiam atacá-lo todos juntos. Ele novamente escolheu seus textos alternadamente de Isaías e Deuteronômio. Na ocasião se ofereceu para falar da digna celebração do sábado, e ele se debruçou sobre ela longamente. Os doentes de Gennabris estavam tão intimidados pelas ameaças dos herodianos que não ousaram implorar a Jesus que os ajudasse.

Jesus falou também na sinagoga da embaixada enviada por Herodes para ficar à espreita para o apanhar no seu discurso. "Quando eles vierem", disse ele, "podeis dizer às raposas que voltem a dizer àquela outra raposa para não se preocuparem comigo. Ele pode continuar seu curso perverso e cumprir seus desígnios em relação a João. Quanto ao resto, não serei restringido por ele. Continuarei a ensinar onde quer que seja enviado, em todas as regiões, e até mesmo em Jerusalém, quando chegar a hora. Cumprirei a minha missão e a contarei perante o meu Pai Celestial." Seus inimigos ficaram muito indignados com suas palavras.

À tarde, Jesus e os discípulos saíram da casa de Dinoto, o fariseu, para dar um passeio. Quando chegaram ao portão perto da casa de Natanæl, André entrou e chamou-o para fora. Ele veio e apresentou a Jesus seu primo, um homem muito jovem a quem ele pretendia renunciar ao seu negócio, a fim de seguir Jesus ininterruptamente. Eu acho que ele se apegou irrevogavelmente a Jesus naquela época.

Após a caminhada, entraram na cidade situado ao lado da sinagoga. Cerca de doze trabalhadores diaristas pobres, doentes de trabalho duro e privação, tendo ouvido falar da cura de casos como os feitos por Jesus na colheita arrastaram-se do campo para a cidade na esperança de receber um favor semelhante. Eles tinham-se colocado numa fila do lado de fora da sinagoga, prontos a clamar a Jesus por ajuda quando ele passasse. Jesus aproximou-se e disse-lhes de passagem algumas palavras de conforto. Às suas súplicas para os ajudar, ordenou-lhes que tivessem paciência. Logo atrás dele seguiam os doutores da lei, que estavam enfurecidos por esses estranhos terem ousado pedir a Jesus uma cura desde então tinham conseguido impedir os doentes da cidade de um procedimento semelhante. Eles repeliram grosseiramente as criaturas pobres e miseráveis, dizendo-lhes sob o manto de uma boa intenção que não deveriam causar problemas e perturbações na cidade; que eles deviam se retirar imediatamente, pois Jesus tinha questões importantes para tratar consigo mesmos; agora não havia tempo para ele ocupar-se com eles. E como os pobres homens não podiam retirar-se com rapidez suficiente para satisfazer os seus desejos, mandaram-nos afastá-los à força.

Na sinagoga, Jesus ensinou principalmente o sábado e a sua santificação. O mandamento para esse efeito estava contido na passagem de Isaías lida naquele dia. Depois de ensinar algum tempo, ele apontou para os fossos profundos ao redor da cidade perto dos quais seus jumentos estavam pastando e perguntou: "se um desses jumentos deveras caísse em um fosso no dia de sábado, você se aventuraria a retirá-lo no dia de sábado, a fim de salvar sua vida?" Eles ficaram em silêncio. "Supondo que tenha sido um ser humano que caiu, ousaríeis ajudá-lo?" Ainda assim eles ficaram em silêncio, permitiríeis a salvação do corpo e da alma para serem entregues a vós mesmos no dia de sábado? Permitiríeis que uma obra de misericórdia fosse realizada no dia de sábado?" Mais uma vez eles ficaram em silêncio. Então disse Jesus: "visto que estais calados, devo dar por certo que não tendes nada a opor à minha doutrina. Onde estão aqueles pobres homens que imploraram a minha ajuda fora da sinagoga? Tragam-nos para cá!" Como aqueles a quem ele se dirigiu não mostraram inclinação para obedecer, Jesus disse: "Visto que não cumprireis as minhas ordens, recorrerei aos meus discípulos." Com estas palavras, os seus inimigos mudaram de ideia e enviaram mensageiros para procurar os enfermos. Logo as pobres criaturas apareceram, arrastando-se lentamente. Foi uma visão lamentável. Havia cerca de doze deles, alguns coxos, e alguns tão assustadoramente inchados de hidropisia que até os dedos inchados ficavam afastados um do outro. Eles entraram regozijados e cheios de esperança, embora pouco antes tivessem partido muito tristes, por causa da rejeição recebida dos doutores da lei.

Jesus ordenou-lhes que ficassem em fila, e foi comovente ver os menos aflitos colocando aqueles piores do que eles mesmos na frente, para que Jesus pudesse curá-los primeiro. Jesus desceu alguns passos e chamou o primeiro até ele. A maioria deles estava paralisada nos braços. Jesus orou silenciosamente sobre eles, os olhos ergueram-se para o céu e tocou-lhes os braços, acariciando-os suavemente para baixo. Então ele moveu suas mãos para cima e para baixo, e ordenou-lhes que recuassem e agradecessem a Deus. Foram curados. Os hidróticos mal podiam

andar. Jesus colocou a mão sobre a cabeça e o peito deles. Sua força voltou instantaneamente, eles puderam se retirar rapidamente e, em poucos dias, a água havia desaparecido completamente.

Durante este milagre de cura as pessoas começaram a avançar em multidões, entre elas muitas outras criaturas pobres e doentes que, unindo suas vozes com as dos curados, proclamavam em voz alta os louvores de Deus. O concurso era tão grande que os doutores da Lei, cheios de vergonha e raiva, tiveram de dar lugar ao povo, e alguns deles até deixaram o sinagoga. Jesus continuou instruindo a multidão até o fim do sábado. Falou-lhes da proximidade do Reino, da Penitência e da conversão. Os escribas, com toda a sua oposição e astúcia, não tinham outra palavra a dizer. Era extremamente ridículo ver aqueles homens, que tão ruidosamente se vangloriavam uns dos outros, nem uma vez ousaram abrir a boca. Não podiam, nem sequer, levar o seu ponto de vista contra Jesus, nem sequer podiam responder à sua pergunta mais simples.

## **Jesus convidado para um almoço. Outras viagens**

Depois do sábado, o grande banquete foi espalhado em um dos resorts públicos de lazer da cidade. Pretendia-se celebrar o encerramento da colheita, e Jesus com os seus discípulos foram convidados. Os convidados eram constituídos pelos cidadãos mais ilustres do lugar, também muitos visitantes da cidade e até alguns camponeses ricos. Em várias mesas, carregadas com os produtos da colheita, todos os tipos de frutas e grãos e até mesmo aves foram comidos. O que quer que tivesse produzido uma colheita abundante foi ali representado com profusão. Os rebanhos também cederam a sua parte ao entretenimento. Alguns dos animais foram assados prontos para serem comidos, enquanto outros foram abatidos e prontos para cozinhar, como símbolos de abundância.

Os primeiros lugares tinha sido atribuído a Jesus e aos seus discípulos, não obstante o que, um fariseu altivo se colocara em primeiro lugar. Quando Jesus foi para a mesa, perguntou-lhe em voz baixa como tinha chegado ao lugar que ocupava. O fariseu respondeu: "Estou aqui porque é costume louvável desta cidade que os eruditos e ilustres se sentem em primeiro lugar." Jesus respondeu: "Os que se esforçam pelos primeiros lugares na terra não terão lugar no Reino de meu Pai." O fariseu, muito envergonhado, renunciou ao lugar por um inferior, Embora ao mesmo tempo tentasse fazer parecer que o fez por sua própria inspiração. Durante o banquete, Jesus falou de algumas coisas relativas ao sábado, especialmente daquela passagem de Isaías 58: 7: "dá o teu pão aos famintos, e traga os necessitados e os sem lar para sua casa", e perguntou se não era costume em tais festas, festas de ação de graças por uma abundante colheita, convidar os pobres como convidados e deixá-los participar. Ele expressou sua surpresa por terem omitido esse costume. "Onde", perguntou ele, "estão os pobres?" "Desde então", continuou ele, "vós me convidastes, me destes o primeiro lugar, me fizeste o mestre da vossa festa, Cabe-me falar dos convidados que têm o direito de estar presentes. Vai, chama as pessoas que eu curei e traz o resto dos pobres!" Mas, como não tinham pressa em cumprir os mandamentos de Jesus, os seus discípulos apressaram-se e recolheram os pobres em todas as ruas. Eles logo entraram em tropa, e Jesus e os discípulos entregaram seus assentos para eles, enquanto os escribas, um por um, escapavam do salão. Jesus, os discípulos e algumas pessoas de direita entre os convidados serviram os pobres à mesa. Quando a refeição terminou, dividiram entre eles tudo o que restava, para grande alegria dos destinatários. Então Jesus e seus seguidores voltaram para a casa de Dinoto, o fariseu, no lado oeste da cidade, e ali descansaram.

No dia seguinte, multidões de doentes do próprio Gennabris e do país ao redor vieram para a casa em que Jesus estava hospedado, e ele dedicou toda a manhã à cura deles. Eles estavam em sua maioria paralisados em suas mãos e hidrópicos. O Filho do fariseu Dinoto, em cuja casa Jesus estava parado, tinha cerca de doze anos e chamava-se Josafá. Quando seu pai desistiu de tudo para seguir Jesus, ele o acompanhou. Os meninos judeus usavam uma longa túnica com ponta em ambos os lados, abotoada na frente e atada até os pés. Quando mais crescidos, trocaram a túnica longa por uma mais curta como a dos mais velhos, e amarraram os membros em algo como pantalonas. Quando a túnica dos meninos estava cingida na cintura, pendia em franjas; mas geralmente era usado fluído como uma camisa solta, embora muitas vezes estivesse um pouco dobrada. Quando Jesus despediu-se de Dinoto, apertou-o contra o seu coração, e o homem derramou muitas lágrimas.

Jesus com Natanæl, André, Tiago, Saturnino, Aristóbulo, Tharzissus, Parmenas, e cerca de quatro outros discípulos, foram entre duas a três horas para o sul através dos vales. Eles passaram a noite sob um galpão vazio pertencente aos colhedores, em uma declividade entre duas cidades. O da esquerda chamava-se Ulama; o da direita chamava-se, penso eu, Japhia. A distância entre Ulama e Tarichæa era aproximadamente a mesma que entre Gennabris e Tiberíades. A cidade à direita era menos elevada do que Bethulia, e estava a uma boa distância dela, mas a uma distância distante, a montanha entre eles não sendo visível, Bethulia parecia erguer-se acima e diretamente atrás de Japhia. A localidade parecia estar muito perto da rota de Jesus enquanto ele caminhava, mas a estrada logo fez uma curva que a escondeu de vista.

Esse domínio em que Jesus instruiu os ceifeiros foi o mesmo em que José encontrou seus irmãos com seus rebanhos, e o Longo Poço de quatro cantos o mesmo em que ele foi aprisionado.

## Jesus em Abelmahula

Na manhã seguinte, Jesus deixou o galpão sob o qual passara a noite e viajou com seus discípulos cerca de cinco horas para o Sul. Eram quase duas horas quando chegaram à pequena cidade de Abelmahula, onde nasceu o profeta Eliseu. Ela ficava em uma das alturas do Monte Hermon, suas torres subindo até o cume da cordilheira. Era apenas um par de horas de Scythopolis, e para o oeste seguia o Vale de Jezræl. Com a própria cidade de Jezræl, Abelmahula estava em linha reta. Não muito longe de Abelmáula, e mais perto do Jordão, ficava a cidade de Bezeque. Samaria ficava várias horas a sudoeste. Abelmahula estava dentro ou sobre os limites de Samaria, mas habitada por judeus.

Jesus e os seus discípulos sentaram-se no local de descanso fora da cidade, como os viajantes na Palestina estavam acostumados a fazer. Pessoas hospitaleiras da cidade costumavam levá-los às suas casas para entretenimento. E assim aconteceu ali. Algumas pessoas que passaram por Jesus o reconheceram. Eles o tinham visto uma vez antes, quando ele estava viajando por aquelas partes na festa dos Tabernáculos. Eles correram para a cidade e espalharam a notícia. Logo saiu um camponês abastado com seus servos, trazendo a Jesus e aos discípulos pão, mel e algo para beber. Ele os convidou para sua casa, e eles o seguiram. Tendo chegado lá, lavou-lhes os pés e forneceu-lhes roupas frescas enquanto as suas eram sacudidas e escovadas. Em seguida, ele ordenou que um banquete fosse preparado imediatamente, e para isso ele convidou vários fariseus com quem ele estava em boas relações. Eles logo fizeram sua aparição. O anfitrião mostrou-se hospitaleiro e amigável até certo ponto, embora fosse um patife disfarçado. Queria poder

vangloriar-se perante o povo da cidade de ter entretido o profeta na sua casa, e oferecer aos fariseus uma oportunidade de soar Jesus. Achavam que podiam fazê-lo melhor quando estavam a sós com ele à mesa do que na sinagoga perante o povo. Mas dificilmente a mesa estava posta quando todos os doentes do lugar, todos os que puderam ser movidos, compareceram perante a casa e reuniram-se no pátio — para grande desagrado do proprietário, bem como dos fariseus. O primeiro apressou-se a afastá-los, Mas Jesus, virando-se da mesa com as palavras: "tenho outro alimento, depois do qual a minha alma tem fome" os seus discípulos seguiram-no e começaram a curar os enfermos. Havia entre eles vários possuídos que levantaram um grito depois de ver Jesus. Ele os curou com um olhar e uma palavra de ordem. Muitos outros eram coxos em uma ou ambas as mãos. Jesus passou a mão pelos braços deles e os levantou para cima e para baixo. Na cabeça e no peito do hidrópico, ele colocou a mão. Outros eram tuberculosos, outros estavam cobertos de pequenas feridas, embora não infecciosas. Alguns ele mandou tomar banho. Para outros, ele ordenou certas obras, e disse-lhes que eles estariam perfeitamente bem em poucos dias. Ao fundo, e encostadas à parede em busca de apoio, estavam várias mulheres atingidas por um fluxo de sangue. Elas estavam veladas e, em sua vergonha, aventuravam-se apenas de vez em quando a lançar um olhar de soslaio para Jesus. Quando levantaram uma dobra do véu para esse fim, o semblante revelado apresentava sinais de sofrimento. Por fim, Jesus aproximou-se delas, tocou-as e curou-as, e lançaram-se aos seus pés.

Toda a multidão levantou gritos de alegria e entoou hinos de ação de Graças. Os fariseus tinham fechado todas as portas e janelas da casa. Sentaram-se à mesa irritados e desapontados, mas saltavam de vez em quando para espiar através da treliça. O trabalho de cura continuou por tanto tempo que, quando quiseram ir para casa, foram forçados a passar pelo pátio cheio de doentes, de curados, e da multidão exultante. A visão os esfaqueou até o coração. A multidão tornou-se finalmente tão grande que Jesus teve de se refugiar na casa até que se dispersassem.

Já era anoitecer quando cinco levitas apresentaram-se para convidar Jesus e os discípulos a passar a noite na escola que presidiam. Os convidados do camponês farisaico despediram-se dele com agradecimentos pela sua hospitalidade. Jesus deu-lhe uma breve exortação antes de partir, e fez uso de uma expressão semelhante às que ele tinha usado entre os herodianos, algo sobre raposas. Mas o homem preservou seu exterior amigável. Jesus e os discípulos participaram de um pequeno almoço na escola. Dormiam num longo corredor sobre o qual tinham sido espalhados tapetes, os sofás separados uns dos outros por telas móveis. Havia uma escola para meninos em uma parte do prédio e, em outra, jovens pagãs desejosas de abraçar o Judaísmo recebiam instruções completas. Esta escola existia mesmo no tempo de Jacó. Quando Jacó foi perseguido de diversas maneiras por Esaú, Rebeca o enviou secretamente para Abelmáula, onde possuía rebanhos e servos, e morava em tendas. Rebeca estabeleceu ali uma escola para as jovens cananeias e outras donzelas gentias. Como Esaú, seus filhos, seus servos e outros da família de Isaque se casaram com esses gentios. Rebeca, que detestava tais alianças, mandou instruir nesta escola as moças que desejavam nos costumes e na religião de Abraão. O terreno em que a escola foi construída pertencia a ela.

Jacó permaneceu por muito tempo escondido em Abelmáula. Quando Rebeca foi questionada sobre o seu paradeiro, ela costumava responder que ele estava longe pastoreando rebanhos para estranhos. Às vezes ele voltava secretamente para vê-la, mas por conta de Esaú ela tinha que mantê-lo escondido. Jacob cavou um poço perto de Abelmahula, o mesmo no qual Jesus estava sentado antes de entrar na

cidade. O povo manteve-o com grande reverência e manteve-o sempre coberto. Ele também fez uma cisterna no bairro. Era longa, de quatro cantos, e tinha um lance de degraus que levava até ela. Mais tarde, a morada de Jacó tornou-se conhecida. Rebeca notou que, como Esaú, seu filho mais novo provavelmente adotaria uma esposa Cananeia, então ela e Isaque o enviaram para sua terra natal para seu tio Labão, onde serviu para Raquel e Lia.

## Notícias sobre a escola de Rebeca e o povo de Canaã

Rebeca tinha estabelecido a escola tão longe de sua própria casa, na terra de Hete, porque Isaque tinha tantas brigas com os filisteus, que fizeram tudo ao seu alcance para arruiná-lo. Ela tinha confiado a direção da escola a um homem do seu próprio país, a Mesopotâmia, e à sua ama que, penso eu, era a sua esposa. As moças moravam em tendas e eram instruídas em tudo o que uma esposa de uma família migratória dos tempos pastorais deveria saber. Eles aprenderam a religião de Abraão e os deveres especiais das esposas de sua raça. Tinham jardins onde plantavam todos os tipos de vinhas, como cabaças, melões, pepinos e uma espécie de grão. Eles tinham ovelhas muito grandes cujo leite era usado para alimentação. Eles também foram ensinados a ler, mas isso, assim como a escrita, foi muito difícil para eles. A escrita daqueles dias era feita de uma maneira muito estranha em tabletes marrons espessos, não em rolos de pele como em tempos posteriores, mas na casca de árvores. Eu os vi descascando e queimando as letras nele. Eles tinham uma pequena caixa cheia de compartimentos em ziguezague, que eu vi brilhando na superfície, e cheia de todos os tipos de sinais de metal. Estes o escritor aquecia em uma chama e queimava um após o outro na casca comprimida.

Vi o fogo onde aqueciam estes sinais, que usavam também para ferver, assar, cozinhar e como uma lâmpada, e como eles a usavam, e pensei naquele momento que eles tinham a lâmpada sob o alqueire. Num recipiente que me lembrava algo parecido ao que os ídolos têm sobre a cabeça, via-se acesa uma massa negra que tinha no meio um buraco, eu acho, para o ar.

As pequenas torres redondas que circundavam o recipiente eram ocas e nelas podia ser colocada o que tinha que ser cozido. Sobre esta vasilha colocavam uma tampa virada para baixo, afinando para cima, com buracos por cima e também, havia um círculo de pequenas torres em que as coisas podiam ser aquecidas. Nestes braseiros havia em torno aberturas e para onde queriam ter luz abria-se ou corria uma daquelas janelinhas e a chama desse lado iluminava-se o quarto. Costumavam abrir apenas pelo lado onde não corria o vento, que nas tendas de campanha costuma infiltrar-se com facilidade. Debaixo do suporte havia um cinzeiro onde colocavam bolos, e por cima aqueciam água para banhos, lavagens e cozinha.

Também assavam sobre estes braseiros. Esses recipientes eram leves e podiam levá-los em suas viagens. Sobre um desses suportes, as letras eram aquecidas e depois gravadas nas crostas. Os cananitas eram de cabelos negros e mais escuros do que Abraão e seu povo; estes eram mais amarelados e de um avermelhado brilhante. As mulheres cananitas vestiam-se de maneira diferente das judias. Eles tinham uma vest5e de lã amarelo que chegava aos joelhos; era composto por quatro pedaços amarrados abaixo do joelho e uma calcinha larga que não estava sujeita a meio corpo, como nas mulheres judias, mas caía em largas dobras: em torno do corpo estava esta calcinha recolhida. A parte superior do corpo estava coberta por dois pedaços de tecido que cobriam o peito e as costas. Estes pedaços de pano estavam recolhidos e amarrados sobre os ombros: era uma espécie de escapulário largo aberto em ambos os lados e fechado em torno do corpo.

Assim, o corpo e os quadris pareciam um longo saco amarrado no meio e subitamente terminado nos joelhos. Elas usavam solas amarradas com tiras até os joelhos, através das quais as pernas eram visíveis. Os braços estavam cobertos com pedaços transparentes e anéis de metal brilhante que se fechavam como mangas. Tinham na cabeça um boné de penas finas terminado em ponta por trás como um elmo com tufo espesso.

Elas eram de estrutura bonita, mas muito mais ignorantes do que as filhas de Israel. Algumas usavam mantos longos, acima estreitos e abaixo largos. As mulheres de Israel usavam uma roupa interior, depois uma camisola longa e por cima um vestido longo abotoado na frente: a cabeça coberta com o véu ou se não com tecidos encaracolados como costumam usar hoje as pessoas ao redor do pescoço.

Vi também o que aprendiam nos tempos de Rebeca. Era a religião de Abraão: a criação do mundo: e de Adão e Eva, sua permanência no paraíso, a tentação de Eva por Satanás e a queda do primeiro homem na culpa por faltar à obediência de abster-se do fruto que Deus lhes havia proibido.

Com a comida da fruta entrou a concupiscência no homem. Ensinava-se-lhes que Satanás havia prometido uma ciência divina a nossos primeiros pais; mas o homem sentiu-se como cego depois do pecado: cobriram-lhe os olhos como com uma pele, perderam uma visão clara das coisas que antes tinham, agora deviam trabalhar, criar filhos com dor e se esforçar muito para adquirir qualquer conhecimento das coisas.

Aprendiam que à mulher havia sido prometido um filho que esmagaria a cabeça da serpente; de Caim e Abel: e dos descendentes de Caim, como se maltrataram, e como os filhos de Deus, isto é, os bons, se deixaram seduzir pela beleza das filhas dos homens, e como de sua união nasceu uma raça de estatura gigantesca, cheia de força diabólica, e ciências e artes más. Estes gigantes tinham inventado todas as artes de engano e sedução, falsa ciência, tudo o que afasta de Deus e leva ao pecado, e tinham pervertido de tal maneira aos homens, que Deus determinou exterminá-los salvando apenas a Noé e sua família. Esta raça tinha tido o seu lugar numa alta montanha e tinha avançado cada vez mais até que Deus os exterminou no dilúvio, e a alta montanha afundou e formou-se ali um mar (O mar Negro). Ensinavam-lhes do dilúvio, da salvação de Noé na arca; de Sem, Cam e Jafé; do pecado de Cam e da malícia dos homens na arca; construção da torre de Babel.

Esta edificação da torre, a sua destruição, a confusão das línguas e a inimizade dos homens diziam-se que tinha relação com aqueles soberbos gigantes de artes diabólicas que habitavam a montanha e que era o resultado das uniões ilícitas com as cananitas; e que também na torre de Babel cultos idolátricos eram praticados. Com estes ensinamentos, essas jovens pagãs eram afastadas de toda a comunicação com os idólatras, das artes de sedução e dos adornos imodestos, da magia, da sensualidade e de tudo o que afasta de Deus, prevenindo-as contra tudo o que pertence ao pecado, causa pela qual Deus castiga os homens. Pelo contrário, eram exortadas ao temor de Deus, à obediência, à submissão e ao cumprimento de todas as obrigações e à observância da vida simples dos pastores. Elas eram instruídas nos mandamentos que Deus havia dado a Noé, por exemplo, não comer carne crua. Ensinavam-lhes como Deus escolheu a família de Abraão para formar um povo eleito, de cuja descendência devia nascer o Messias tirando a Abraão da terra de Ur e separando-o dos outros. Ensinavam-lhes como Deus havia enviado a Abraão homens sábios, isto é, homens que apareciam com vestes brancas e resplandecentes, e que estes deram a Abraão o mistério da bênção de Deus para que sua descendência fosse maior do que todos os outros povos da terra. Da entrega do mistério só se lhes falava em geral, como de uma bênção da qual devia

nascer o Messias. Falavam-lhes de Melquisedeque como de um homem sábio que oferecera pão e vinho e abençoara o próprio Abraão. Eles também foram ensinados sobre o castigo caído sobre Sodoma e Gomorra.

## Jesus visita a Escola de Rebeca

Quando Jesus entrou na escola estavam as jovens fazendo um cálculo sobre a vinda do Messias e todas elas vieram com suas contas para determinar o tempo presente. A entrada de Jesus produziu uma impressão extraordinária. Jesus ensinou sobre isso e explicou tudo claramente. O Messias estava lá e não era reconhecido. Falou do Messias desconhecido e do cumprimento dos sinais que deviam fazê-los reconhecer. Das palavras: "Uma virgem dará à luz um filho", falou Jesus em termos obscuros: isto lhes era difícil compreender agora. Disse-lhes que deviam considerar-se ditosas de viver neste momento tão desejado pelos patriarcas e profetas, que não o alcançaram. Falou das perseguições e dos sofrimentos do Messias, explicou-lhes várias passagens e disse-lhes que prestassem atenção ao que havia de acontecer na próxima festa dos Tabernáculos, em Jericó. Falou de prodígios e de um cego que havia de curar. Fez-lhes um cálculo do tempo do Messias, falou de João e de seu batismo, e perguntou se elas desejavam também o batismo. Ensinou-lhes a parábola da dracma perdida.

Essas meninas estavam sentadas na escola com as pernas cruzadas, às vezes com o joelho levantado; cada uma tinha um banco ao lado que formava um ângulo; de um lado se apoiavam lateralmente e sobre a parte mais larga colocavam seus rolos quando escreviam; muitas vezes elas ficavam de pé para ouvir as lições. Havia na mesma casa uma escola para crianças; era uma espécie de asilo, uma fundação para educar crianças órfãs ou crianças judias resgatadas da escravidão, que haviam crescido longe de todo ensino judaico. Tinham parte no ensino fariseus e saduceus, e eram recebidas também meninas pequenas que eram instruídas por outras mais velhas.

Quando Jesus entrou na escola das crianças, estes estavam ocupados em calcular algo sobre a história de Jó e não tinham acabado de sair do caminho. Jesus lhes explicou o que não entendiam e colocou no quadro alguns sinais para esclarecê-lo. Explicou-lhes também algo que tratava de uma medida de duas horas de caminho ou de tempo, que agora não me lembro, E falou muito às crianças do livro de Jó, que era rejeitado por alguns rabinos como verdadeira história, porque os edomitas, de cuja terra Herodes era, zombavam dos judeus por serem crédulos da história de um homem da terra de Edom, onde ninguém o conhecia. Diziam que o livro de Jó era apenas uma fábula ou parábola para entreter os israelitas no deserto. Jesus explicou às crianças a história de Jó, como ela realmente aconteceu, e explicou à maneira dos profetas e mestres da infância, como se visse tudo diante de seus olhos, como se fosse sua própria história, como se ele tivesse visto e ouvido tudo, ou como se o próprio Jó lhe tivesse contado sua história. Parecia às crianças que ele havia vivido com Jó, ou que era um anjo de Deus ou o próprio Deus. E isso não era surpreendente para aquelas crianças: sentiam por momentos que era um Profeta, e sabiam algo de Melquisedeque, de quem ninguém sabia o que era em Realidade. Falou-lhes, numa parábola, do significado do sal e do Filho pródigo.

Entretanto, os fariseus tinham chegado, os quais se irritaram porque Jesus aplicava a si mesmo muitas coisas que dizia do Messias. À tarde, Jesus andou com os levitas e as crianças diante da cidade. As meninas pequenas, guiadas pelas mais velhas, vinham atrás. Às vezes Jesus parava até que as meninas chegassem, enquanto os meninos caminhavam à frente. Ensinava-os, fazendo comparações com as coisas

que viam na natureza. De todas as circunstâncias tirava lição: da vista das árvores, dos frutos, das flores, das abelhas, dos pássaros, do sol, da terra, da água, do gado e do trabalho do campo. Falou-lhes maravilhosamente de Jacó e do poço que cavou naquele lugar; e como agora vinha a eles (às crianças) a água viva: e o que isso significa cegar o poço, tapá-lo com lixo, como faziam os inimigos de Abraão, de Jacó, e aplicou isto aos que tentam desacreditar os prodígios e as ensinamentos dos profetas, como fazem os fariseus.

## Jesus Vai de Abelmehola a Bezech

Quando Jesus, na manhã seguinte, voltou à sinagoga, estavam todos os fariseus e saduceus presentes com muita gente. Jesus abriu os rolos e explicou os profetas. Os fariseus disputaram com Jesus obstinadamente, mas ele os envergonhou a todos. Entrou na sinagoga um homem com o braço e as mãos ajeijadas: desejava tanto tempo poder aproximar-se e agora esperava que Jesus, ao sair, visse-o junto à porta da sinagoga. Alguns fariseus irritaram-se contra ele e mandaram-no afastar-se, e como ele resistisse, tentaram removê-lo a empurrões. Ele se plantou o melhor que pôde na porta e olhava com ar de piedade para Jesus, bastante distante, pela muita gente, num local alto. Jesus voltou-se para o enfermo e disse-lhe: "O que pedes de mim? Então falou o enfermo: "Senhor, peço-te que me cures, porque sei que o podes, com tal que o queiras". Jesus disse-lhe: "a tua fé te salvou: estende a tua mão sobre o povo". E no mesmo momento a saúde veio ao homem à distância. Estendeu as mãos para o alto e clamou, louvando a Deus. Jesus disse-lhe: "vai para tua casa e não faças tumulto". O homem respondeu: "Senhor, Senhor Como posso esconder um favor tão grande que recebi?" Saiu e publicou por toda parte o prodígio. Muitos enfermos foram adiante da sinagoga, e Jesus, passando, os curou. Depois disso, ele estava com os fariseus em uma refeição, porque, apesar de sua irritação e raiva interior, eles o trataram com cortesia exteriormente, para ter ocasião de espiar melhor suas palavras e seus atos. À tarde eu o vi ainda curando doentes.

Durante a manhã, Jesus estava na escola das crianças. Por fim, vi-o rodeado das mais pequenas, que estavam juntas a ele, tocando as suas vestes e tomando-o pelas mãos. Jesus mostrou-se muito carinhoso com elas e as exortou a serem obedientes e a temer a Deus. As maiores estavam atrás das pequenas. Os discípulos, à distância, estavam espantados e desejavam que se retirasse delas. Eles pensavam, à maneira dos judeus, que tal familiaridade não era conveniente para um profeta, e que poderia dar o que falar. Jesus rejeitou seus vãos temores, e depois de ter exortado todas as crianças, encorajado os mais crescidos e fortalecido os mestres, mandou um de seus discípulos que fizesse a cada criança um presentinho.

Eles receberam moedas unidas uma à outra, acho que um par de dracmas.

Então abençoou a todos as crianças deixaram o lugar com seus discípulos e foram para o leste, em direção ao Jordão.

No caminho, ensinou a grupos de lavradores e pastores, e chegaram por volta das quatro horas da tarde diante de Bezech, que ficava a cerca de duas horas a leste de Abelmehola, em direção ao Jordão. Havia dois lugares em ambos os lados do rio. A região era montanhosa e quebrada e as casas eram espalhadas.

Bezech era formada por duas populações. Os habitantes viviam como isolados e não tinham muito comércio; A maior parte eram lavradores que trabalhavam em terreno pedregoso com muita fadiga e eles lidavam com a fabricação de instrumentos de lavoura, que levavam ao mercado, e faziam cobertores e tecidos grosseiros para tendas. A uma hora e meia de lá o Jordão fazia uma volta para o Oeste, como se

quisesse correr para o jardim das Oliveiras; mas dava logo meia volta e formava assim uma península na margem Oriental, sobre a qual havia uma fileira de casas. Quando Jesus veio da Galileia a Abelmehola, teve que passar um rio; dali de Bezech a Ainon poderia haver quatro horas de caminho para o outro lado do rio. Diante da cidade, Jesus entrou em um albergue, o primeiro dos que as mulheres de Betânia haviam destinado a Jesus e seus discípulos quando andasse por aqueles caminhos. Estava sob os cuidados do albergue um homem piedoso e bem-intencionado, o qual saiu ao encontro dos viajantes, lavou-lhes os pés e os serviu comida. Jesus entrou na cidade onde os chefes da escola o receberam na rua e entrou nas casas de alguns enfermos, dando-lhes a saúde. Cerca de trinta discípulos se reuniram em torno de Jesus. Com Lázaro vieram vários discípulos de Jerusalém e dos arredores e outros de João. Alguns vinham agora de Macherus, com uma mensagem de João para Jesus. João pedia-lhe que dissesse claramente que era o Messias e se apresentasse publicamente. Entre os mensageiros estava um filho do viúvo Cléofas. Entendi dizer Cleofas de Emaús, parente do outro Cleofas, marido da sobrinha de Maria Santíssima, e que por isso se chama Maria Cleofas.

O outro destes discípulos era José Barsabas parente de Zacarias de Hebrom.

Seus pais tinham vivido primeiramente em Nazaré e agora em Caná. Entre estes discípulos de João vinham outros à minha memória. Os filhos de Maria Heli, a irmã mais velha de Maria Santíssima, eram discípulos de João: tinham nascido tão depois de sua irmã Maria Cléofas, que eles eram apenas mais velhos do que os filhos dela. Estes foram discípulos de João e o seguiram até a morte do Batista; depois passaram para Jesus. Os esposos que cuidavam do abrigo de Bezech eram piedosos e viviam, segundo voto que haviam feito, em continência, embora não fossem essênios. Eles eram parentes distantes da Sagrada Família.

Jesus falou várias vezes a sós com essas pessoas. Todos os discípulos presentes comeram e dormiram neste albergue. Havia ali, dispostos por Lázaro e pelas mulheres de Betânia, utensílios de cozinha, cobertores, tapetes, macas, divisórias de separação, sandálias, vestidos. Marta tinha, numa casa junto ao deserto de Jericó, tudo o que era necessário para estes albergues. Estavam lá viúvas pobres e algumas arrependidas que trabalhavam nisso e se sustentavam. Tudo isso era feito em silêncio, sem chamar a atenção. Mas não era pouco trabalho ter tudo o que era necessário para tantas pessoas e vigiar continuamente esses lugares, enviar mensageiros ou ir pessoalmente para encomendar e fornecer. Jesus fez um grande sermão pela manhã sobre uma colina, em um lugar onde os habitantes haviam arranjado uma poltrona para Jesus. Muitas pessoas se reuniram para ouvir Jesus, incluindo cerca de dez fariseus ao redor para espioná-lo.

Ensinou, com grande mansidão e amor para com o povo, que era de boa índole e que por ter ouvido João e ter sido batizado por ele, já estava convertido e melhorado. Exortou-os a permanecerem contentes em seu estado de pequenez, a serem compassivos e trabalhadores. Falou do tempo da Graça, do reino, do Messias e mais claramente de sua própria pessoa. Falou de João, de seu testemunho, de sua perseguição e prisão. Ele falou do adultério dos reis, por causa do qual João estava na prisão. Contrapôs a severidade dos fariseus que haviam executado em Jerusalém alguns adúlteros, que ao fim não cometiam o pecado tão escandalosamente como os reis. Tudo disse claramente, sem reticências. Ele exortou cada um, de acordo com seu estado, sexo, condição e idade. Um fariseu perguntou se ele entrava agora em lugar de João, se ele era aquele de quem João falava. Jesus respondeu em geral e fez-lhe notar sua dobra e fingimento.

Jesus teve ali uma comovente instrução para os meninos e meninas. Ele os exortou à paciência: se outro o maltratasse, não respondesse com golpes, mas levasse-o

com paciência, afastasse-se e perdoasse o ofensor. Nada devolver ao mau, senão amor duplo, e até aos inimigos deviam amá-los bem. Disse-lhes que não tocassem nos bens alheios nem os desejassem, e se outro menino desejasse ter suas penas, seus utensílios de escrever, seus jogos, seus frutos, que lhes dessem o que desejavam e ainda mais, para deixá-los contentes, desde que pudessem lícitamente dar esses objetos. Somente os mansos, os compassivos e misericordiosos terão assento em seu reino. E este assento pintou as crianças muito lindamente, como um trono. Ele falou dos bens da terra que deviam ser abandonados para obter os bens do céu. As meninas foram especialmente aconselhadas a não invejar os trajes de vaidade, a ter obediência, respeito e amor aos pais, mansidão e medo de Deus.

Terminada a educação pública dirigiu uma alocução aos seus discípulos em particular consolando-os com muito amor e exortando-os a levar com ele tudo com paciência e não ter preocupação com as coisas da terra. Ele lhes disse que seu pai no céu os recompensaria abundantemente e que eles possuiriam o reino com ele. Falou da perseguição que ele e eles sofreriam, e disse-lhes claramente: "se os fariseus, saduceus ou herodianos vos louvarem, então pensai que vos afastastes-vos do meu ensinamento e já não sois meus discípulos". Ele nomeou essas seitas com os nomes que lhes correspondiam. Ele elogiou os habitantes locais por sua misericórdia e compaixão, porque muitas vezes tomavam a seu serviço crianças pobres de Abelmehola e trabalhadores necessitados. Louvou-os também pela sinagoga nova que tinham edificado, custeando eles mesmos as despesas, ainda que lhes tivessem ajudado gente boa de Cafarnaum. Depois curou muitos enfermos e foi com os discípulos ao abrigo. À tarde, dirigiu-se à sinagoga, porque tinha começado o sábado.

## **Jesus ensina na sinagoga. Declara-se Messias**

Jesus ensinou sobre Isaías, 51, 12: "Eu sou o vosso Consolador". Falou contra o respeito humano: que não tivessem temor dos fariseus e de outros molestadores e pensassem que Deus os criou e os mantém cada um. As palavras: "eu ponho a minha palavra na tua boca", explicou-as no sentido de que Deus enviou o Messias e que esta palavra de Deus está agora na boca do seu povo, pois o Messias diz as palavras de Deus, e eles são o povo do Messias. Tudo isso ele explicou tão abertamente que os fariseus murmuravam entre si: "ele se despacha pelo Messias". Jesus continuou: que Jerusalém desperte de sua sonolência e embriaguez, que a ira havia passado e a graça estava lá. Disse que a sinagoga infrutífera não dava filhos, e ninguém governava e guiava o pobre povo; mas que agora os destruidores, os hipócritas e os opressores eles seriam punidos e iriam para a perdição. Que Jerusalém se desperte e Sião se levante! Tudo declarou em sentido espiritual com respeito às pessoas piedosas, aos penitentes, aos que pelo batismo do Jordão entram na terra prometida de Canaã, que é o reino de seu Pai celestial; que nenhum impuro, nenhum que não refreie as suas paixões, nenhum pecador, perverta já o seu povo.

Ensinou da redenção e do nome de Deus, que agora será anunciado entre eles; Então falou de Moisés V, 16, 18, sobre juizes e empregados, sobre distorcer a justiça e o suborno e repreendeu severamente os fariseus.

Depois curou muitos enfermos diante da sinagoga. No dia seguinte voltou à sinagoga para ensinar de Isaías, 51 e 52, E sobre Moisés V, 16 até 31. Falou de João e do Messias, dos sinais do Messias de outra forma, e deu a entender claramente que ele era o Messias, posto que ali falava a muitos que já estavam preparados pelo batismo e pregação de João.

Ele citou Isaías, 52-13 até 15, e disse que o Messias iria juntá-los, que seria cheio de sabedoria, que seria levantado e honrado, e disse-lhes que, assim como muitos se maravilhavam de ver Jerusalém pisada e devastada pelos pagãos, assim aparecerá o Messias entre os homens, perseguido e desprezado. Ele batizará muitos pagãos e os purificará; os reis calarão diante dele, quando forem instruídos, e aqueles a quem não chegou a sua notícia tomarão o seu ensinamento e o verão. Recordou-lhes todas as suas obras e prodígios desde o seu batismo, e as perseguições que padecia em Jerusalém e em Nazaré, o desprezo dos espiões e as zombarias dos fariseus. Recordou os prodígios de Caná, os cegos, os surdos, os mudos, os aleijados curados e a ressurreição da filha de Jairo de Phasael. Ele apontou para o lugar e disse: "não é longe daqui: Ide e perguntai e vereis que é assim". Disse-lhes: "Vós vistes João e o conhecestes; ele vos disse que era o preparador dos caminhos, O anunciador e precursor. João era por acaso suave, delicado, distinto? Ou ele veio do deserto? Vivia em palácios, comia comidas delicadas, usava vestes finas e falava palavras cultas e lisonjeiras? Disse-lhes que João era o precursor: "o servo não veste então as vestes do seu Senhor? Se o Messias que esperais fosse um rei poderoso, brilhante, rico e vencedor haveria teria tido por precursor um tal João? Vós tendes o Salvador entre vocês e não querem reconhecê-lo. Não é segundo a vossa soberba ideia, e porque não é assim, não o quereis reconhecer como Messias".

Depois ensinou muito tempo ainda sobre Moisés V, 18, 19. "Eu lhes despertarei um profeta dentre seus irmãos, e quem não escuta a sua palavra em meu nome, desse tomarei conta". Foi uma exposição forte, e ninguém se atreveu a contradizê-lo. Ele disse: "João estava no deserto e não ia com ninguém. Isto não vos agradou. Eu vou agora de aldeia em aldeia, ensino e sano os enfermos, E isto também não vos agrada. Que tipo de Messias vocês querem então? Cada um de vocês quer outra coisa. Sois como as crianças que andam pelas ruas, que cada um se fabrica um instrumento diferente para soprar dentro; toma-se um bico profundo de casca e outro uma cana vazia".

E ele nomeou vários jogos infantis, e como cada um pede para ser tocado de uma forma ou de outra, em um ou outro tom e a cada você gosta apenas de seu próprio modo.

À tarde, quando saiu da sinagoga, reuniu-se uma grande quantidade de enfermos. Muitos estavam deitados em macas e um telhado havia se estendido sobre eles. Jesus ia de um a outro com seus discípulos, e os curava. Havia alguns endemoninhados, que clamavam e se irritavam. Jesus os livrou do demônio, mandando-os calar-se e passando entre eles. Havia aleijados, tíxicos, hidrópicos, outros com espinhas na garganta, mudos e surdos. Ele curou a todos, em particular, impondo-lhes as mãos ou tocando-os, embora seu modo de agir fosse diferente em cada caso. Os curados sentiam-se bem ao mesmo tempo, apenas um pouco cansados e a cura seguia-se logo segundo o tipo da doença e a disposição de cada um doente. Os curados se afastavam cantando salmos de Davi. Havia, porém, tantos doentes que Jesus não podia chegar a cada um, e então os discípulos ajudavam pondo-os de pé, levantando, desatando as ataduras dos doentes. Então Jesus pôs as mãos sobre as cabeças de André, João e Judas Barsabas, e, tomando as mãos deles na sua mão, ordenou-lhes que fizessem seu nome com alguns doentes o que ele fazia. Eles fizeram isso e curaram muitos doentes.

Depois disso, Jesus foi com seus discípulos para o albergue e eles comeram sozinhos.

Jesus tomou uma grande parte dos alimentos que sobraram, abençoou-os e mandou repartir aos pagãos pobres que estavam em Bezech. Essas caravanas de pagãos foram catequizadas pelos próprios discípulos. Vindo de ambas as margens do

Jordão, uma grande multidão de pessoas havia se amontoado em Bezech. Todos os que antes tinham ouvido João queriam agora ouvir Jesus. Uma caravana de pagãos, que queria ir a Ainon, parou para ouvir o ensinamento de Jesus. Bezech ficava a cerca de três quartos de hora do Jordão, junto a uma rápida corrente de água que dividia o local em duas partes.

## Jesus Deixa Bezech e vai para Ainon

Jesus continuou ensinando e curando diante do albergue. Os que iam ser batizados, a caravana dos pagãos e muitos outros foram para o Jordão para passar para o outro lado. A passagem ficava a uma hora e meia ao sul de Bezech, perto da cidade de Zarthan, junto ao Jordão, a uma hora de Bezech. Do outro lado, entre Bezech e Zarthan, havia um lugarejo chamado Adam. Perto de Zartã era onde o Jordão parou quando os filhos de Israel passaram. Ali fez derreter Salomão panelas e utensílios; havia ainda algumas destas indústrias e a Este da volta que dá o Jordão existia uma oficina instalada em uma montanha que se estendia em direção a Samaria. Eles encontraram lá algo como cobre e bronze. Jesus ensinava ao longo do caminho. Quando lhe perguntaram se pararia em Zarthan, respondeu que outros lugares precisavam mais dele, que João tinha estado ali com frequência, e que perguntem a ele se ele tinha comido saboroso em boa mesa e se se divertira neste lugar. Havia ali um vau largo para passar o Jordão; depois contorvava o Jordão para o Este. Do outro lado caminharam cerca de duas horas para o Oriente, para a parte Norte de um riacho que se lançava no Jordão, não muito longe dali. Eles chegaram a um riacho ao lado de Sukkoth, à esquerda. Eles descansaram entre Sukkoth e Ainon, a quatro horas de distância, sob Tendas. Quando passaram pelo Jordão puderam ver Salém, do outro lado, que até aquele momento o tinha coberto a ribeira montanhosa: estava no meio da Foz Este do Jordão, em frente a Ainon. Em Ainon havia uma grande multidão de pessoas. Os pagãos se estenderam entre o monte de Ainon e o Jordão.

Vieram dez fariseus, alguns de Ainon, outros de vários lugares, entre eles o filho do fariseu Simeão, de Betania. Mas havia entre eles prudentes e moderados. Na parte Norte da montanha para cima estava Ainón, como uma pequena cidade, como costumam ser as casas de lugares de recreio. Nesta parte da cidade estava a foz da fonte do Lago dos batismos situada a leste da montanha. A fonte de água era levada em canais de ferro. Esta Foz tinha sido fechada e aberta apenas de acordo com a necessidade. Havia uma casa para cuidar da fonte. Diante do lugar vieram os fariseus, entre eles o filho de Simão, o leproso, ao encontro de Jesus. Eles o receberam amigavelmente, com deferência e respeito. Levaram Jesus e os seus discípulos a uma tenda, lavaram-lhes os pés, sacudiram as suas vestes e alimentaram-os com pão, mel e bebida. Jesus manifestou que estava contente, que havia ali gente bem intencionada; mas pesava-lhe que pertencessem a essa seita de fariseus. Seguiu com eles para a cidade e entrou num pátio onde lhe esperava uma grande multidão de doentes, estrangeiros e do país. Eles estavam em parte sob lojas e em parte nas galerias da casa. Alguns podiam andar. Jesus curou a todos com a imposição das mãos e com exortações. Os discípulos ajudavam a trazer enfermos, a levantá-los, a soltá-los de suas ataduras. Várias mulheres com fluxo sanguíneo estavam à distância pálidas e veladas. Quando Jesus terminou com os enfermos, foi até elas, impôs-lhes as mãos e as curou. Havião aleijados, hidrópicos, tísicos, com grãos no pescoço e no corpo, que não eram impuros, além de mudos, surdos e enlutados de todas as classes. Este pátio terminava em um corredor de colunas, onde havia uma entrada. Havia muitos espectadores, os fariseus e algumas

senhoras. Jesus estava com os fariseus ali, porque havia entre eles alguns moderados e eles o receberam bem e sinceramente; por isso lhes deu ali certas preferências.

Queria mostrar-lhes que não tinham razão em dizer que só se juntava com publicanos, pecadores e mendigos. Queria também mostrar-lhes que lhes dava a honra que lhes era devida sempre e em toda parte onde se comportavam corretamente. Ali eles mesmos se empenharam em manter a ordem entre os doentes e Jesus deixou que fizessem tudo como lhes parecia.

## Maria de Suplian

Enquanto Jesus estava ocupado em curar os enfermos, entrou pela porta dos fundos do grande corredor uma apostol Senhora, de média idade, vestida como estrangeira. Usava a cabeça e os cabelos cobertos com um véu delicado, coberto de pérolas. A parte superior era coberta pelo pescoço por um corpete que terminava em forma de coração aberto pelos lados.

Este corpete era sobreposto como um escapulário, ajustado ao corpo e fechado com lindas tiras e ornamentos de pérolas no pescoço e no peito. De lá caíam dois sacos dobrados até os pés, um mais curto que o outro, ambos de lã branca, com adornos de belas flores. As mangas eram largas e no ombro trazia um manto curto que caía sobre ambos os braços. Cobria tudo com um longo manto de lã branca. Aproximou-se muito triste e angustiada, cheia de confusão e de pesar: seu rosto magro indicava choro e seu olhar era perdido. Queria chegar até Jesus, e não podia pela multidão. Os fariseus atarefados saíram ao encontro dela, e ela lhes disse: "levai-me até o Profeta, para que me perdoe os meus pecados e me cure".

Os fariseus responderam: "mulher, vai para casa. O que queres aqui? Ele não vai querer falar contigo. Como ele poderá perdoar seus pecados? Ele não vai querer lidar com você: você é uma adúltera". Quando a mulher ouviu isto, empalideceu, entristeceu-se em extremo, deitou-se em terra, rasgou o seu manto de cima para baixo, tirou violentamente o seu véu, e ela gritou: "Ah Ah, então estou perdida! Voltam agora a possuir-se de mim!... Eles me rasgam!... Ali estão eles!..."E nomeou cinco demônios que entraram nela: o diabo de seu marido e os de quatro outros amantes. Foi um espetáculo horrível. Algumas mulheres que estavam ali a levantaram e levaram a desolada mulher para sua casa.

Jesus, que sabia tudo isso, não quis, porém, envergonhar ali aos fariseus; deixou que fizessem como queriam e continuou o seu ensinamento e as suas curas com os outros. Sua hora ainda não havia chegado. Dirigiu-se com seus discípulos, acompanhado do povo através da cidade, subindo logo à altura, ao lugar de ensino de João, na colina rodeada de casinhas e cercas, a cujo lado estava situado o castelo meio destruído que Herodes havia habitado quando da pregação de João. Todo o contorno da colina estava cheio de pessoas que esperavam por Jesus. Este subiu ao lugar da pregação, coberto com lonas por cima e aberto pelos quatro lados.

Houve uma grande pregação. Jesus falou da grande misericórdia de Deus para com o seu povo, em especial, e para com todos, e repassou os textos dos profetas, mostrando a providência de Deus e demonstrando que tudo se cumpria agora neste tempo e momento. No entanto, ele não disse tão claramente que ele era o Messias, como em Bezech. Falou também de João, de seus trabalhos e de sua prisão. As multidões eram levadas e afastadas dali, por sua vez, para ouvi-lo. Jesus perguntou a alguns grupos por que queriam ser batizados, por que esperavam até agora, o que entendiam pelo batismo. Ele os dividiu em classes que deveriam ser batizadas primeiro e depois aquelas que deveriam esperar até depois de receber maior

instrução. Lembro-me da resposta de um grupo à pergunta de por que eles esperaram até agora. Disse um: "Porque João sempre ensinava que viria um que era maior que ele e assim esperávamos para receber maior graça". Sobre isto levantaram a mão todos os que eram da mesma ideia e formaram assim um grupo que recebeu de Jesus alguns avisos e a indicação do tempo em que deveriam ser batizados. À tarde, às três horas, este grande ensinamento foi concluído.

Jesus foi com os seus discípulos e os fariseus à cidade, onde preparou uma grande refeição em uma sala do albergue. Mas quando Jesus chegou à sala do banquete, não entrou, e disse : "Eu tenho outra fome", e perguntou, embora o soubesse perfeitamente, pela casa onde vivia a mulher que tinham afastado de lá pela manhã. Apontaram-lhe a casa, que não estava longe, e deixando Jesus aos outros, entrou no vestíbulo daquela casa. Eu vi, quando Jesus se aproximou, o terror da mulher. O demônio que a possuía a jogava de um canto a outro da casa: parecia um animal que tentava se esconder. Quando Jesus entrou no pátio e se aproximou de onde estava a infeliz, saiu voando de sua casa e entrou em um porão, escondendo-se em uma espécie de barril, que era mais estreito acima, e querendo esconder-se, partiu-se o recipiente com muito estrondo, porque era um grande barril de barro cozido. Jesus, finalmente, falou, e disse: "Maria de Suphán, mulher de... (aqui pronunciou o nome do marido, que eu esqueci): eu te mando, em nome de Deus, que venhas junto a mim". Veio então a mulher, toda envolta da cabeça aos pés, como se o diabo a forcesse a envolver-se em seu próprio manto, como um cão que se aproximava, esperando ser espancado; aproximou-se de Jesus rastejando sobre mãos e pés. Jesus disse-lhe: "Levanta-te". Levantou-se imediatamente, mas apertou o véu sobre a cabeça e o pescoço tão estreitamente como se tentasse estrangular-se. Então o Senhor lhe disse: "descobre o teu rosto". Ela levantou o véu. Tinha os olhos baixos e perdidos, como se a forcesse o diabo a afastá-los de Jesus. Jesus aproximou o rosto dela e disse: "Olhe para mim". E ela fez assim. Jesus soprou sobre ela, e um denso vapor saiu da infeliz por todos os lados. Ela caiu de joelhos diante de Jesus. As empregadas tinham vindo pelo barulho do recipiente despedaçado e estavam agora a alguma distância olhando a cena. Jesus mandou levar a mulher para casa em uma maca e a seguiu com seus discípulos.

Encontrou-a ali feita um mar de lágrimas. Jesus aproximou-se dela, colocou as mãos sobre a cabeça e disse: "teus pecados te são perdoados". Ela chorava aos mares, e levantou-se. Depois vieram seus três filhos à casa: um menino de doze anos e duas meninas de nove e de sete anos; estas tinham um vestido amarelo com adornos e mangas curtas. Jesus dirigiu-se às crianças, falou-lhes carinhosamente, perguntou-lhes e ensinou-lhes. A mãe disse: "Dai graças ao Profeta; ele me curou". Então as crianças se lançaram em terra, diante de Jesus. Jesus os abençoou e, segundo a idade deles, levou cada um deles junto à mãe e pôs as mãos das crianças nas da mãe, e pareceu-me que com isso tirava deles uma nódoa, e que agora eram crianças legítimas, pois eram filhos tidos em seu extravio. Jesus consolou a mulher dizendo-lhe que ainda podia reconciliar-se com o marido, e exortou-a a perseverar na penitência e no arrependimento e a viver ordenadamente.

Depois foi com seus discípulos à ceia com os fariseus.

Esta mulher era de suphán, da terra de Moabe, e era descendente de Orfa, viúva de Quelcom, nora de Noemi, a qual, por conselho de Noemi, não foi a Belém, para acompanhar Noemi, como Rute, a outra viúva de seu filho Mahalon. Orfa, viúva de Quelcom, filho de Elimeleque, de Belém, casou-se novamente em Moabe e desta família era Maria de suphán. Ela era a mulher de um judeu e era rica, mas adúltera, e os três filhos que ela tinha não eram de seu marido. Seu marido a havia repudiado, mantendo seus filhos legítimos. Ela morava em sua própria casa, em

Ainon; estava há muito tempo cheia de arrependimento e dor, comportava-se bem e algumas mulheres boas de Ainon se davam muito bem com ela. O ensinamento de João Batista e suas reprovações a Herodes por seu adultério a haviam confirmado em seus bons propósitos. Estava muitas vezes possuída por cinco demônios, que se tinham apresentado subitamente quando da última vez tinha ido ao pátio onde Jesus curava, e quando os fariseus a rejeitaram, colocando-a à beira do desespero. Por sua descendência de Orpha, cunhada de Rute, esta mulher tinha ligação com a ascendência de Jesus, desde Davi. Foi-me mostrado como este braço desviado do rio da descendência, enlameado pela culpa, era agora purificado, e entrava por essa purificação, por meio de Jesus, na Igreja.

Jesus, como eu disse, entrou na sala do convite com os discípulos, Onde estavam os fariseus, e sentou-se à mesa com eles. Estavam um tanto amostados, porque Jesus os havia dispensado e ele mesmo buscava a mulher que eles, diante de tantos, tinham rejeitado e afastado; mas guardaram prudente silêncio porque temiam uma correção de Jesus.

Jesus os tratou durante a refeição com toda a consideração e ensinou com parábolas e comparações. No meio da refeição vieram os filhos da Supanita vestidos de festa e entraram na sala. Uma das filhinhas trazia um recipiente branco com água muito cheirosa; a segunda, outro recipiente com essência de nardo, e o menino outro recipiente. Avançaram para a parte aberta da mesa, curvaram-se aos pés de Jesus e puseram os seus presentes sobre a mesa. A mesma mulher entrou depois com as suas donzelas, embora não se atrevesse a antecipar-se. Ele usava um véu e trazia uma taça de vidro transparente e brilhante, onde havia plantas aromáticas cercadas por ervas vivas. Os fariseus olhavam contrariados para a mulher e para os filhos.

Jesus disse à mulher: "Aproxima-te, Mará". A mulher se aproximou humildemente e seus filhos, a quem deu o presente, o depuseram ao lado dos outros sobre a mesa. Jesus agradeceu os presentes. Os fariseus murmuraram, como mais tarde com Madalena pensando: "isto é desperdício: é uma prodigalidade, contra a moderação e um dano dos pobres". Diziam Só procurando o que reprovar na mulher. Jesus falou muito amigavelmente com ela e com os filhos, aos quais deu frutos: e logo saíram. A Suphanita continuava sempre humilde, atrás de Jesus. e disse Jesus aos fariseus: "todos os dons vêm de Deus. Para agradecer o que é caro é preciso dar o mais caro também, o que se tem de melhor. Isso não é prodigalidade. As pessoas que trabalharam na confecção destas essências, devem também viver".

Mandou, porém, a um de seus discípulos que o preço dos presentes distribuí-lo aos pobres. Falou ainda do arrependimento e da conversão daquela mulher; reclamou para ela o devido respeito, e a consideração também dos demais habitantes da cidade. A mulher não disse uma palavra: só chorava continuamente debaixo do véu. Ajælhrou-se aos pés de Jesus e saiu da sala.

Jesus então ensinou sobre o adultério e acrescentou: "Quem dentre de vós está livre do adultério espiritual? "Disse que João não pôde converter Herodes; mas que esta mulher estava convertida; e tratava-se da ovelha perdida e achada. Consolara a mulher em sua casa, desejando-lhe que saíssem bons estes filhos que Deus lhe dera; e lhe dera esperança das mulheres que estavam com Marta e trabalhar para a hospedagem dos discípulos. Depois da refeição, vi os discípulos distribuírem muitas coisas entre os pobres. Jesus retirou-se para a parte Oeste da colina de Ainon, de onde ficava a certa distância o acampamento dos pagãos. Acho que havia ali um albergue sob lojas, onde ele ensinou os pagãos. Ainon estava no território de Herodes, mas pertencia, como uma possessão do outro lado dos limites, ao tetrarca Felipe. Apesar disso, havia vários soldados de Herodes enviados para espionar.

## Jesus em Ramoth Gileade

De Ainon, Jesus dirigiu-se com doze discípulos, costeando o Rio Jabok e seus contornos. André, Tiago e João ficaram em Ainon para batizar na fonte que ficava a leste da colina. A água vinha da colina até a fonte, enchia um pequeno lago atrás, regava algumas hortas e era capturada na parte Norte de Ainon, em uma fonte a partir da qual se podia deixá-la correr de novo para o Jordão. Eu vi Jesus e seus discípulos, cerca de uma hora a leste de Sukkoth, ensinando em uma cidade ao meio-dia de Jabok. Entre os muitos enfermos que curou estava um homem cego de nascença. Jesus o tocou com sua saliva, suas pálpebras se abriram e o homem teve visão. Jesus caminhou através do Jabok que corria em um vale e depois virou para o leste, até Mahanaim, cidade limpa, dividida em duas partes. Jesus assentou-se junto ao poço, perto da cidade: logo vieram os chefes da sinagoga e os anciãos da cidade, com lavatórios, alimentos e bebida. Eles o receberam, lavaram os pés dele e de seus discípulos, derramaram uma essência em sua cabeça, ofereceram a ele e a seus discípulos uma refeição e uma bebida, e o levaram com grande contentamento e simplicidade para a cidade. Jesus fez uma breve explicação do patriarca Jacó, do quanto por ali andou e suportou. A maioria dos ouvintes já tinha o batismo de João. Reinava ali uma vida patriarcal e muitos costumes simples dos tempos antigos.

Jesus não parou por muito tempo. Era apenas uma demonstração de afeto e de honra que fazia a este povo. Ele passou de Mahanaim para a parte Norte de Jabok, cerca de uma hora a leste do local onde Jacó e Esaú se encontraram. O Vale formava ali uma curva. Ao longo do caminho, ensinava seus discípulos. Depois de algum tempo, eles vasculharam o Jabok na margem do Meio-dia, não muito longe onde dois riachos se juntavam e se lançavam no Jabok.

Caminharam para o leste e tinham o deserto de Efraim à direita. A leste do monte Efraim estava situada, sobre um desfiladeiro que olhava para o vale, a cidade de Ramoth-Gileade, uma cidade bonita, limpa e bem traçada, onde havia alguns pagãos que viviam em ruas próprias e tinham templo. Havia levitas que atendiam ao culto divino. Um discípulo os precedeu anunciando a vinda de Jesus. Os levitas e outras pessoas ilustres o esperavam em uma tenda, perto de um poço, fora da cidade. Lavaram os pés dos recém-chegados, deram-lhes comida e os acompanharam até a cidade, onde havia muitos doentes reunidos em uma praça, que pediam ajuda ao Senhor.

À tarde ensinou na sinagoga, pois era este dia Sábado, da festa das ofertas, um dia de tristeza popular por ocasião da lembrança da filha de Jefté, que era desta cidade. Reuniram-se especialmente muitas jovens da cidade e dos arredores. Jesus e seus discípulos tomaram sua refeição com os levitas e pernoitaram em casa junto à sinagoga. Nesta região não havia albergues dispostos para Jesus e os seus; Em vez disso, em Ainon, Kamon e Mahanaim haviam sido alugados com antecedência.

Ramoth estava situada como um terraço em uma montanha e atrás dela, em um pequeno vale, em frente, está a parte habitada pelos pagãos. Eles tinham um templo lá e suas casas eram conhecidas pelas figuras que eram vistas sobre os telhados. No teto do templo havia também um grupo escultórico: no meio, uma figura coroada carregando uma fonte na mão e que estava em cima de outra fonte de água: outras figuras de crianças, ao redor, tiravam água e derramavam-na umas às outras. As cidades ali eram muito mais limpas e bonitas do que as antigas cidades judaicas. As ruas tinham a forma de uma estrela que convergiam em um ponto central: os ângulos eram redondos, assim como as paredes que corriam ao redor. Era uma cidade livre de refúgio para os culpados (Deut. 4-43 e Jos. 20-8) e tinha um grande edifício separado dos outros, onde deveriam viver. Agora estava

arruinado e parecia que não era mais usado para esse fim. As pessoas lidavam com a fabricação de cobertores, e bordavam flores e animais nos cobertores, parte para o comércio e parte para uso do templo. Eu vi muitas mulheres e meninas trabalharem nisso em um grande prédio e em lojas muito longas. As pessoas vestiam-se à maneira dos antigos israelitas e eram muito limpas. Suas vestes eram de lã fina.

## A festa da filha de Jefté

Jesus participou de uma grande festa em comemoração ao sacrifício da filha de Jefté. Ele caminhou com seus discípulos e os levitas a leste da cidade, sobre um belo lugar ao ar livre onde tudo havia sido preparado. O povo de Ramote-Gileade estava reunido em numerosos círculos. Via-se a colina com o altar onde havia sido sacrificada a filha de Jefté e diante dele um semicírculo de assentos sobre a erva para as jovens e assentos para os levitas e os juízes da cidade. Uma procissão ordenada começou nos arredores da cidade para o local indicado. As donzelas de Ramoth e as de outras cidades vizinhas usavam vestidos de luto, e uma donzela vestida de branco e com véu fazia a filha de Jefté. Outro grupo de donzelas estava vestido de escuro com o queixo coberto; de um braço, usavam brincos com faixas pretas.

Eram as que faziam de companheiras chorosas da filha de Jefté.

Diante do cortejo iam Meninas lançando flores e outras tocavam em flautas uns ares tristes. Eles também conduziam três cordeiros. Era uma festa e uma lembrança em forma com todos os tipos de costumes antigos, ensinamentos e cânticos; em parte recordavam o triste fato e em parte eram cânticos de salmos e de outros lembretes do acontecimento. A que fazia de filha de Jefté era cantada e consolada em coro pelas companheiras, e ela mesma pedia para ser sacrificada. Os levitas e os anciãos realizaram um conselho sobre o caso com cânticos apropriados e ela mesma se adiantou recitando algumas palavras, onde pedia que se cumprisse o voto de seu pai. Eles traziam rolos dos quais liam pedaços e outras partes recitavam de cor.

O próprio Jesus tomou parte nesta festa. Ele era sumo sacerdote ou juiz no caso; ele disse algumas das fórmulas usuais e outros ensinamentos. Três cordeiros foram sacrificados, aspergindo com o sangue ao redor do altar, e a carne assada foi repartida entre os pobres do lugar. Jesus falou às donzelas sobre o tema da vaidade, e de suas palavras entendi que a filha de Jefté poderia ter sido declarada livre da morte se não fosse tão vaidosa. Esta lembrança durou até a tarde e várias jovens se trocaram no papel de filha de Jefté, ou Jeftias, pois vi que já se sentava uma, e outra no banco de pedra, no meio do círculo, e trocava numa tenda as vestes com a donzela anterior. Ela estava vestida como a jovem Jeftias em seu sacrifício. O Mausoléu de Jeftias ainda estava sobre uma colina e o sacrifício dos cordeiros ao lado. Este Mausoléu era um sarcófago quadrado, que se revelava por cima. Quando a gordura e as partes do sacrifício foram queimadas, o resto com as cinzas e os desperdícios foram levados para o mausoléu próximo e eles seguraram sobre a abertura para que as cinzas e os restos caíssem no mausoléu. Quando os três cordeirinhos foram sacrificados, vi que os cantos do altar foram aspergidos com sangue, enquanto as donzelas recebiam com um bastonete um pouco do sangue na borda final dos longos véus que tinham sobre os ombros. Jesus explicou: "Jeftias, você deveria ter ficado em casa para dar graças a Deus pela vitória que o Senhor havia concedido ao povo; mas você saiu vaidosa procurando ser saudada como filha do herói e da fama mundana, e saiu com enfeites vãos e com grande estrondo procurando celebridade e gloriar-se diante das outras filhas do povo".

Terminadas as festividades, todos se dirigiram a um local de recreação próximo, onde uma refeição foi preparada sob treliças e arcos sombreados.

Jesus participou também nesta parte da festa e sentou-se numa mesa onde estavam os pobres do lugar e contou ali algumas parábolas. As donzelas comiam também neste lugar, mas eram separadas dos homens por divisões. Sentados não se viam as mesas delas, mas de pé se viam, porque eram de baixa altura as divisões. Após a refeição foi Jesus com seus discípulos, os levitas e muitos outros de volta para a cidade. Esperavam-no muitos doentes, aos quais curou, entre eles lunáticos e melancólicos. Então ensinou na sinagoga sobre Jacó e José e a venda deste aos egípcios, e acrescentou: "um dia outro também será vendido por um de seus irmãos; também este receberá depois os seus irmãos arrependidos e os consolará no tempo da carestia com o pão da vida eterna". Então, na mesma tarde, perguntaram alguns pagãos aos discípulos humildemente se poderiam também eles ter algum momento com o grande Profeta, e os discípulos disseram isso ao Senhor, que lhes prometeu ir no dia seguinte à sua cidade.

Jefté era filho de uma mulher pagã, expulso de Ramote pelos filhos legítimos de seu pai, e vivia na região vizinha de Tob, na companhia de soldados e prisioneiros. (Ramoth também era chamada de Maspha). Jefté teve uma filha única de sua falecida esposa pagã, de bela aparência, prudente, mas muito vaidosa. Jefté era um homem determinado, forte e corajoso, ávido por sucesso e mantinha sua palavra inalterada. Embora fosse judeu de nascimento, era na verdade um guerreiro pagão. Era, neste caso, um instrumento nas mãos de Deus. Cheio de ânsia de glória, desejoso de vencer e ser cabeça do seu povo, do qual fora expulso, fez o voto solene de sacrificar a Deus aquela pessoa que primeiro saiu ao encontro de sua casa. Como não amava muito os outros de sua casa, não pensou que poderia sair precisamente sua filha. Este voto não agradou ao Senhor; mas foi feito e seu cumprimento devia servir de castigo a ele e a sua filha, para acabar com sua descendência em Israel. Esta filha provavelmente se teria maltratado com a vaidade da vitória e com a exaltação de seu pai; em vez disso, fez dois meses de penitência e morreu por Deus, e esta perda trouxe o pai ao bom caminho e ao seu melhoramento. Vi que a filha saiu ao encontro de seu pai a mais de uma hora de caminho da cidade com grande acompanhamento de donzelas, com cantos, tocadores de flautas e cítaras. Foi a primeira pessoa que conseguiu ver ao dirigir-se à cidade.

Quando soube da sua desgraça, pediu dois meses para passar na solidão com os seus para lamentar sua morte como virgem, pois seu pai não teria descendência em Israel e também para preparar-se com a penitência à morte. Ele saiu com várias donzelas pelo vale de Ramoth e foi para a montanha, e viveu lá por dois meses em tendas em oração e penitência. As donzelas de Ramoth revezavam-se para lhe fazer companhia.

Ela chorou ali sua vaidade e seu desejo de ser elogiada. Ele realmente realizou um conselho sobre ela, se ela poderia ser libertada da morte: mas isso não era possível porque ela tinha sido dedicada por seu pai com juramento sagrado, e era um voto que ninguém podia desatar. Vi que ela mesma pedia que se cumprisse o juramento, falando com grande prudência e emoção. Sua morte foi acompanhada de grande tristeza e suas companheiras cantavam cânticos melancólicos em torno dela. Ela estava sentada no mesmo lugar onde as donzelas estavam na festa. Ali voltou a ser celebrado um conselho sobre se poderia ser resgatada; mas ela novamente se adiantou e pediu para ser sacrificada e morrer, como de fato se fez. Tinha vestes brancas e estava envolta desde o peito até os pés; desde a cabeça até o peito estava coberta apenas de um véu transparente branco, que deixava ver o rosto, as

costas e o pescoço. Ela mesma se adiantou ao altar. Seu pai não pôde despedir-se dela e abandonou o lugar do sacrifício. Ela tomou uma bebida vermelha em um copo, eu acho, para ficar como anestesiada. Um dos guerreiros de Jefté tinha que dar-lhe o golpe de morte. Vendaram-lhe os olhos, para significar que não era ele um assassino, já que não via a pessoa que ia matar. Ela se inclinou sobre seu braço esquerdo e ele colocou sobre sua garganta uma faca curta e com ela cortou seu pescoço. Quando ela tomou a bebida vermelha, ficou como que desmaiada, e então o guerreiro a segurou. Duas de suas companheiras, vestidas de branco, tomaram em um copo seu sangue e aspergiram com ele o altar. Depois foi envolvida por suas companheiras e estendida sobre o altar, cuja superfície era um espeto. Acendeu-se o fogo por baixo e quando tudo não passava de uma massa negra carbonizada, alguns homens tomaram o cadáver com o espeto, o depositaram na borda do mausoléu e deixaram que deslizasse dentro tendo o espeto inclinado; depois fecharam o mausoléu. Este Mausoléu ainda existia no tempo de Jesus Cristo.

As companheiras de Jeftias e muitos dos presentes tinham tingido os seus véus com o seu sangue e alguns levaram as cinzas. Antes de ser embrulhada em seu traje de sacrifício, ela havia sido banhada e adornada em uma loja por suas companheiras. Era um caminho de cerca de duas horas, na montanha ao Norte de Ramoth, onde Jeftias foi ao encontro de seu pai com suas companheiras.

Cavalgavam em pequenos jumentos, adornados com faixas e sinos que tocavam ao caminhar. Uma cavalgava diante de Jeftias e duas a seu lado; depois seguiam os outros com cânticos e estrondos. Cantavam o cântico de Moisés por ocasião da perdição dos egípcios. Quando Jefté viu sua filha, rasgou suas vestes e ficou com o coração partido. Jeftias, porém, não se mostrou tão desconsolada; permaneceu silenciosa quando ouviu seu destino.

Quando saiu para o deserto com suas companheiras, que tinham levado alimentos de jejum, falou seu pai pela última vez com ela: era isto o princípio do sacrifício. Pôs-lhe as mãos sobre a cabeça, como se fazia com as coisas que haviam de ser sacrificadas, e disse estas só palavras: "Vai, tu não terás a nenhum homem". E ela respondeu: "Sim, eu não terei nenhum homem". E eles não falaram mais. Após a morte, dedicou a ela e à vitória uma bela lembrança em Ramoth, com um pequeno coreto em cima e ordenou uma festa de recordação todos os anos no mesmo dia, para conservar a memória do seu triste juramento para aviso a todos os ousados. (Qui., 39- 40).

A mãe de Jefté tinha sido uma pagã feita judia e a mulher de Jefté era filha de uma pagã e de um homem judeu nascido fora de casamento. Sua filha não estava quando foi expulso de sua terra natal, e viveu na terra de Tob, porque tinha ficado todo o tempo em Ramote com sua mãe, que entretanto tinha morrido. Jefté ainda não tinha estado em sua cidade natal desde que tinha sido chamado por seus concidadãos; no acampamento de Mizpha tinha arranjado o plano, reuniu pessoas e não tinha ido a sua casa nem ver a sua filha. Quando fez o juramento, não pensou em sua filha, mas nos parentes que o haviam expulso de casa; e por isso foi por Deus castigado.

## **Jesus entre os pagãos de Ramoth**

Quatro dias duraram as festas da comemoração de Jefté. Depois Jesus foi com seus discípulos ao lugar onde habitavam os pagãos em Ramote, que o receberam com grande veneração à entrada da rua que habitavam. Não muito longe de seu templo havia um lugar para ensinar, para onde haviam trazido os enfermos e os anciãos, os quais curou de suas enfermidades. Os que o haviam convidado pareciam ser sábios,

sacerdotes e filósofos: sabiam da vinda dos Reis Magos, como tinham observado a estrela do Messias, e pertenciam a esta seita de observadores de astros. Eles tinham não muito longe um lugar apropriado em uma colina para observar as estrelas, como no país dos Magos. Haviām desejado há muito tempo um ensinamento e agora o receberiam do próprio Jesus.

Falou muito profundamente; também se referiu à Santíssima Trindade, e nesta ocasião ouvi estas palavras, que me causaram estranheza: "três são as coisas que dão testemunho: a água, o sangue e o espírito, e eles estão juntas em um". Falou-lhes da queda do primeiro homem no pecado, da promessa do Redentor e muitas coisas da conduta dos homens, do dilúvio, da passagem do Mar Vermelho e do Jordão e do batismo. Disse-lhes que os judeus não tinham possuído toda a terra Santa e que muitos pagãos tinham ficado dentro; que ele vinha agora tomar o que havia ficado para incorporá-lo em seu reino; mas não com a espada e a violência, mas com o amor e a graça.

Comoveu a muitos sobremaneira e enviou-os a batizar em Ainon. Outros sete homens de idade, que já não podiam ir para lá, foram batizados ali por seus discípulos. Foi trazido um recipiente que foi colocado diante deles; estes entraram em uma cisterna de banho, de modo que estavam até os joelhos na água: sobre o recipiente de água foi colocado um corrimão para se apoiar. Dois discípulos puseram as mãos no ombro dos batizados e Matias, um discípulo de João, jogou a água neles, um após o outro. Ele usou uma espécie de caneca com alça para jogar a água sobre a cabeça. Jesus disse aos discípulos a fórmula que deviam repetir nos batismos. Os homens se apresentaram limpos, vestidos de branco. Jesus ensinou então ao povo em geral sobre a castidade e o matrimônio: às mulheres recomendou a obediência, a humildade e a educação de os filhos. As pessoas se mostraram muito bem dispostas e o acompanharam com muito carinho de volta.

Quando Jesus voltou para a cidade dos judeus, curou ainda aos enfermos que estavam diante da sinagoga. Os levitas não viram bem que ele estivesse com os pagãos. Jesus ensinou na sinagoga, onde ainda continuavam as festas de Jefté, sobre o chamado dos pagãos e como muitos deles se sentariam em seu reino, preferidos aos filhos de Israel; e que ele tinha vindo para incorporar à terra da promessa aqueles pagãos que eles, os israelitas, não tinham podido expulsar, e que isto se realizava pela graça, pelo ensinamento e pelo batismo. Falou também da vitória e do juramento de Jefté.

## Jovens celebram comemoração de Jeftías

Enquanto Jesus ensinava na sinagoga, as jovens celebravam sua festa no monumento de Jeftias, que seus pais haviam erguido para ele, que depois foi restaurado e agora adornado com muitas coisas trazidas pelas jovens em sua lembrança anual. Havia o monumento em um templo redondo, cujo telhado tinha uma abertura. No meio do templo havia um templo redondo composto de colunas abertas com uma cúpula à qual se subia por degraus escondidos em uma das colunas. Em torno dessa cúpula havia uma representação da vitória de Jefté com figuras do tamanho de crianças. Esta representação era de uma massa fina, brilhante, como de placas de metal: acima parecia que as figuras olhavam para dentro do coreto.

Chegando um acima podia estar em pé sobre uma plataforma de metal, de cujo meio sai uma vara com brotos para fora do teto do templo e de lá você pode contemplar a cidade e a paisagem ao redor. Esta plataforma era tão larga que dois jovens podiam ir ao redor tomando pela mão a vara do centro do templo. No meio

deste Mausoléu estava a Figura de Jeftias, de mármore branco, sentada numa cadeira, semelhante àquela em que estava sentada Realidade. A cabeça desta estátua alcançava a primeira voluta da escada em espiral que subia ao templo.

Havia espaço suficiente ao redor da figura para três homens juntos. As colunas do templo eram unidas por uma bela grade. O exterior deste mausoléu era feito de pedras com veios de várias cores e os rolos da escada tornavam-se cada vez mais brancos à medida que subiam. No templo deste monumento, as jovens celebravam a festa de Jeftias, que tinha um lenço na mão junto aos olhos, como se chorasse, e a outra segurava para baixo um ramo partido ou uma flor cortada. Toda a festa prosseguiu em grande ordem. De vez em quando estendiam cortinas pelo templo e se reuniam em grupos ou separados uns dos outros, em oração, chorando e gemendo.

Olhavam para a figura e cantavam alternadamente umas com as outras. Às vezes elas vinham na frente da figura, jogavam flores, adornavam-na com guirlandas e cantavam canções sobre a brevidade da vida. Lembro-me disso: "hoje para mim, amanhã para você". Louvavam a fortaleza de Jeftias e sua resignação, e a exaltavam como preço da vitória. Subiam depois de grupos sobre o coreto e cantavam cânticos de triunfo. Algumas subiam ao alto e, olhando para longe, pronunciavam o terrível juramento. Depois voltava o cortejo junto ao monumento e lamentava e consolava a jovem porque devia morrer sem descendência. Todo o ato estava cheio de ações de graças a Deus, com meditações sobre a justiça divina. Havia muitas cenas bonitas em toda essa representação, alternando alegria com tristeza e devoção.

Também foi realizada uma refeição no templo, e vi as moças, não sentadas à mesa, mas em grupos sobre degraus com as pernas cruzadas, sempre de três a três, em torno do templo tendo pequenas e redondas mesinhas diante de si. Os alimentos tinham várias figuras representativas. Uma massa de pastelaria tinha a forma de um cordeiro deitado de costas; dentro dela havia ervas e outros alimentos.

## Jesus em Arga

Jesus, tendo participado de uma refeição com os levitas, saiu com seus sete discípulos e outros companheiros de Ramote e ele dirigiu para o Norte, passando o Jabok e subindo a montanha cerca de três horas a Este, na região que um dia foi o reino de Basã, e chegou a uma cidade no meio de duas montanhas pontiagudas. Chama-se Arga e pertencia ao distrito de Argob, na metade de Manases. A uma hora e meia ou duas horas de caminho havia, no lugar onde nascia o riacho de Og, uma grande cidade de Gerasa a leste de Arga. A Sudeste desta se via, situada muito alta, a cidade de Jabesch-Gileade. O terreno ali era pedregoso: de longe parecia que não haveria árvores: mas em muitos lugares os espaços eram cobertos com arbustos e plantas variadas. Ali começava o reino de Basan. Arga foi a primeira cidade a entrar. A meia tribo de Manases se estende um pouco mais ao sul. A uma hora do Rio Jabok, ao Norte, vejo uma paliçada apontando os limites. Jesus dormiu com seus discípulos a cerca de meia hora da cidade, em um albergue aberto na estrada real que ia do Oriente até Arga. Os discípulos tinham levado comida com eles. Enquanto todos dormiam à noite, Jesus levantou-se secretamente e foi orar ao ar livre.

Arga era uma cidade grande, muito limpa e, como a maior parte das cidades desta região onde habitavam pagãos com judeus, estava as ruas traçadas em linhas retas e convergiam em forma de estrela em um ponto central. As pessoas tinham uma maneira muito diferente de viver do que na Judéia e na Galiléia e eram de melhores costumes. Havia ali levitas mandados de Jerusalém e outros centros, que ensinavam

nas sinagogas e eram trocados de tempos em tempos. Quando as pessoas não estavam felizes com elas, elas podiam reclamar, e elas as mudavam. Também não se sofriam pessoas de maus costumes e havia um lugar de castigo para onde eram enviadas. Vi que as pessoas não se ocupavam de preparar a comida, mas que havia grandes cozinhas onde se cozinhava, e as pessoas iam lá para comer ou buscar a sua comida.

Dormiam sobre os telhados, sob tendas que ali se estendiam. Vi ali muitas tinturarias, muito finas, especialmente de cor violeta. A confecção e tecelagem de tapetes grandes e artísticos era ali mais extensa do que em Ramoth. Entre a cidade e os muros da mesma havia uma grande fileira de lojas onde muitas mulheres estavam sentadas ao lado de longas tiras que trabalhavam e elas tricotavam. Devido a este ofício, reinava ali uma grande limpeza desde tempos muito antigos. Os olivais eram vistos em longas filas. Nos vales que se estendiam até o Jordão existiam excelentes prados com gado e camelos. Nascia nesta região uma preciosa madeira que foi usada na Arca da Aliança e nos pães da proposição. A árvore tinha uma bela casca plana, seus galhos pendiam como os do salgueiro e as folhas eram em forma de peras grandes, verdes de um lado e obscuras do outro. Tinham bagas como majoletas, mas maiores. A madeira era muito dura e resistente e deixava-se cortar como casca; era amarelo pálido; uma vez seca era indestrutível e muito bonita.

Tinha dentro uma medula fina, mas um corte de serra destruía o canal desta medula e não restava senão uma veia avermelhada no meio. Eles trabalhavam esta madeira para fazer mesinhas e todos os tipos de utensílios montados.

Comercializam também ali com mirra e outras especiarias, que vi, sem que não nascessem naquela região: recebiam-nas das caravanas que às vezes ficavam durante semanas descansando, carregando ou descarregando suas mercadorias.

Prensavam estas especiarias com a mirra em balas e fardos para embalsamar, segundo era uso entre os judeus. Vi grandes bois e ovelhas. : Quando Jesus, no dia seguinte, pela manhã, chegou à cidade com seus discípulos, vieram os levitas e os principais, muito reverentes, ao seu porque tinham sido avisados por alguns discípulos: levaram-no a uma tenda, lavaram-lhe os pés e deram-lhe alimento. Ensinou na sinagoga e curou muitos enfermos, entre eles tísicos; visitou outros enfermos em suas próprias casas. Por volta das três horas houve uma refeição. Ele comeu com os levitas em um salão e trouxeram os alimentos da cozinha comum. À tarde, ele ensinou novamente na sinagoga, porque o sábado havia começado. Pela manhã falou muito sobre Moisés no deserto, no Monte Sinai e no Horebe, referiu-se à fabricação da Arca da Aliança e à mesa da proposição. As pessoas dali tinham dado suas ofertas para esses trabalhos, e Jesus lhes pintou essas ofertas de então como figuras, e os exortou ali, na tempo do cumprimento, a preparar seus corações e suas almas por meio da penitência e da conversão ao sacrifício, e lhes mostrou seu sacrifício e oferta de então em relação ao seu estado presente. Já não me lembro como foi. O principal de seu ensino era isso. Eu vi, durante o ensinamento de Jesus, muito detalhadamente, com toda a espécie de circunstâncias, que no tempo da saída do Egito, Jetro, sogro de Moisés e Séfora, mulher de Moisés, com seus dois filhos e uma filha, moravam em Arga. Vi que Jetro e Zéfora com seus filhos cavalgaram até onde ele estava no Monte Horebe. Vi Moisés recebê-los com grande alegria e contou como Deus os tirou do Egito. Já vi o Jetro oferecendo sacrifício. Eu vi como o próprio Moisés governava os israelitas e como Jetro lhe disse para instituir juízes sob suas ordens. Depois vi Jetro voltar para sua casa, ficando a mulher e os filhos com Moisés. Jetro contou todas as maravilhas em Arga, onde muitas pessoas tomaram grande veneração pelo Deus dos israelitas. Jetro enviou em camelos

presentes e ofertas para os sacrifícios, e os de Arga contribuíram para estes presentes. Esses dons consistiam em um óleo muito puro que mais tarde foi usado para queimar na lâmpada da Arca, em longos e finos cabelos de camelo para fazer mantas e cobertores, e em madeiras de Setim da qual se fez a Arca e a mesa da proposição; creio que mandaram também uma espécie de trigo com o qual foram feitos os pães da proposição: era a medula de uma planta como cana, com a qual Maria cozinhava uma sopa para Jesus em Nazaré.

Jesus ensinou pela festa do Sábado sobre Isaías e Moisés (V, 21-26). Chegou a falar sobre Balaque, o profeta Balaão, e vi muitas coisas sobre ambas as pessoas, mas já não posso pôr em ordem tudo o que vi. No ensinamento da tarde falou, com exemplos das leis de Moisés que se liam, da história de Zambri, morto por Finéias junto aos midianitas.

(Aqui Ana Catalina relatou uma série de prescrições do livro IV de Moisés, 25-7-8, das quais nunca tinha ouvido falar ou lido do livro V, 21-26, e algumas que lhe chamaram a atenção, como, por exemplo : se alguém tira ninhos de pássaros, deve deixá-los lá para os pais: se alguém colhe um, deve deixar os restos para os pobres, e outras coisas nas roupas dos pobres e no empréstimo. De todas estas coisas falou Jesus, especialmente de não deixar nada sem pagar do salário ao operário, porque os habitantes tinham ali muitos peões. Alegrou-se muito que tudo isto, tão conforme ao seu sentir e modo de ser, esteja na Bíblia e o ouvi explicar Jesus).

Depois do Sábado foi Jesus a visitar o albergue dos pagãos, que lhe haviam rogado muito por meio dos discípulos. Eles o receberam com muito carinho e humildade. Falou-lhes da vocação dos infiéis; que ele tinha vindo para conquistar aqueles infiéis que os Israelitas não tinham podido conquistar nem desalojar de lá. Perguntaram-lhe sobre o cumprimento das profecias e que o cetro seria tirado das mãos dos judeus no tempo do Messias. Jesus lhes ensinou sobre isso. Desejavam ser batizados e sabiam da vinda dos Três Reis Magos. Explicou-lhes o batismo, dizendo que era para eles uma preparação para a entrada no reino do Messias. Estes pagãos tão bem inclinados eram das caravanas que aguardavam outras que deviam chegar. Eram cerca de cinco famílias e um total de 37 homens. Não podiam ir ao batismo de Ainon porque temiam perder a caravana que esperavam. Perguntaram a Jesus onde lhes convinha ficar e ele lhes indicou este lugar. Nunca ouvi dizer que ele falou aos pagãos sobre a circuncisão; apenas sobre modéstia nos costumes e que eles não deveriam ter mais do que uma mulher. Estes pagãos foram batizados depois por Saturnino e Judas Barsabas, discípulo de João Batista. Entravam numa cisterna de banho e inclinavam-se sobre um grande recipiente que Jesus havia abençoado.

A água era derramada três vezes sobre a cabeça. Todos estavam vestidos de branco. Fizeram então um presente a Jesus consistindo em barras de ouro e aros de ouro, porque negociavam com estes artigos: tudo era para a caixa comum dos discípulos. Mais tarde, tudo isso foi vendido e o dinheiro foi distribuído aos pobres. Depois Jesus ensinou ainda na sinagoga, curou muitos enfermos ali e tomou parte numa refeição em companhia dos levitas.

## Jesus na pequena cidade de Azo

Depois de ter comido dirigiu-se Jesus, acompanhado de várias pessoas, a um lugar situado a várias horas do Norte, chamado Azo. Ali se reuniram muitas pessoas, porque à tarde começavam umas festas por ocasião da vitória de Gideão. Jesus foi recebido diante da cidade pelos levitas; lavaram-lhe os pés e deram-lhe alimento. Depois foi à sinagoga e ensinou. Azo era uma fortaleza nos tempos de Jefté: quando ele foi chamado da terra de Tob, foi destruída. Agora Azo era uma cidade pequena,

mas muito limpa, que se estendia por uma longa fileira de casas. Não tinha pagãos e as pessoas eram boas, trabalhadoras, de costumes saudáveis e cultivavam oliveais. Os oliveais estavam em frente à cidade, nas encostas, plantados em arden, artisticamente dispostos. Eles também preparavam ali tecidos e tricotavam. O modo de viver é como em Arga: os habitantes se consideravam judeus puros da tribo de Manassés, porque viviam sem se misturar com pagãos.

Tudo respirava a limpeza. A estrada levava por um vale acima, onde ficava a cidade a oeste de uma montanha. Quando Débora era juíza no tempo em que Sisara foi morto por Jahel, vivia uma mulher descendente da extinta tribo de Benjamim que se escondeu por muito tempo em Maspha.

Ela usava vestes de homem e conseguiu disfarçar tão bem sua condição que ninguém a reconheceu. Tinha visões, profetizava e servia aos israelitas como espiã; mas onde eram usados os seus serviços os acontecimentos sempre saíam mal.

Estavam acampados ali os midianitas, aos quais se juntou em traje de soldado e se dizia chamar Anihuem, um dos heróis que havia escapado do desastre de Sisara (juízes, IV, 17-20). Já havia entrado em vários acampamentos para espionar e agora estava no do capitão dos midianitas, para entregá-lo, como dizia, em suas mãos a todo o Israel. Nunca tomava vinho, era muito precavida e vivia castamente; mas ali embebedou-se e foi reconhecida como mulher. Foi pregada sobre uma madeira de pés e mãos e jogada num buraco, com a expressão e sentença: "pereça aqui com o seu nome".

De Azo saiu Gideão para atacar os midianitas. Ele era descendente de Manassés e morava com seu pai em Siló. Israel estava então em um estado miserável. Os midianitas e outros povos pagãos invadiam o país, arrebatavam as colheitas e devastavam o solo. Gideão, filho de Joás, o primeiro cavaleiro de Efra, era muito corajoso e muito caridoso. Ele costumava cortar o trigo primeiro de todos e distribuía uma parte do seu trigo com os pobres. Vi-o ir de manhã com o orvalho debaixo de uma árvore muito corpulenta debaixo da qual tinha escondida a sua era. Era um homem de boa presença e robusto. A árvore de carvalho cobria com seus ramos estendidos uma escavação na rocha, dissimulada por uma borda de pedras que chegava até os ramos do árvore, de modo que de fora não se suspeitava que havia ao pé da árvore uma gruta onde estava a era. O ramo principal era como se entrelaçado com os ramos secundários. O chão era de pedra dura; ao redor havia buracos onde os recipientes de trigo estavam depositados em vasos de casca. Debulhavam com um rolo que se movia à roda em torno da árvore e havia martelos de madeira que caíam no rolo. No topo da árvore havia um local de onde se podia observar. Os midianitas estavam desde Basã, através do Jordão, até o vale de Esdrelon. O vale do Jordão estava cheio de camelos que pastavam. Isso serviu a Gideão para sua tentativa. Durante várias semanas esteve a informar-se de tudo e com os seus trezentos homens fugiu para dentro de Azo. Vi-o chegar ao acampamento dos midianitas e ouvir a conversa de uma tenda. Dizia um soldado a outro: "sonhei que caía aqui um pão da montanha e que derrubava a tenda". O outro respondeu: "isto não é bom sinal; certamente Gideão cairá sobre nós". Na noite seguinte Gideão com poucos soldados entrou neste acampamento tocando as trombetas, com as tochas na mão, enquanto outra partida acometia por outro lado. Os inimigos caíram na maior confusão; matavam-se uns aos outros e assim foram vencidos de todas as partes pelos filhos de Israel. A montanha da qual caía o pão, segundo o sonho do soldado, estava atrás de Azo: a partir dali, de fato, Gideão começou a lutar pessoalmente.

Em Azo, pois, celebrava-se agora a comemoração do seu triunfo. Em frente à cidade havia um carvalho muito grande no seio de uma colina e abaixo um altar de pedra.

Entre esta árvore e a montanha da qual viu vir o pão rolando aquele soldado, estava sepultada aquela mulher profetisa. Esta classe de árvores era diferente do nosso carvalho; tinha uma fruta grossa com casca verde, sob a qual o caroço duro estava enfiado em uma embrulho, como em nossos carvalhos. Destes caroços faziam os judeus as cabeças dos seus bastões. Havia agora uma grande fileira de arcos com ramos de carvalho adornados com toda a espécie de frutas desde esta árvore até a cidade para a grande multidão que ia à festa.

Jesus com seus discípulos também foram em uma procissão até a árvore.

Eles carregavam cinco bodes na frente pequenos com coroas coloridas no pescoço, que encerraram em cavernas com grades em torno daquele carvalho. Levaram também pães e bolos para o sacrifício, enquanto tocavam as trombetas. Os pergaminhos da Escritura sobre Gideão e sua vitória foram lidos e salmos de glória foram cantados: então os bodes foram mortos para o sacrifício, colocados sobre o altar com os bolos. O sangue era aspergido ao redor do altar e um levita tinha um bico, com o qual soprava sobre o fogo debaixo do altar em lembrança de que o anjo havia abençoado o sacrifício de Gideão com uma vara. Jesus desenvolveu então um ensinamento ao povo reunido e assim terminou a manhã. À tarde, foi com os levitas e os principais do povo para um vale ao sul da cidade, onde em torno de um riacho havia um lugar de banhos e de recreio. Estavam ali reunidas, em lugar separado, as mulheres e as jovens, entretidas em diversas diversões. Preparou-se uma refeição, onde os pobres tinham também o seu lugar em umas mesas. Jesus sentou-se à mesa dos pobres. Ele contou a parábola do filho pródigo e falou do carneiro que seu pai matou para ele. A noite foi passada por Jesus no telhado da sinagoga, debaixo de uma tenda, pois era costume dormir nos telhados.

No dia seguinte, as festas. As tendas e cabanas de ramos foram arranjadas para a festa dos Tabernáculos que viria cerca de 14 dias depois. Pela manhã Jesus ensinou na sinagoga e curou muitos enfermos diante da escola: eram cegos, tísicos e alguns endemoninhados não furiosos. Depois houve uma refeição, E Jesus deixou a cidade acompanhado pelos levitas e outros. Eram cerca de trinta os que o acompanhavam. O caminho levava primeiro pela montanha da qual o soldado tinha visto cair o pão de cevada no acampamento dos midianitas: depois eles desceram em uma ravina através de uma alta montanha e caminharam uma hora para o Norte em um vale próximo a um agradável lago onde tinham casas os levitas de Azo. Um rio corria do lago através do vale e ia para o Jordão. A cerca de seis horas dali, a nordeste, estava Betha-ramphta-Julias em torno de uma montanha. Jesus tomou algum alimento junto ao lago. Eles tinham peixe frito, mel, pães, garrafas com bálsamo - tudo isso eles tinham levado com eles. O caminho de Azo até ali era de cerca de três horas. Jesus contou no caminho e ali parábolas do semeador e dos campos pedregosos, porque ali era muito pedregoso o terreno. Como se viam pequenas canoas no lago e pescadores com anzóis, Jesus referiu parábolas de peixes e do modo de pescar. Os peixes capturados eram distribuídos aos pobres.

## Jesus em Ephron

A uma hora e meia estava Ephron, embora dali não se pudesse vê-la, devido as altas montanhas que estavam em frente. Jesus separou-se do povo de Azo, que eram os melhores de todos os seus caminhos, e seguiu viagem até Efrom. Diante da cidade foi recebido pelos levitas. Já tinham colocado muitos doentes em camas de madeira, às quais colocavam um teto de tecido. Jesus curou esses doentes. A cidade situava no alto, ao Meio-dia de uma passagem estreita na qual corria um riacho que transbordava muitas vezes para o Jordão, o qual se podia ver a partir dali na ravina

muito longe. Em frente há uma montanha alta e estreita, onde a filha de Jefté com suas companheiras esperava seu pai vencedor, e depois um sinal que recebia com fumaça de longe. voltou apressada a Ramoth para sair com grande algazarra e esplendor ao encontro de seu pai. Ali Jesus ensinou e curou muitas pessoas. Estes levitas pertenciam a uma antiga seita dos recabitas. Jesus repreendeu-os por sua demasiada severidade e pela dureza de algumas de suas ideias e disse ao povo que nisso não deveriam imitá-los. Jesus recordou nesta ocasião aqueles levitas que haviam examinado e olhado injustamente (com demasiada curiosidade) a Arca da aliança que os filisteus retornaram, e eles foram punidos.

Os recabitas descendiam de Jetro, o sogro de Moisés. Eles viviam sob tendas em um tempo, não cultivavam a terra e não provavam vinho. Eram geralmente os cantores e os porteiros do templo de Jerusalém. Aqueles que em Bethsames tinham olhado, contra a proibição de Deus, a Arca que voltava e foram castigados com a morte, eram recabitas que viviam lá sob Tendas (Reis, II, 6-15). Jeremias uma vez tentou em vão fazê-los provar vinho no templo e sua observância aos preceitos da seita era um exemplo para os israelitas. Agora, no tempo de Jesus Cristo, já não viviam sob tendas, mas tinham ainda costumes diferentes dos demais. Eles usavam um éfode (escapulário) de cabelos como um saco sobre a carne e um vestido de peles e outro branco e bonito com uma faixa muito larga. Por esses trajes, eles se distinguiam dos essênios. Observavam exageradas normas de limpeza e alguns costumes estranhos nos casamentos e julgavam pelo sangue derramado se uma pessoa devia casar-se ou não e segundo estes sinais casavam ou proibiam o casamento. Alguns viviam em Argob, em Jabesh e na Judéia.

Não contradiziam Jesus: eram humildes e recebiam as reprovações que lhes fazia. Jesus repreendeu-os por sua demasiada severidade contra os adúlteros e assassinos, cujo perdão e arrependimento eles não queriam receber. Os jejunos os observavam rigorosamente. Ao lado da montanha, vi várias fábricas e oficinas de fundição e ferrarias. Fabricavam painéis e canos para a água, que faziam em duas partes e depois as soldavam.

## **Abigail, a mulher repudiada pelo tetrarca Felipe**

De Efrom Jesus andou com seus discípulos e alguns recabitas cerca de cinco horas para o Nordeste, em direção a Betharamphta-Julias, bela cidade situada no alto. Durante o caminho, ensinou por ocasião de uma oficina de metais onde se extraía o cobre que se trabalha em Ephron. Em Betharamphta havia também recabitas e alguns sacerdotes. Pareceu-me que os de Ephron estavam subordinados a eles. A cidade era grande e espaçosa em torno da montanha. A parte ocidental era habitada pelos judeus e a do leste, nas alturas, pelos pagãos. Ambas estavam separadas por um caminho de muralhas e parque de recreio com avenidas. Acima, acima da montanha, havia um belo castelo com torres, jardins e árvores. Lá vivia uma mulher repudiada pelo tetrarca Felipe, que recebia dos impostos arrecadados na cidade. Ela tinha cinco filhas já crescidas com ele e era descendente dos reis de Gessur. Chamava-se Abigail: era uma mulher de idade, de bela presença, forte e de caráter muito bondoso e compassivo.

Filipe era mais velho que Herodes de Peréia e Galiléia. Era um homem de modos pacíficos e bons, à maneira dos pagãos, e meio-irmão do outro Herodes nascido de outra mãe. Ele se casou primeiro com uma viúva que tinha uma filha. Naquela época, o marido de Abigail teve que ir à guerra ou a Roma e deixou sua esposa na corte de Filipe. Esta foi entretanto seduzida por Filipe, que depois casou com ela, razão pela qual o marido morreu de pena e dor. Quando, depois de alguns anos, esteve para

morrer a primeira mulher repudiada por Filipe, rogou esta ao tetrarca que se encarregasse pelo menos de sua filha. Filipe, já cansado de Abigail, casou-se com sua enteada e relegou Abigail com suas cinco filhas a Betharam, que também se chamava Julias em homenagem a um Imperador romano. Abigail vivia ali entregue a boas obras; era muito amiga dos judeus, com um grande desejo de salvação e de conhecer a verdade. Estava sempre sob a vigilância de alguns funcionários de Felipe. Filipe também tinha um filho: sua nova mulher era muito mais jovem que ele. Jesus foi bem recebido e servido em Betharam. Na manhã de sua chegada curou muitos enfermos dos judeus: à tarde ensinou na sinagoga, e na manhã seguinte sobre os dízimos e os primogênitos de Moisés (V, 26-29), e sobre Isaías (Cap.60). Abigail estava em muito boas relações com os habitantes, que a estimavam: enviava frequentemente presentes aos judeus para servir aos discípulos de Jesus. No primeiro dia de Tisri era a festa do início do ano e todos os tipos de instrumentos eram tocados do alto da sinagoga. Havia harpas entre estes e trombetas com várias aberturas. Vi de novo aquele instrumento estranho composto de vários outros que tinha visto em Cafarnaum: era de foles e se soprava dentro. Tudo estava decorado com frutas, folhas e flores. Havia vários costumes de acordo com as diferentes raças ou tribos de povos. Durante a noite, as mulheres, vestidas de longas túnicas, oravam sobre os túmulos, com as luzes encobertas. Eu vi todo mundo tomando banho, mulheres em suas casas e homens em banheiros públicos. Eram sempre separados os homens casados dos jovens, como as mulheres casadas das jovens. Esses banhos frequentes entre os judeus eram econômicos, pois não havia água em todos os lugares.

Por isso, vi que às vezes tendiam de costas em um recipiente e derramavam a água sobre o corpo com um copo: antes se lavavam do que se banhavam. Hoje eles se banhavam fora da cidade, em água completamente fria.

Também vi que hoje todos davam presentes uns aos outros: os pobres foram generosamente socorridos. Eles receberam primeiro uma grande refeição, havia longas filas de presentes em vestes, cobertores e alimentos que foram distribuídos a eles. Cada um que recebia presentes de um amigo dava algo aos pobres. Os recabitas presentes ordenavam tudo e olhavam para o que cada um distribuía aos pobres. Tinham três rolos de escritos, onde anotavam as virtudes de cada doador sem que eles o advertissem. Um dos rolos era chamado o livro da vida, outro o livro do caminho do meio, e o terceiro o da morte. Os recabitas tinham várias dessas ocupações, e no templo eram os porteiros, os encarregados de contar e calcular, e especialmente cantores, como fizeram na festa de hoje. Também Jesus recebeu de presente vestes, cobertores e moedas, que fez repartir entre os pobres.

## **Jesus com os pagãos e com Abigail**

Enquanto se celebravam estas festas, Jesus foi para onde estavam os pagãos. Abigail pedira-lhe com muita instância e os próprios judeus, aos quais fazia muitos favores, pediam-lhe que fosse falar com ela. Eu o vi, com alguns de seus discípulos, atravessando a cidade dos judeus, e indo para a dos pagãos, por entre um parque, no centro da cidade, que era o local de encontro de judeus e pagãos quando se viam por questão de comércio. Ali Abigail havia parado com suas cinco filhas, com seu séquito e com muitas outras jovens pagãs.

Abigail era uma mulher forte, de alta altura, cerca de cinquenta anos, como Filipe. Tinha em seu rosto algo de triste e de ansioso, desejava salvação e ensinamento; mas não sabia o que devia fazer; encontrava-se envolvida em compromissos e era vigiada pelos espiões de Filipe. Lançou-se aos pés de Jesus, que a levantou; depois a

doutrinou a ela e a todas as presentes, enquanto ia e vinha de um lado a outro. Falou do cumprimento das profecias, do chamado dos pagãos e do batismo. De todos os pontos onde Jesus estivera, iam grupos de pessoas a Aion e eram batizadas pelos discípulos que Jesus deixara ali: havia entre eles judeus e pagãos, que pediam para serem batizados. André, Tiago, o Menor, João e os discípulos do Batista batizavam ali. Do lugar onde o Batista estava preso iam e vinham mensagens.

Jesus recebeu de Abigail as costumeiras mostras de reverência. Havia organizado servos judeus que lavaram seus pés e o receberam.

Pediu-lhe humildemente perdão por ter desejado conversar com Ele, já que há muito ansiava pela salvação e pelo seu ensino, e pediu-lhe também que participasse de uma festa que tinha preparado. Jesus mostrou-se extremamente bom para todos e para ela em particular. As palavras de Jesus, como o seu olhar, comoveram-na profundamente. O ensinamento dado aos pagãos durou até a tarde. Jesus aceitou o convite de Abigail e foi para a parte oriental da cidade, não muito longe do templo dos pagãos, local de muitos banhos, onde uma festa foi organizada. Os pagãos também celebravam o novilúnio com especial solenidade. Antes de Jesus chegar, o caminho levava à rua divisória de judeus e pagãos. Ali vi muitos doentes deitados em camas de madeira, nas casas abertas nos muros: eram pagãos e estavam deitados entre palha e tamo. Os pagãos tinham ali muitos pobres. No momento, não curou nenhum. Nesse lugar de recreio dos pagãos ensinou Jesus longo tempo aos pagãos, em parte caminhando e em parte durante a refeição. Falou em parábolas dos pássaros, para mostrar seus trabalhos inúteis e infrutíferos; falou das aranhas que se desvendam sem proveito, da pedida das formigas e das vespas; e contrapôs o trabalho ordenado e frutuoso das abelhas. A comida da qual Abigail tomou parte, estendida como as demais à mesa, foi de proveito para os pobres, porque Jesus ordenou que se repartisse entre eles. Havia também grandes festas no templo dos pagãos, que era muito bonito e tinha cinco partes abertas, com galerias de colunas, pelas que se podia ver. No meio havia uma cúpula alta. Havia ídolos em várias galerias. O principal desses ídolos chamava-se Dagon: tinha a forma de um homem e terminava como um peixe. Outros ídolos tinham figuras de animais; mas nenhuma de formas bonitas, como as estátuas gregas e romanas. Vi as donzelas que colocavam coroas e guirlandas nos ídolos, enquanto cantavam e dançavam, e os sacerdotes que ofereciam incenso sobre um tripé. Na cúpula do templo havia uma representação maravilhosa da noite em movimento. Uma bola luminosa rodeada de estrelas movia-se sobre o teto e podia ser vista de fora e de dentro.

Parecia representar o movimento das estrelas, ou a lua nova, ou o curso do ano novo. A bola brilhante caminhava devagar e quando chegava ao outro lado, cessavam os cantos deste lado e começavam do outro onde chegava a lua. Não muito longe de onde Jesus havia participado da refeição, havia um lugar de recreação onde eu vi as donzelas brincarem: elas estavam apertadas, as pernas amarrados e carregavam arcos com flechas e pequenas lanças adornadas com flores; elas corriam em um espaço adornado com flores e outros artifícios; atiravam flechas e atiravam as lanças contra aves presas e contra vários animais, como bodes e pequenos jumentos amarrados ao camarote diante do qual estavam a correr. Havia ali, perto do lugar da festa, um ídolo espantoso com as mandíbulas abertas, como uma besta, e no resto parecido com um homem com as mãos postas à frente; estava vazio e por baixo ardia fogo.

Os animais que chegavam a matar os colocavam em suas mandíbulas e se queimavam ali, caindo os restos abaixo. Os animais que não eram alcançados, eram tidos por sagrados e afastados dos demais: eram carregados, por meio dos

sacerdotes, os pecados dos habitantes e o mandavam para o deserto. Era algo semelhante ao que os judeus praticavam com o bode. Se não houvesse ali o sofrimento dos animais e esse ídolo espantoso, teria me agradado sumamente a leveza e a habilidade dessas moças em correr e atirar. A festa durou até a tarde, e quando a lua saiu, os animais foram sacrificados.

À noite estava todo o templo pagão e o Castelo de Abigail cheio de tochas luminosas. Jesus ensinou depois da ceia e se converteram muitos pagãos, que iam logo ao batismo a Aion. À noite subiu Jesus, à luz das tochas, até o castelo de Abigail e falou com ela no vestíbulo de seu palácio, sob colunas. Estavam ali alguns funcionários de Felipe. A mulher se achava assim contrariada em tudo, porque era espiada, e deu a entender a Jesus sua situação com um olhar que dirigiu aos homens que estavam a observá-la. Jesus conhecia todo o seu interior e também o bando que a vigiava; tinha compaixão dela. Ela perguntou se poderia se reconciliar com Deus. Um ponto era o que a deixava sempre aflita: seu adultério anterior e a morte prematura de seu marido. Jesus a consolou e disse-lhe que seus pecados lhe eram perdoados; que continuasse fazendo boas obras, perseverando e orando. Ela era da raça dos jebusitas, pagãos que tinham por costume abandonar suas crianças defeituosas e deixá-las perecer, e muitas superstições por ocasião dos sinais observados no nascimento de crianças.

Em todos os lugares onde Jesus chegava, viam-se preparativos para a festa dos Tabernáculos: artefatos de lata eram trazidos e tendas leves e cabanas de galhos e folhas eram feitas em Betharamphtha e sobre os telhados das casas. As donzelas estavam preocupadas em selecionar flores e plantas e colocá-las na água ou nos porões e locais frescos para preservá-las frescas. Como havia diante desta festa vários dias de jejum, já se faziam preparativos para as refeições de então e os muitos convidados. As provisões estavam repartidas entre vários encarregados e eram pagas aos pobres que ajudavam, e no final das festas é-lhes dada uma refeição e eram recompensados pelo seu trabalho. Não se via nesses locais públicos casas para comprar ou vender mercadorias. Em Jerusalém, além dos locais do templo, havia locais apropriados com negócios e armazéns; nas outras cidades, no máximo, havia perto da porta uma loja onde vendiam mantas, especialmente por onde passavam as caravanas; não se viam pessoas que estivessem sentadas em hospedarias bebendo juntas; a no máximo se via um ou outro homem junto a uma tenda, na entrada da cidade, com um vaso de vinho ou outra bebida. Um viajante passava, tomando uma bebida e seguia seu caminho. Raro seria que ficasse ali sentado, tomando; por esta causa nunca se via um bêbado pela rua. Havia pessoas que vendiam água: carregavam recipientes de couros colocados em uma vara, que apoiavam nas costas, em ambos os lados. Os utensílios de cozinha e de trabalho de ferro cada um ia comprar lá onde eram fabricados: viajavam em jumentos. No dia seguinte Jesus passou entre a parede divisória dos judeus e dos pagãos e curou todos os pobres enfermos pagãos que jaziam nas cavernas e antros miseráveis, aos quais os discípulos distribuíam esmolas. Mais tarde, Jesus ensinou, como despedida, na sinagoga. Como nesta festa ocorria também a comemoração do sacrifício de Isaque, Jesus falou do verdadeiro Isaque e do seu sacrifício; mas eles não o entenderam. Em todos estes lugares falou bem claro do Messias, mas nunca expressou claramente que ele era esse Messias esperado.

## Jesus em Abila

Jesus andou com seus discípulos, acompanhado pelos levitas, três horas a noroeste até um barranco onde corria o rio Karith, para desaguar no Hieromax, em direção à

bela cidade de Abila, que ficava naquele barranco. Os levitas o acompanharam até uma montanha e depois voltaram. Eram três horas da tarde, quando Jesus chegou às portas da cidade, onde foi recebido pelos levitas, entre os quais havia alguns recabitas. Com eles estavam também três discípulos da Galileia que esperavam por Jesus. Acompanharam Jesus, dentro da cidade, junto a um belo poço de água. Era a fonte do riacho Karith. A casa edificada sobre a fonte era sustentada por colunas, no meio da cidade, onde estavam a sinagoga e outros edifícios. Em ambos os lados da encosta da montanha continuavam os edifícios e as casas: as ruas eram traçadas em diagonais ou estrelas de modo que de todos os pontos se podia ver este centro onde a fonte estava. Junto a ela, os levitas lavaram os pés de Jesus e de seus discípulos e lhes deram a refeição que costumavam fazer. Nos jardins e lugares adjacentes vi donzelas e homens fazendo os preparativos para as festas dos Tabernáculos. Deste lugar foi Jesus com eles cerca de meia hora fora da cidade, onde havia uma ponte de pedra larga sobre o rio Karith. Havia ali uma poltrona de ensino erguida em honra de Elias: a cátedra tinha oito colunas ao redor sustentando o teto. Ambas as margens do rio estavam dispostas na forma de degraus para os ouvintes, e tudo estava cheio de pessoas ansiosas para ouvir Jesus, a cátedra consistia em uma coluna com uma poltrona acima. Deste modo, Jesus, ao ensinar, podia voltar-se para todos os lados, conforme os casos. Naquele dia, Elias era lembrado, ao havia acontecido algo junto ao rio.

Após o ensino, houve uma refeição em um local de recreação e banhos, em frente à cidade. Com o sábado fechava-se esta festa, porque no dia seguinte era dia de jejum pela morte de Godolias (IV Reis, 22-25). Tocaram-se as trombetas.

Vi na encosta da montanha, a leste da cidade de Abila, uma única bela escavação de sepultura com um jardimzinho à frente, e mulheres de três famílias da cidade celebravam ali uma comemoração dos mortos.

Eles estavam sentados, cobertos com véu, chorando: recitavam salmos de lamentações e muitas vezes se deitavam com o rosto em terra. Matavam belos pássaros com penas coloridas, que tiravam e queimavam sobre o sepulcro. A carne dessas aves era distribuída aos pobres. O sepulcro era de uma egípcia da qual descendiam as mulheres que ali estavam. Antes da saída do Egito dos filhos de Israel vivia ali uma mulher ilegítima, parente do Faraó, o qual distinguia Moisés e os israelitas fizeram-lhes grandes favores. Era uma profetisa que descobriu a Moisés o esconderijo onde tinham escondido a múmia de José, na última noite em que estiveram no Egito. Chamava-se Sególa. Uma filha de Ségola foi mulher de Arão; mas separou-se dela e casou-se logo com Isabel, filha de Aminadabe, da tribo de Judá. Com Aminadab tinha a mulher repudiada uma relação que já não me lembro,

A filha de Sególa, que foi enriquecida por Arão e sua mãe, e que levou muitos tesouros à saída do Egito, seguiu os Israelitas na sua saída do país, casou-se depois com outro homem e juntou-se aos midianitas de a descendência de Jetro. Os descendentes destes estabeleceram-se em Abila, viviam em tendas e o cadáver desta mulher estava ali enterrado. Depois dos tempos de Elias, Abila foi construída e então eles se estabeleceram permanentemente na cidade. Nos tempos de Elias eu não via esta cidade; ou se edificou depois, ou se estava antes teria sido destruída em alguma guerra. Viviam agora ainda três famílias dessa descendência e celebravam a morte desta filha de Sególa: a sua múmia fora trazida para cá do deserto e sepultada. As mulheres ofereciam aos levitas aros e joias diversas em memória da morta. Jesus falou e louvou a esta mulher, e se referiu também à compaixão de sua mãe Sególa, ensinando desde o sítio de Elias. As mulheres ouviam as palavras de Jesus, atrás dos homens. Na comida, naquele lugar de recreio e de banhos, estavam presentes muitos pobres, e cada comensal tinha que dar-lhes uma parte de sua porção.

Ao dia vi os levitas levarem Jesus a um grande pátio com muitas celas ao redor, onde havia cerca de vinte cegos de nascença e surdos-mudos, cuidados por enfermeiros e médicos, porque era uma espécie de hospital. Os surdos-mudos eram como crianças: cada um tinha um pedaço de quinta onde plantava ou se divertia. Todos se aproximaram de Jesus e com os dedos indicavam a boca. Jesus inclinou-se e escreveu com o dedo vários sinais na areia. Eles olhavam com atenção e segundo o que escrevia indicavam algum objeto dos arredores: assim os fez entender algo de Deus. Não sei se Jesus fazia figuras ou letras, e se antes já haviam sido instruídos. Depois Jesus pôs os dedos nos ouvidos e tocou-lhes com o polegar e o indicador debaixo da língua. Sentiram-se tocados fortemente, olharam em volta, ouviam. Choraram de alegria, falaram e se lançaram aos pés de Jesus, terminando por entoar uma melodia simples de poucas palavras.

Parecia algo que cantavam os Reis Magos em sua viagem a Belém. Jesus foi então junto aos cegos, que estavam silenciosos numa fileira. Ele orou e colocou os dois polegares sobre os olhos e de repente eles viram. Viram seu Salvador e Redentor e misturaram seus cânticos de louvor com os surdos-mudos, que o louvavam e já podiam ouvir seus ensinamentos. Foi um espetáculo amável e muito comovente. Toda a cidade foi ao seu encontro, quando Jesus saiu com os curados, aos quais ordenou que se banhassem e lavassem. Depois foi com os discípulos e levitas, através da cidade, para a cátedra de Elias.

Houve um grande movimento em toda a cidade. Também, pelo anúncio dos prodígios realizados, soltaram alguns endemoninhados.

Corriam para um canto da rua algumas mulheres mentecaptas que conversavam, gesticulavam e gritavam para ele: "Jesus de Nazaré; tu és o profeta; Tu és Jesus; Tu és o Cristo, o profeta! "Eles eram mentecaptas e loucas, de índole calma. Jesus ordenou-lhes que se calassem, e obedeceram imediatamente. Pôs-lhes as mãos sobre a cabeça, elas se deitaram a seus pés, e choraram, ficaram caladas, envergonharam-se de si mesmas, e foram tiradas de lá por seus parentes. Também alguns endemoninhados furiosos abriram caminho entre a multidão e faziam gestos como se quisessem despedaçar Jesus. Ele olhou para eles e eles vieram como cães assediados para se deitar a seus pés. Com um mandato, ele fez os demônios saírem deles. Caíram como num desmaio, enquanto saía um escuro vapor dos corpos. Logo voltaram a si: choraram, deram graças e foram levados por seus parentes. Ordinariamente lhes mandava Jesus que se purificassem. Depois ensinou de novo sobre o sinal de Elias, sobre o rio, falando de Elias, de Moisés e da saída do Egito.

Por ocasião dos curados, ele falou sobre as profecias que anunciavam que, no tempo do Messias, os surdos ouviriam, os mudos falariam e os cegos veriam. Referia-se àqueles que, vendo os sinais, não queriam crer.

## Descrição de Elias

Nesta ocasião, vi muitas coisas sobre Elias. Era um homem alto e magro, de bochechas avermelhadas um pouco caídas, olhar penetrante e vivaz, barba longa e rara, cabeça careca com apenas alguns cabelos atrás como uma coroa. Acima na cabeça tinha três nós grossos em forma de cebola: um no meio da cabeça, e os outros dois mais à frente, em direção ao frente.

Ela usava uma veste composta de duas peles unidas pelos ombros, estava aberto nas laterais e pela cintura amarrada com uma corda. Do ombro e dos joelhos pendiam as mechas das peles de sua veste. Ele tinha uma bengala na mão e suas tíbias eram mais escuras que seu rosto. Elias ficou nove meses neste lugar, e em Sarepta, na casa da viúva, ficou dois anos e três meses. Ele morava ali em uma

caverna, na parte leste do Vale, não muito longe do rio.

Vi como o pássaro lhe trazia o alimento. Primeiro vinha uma figura pequena e escura, como uma sombra da terra, que trazia em suas mãos um bolo fino: não era este nenhum homem nem animal: era o inimigo (o demônio) que o tentava. Elias não tomava este pão, mas o rejeitava.

Depois eu via um pássaro que vinha perto de sua caverna com pão e comida, que escondia entre o folhagem. Parecia que o escondia para si mesmo: devia ser uma ave aquática, já que tinha membranas entre as garras. Sua cabeça era um pouco larga e pendiam-lhe como umas bolsas ao lado do bico, e embaixo como um papo; movia à semelhança da cegonha. Vi que este pássaro se tinha familiarizado muito com Elias, de modo que este lhe indicava para a direita ou para a esquerda, como se o mandasse ir e vir a algum lugar. Este mesmo tipo de pássaros vi com frequência com os solitários, por exemplo, com Zósimo e com Maria do Egito. Quando Elias estava com a viúva de Sarepta, além de haver multiplicado a farinha e o azeite, eram também trazidos alimentos por algum corvo.

Jesus foi com os levitas a esta caverna de Elias: estava na parte oriental da encosta da montanha. Sob um bloco de pedra, que se projetava, havia um pequeno assento de pedra, onde Elias, coberto pela rocha, descansava à noite. O lugar estava coberto de musgo.

Quando o sábado do quarto Tisri começou e o jejum foi terminado, uma refeição foi feita no parque e lugar de banhos, e os pobres foram novamente apresentados. Quando Jesus, na manhã seguinte, ensinou de novo na sinagoga e curou os enfermos, caminhou com os discípulos, os levitas, os recabitas e alguns da cidade para a encosta oeste da montanha, por uma hora, entre vinhedos. Sobre estas montanhas até Gadara havia montes de pedras, algumas naturais e outras colocadas de propósito, às quais estavam apoiadas as videiras. Essas videiras eram grossas, como o braço de um homem, estavam distantes umas das outras e seus galhos se estendiam à distância. Os cachos eram grossos e longos como um braço, e os grãos grandes como ameixas. As folhas eram maiores do que entre nós, mas menores que os cachos. Os levitas perguntavam diversos pontos dos salmos que se referiam ao Messias. Eles diziam: "Você é o mais próximo do Messias; você pode nos dizer isso". Entre outros havia este verso: Dixit Dominus Domino meo, e de Isaías os versos que falam do lagar e das vestes manchadas de sangue (Isaías, 63-3). Jesus explicou-lhes todos estes pontos, referindo-os à sua própria pessoa. Eles estavam sentados naquele momento em uma colina dessas vinhas e comiam uvas. Os recabitas não quiseram comer com eles as uvas, porque lhes era proibido o vinho. Jesus disse-lhes que comessem, e mandou-o, acrescentando que se pecassem nisso ele tomava sobre si o pecado. Quando veio a conversa sobre esta proibição, falou-se de como Jeremias uma vez lhes ordenou, por ordem de Deus, que o fizessem, e eles não queriam obedecer. Agora, que Jesus lhe mandava, fizeram-no. À tarde, eles voltaram, houve uma refeição e os pobres foram servidos. Depois ensinou Jesus na sinagoga e pernoitou na casa dos levitas, no telhado, debaixo de uma tenda.

## Jesus dirige-se a Gadara

Jesus, acompanhado dos levitas, dirigiu-se de Abila a Gadara, onde chegou à tarde diante da parte da cidade habitada pelos judeus, separada da habitada pelos pagãos, que era mais velha e tinha quatro templos de ídolos. Soube que Gadara era uma cidade de pagãos, porque ali estava o ídolo de Baal debaixo de uma espessa árvore. Jesus foi bem recebido. Havia um Sinédrio para esta região e fariseus e saduceus, embora os homens judeus não passassem de trezentos a quatrocentos.

Chegaram alguns discípulos da Galileia: Natanæl Chased, Jônatas e creio que Filipe. Jesus estava hospedado em um albergue em frente à cidade judaica, onde uma grande quantidade de ramos, plantas e folhas foram dispostos para as festas dos Tabernáculos. Na manhã seguinte, quando Jesus estava indo à sinagoga para ensinar, eles haviam reunido um grande número de doentes e alguns endemoninhados furiosos. Os fariseus e saduceus, que pareciam bem intencionados aqui, queriam tirar os enfermos: que não fossem pesados, que ainda não era tempo. Jesus, ao contrário, falou-lhes carinhosamente, mandando-lhes que ficassem, que tinha vindo para eles, e curou muitos dos enfermos. O Sinédrio judeu havia se reunido e discutido se eles o deixariam ensinar ou não, porque protestos estavam em toda parte; mas eles decidiram por unanimidade, que ele poderia fazê-lo. Tinham ouvido falar muito vantajosamente de Jesus e sabiam da cura do filho do centurião de Cafarnaum. Os discípulos recém-chegados falaram a Jesus de outro muito necessitado de ajuda de Cafarnaum, que merecia ser ajudado.

Jesus falou na sinagoga de Elias, de Acabe, de Jezabel e do ídolo Baal levantado em Samaria. Também falou de Jonas, que não recebeu pão de um corvo, porque tinha sido desobediente. Ele se referiu ao rei da Babilônia, Baltasar, que profanou os vasos sagrados do templo e que viu por isso a escrita na parede. Sobre o profeta Isaías falou longamente e com força, e aplicou admiravelmente a si mesmo as suas palavras falando dos seus sofrimentos e do seu triunfo. Falou do lagar, da vestimenta tingida de sangue, do trabalho solitário e do pensamento dos povos. Primeiro tratou da renovação de Sião, dos guardiães sobre os muros de Sião, e senti a impressão de que falava da Igreja. Jesus falou tão claro, para mim, mas tão profunda e seriamente, que os sábios judeus se sentiram comovidos e tocados, embora sem conseguir entendê-lo. Vieram ainda de noite para ajuntar-se entre eles, mexendo e consultando rolos e escritos, e falavam e davam diversos pareceres. Eles pensavam: "ele deve estar em combinação com um povo próximo, para vir com um grande exército de soldados e tomar a Judéia". O ídolo Baal, que estava diante do portão da cidade pagã, era de metal. Estava debaixo de uma árvore; tinha uma cabeça grande e as mandíbulas abertas. A cabeça terminava um pouco em ponta, como um pilão de açúcar, e tinha uma coroa de folhas. Esse ídolo grosso e largo, embora curto, era como um boi ereto. Em uma mão tinha espigas de trigo e na outra algo como cacho de uvas ou alguma planta. Ele tinha sete aberturas no corpo e estava sentado como em um caldeirão, sob o qual se fazia fogo. Em suas festas, ele era adornado com vestidos. Gadara era uma fortaleza. A cidade pagã era bastante grande e era mais baixa que a parte mais alta da montanha. No norte da encosta existiam banhos termais e belos edifícios. Na manhã seguinte, quando Jesus curou muitos doentes, vieram os sacerdotes. Ele lhes disse: "Por por que vocês estiveram tão preocupados ontem à noite com minhas palavras de ontem? Por que temeis um exército, quando Deus protege os justos? Cumpri a lei e os profetas, e não tenhais medo". Ele então ensinou como no dia anterior na sinagoga.

## Jesus com uma sacerdotisa dos ídolos

Ao meio-dia, veio uma mulher pagã, temerosa, rogando aos discípulos que dissessem a Jesus que se dignasse chegar a sua casa, que tinha um filho prestes a morrer. Jesus foi com vários discípulos à cidade pagã.

O marido desta mulher recebeu Jesus na porta e o introduziu na casa.

A mulher se jogou a seus pés e disse-lhe: "Senhor, ouvi falar das tuas obras e que fazes maiores maravilhas do que fez Elias. Olha, o meu único filho está para morrer e a nossa sábia sacerdotisa não o conseguiu curar. Tem piedade de nós". De fato, o

menino estava deitado em uma espécie de gaveta em um ângulo da casa: ele parecia ter três anos de idade. Seu pai tinha estado ontem na vinha com o menino; havia comido poucas uvas, e ele teve que trazer para casa o menino que se queixava de dor. A mãe o tinha até agora no colo, tentando inutilmente aliviá-lo. Ele parecia morto, talvez já estivesse. Então a mãe correu para a cidade judaica e pediu para ver Jesus, porque tinha ouvido falar das curas realizadas ontem com os judeus. Jesus lhe disse: "Deixe-me sozinho com seu filho e envie-me dois dos meus discípulos".

Entraram Judas Barsabas e Natanæl, o de Caná. Jesus tomou o menino do leito em seus braços, e aproximou o peito do menino ao seu peito, e seu rosto ao do menino, e soprou sobre ele. Então o menino abriu os olhos; então se levantou, e Jesus pôs o menino diante de si, e disse aos discípulos que pusessem as mãos sobre a cabeça da criança e o abençoassem. Foi o que fizeram. O menino se sentiu completamente saudável e Jesus o levou para seus pais ansiosos, que o abraçaram, e se curvaram aos pés de Jesus. A mulher exclamou: "Grande é o Deus de Israel. É sobre todos os deuses. Meu marido já havia me dito, e eu não quero servir senão a esse Deus somente", haviam se reunido entretanto muitas pessoas, que lhe trouxeram seus filhos. Uma criança de um ano foi curada com a imposição das mãos. Outro de sete anos tinha convulsões, era mentecapto e estava endemoninhado; mas sem ataques furiosos e às vezes impedido e mudo. Jesus o abençoou e mandou lavá-lo em um banho de três águas: as fontes termais da fonte Amathus, ao Norte de Gadara: da fonte de Karith, perto de Abila, e nas águas do Jordão. Os judeus dali costumavam ter água do Jordão do lugar onde Elias passou o rio, e a usavam para os doentes de lepra.

Queixavam-se as mães que tinham tantas desgraças com suas crianças e que sua sacerdotisa não podia ajudá-las em todos os casos. Jesus mandou chamar essa sacerdotisa. Ela veio com relutância, e não queria entrar.

Ela estava coberta com seu véu. Jesus mandou-a aproximar-se. Ela não queria olhá-lo de frente, e afastava o rosto: seu comportamento era como o dos endemoninhados, que eram obrigados por uma força interior a desviar o olhar do de Jesus; contudo, sentia-se obrigada pelo mandamento de Jesus a aproximar-se. Jesus disse então aos pagãos reunidos ali, homens e mulheres: "quero mostrar-vos que ciência e poder venerais nesta mulher e na sua arte". Ordenou aos espíritos que saíssem dela. Saiu então, à vista de todos, como um vapor negro dela na forma de todo tipo de animais nojentos: serpentes, sapos, ratos, dragões. Era uma visão espantosa, e Jesus disse: "olhai que doutrina vós seguis". A mulher caiu de joelhos e começou a chorar e gemer. Logo se tornou tranquila e obsequiosa, E Jesus mandou que dissesse a todos como procedia para curar as crianças. Ela, entre lágrimas, mesmo contra a sua vontade, disse como procedia: que primeiro, por meio de artes de magia demoníaca, os fazia adöcer, e depois, aparentemente, ele os curava novamente para honra de seu ídolo e de seus deuses.

Jesus mandou-a então vir com ele e seus discípulos ao lugar onde estava o ídolo Moloch, e mandou também que fossem os sacerdotes dos ídolos. Reuniu-se grande multidão de gente, porque já se havia propagado a cura do menino. O lugar não era um templo, mas uma colina cercada por escavações, e o próprio ídolo estava em uma dessas escavações e com um telhado em cima. Jesus disse-lhes que chamassem para fora o seu deus, e como o fizessem sair por meio do artifício que haviam feito para isso, disse-lhes Jesus que tinha pena deles de ter um deus a quem eles tinham que ajudar a sair do esconderijo, já que ele não podia fazer isso sozinho. Disse então Jesus à sacerdotisa que dissesse os louvores de seu deus, como o serviam e o que esse deus lhes dava. Então aconteceu a esta mulher o que

aconteceu ao profeta de Balaão: teve que dizer publicamente todas as atrocidades de seu culto e publicou abertamente as maravilhas do Deus de Israel, diante de todo o povo ali presente. Jesus mandou então aos seus discípulos que virassem o ídolo e eles o fizeram assim. Jesus disse-lhes: "Olhai que ídolo adorais e que espíritos são os que nele estão e que adorais". Neste momento, à vista de todo o povo, saíram dali figuras espantosas de demônios de várias formas que, tremendo, se esgueiravam, e rastejando, escondiam-se debaixo da terra, entre os túmulos e escavações do lugar. Os pagãos estavam muito assustados e envergonhados. Jesus disse-lhes: "se voltardes a colocar o vosso ídolo na caverna, ele se despedaçará". Os sacerdotes rogaram-lhe então que não o destruísse E Jesus deixou que eles o levantassem de novo e o içassem alto. A maioria dos pagãos estava comovida e envergonhada, especialmente os sacerdotes: mas alguns deles estavam irritados. O povo estava, porém, da parte de Jesus. Fez-lhes ainda uma comovente e bela exortação, e muitos destes pagãos se converteram.

Este ídolo Moloch parecia um boi sentado sobre suas patas traseiras; tinha os braços como quem quer abraçar algo, e podia fechá-los por meio de um mecanismo. A cabeça tinha uma boca larga aberta e na testa um chifre torcido. Estava assentado sobre uma extensa fonte e tinha no corpo várias formas de bolsas abauladas e abertas. Nas festas pendiam-lhe do pescoço longas tiras e adornos. Na tigela, debaixo dele, fazia-se fogo quando ofereciam sacrifícios. Ardiam sempre muitas lâmpadas em torno da fonte onde estava assentado. Em outras épocas lhe ofereciam crianças; agora já não lhes era permitido. Ofereciam-lhe toda espécie de animais, que queimavam nas aberturas de seu corpo, ou expulsavam pela abertura de sua cabeça. O sacrifício que eles mais apreciavam para ele era uma alpaca. Havia aqui alguns aparelhos com os quais desciam até o fundo, onde estava o ídolo entre escavações e cavernas. Não havia mais com o ídolo um culto regular: ele era invocado apenas em atos de magia, e a sacerdotisa tinha a ver com ele nesses casos de doenças fictícias, que depois apareciam como curas milagrosas. Em cada uma das aberturas de seu corpo recebia um dom particular. Antigamente colocavam-lhe as crianças em seus braços, que eram queimadas pelo fogo debaixo dele e ao redor, pois era todo vazio. Por um mecanismo, seus braços eram apertados de modo que as vítimas não podiam dar vozes ou fazer-se ouvir seus gritos. Tinha um mecanismo nas pernas e podiam por meio dele levantá-lo sobre seus pés. Ele também tinha raios em torno de sua cabeça.

## Jesus em Dion

Os pagãos, a quem Jesus havia curado os filhos, perguntaram a Jesus para onde deviam dirigir-se agora, porque eles não queriam mais adorar o seu ídolo. Jesus lhes falou do batismo, e que por agora ficassem quietos ali e esperassem. Falou-lhes de Deus, como de um pai a quem se deve oferecer como sacrifício as próprias paixões, posto que não necessita de nenhum outro sacrifício; que o dos nossos próprios corações. Quando Jesus falava aos pagãos, dizia-lhes mais claramente do que aos judeus que Deus não necessita de nossos sacrifícios. Exortava-os à penitência, à gratidão pelos benefícios e à compaixão pelos miseráveis. Na cidade dos judeus celebrou a festa do sábado, tomou parte em uma refeição, e logo começou o jejum por causa da adoração do bezerro de ouro, que se fazia o oitavo de Tisri, porque o sete, que era o verdadeiro dia, caía naquele ano em dia de Sábado. Jesus deixou esta cidade à tarde. Os pagãos, cujos filhos ele havia curado, voltaram a agradecer a Jesus diante de sua cidade. Jesus os abençoou e caminhou com doze discípulos pelo vale, ao sul de Gadara: então, sobre uma montanha até um riacho que descia da

montanha de Betharamphtha-Julias, onde existiam oficinas de fundição de metais. Havia três horas de caminho de Gadara até o albergue à beira do rio, onde Jesus entrou com seus discípulos. Os judeus que viviam ali estavam ocupados com a coleta de frutas e foram doutrinados por Jesus. Havia também ali um grupo de pagãos que reuniam flores brancas de uns arbustos de cerco e junto uns grossos insetos e escaravelhos. Quando Jesus se aproximava deles, retiravam-se, mostrando-se esquivos.

Foi-me ensinado que ajuntavam esses escaravelhos para o seu deus Belzebu que tinham em Dion. Eu vi esse ídolo sentado sob uma árvore grossa em frente ao portão da cidade. Ele tinha a forma de um macaco, com braços curtos e pernas finas, e estava sentado como os homens. Sua cabeça era pontiaguda com dois chifres retorcidos como fases da lua; seu rosto espantoso com um nariz muito pronunciado. O queixo era afundado, e a boca grande como de uma besta, o corpo esbelto e em torno do ventre como um avental, as pernas longas e finas com garras nos dedos. Em uma mão tinha um recipiente sobre um estilo e na outra uma figura como borboleta que saía da larva. Essa borboleta parecia parte pássaro e parte inseto nojento, e era brilhante e heterogênea. Em torno da cabeça havia uma coroa de insetos e vermes voadores: um tinha o outro agarrado; e sobre a testa e no meio da havia um inseto maior e mais nojento. Eles eram brilhantes e multicoloridos, mas de formas nojentas e venenosas, com barrigas, pés, garras, ferrões e espetos. Quando Jesus se aproximou desses pagãos que reuniam insetos para o ídolo, toda aquela coroa se desfez como um enxame escuro de insetos, que se refugiaram-se nos buracos e esconderijos do lugar, e viram-se toda espécie de figuras de espíritos imundos que se escorriam como escaravelhos nos buracos no chão. Eram os espíritos imundos que eram adorados nos corpos desses imundos insetos.

No dia seguinte, pela manhã, Jesus chegou à cidade judia de Dion, que era muito menor do que a parte pagã da mesma cidade, que era melhor construída sobre a encosta da montanha e tinha vários templos. Esta cidade dos judeus era completamente separada da pagã. Na parte em que Jesus entrou estavam já em grande número feitas as cabanas para as festas dos Tabernáculos, e numa delas foi recebido por sacerdotes e anciãos, com lava-pés e uma refeição, como de costume. Dirigiu-se logo aos muitos doentes ali estacionados nas cabanas.

Os discípulos ajudaram a manter a ordem. Havia doentes de todos os tipos, aleijados, mudos, cegos, hidrópicos, gotosos. Ele curou muitos deles, exortando-os a todos. Havia alguns que estavam apoiados em muletas de três pés; outros, que se apoiavam nessas muletas sem colocar os pés no chão. Depois foi também para onde estavam as mulheres doentes, sentadas, deitadas ou paradas, mais perto da cidade, numa cabana comprida que se tinha armado em uma encosta da montanha, na forma de um terraço. Estes assentos estavam cobertos de grama muito fina e delicada que pendia de cima como fios de seda e sobre esta vegetação tinham colocado tapetes.

Havia ali mulheres com fluxo de sangue, à distância, veladas, e outras melancólicas, de rosto triste e pálido. Jesus falou-lhes, cheio de amor, a todas, e ia curando-as uma após a outra, e dava-lhes diversos avisos para melhorar de certas faltas e fazer a devida penitência. Curou também e abençoou muitas crianças que lhe traziam as mães. Este trabalho durou até a tarde e terminou com uma alegria geral. Todos os enfermos curados, carregando suas muletas e suas macas, puseram-se em ordem cantando alegremente, cheios de contentamento, acompanhados de suas parentes, conhecidos e servos, e entraram na cidade com Jesus e seus discípulos no meio deles.

É indescritível a humildade e a seriedade amável de Jesus nestas ocasiões. As crianças e as mulheres iam adiante cantando o salmo 40: *Beatus qui intelligit super egenum et pauperem*.

Dirigiram-se à sinagoga e deram graças a Deus. Depois, houve uma refeição sob um dossel de plantas e galhos, consistindo de frutas, pássaros, favos de mel e pães torrados. Ao começar o sábado, dirigiram-se todos em trajes de penitência à sinagoga: começava o grande dia da reconciliação dos judeus. Jesus fez uma exortação à penitência e tratou da inutilidade das purificações só corporais, enquanto não se purificasse a alma. Alguns judeus eram chicoteados debaixo de seus largos mantos em torno dos quadris e nas pernas. Também os pagãos de Dion tinham uma festa com incrível quantidade de incensos e sentavam-se sobre assentos que tinham debaixo deles espécies e incenso que, acesos, enchiam de fumaça e de perfume o ambiente.

Vi a festa da reconciliação que se celebrava em Jerusalém; as muitas purificações dos sacerdotes, seus preparativos e jejuns, os sacrifícios, o aspergir com sangue e o queimar dos incensos, e também o animal emissário, escolhido entre dois: um era sacrificado enquanto o outro era lançado no deserto; a este se lhe atava algo na cauda, onde havia fogo. No deserto, ele era atemorizado e caía no abismo. Neste deserto, que se estendia desde fora do Jardim das Oliveiras, esteve também Davi.

Vi que o sumo sacerdote estava muito entristecido e perturbado: teria desejado que outro fizesse o seu ofício e entrou com grande temor no Santuário.

Ele recomendou ao povo que rezasse muito por ele. O povo estava também persuadido de que devia ter sobre si o sacerdote uma grave culpa e temia que lhe acontecesse no Santuário alguma desgraça. Ele estava arrependido pela consciência de que ele tinha culpa na morte de Zacarias, pai de João Batista, e sua culpa estava incubando em seu genro, que ele condenou Jesus. Não era Caifás: acho que era seu sogro Anás. No Santuário já não estava o mistério na Arca da aliança: só havia ali diversos panos e recipientes. A arca da aliança era nova e de forma diferente da primeira; até os anjos eram diferentes e estavam sentados rodeados de três um pé para cima e outro caído para o lado; a coroa ainda estava entre eles. Dentro havia várias espécies de óleos e perfumes de incenso. Lembro-me de que o sumo sacerdote oferecia incenso e aspergia com sangue; que tomou um pano do santuário, e que, ferindo-se num dedo e tirando sangue, misturou-o com água e depois deu para beber a uma fileira de outros sacerdotes. Era uma espécie de santa comunhão. Eu vi que o sumo sacerdote foi ferido por Deus; estava muito decaído e doente de lepra. Houve uma grande confusão no próprio templo.

Ouvi então uma leitura muito comovente de Jeremias no templo, enquanto via muitos quadros da vida dos profetas e da abominação do culto dos ídolos em Israel.

## **Visão de Elias e Eliseu. A idolatria moderna**

Vi nesta ocasião, por ocasião da leitura que se fazia no templo, que Elias escreveu depois de sua morte uma carta ao rei Jorão. Os judeus não queriam acreditar: explicavam-no como se Eliseu, que levou a carta a Jorão, a tivesse obtido antes da morte de Elias, como uma carta profética que agora apresentava ao rei. Parecia-me também uma coisa estranha esta carta escrita depois da morte de Elias. De repente me senti levada para o Oriente, e vi ali o Monte dos Profetas coberto de neve e de gelo. Havia, no entanto, torres ali: talvez fosse uma figura de como estava nos tempos de Jorão. Cheguei então mais a leste, ao Paraíso terrestre, e vi os admiráveis animais que andavam ali dentro e brincavam, e voltei a ver aquelas muralhas brilhantes que vi outras vezes, e vi dentro Elias e Enoque em frente, que

descansavam e dormiam. Elias via em espírito tudo o que acontecia na Palestina. Um anjo trouxe e colocou diante dele uma pena de cana e um rolo fino, e Elias se levantou e escreveu sobre os joelhos. Eu vi um carrinho pequeno como um assento em uma colina ou de um lado, perto da porta, e que vinha para Elias; era levado por três animais bonitos e brancos. Elias subiu em seu carro e desceu como um arco-íris, com leveza, para a Palestina. Chegou a uma casa em Samaria e parou. Vi que dentro estava Eliseu orando, olhando para cima, e que Elias deixou cair a carta junto a Eliseu, e que Eliseu levou esta carta a Jorão. Os três animais do carro de Elias eram ungidos, um na frente e dois na parte de trás. Eram animais indescritivelmente bonitos e mansos, delicados como pequenos cervos, brancos como a neve, de cabelos longos e finos como seda. As patas eram finas; as cabeças pequenas e móveis, e sobre a testa tinham um gracioso chifre um tanto retorcido. Com semelhantes animais vi que estava ungido seu carro quando subiu aos céus.

Eu também vi a história de Eliseu com a Sunamite. Fez ainda maiores maravilhas do que o próprio Elias. Eliseu era mais fino e mais delicado em suas vestes e em seu modo de agir do que Elias. Elias era um homem de Deus, e não segundo o modo comum dos homens: era como João Batista, a cuja classe pertencia por sua missão e ofício. Vi também como o servo de Eliseu, Giezi, correu atrás daquele homem que havia curado da lepra (Naaman). Era noite; Eliseu dormia; chegou-o perto do Jordão, e pediu presentes em nome de seu senhor. No dia seguinte, este servo trabalhava tranquilamente, como se nada soubesse, em madeiras, para fazer divisórias e separações de câmaras de dormir. Eliseu perguntou-lhe: "Onde estiveste?".

E lembrou-lhe tudo o que aconteceu durante a noite. Desde então, o servo foi ferido de lepra, que passou para seus filhos.

Quando me foi mostrada a idolatria dos homens, a adoração dos animais e dos ídolos daqueles primeiros tempos, e a frequência com que os Israelitas caíam na idolatria, e ao mesmo tempo a grande misericórdia de Deus através dos profetas, e maravilhava-me de que os homens pudessem adorar semelhantes ídolos, foi-me ensinado como ainda agora essa mesma abominação subsistia, embora de maneira diferente, isto é, quanto aos ídolos espirituais e intelectuais. Vi, de fato, incontáveis quadros desta idolatria em todo o mundo, e como se realizava, e o tenho visto agora sob a figura de como se fazia então. Vi, assim, sacerdotes que adoravam serpentes administrando os sacramentos: suas próprias paixões se assemelhavam a esses animais e serpentes. Vi como entre os grandes e nobres se praticava a idolatria sob diversos animais que eram adorados segundo a despreocupação que tinham da religião esses senhores. Entre pessoas de baixa condição, pobres e infelizes pecadores, vi que adoravam sapos e outros animais nojentos. Eu vi comunidades que adoravam esses animais, como uma religião reformada do Norte, que eu vi, com um altar vazio, escuro e detestável, sobre o qual havia corvos negros. Eles, naturalmente, não viam semelhantes animais; mas os adoravam, porque seguiam suas paixões, representadas nesses animais. Vi eclesiásticos que, ao voltarem as folhas do breviário, voltavam cachorrinhos, gatinhos e outros insultos. Vi outros que adoravam na verdade ídólatras que tinham entre seus livros e sobre a mesa, como Moloch, Baal e outras figuras, e que até beijavam-lhes; eram eles que, aliás, zombavam das pessoas piedosas e religiosas. Deste modo vi que agora é como então e ainda pior; e vi que estas figuras dos antigos ídolos não eram simples figuras, mas se hoje a idolatria, a impiedade e a irreligião tomassem corpo como então, adorariam-se as mesmas representações de ídolos que antes, e estariam na moda os mesmos ídolos daqueles tempos.

## Jesus entra na cidade de Jogbeha

Quando Jesus deixou Dion, vieram da cidade dos pagãos alguns muito tementes a Jesus, porque tinham ouvido sobre as curas de Gadara e traziam as crianças doentes que ele curar de seus males. Ele exortou os pais a irem ao batismo. Depois caminhou com seus discípulos cerca de cinco horas para o sul, passando pelo rio que desce do Vale de Ephron. A meia hora deste rio, por volta do Meio-dia, está escondida em um barranco, atrás de uma floresta, a pequena cidade de Jogbeha. Era um lugar pequeno e esquecido. Esta população foi iniciada por um profeta e mensageiro de Moisés e de Jetro, cujo nome soa como Malachai. Não é o último dos profetas chamado Malachias. Jetro, o sogro de Moisés, o tinha como servo: era muito fiel e prudente, e Moisés o enviou a esta região. Esteve ali alguns anos antes de Moisés chegar e percorreu todos estes lugares até o lago, e logo dava conta de tudo. Jetro ainda morava perto do Mar Vermelho e só depois de ouvir a notícia de seu servo é que se mudou para Arga com a esposa e os filhos de Moisés. Este Malachai foi posteriormente descoberto como espião, perseguido e queriam matá-lo. Ainda não havia cidade ali: apenas algumas pessoas viviam em tendas. O perseguido pulou numa cisterna ou pântano, de onde um anjo o tirou e o ajudou. O mesmo anjo trouxe-lhe uma ordem escrita numa longa fita na qual dizia que deveria permanecer ali por mais três anos para relatar. Os habitantes desses lugares o vestiam com seus trajes: usavam longas túnicas vermelhas e jaquetas vermelhas. Este homem chegou até Betharamphtha para dar relatórios e vivia entre os habitantes das tendas de Jogbeha e ajudava essas pessoas com sua destreza. Na ravina havia uma fonte de água fechada e uma longa escavação para a água coberta de juncos, onde Malachai estava escondido.

Mais tarde brotou a água da fonte e soltava muita areia: às vezes saía vapor e lançava pequenas pedrinhas: pouco a pouco formou-se assim uma colina em torno desta fonte. Este pântano foi então coberto com os escombros e desmoronamentos de uma montanha, e sobre tudo isso a cidade foi construída. Assim, a cidade de Jogbeha foi construída em torno dessa fonte, e a fonte foi coberta com um telhado. O nome da cidade significa: "há de se levantar". Já muito antes deveria ter sido edificada ali alguma povoação em torno desta cisterna, porque havia restos de muralhas cheias de mofo e nas paredes haviam escavações para manter peixes. Pareciam ruínas de algum castelo e fundações para tendas. Malachai ensinou as pessoas a construir com tijolos unidos com betume preto que havia naqueles lugares.

Jesus foi recebido carinhosamente em esta pequena Jogbeha. Alguns membros da seita caraíta viviam ali separados dos outros. Usavam longos escapulários amarelos, vestes brancas e aventais de pele; as crianças usavam vestes curtos e enrolavam as pernas. Agora havia cerca de quatrocentos homens; antes havia muitos mais, mas eles eram muito oprimidos. Eles descendem de Esras e através de um descendente, de Jetro. Certa vez, um de seus professores teve uma grande disputa com um dos grandes fariseus.

Atinham-se severamente à letra da lei e rejeitavam as explicações verbais: viviam em muita simplicidade e pobreza e tinham seus bens em comum, e nenhum saía para viajar com dinheiro ou bens. Não havia entre eles nenhum pobre ou necessitado, mantinham-se uns aos outros e até mesmo aos que vinham de outros lados. Eles respeitavam muito os velhos e havia alguns de muita idade.

Os jovens eram muito respeitosos e tinham guardiões sobre eles que chamavam "mais velhos". Eram contrários declarados dos fariseus que defendiam as explicações verbais da lei e os acréscimos. Em alguns pontos eles tinham algo dos

saduceus, embora não os costumes, que eram muito puros. Havia entre eles um homem casado uma vez com uma mulher da tribo de Benjamim, e o tinham banido dali; era no tempo da peleja contra os Benjamin. Não cultuavam nenhuma imagem, mas tinham o erro de crer que as almas dos defuntos passavam para outros e até para os animais, e se regozijavam ali com belos animais no paraíso. Esperavam no Messias e suspiravam por ele; mas também eles esperavam um Messias guerreiro e triunfador temporal. Jesus era considerado profeta. Eram muito limpos, mas não observavam as purificações dos fariseus, nem rejeitavam as fontes e coisas que não estavam na lei. Eles viviam de acordo com a lei estrita, mas com interpretação mais ampla do que os fariseus. Viviam ali muito silenciosos e isolados, não sofriam de vaidade nem luxo e se mantinham de seu trabalho. Eles tinham prados, teciam cestos e trançavam utensílios domésticos.

Eles tinham muitos apiários. Eles faziam cobertores rústicos e recipientes de madeira muito leves. Eu os vi trabalhando juntos em longas salas.

Já estavam prontas as cabanas diante da cidade para as festas dos Tabernáculos. Eles presentearam Jesus com uma refeição que consistia em pães e mel. Jesus ensinou e eles o ouviram muito reverentemente. Disse-lhes que desejava que fossem viver na Judéia; Ele elogiou a reverência das crianças aos pais, dos discípulos aos professores e o respeito especialmente aos idosos. Elogiou também a sua grande compaixão pelos pobres e doentes, dos quais cuidavam muito bem em casas designadas para esse fim.